Agosto 2020

Herpetologia Brasileira



SBH
SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA

volume 9 número 2
ISSN: 2316-4670

Herpetologia Brasileira

Uma publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

Sociedade Brasileira de Herpetologia
www.sbherpetologia.org.br
https://www.instagram.com/sbherpetologia/

Presidente: Otavio Augusto Vuolo Marques
1° Secretário: Selma Maria Almeida Santos
2° Secretário: Karina Rodrigues da Silva Banci
1° Tesoureiro: Myriam Elizabeth Velloso Calleffo
2° Tesoureiro: Rafael dos Santos Henrique

Conselho: Déborah Silvano, Diego Santana, José P. Pombal Jr., Luciana Nascimento, Luis Felipe Toledo, Magno V. Segalla, Marcio Martins, Mariana L. Lyra e Taran Grant.

Membros Honorários: Augusto S. Abe, Carlos Alberto G. Cruz, Ivan Sazima, Luiz D. Vizzoto, Thales de Lema.

Diagramação: Isadora Puntel de Almeida

Corallus cropani
Guapiruvu, Eldorado - SP
@ Jonne Roriz

ISSN: 2316-4670
volume 9 número 2
Agosto de 2020

SBH
SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA



Micrurus lemniscatus
Parna, Serra do Divisor - AC
@ Glauco Oliveira

Informações Gerais

A revista eletrônica Herpetologia Brasileira é quadrimestral (com números em Abril, Agosto e Dezembro) e publica textos sobre assuntos de interesse para a comunidade herpetológica brasileira.

Ela é disponibilizada em formato PDF apenas online, na página da Sociedade Brasileira de Herpetologia (*http://www.sbherpetologia.org.br/publicacoes/herpetologia-brasileira*) e nas redes sociais, ou seja, não há versão impressa em gráfica. Entretanto, qualquer associado pode imprimir este arquivo.



Dendropsophus rhodopeplus
Cruzeiro do Sul - AC
@ Lucas Lima

Seções

Notícias da Sociedade Brasileira de Herpetologia:
Esta seção apresenta informações diversas sobre a SBH e é de responsabilidade da diretoria da Sociedade.

Notícias Herpetológicas Gerais:
Esta seção apresenta informações e avisos sobre os eventos, cursos, concursos, fontes de financiamento, bolsas, projetos, etc., de interesse para nossa comunidade. A seção também inclui informações sobre grupos de pesquisa, instituições, programas de pós-graduação, etc.

Notícias de Conservação:
Esta seção apresenta informações e avisos sobre a conservação da herpetofauna brasileira ou de fatos de interesse para nossa comunidade.

História da Herpetologia Brasileira:
Esta seção apresenta ensaios, entrevistas e curiosidades sobre a história da herpetologia Brasileira (*e.g*. congressos, histórias de campo, etc ....), buscando resgatar um pouco a história da herpetologia brasileira para os dias atuais.

Trabalhos Recentes: Esta seção apresenta resumos breves de trabalhos publicados recentemente sobre espécies brasileiras, ou sobre outros assuntos de interesse para a nossa comunidade, preferencialmente em revistas de outras áreas.

Dissertações & Teses: :
Esta seção é publicada anualmente no último volume do ano (dezembro) e apresenta as informações sobre as dissertações e teses em qualquer aspecto da herpetologia brasileira defendidas no ano anterior. Qualquer egresso ou orientador pode entrar em contato diretamente com o editor da seção informando os seguintes dados referentes a dissertação ou tese defendida: (1) universidade e departamento/instituto; (2) graduação; (3) data da defesa/aprovação; (4) programa de pós-graduação; (5) aluno; (6) título; (7) orientador.

Seções

Métodos em Herpetologia:
Esta seção trata dos métodos clássicos e de vanguarda referentes a herpetologia. São abrangidos revisões e descrições de novos métodos empíricos relacionados aos diversos métodos de coleta e análise de dados, representando a multidisciplinaridade da herpetologia moderna.

Ensaios & Opiniões:
Esta seção apresenta opiniões sobre assuntos de interesse geral em herpetologia.

Resenhas:
Esta seção apresenta textos que resumem e avaliam o conteúdo de livros de interesse para nossa comunidade.

Notas de História Natural & Distribuição Geográfica:
Esta seção apresenta artigos que, preferencialmente, resultam de observações de campo, de natureza fortuita, realizadas no Brasil ou sobre espécies que ocorrem no país.

Obituários:
Esta seção apresenta artigos avisando sobre o falecimento recente de um membro da comunidade herpetológica brasileira ou internacional, contendo uma descrição de sua contribuição para a herpetologia.

Listas de Espécies Brasileiras:
Periodicamente a SBH publica a lista oficial de espécies de anfíbios e répteis brasileiros.

Corpo Editorial

Editores Gerais:

Délio Baêta
(*deliobaeta@gmail.com*)

José P. Pombal Jr
(*pombal@acd.ufrj.br*)

Magno Segalla
(*msegalla@gmail.com*)

Editor de língua inglesa:

Ross D. MacCulloch
Royal Ontario Museum, Canada

Notícias da SBH:

Rafael dos Santos Henrique
(*rafa.henrique.biologia@gmail.com*)

Notícias Herpetológicas Gerais:

Cinthia Aguirre Brasileiro
(*cinthia_brasileiro@yahoo.com.br*)

Mirco Solé
(*mksole@uesc.br*)

Paulo Sérgio Bernarde
(*snakebernarde@hotmail.com*)

Rachel Montesinos
(*kelmontesinos@gmail.com*)

Notícias de Conservação:

Cybele Lisboa
(cyb.lisboa@yahoo.com.br)

Débora Silvano
(deborasilvano@gmail.com)

Ibere F. Machado
(iberemachado@gmail.com)

Luis Fernando Marin
(pulchella@gmail.com)

Mariana R. Pontes
(*maah.retuci@gmail.com*)

História da Herpetologia Brasileira

Délio Baêta
(*deliobaeta@gmail.com*)

Teresa Cristina Ávila-Pires
(*avilapires@museu-goeldi.br*)

Trabalhos Recentes:

Adriano Oliveira Maciel
(*aombiologo@yahoo.com.br*)

Ariadne Fares Sabbag
(*ariadne.sabbag@gmail.com*)

Daniel S. Fernandes
(*danferufrj@gmail.com*)

Jéssica Mudrek
(*jessicamudrek@gmail.com*)

Laura R. V. de Alencar
(*alencarlrv@gmail.com*)

Corpo Editorial

Dissertações & Teses:

Giovanna G. Montingelli (*mastigodryas@gmail.com*)

Divulgação:

Laura R. V. de Alencar (alencarlrv@gmail.com)

Mariana R. Pontes (maah.retuci@gmail.com)

Quezia Ramalho (queziaramalho@gmail.com)

Sarah Mângia (sarahmangia@yahoo.com.br)

Métodos em Herpetologia:

Alexandro Tozetti (*alexandro.tozetti@gmail.com*)

Luis Felipe Toledo (*toledolf2@yahoo.com*)

Ensaios & Opiniões:

Julio Cesar Moura-Leite (*jmouraleite@gmail.com*)

Luciana B. Nascimento (*luna@pucminas.br*)

Teresa Cristina Ávila-Pires (*avilapires@museu-goeldi.br*)

Resenhas:

José P. Pombal Jr - Anfíbios (*pombal@acd.ufrj.br*)

Quezia Ramalho (*queziaramalho@gmail.com*)

Renato Bérnils - Répteis (*renatobernils@gmail.com*)

Notas de História Natural & Distribuição Geográfica:

Carla Santana Cassini - Anfíbios (*carlacassini@gmail.com*)

Henrique Caldeira Costa - Répteis (*ccostah@gmail.com*)

Sarah Mângia (*sarahmangia@yahoo.com.br*)

Obituários:

Entrar em contato com os editores

Listas de Espécies Brasileiras:

Henrique Caldeira Costa - Répteis (*ccostah@gmail.com*)

Magno Segalla - Anfíbios (*msegalla@gmail.com*)

Paulo Christiano A. Garcia - Anfíbios (*pcagarcia@gmail.com*)

Renato Bérnils - Répteis (*renatobernils@gmail.com*)

Sumário

Notícias da Sociedade Brasileira de Herpetologia 12

Notícias de Conservação 26

História da Herpetologia 38

Trabalhos Recentes 44

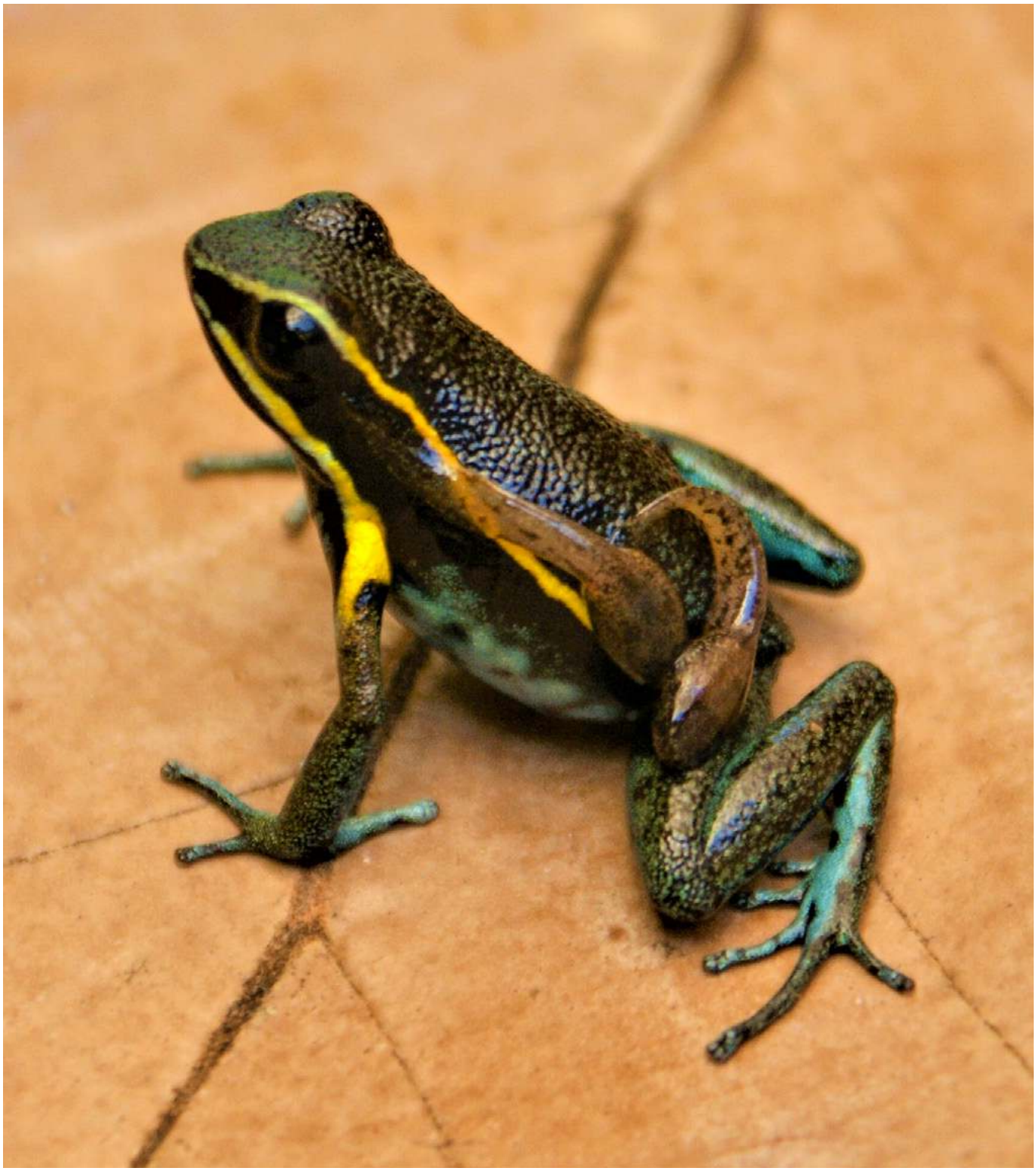
Ensaios e Opiniões 54

Resenhas 66

Notas de História Natural & Distribuição Geográfica 76

Listas de Anfibios e Répteis 136

Ameerega pulchripecta
Serra do Navio - AP
@ Eduardo Campo



Notícias da Sociedade Brasileira de Herpetologia

Nota dos editores

A *Herpetologia Brasileira* (HB), revista eletrônica de divulgação da Sociedade Brasileira de Herpetologia, é produzida através da dedicação voluntária de nossos editores e busca a sintonia com as demandas da nossa comunidade herpetológica. Neste contexto a *Herpetologia Brasileira* esta em constante construção buscando uma maior interação com a nossa comunidade herpetológica.

Desde o início do mês de junho de 2020 HB está presente nas mídias sociais. Agora além dos volumes publicados nos meses de abril, agosto e dezembro HB também esta no Instagram com o perfil *Herpetologia Brasileira - HB* e no *Twitter*.

Nossos perfis são coordenados por nossas novas editoras e divulgadoras:

Laura Alencar, Mariana Pontes, Quezia Ramalho e Sarah Mângia.

Sigam a HB e guardem por mais novidades nos nossos canais de comunicação.



Mudança no corpo editorial

A produção das revistas da SBH só é possível graças à dedicação dos membros dos corpos editoriais que dedicam seu tempo à editoração. Devido a outras exigências profissionais e pessoais, às vezes os editores são obrigados a renunciar aos cargos para poder atender a outras demandas, e permitir que outros pesquisadores passem a fazer parte dos corpos editoriais.

Agradecemos imensamente aos editores:

Francisco Luis Franco (*Obituários*)

Rodrigo Tinoco (*Editor gráfico e contato para publicidade*)

Yeda Bataus (*Notícias de Conservação*)

Também damos boas-vindas aos novos editores que passam a integrar a Herpetologia Brasileira:

Jessica R. Mudrek
(*Trabalhos Recentes*)

Laura R. V. de Alencar
(*Trabalhos Recentes*)

Mariana R. Pontes
(*Notícias da conservação*)

Quezia Ramalho
(*Resenhas*)

Sarah Mângia
(*Notas de História Natural e Distribuição Geográfica*)

A SBH e a *Herpetologia Brasileira* agradecem imensamente aos nossos editores que deixam o nosso corpo editorial e dá boas vindas aos novos editores.

Délio Baêta,
José P. Pombal Jr e
Magno Segalla

Editores Gerais *-*
Herpetologia Brasileira

Congresso Brasileiro de Herpetologia adiado

Devido à pandemia do novo coronavírus, a diretoria da SBH, juntamente com seus conselheiros, decidiu adiar o Congresso Brasileiro de Herpetologia (CBH) que ocorreria em meados de julho de 2021.

A organização de um CBH é desafiadora e conta com a participação, o engajamento e o voluntariado de diversas pessoas, instituições e empresas. Esse desafio seria ainda maior durante uma pandemia na qual há incertezas e preocupações em relação às nossas atividades diárias e ao futuro. Além disso, a diretoria da SBH acredita que ainda não podemos pensar na organização de um evento que aglomerará pessoas em salas e auditórios. Há muitas incertezas para o próximo ano e o mais seguro será adiar o nosso tão querido CBH para um momento no qual tenhamos tranquilidade para estarmos todos juntos discutindo ciência e encontrando velhos e novos amigos. A diretoria da SBH espera que todos estejam bem e que possamos nos encontrar no Congresso Brasileiro de Herpetologia de 2022.

Editor: Rafael S. Henrique



Corallus caninus
Manaus - AM
@ Alexander T Mônico

Informe sobre a South American Journal of Herpetology

Os dados de citação de 2019 para os periódicos indexados na Web of Science foram publicados no final de junho e a South American Journal of Herpetology (SAJH) alcançou seu maior fator de impacto (FI), 1.388, ultrapassando periódicos tradicionais de referência mundial na área (Figura 1). Esse resultado é a conquista de toda a nossa sociedade, especialmente dos editores associados e inúmeros revisores que, de maneira voluntária, trabalham para garantir a qualidade dos trabalhos e dos autores que escolhem a SAJH para publicar seus resultados.

Parte da estratégia para atingir esse FI inclui a limitação do número de artigos publicados por ano. O FI é calculado como o número de citações no ano C aos artigos publicados nos anos A e B dividido pelo número de artigos publicados nos anos A e B. Idealmente, todos os artigos publicados contribuíram positivamente para o FI. Entretanto, infelizmente nem todos os artigos cientificamente excelentes e importantes são altamente citados nos primeiros dois anos após sua publicação, e a realidade é que a maioria dos artigos publicado na SAJH não é bem citada durante esse período. Portanto, o FI depende criticamente dos muito poucos artigos altamente citados - principalmente os estudos monográficos publicados como números especiais. Para não diluir o efeito desses artigos altamente citados, é necessário limitar o número total de artigos publicados.

Uma consequência infeliz dessa limitação tem sido o atraso prolongado da publicação de artigos aceitos. Com a consolidação do nosso FI, em 2020 começamos a aumentar o número de artigos publicados por ano, de 24-25 em anos anteriores a 34-35 este ano. Também alteramos os procedimentos de publicação para aproveitar melhor o mecanismo de "issues in progress" que a BioOne oferece para a liberação antecipada online dos artigos aceitos. Sob esse mecanismo, os artigos necessariamente são liberados na versão final, inclusive com a paginação final. Portanto, todos os artigos de um determinado volume devem ser liberados na sequência final, engessando o processamento dos artigos. Para garantir maior flexibilidade, em 2020 começamos a publicar vários volumes por ano, em vez de um único volume com vários números. Desta maneira, podemos disponibilizar artigos de vários volumes simultaneamente à medida que a edição e a diagramação forem finalizadas, acelerando a disseminação dos artigos. Com essa mudança, a expectativa no início do ano era a liberação de todos os artigos aceitos até junho de 2020, mas não foi possível atingir essa meta por causa dos diversos impactos da pandemia de COVID-19. De qualquer forma, todos os artigos aceitos serão liberados nos

próximos meses, inclusive os dos volumes formalmente publicados em 2021.

À medida que a revista cresce e amadurece, surgem novos desafios. O aumento significativo na taxa de submissão de artigos tem sido um estresse enorme para a gestão da revista. Além da demora em receber pareceres de qualidade sobre as submissões - um desafio que todos os periódicos enfrentam - as demandas de correspondência com autores durante o processamento das submissões aumentaram, resultando em respostas atrasadas ou inclusive e-mails não atendidos. Essa situação, também exacerbada pela pandemia, é lamentável e inaceitável. Portanto, a Diretoria da SBH autorizou a contratação de serviço de secretariado para auxiliar na comunicação com os autores e funções relacionadas, o que deve ser fechada em breve.

Com essas mudanças, estou confiante de que iremos conseguir manter a excelência e o alto ranking da SAJH, reduzir significativamente o prazo de liberação e publicação dos artigos e melhorar a frequência e a qualidade das interações com os autores durante o processamento das submissões.

Taran Grant

Editor-in-Chief, SAJH

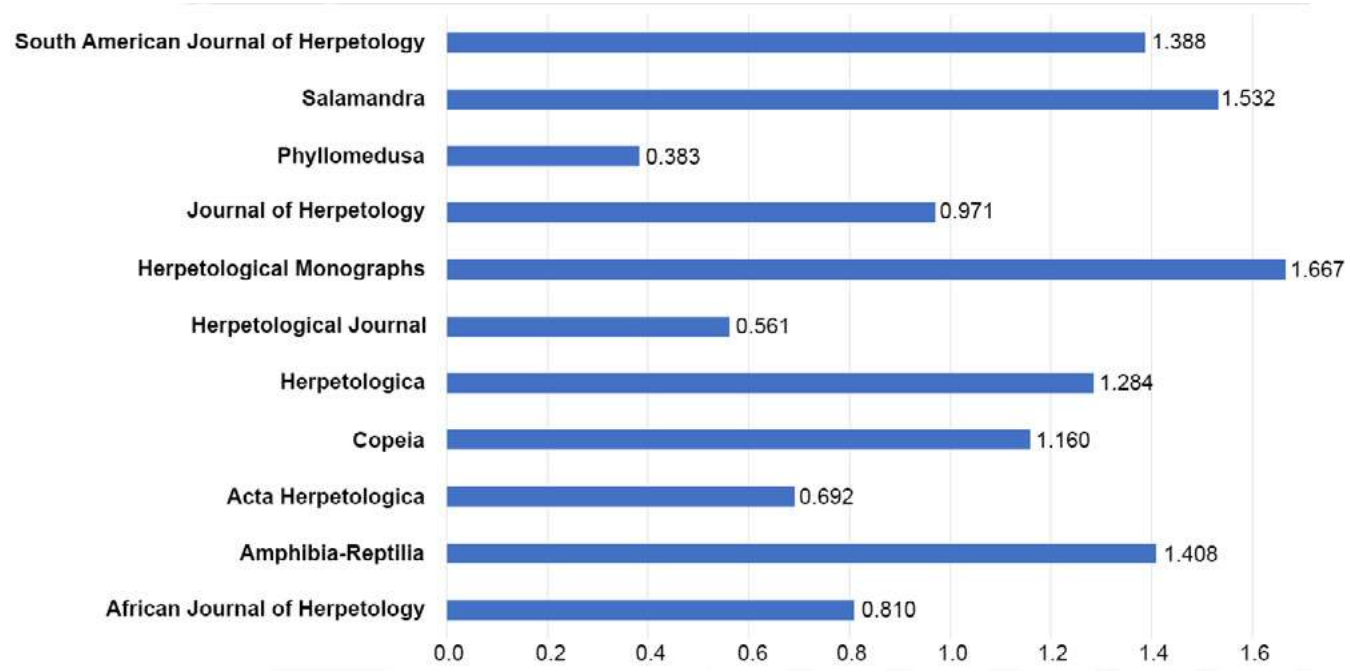


Figura 1. Valores do Fator de Impacto de 2019 de periódicos da área da herpetologia.

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

NOTA DE REPÚDIO DAS ASSOCIAÇÕES E SOCIEDADES CIENTIFICAS BRASILEIRAS AO DESMANTELAMENTO DAS POLÍTICAS AMBIENTAIS NO BRASIL

A Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência (SBPC), Associação Brasileira de Limnologia (ABLimno), Associação Brasileira de Ciência Ecológica e Conservação (ABECO), Sociedade Brasileira de Ornitologia (SBO), Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos (SBRG), Sociedade Brasileira de Botânica (SBB), Associação Brasileira de Cultura de Tecidos de Plantas (ABCTP). Sociedade Brasileira de Ecotoxicologia (Ecotox), Sociedade Brasileira de Imunologia (SBI), Sociedade Brasileira de História das Ciências (SBHC), Associação Brasileira de Mutagênese e Genômica Ambiental (MutaGen), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), Sociedade Astronômica Brasileira (SAB), Sociedade Brasileira de Ictiologia (SBI), Sociedade Brasileira de Biofísica (SBBf), Instituto Brasileiro de Estudos Subterrâneos, Sociedade Brasileira de Genética (SBG), Sociedade Brasileira de Automática (SBA), Sociedade Brasileira de Eletromagnetismo (SBMAG), Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (ECOECO), Associação Nacional de História (ANPUH), Sociedade Brasileira de Telecomunicações (SBrT), Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), Sociedade Brasileira de Virologia, Sociedade Brasileira de Plantas Medicinais (SBPM), Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), Sociedade Brasileira de Química (SBQ), Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), Sociedade Brasileira De Zoologia (SBZ), Associação Brasileira de Oceanografia (AOCEANO), Sociedade Brasileira de Carcinologia (SBC), Sociedade Brasileira de Entomologia (SBE), Sociedade Brasileira de Etologia SBEt, Sociedade Brasileira de Malacologia (SBMa), Sociedade Brasileira de Mastozoologia (SBMz), Sociedade Brasileira de Primatologia (SBPR), Sociedade Brasileira Herpetologia (SBHerpeto), Sociedade Brasileira para o Estudo de Elasmobrânquios (SBEEL), Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros (SBEQ), Sociedade Entomológica do Brasil (SEB), Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias (ESOCITE) vêm manifestar repúdio quanto ao enfraquecimento e desmantelamento das políticas de

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

conservação ambiental no Brasil desde o início de 2019, aumentando a pressão humana sobre os ecossistemas brasileiros e sobre à Biodiversidade. Efeitos de médio e longo prazo sobre perda de hábitats e de espécies são esperados, com danos de grande magnitude à biodiversidade brasileira, consequentemente no funcionamento dos ecossistemas. Este quadro é uma das consequências da redução de dispositivos legais de fiscalização, do desmantelamento dos órgãos de fiscalização ambiental e controle, além da redução dos mecanismos de participação popular em órgãos como o CONAMA *(1)*.

A recente declaração do Ministro do Meio do Ambiente, Ricardo Salles, repercutida em todo mundo é um grave indicativo da ausência de uma política ambiental com foco na conservação e sustentabilidade dos recursos naturais do país, assim como um grave atentado contra o próprio Ministério que deveria representar. Ao declarar que o "governo deveria aproveitar o momento em que o foco da sociedade está voltado para o combate ao Covid 19 para simplificar regras e normas", o atual ministro abre um grave precedente à devastação do sistema de conservação ambiental brasileiro, expondo ações contra os interesses nacionais de gestão dos recursos naturais que são função da sua própria pasta. Tais medidas, além de questionadas devem ser submetidas a um rigoroso processo de avaliação, com as devidas medidas legais aplicadas.

A falta de compromisso do atual governo com a conservação ambiental, expõe a falha no cumprimento dos princípios expostos no artigo 225 da Constituição Brasileira que claramente descreve o papel da União e da coletividade na defesa e preservação do meio ambiente.

A ideia de desmantelamento vem desde a época das eleições quando o então candidato cogitava na extinção da pasta do Meio Ambiente como Ministério. No entanto, a existência do mesmo, não foi garantia de manutenção da política de conservação ambiental, acordos climáticos e combate ao desmatamento sendo o Serviço Florestal Brasileiro transferido para o Ministério da Agricultura e a Agência Nacional das Águas (ANA) para o Ministério de Desenvolvimento Regional.

- O desmatamento da Amazônia tem registrado os maiores aumentos percentuais dos últimos 10 anos desde 2019, com um pico registrado no último mês de abril no Estado do Pará, segundo dados gerados pelo Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) *(2)*. Entre as graves consequências no avanço do desmatamento na Amazônia podem ser destacados, além da irreparável perda da biodiversidade, os efeitos em escala global com aumento de incidência de secas e extremos climáticos bem como aumento da liberação de CO_2 *(1,3,4)*.

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

- A redução abrupta no último ano do número de multas aplicadas pelo IBAMA em todo país *(5)*, especialmente na região Norte, e as frequentes declarações negativas do Ministro Ricardo Salles, e do próprio governo, em relação aos marcos regulatórios que definem o papel crítico dos órgãos de fiscalização, expondo o patrimônio ambiental do país a um aumento sem precedentes no desmatamento e a outros crimes de natureza predatória.

- Exoneração de especialistas de cargos fundamentais na fiscalização e manutenção de estratégias e políticas de conservação ambiental, como ICMBio *(6)*. Criado pela lei 11.516, de 28 de agosto de 2007, o ICMBio tem como missão executar medidas para cumprimento do exposto no SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação), incluindo fiscalização das Unidades de Conservação (UCs) instituídas por lei. Outra medida do atual governo foi a revisão de UCs alegando ilegalidades na criação, com possibilidade de afrouxamentos nos níveis de proteção ambiental, que foram instituídos por técnicos especializados através de criteriosa análise ambiental e planos de manejo. Tais medidas associadas a outras de mesma natureza expõe as UCs a alta vulnerabilidade e riscos, pois incluem áreas de alta relevância para conservação, espécies raras e endêmicas bem como hábitats únicos e espécies altamente ameaçados.

- Desde o início do atual governo aproximadamente 551 agrotóxicos foram liberados, sendo que 30 a 35% destes foram considerados potencialmente cancerígenos pelas agências regulamentadoras internacionais e proibidos pela União Européia. Além dos evidentes riscos à saúde humana, o aumento na liberação de agrotóxicos com alto índice de toxicidade representam um retrocesso na política ambiental nacional com consequentes e sérios riscos à saúde humana e aos ecossistemas naturais (7), aumentando concentração e acúmulo de substâncias deletérias nos solos e corpos d´água.

- O definhamento do sistema de Gestão de Riscos e Resposta a Desastres Naturais, bem como a ausência de investimentos para o setor ao longo dos anos aumenta a vulnerabilidade dos ecossistemas, da biodiversidade e da população humana a fatores que podem ser evitados a partir do comprometimento governamental quanto ao monitoramento preventivo, à contenção de diversos acidentes envolvendo, por exemplo, o derramamento de substâncias tóxicas e o rompimento de barragens. As falhas constantes na coordenação e na gestão de crises ambientais, assim como a redução abrupta de investimentos foram expostas durante o episódio do derramamento de petróleo que contaminou a costa brasileira em 2019. Neste caso, mesmo com a ocorrência de altos

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

níveis de contaminação ambiental da plataforma continental e ecossistemas associados, o Plano de Contingência para Incidentes de Poluição por Óleo não foi acionado, mesmo este estando previsto em lei (Decreto Nº 8.127, de 22 de outubro de 2013),

- A redução da participação popular e de setores da sociedade civil em órgãos como o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). A participação da sociedade civil representa um marco no papel de fiscalização dos ambientes, no sentido da conservação, uso e gestão de seus recursos naturais. Assim, a redução da participação da sociedade nesse processo se reflete o enfraquecimento de um marco democrático importante no processo decisório.

- Além das questões de abrangência nacional, como as previamente mencionadas, a não adesão e saída do Brasil das discussões associadas às políticas internacionais de Combate de mudanças climáticas e Aquecimento Global é um retrocesso. Os drásticos cortes de verbas e discursos erráticos e negacionistas sobre a relevância das medidas a serem tomadas nesse sentido é um indicador da ausência de compromisso do presente governo com as políticas internacionais, incluindo a redução da emissão de gases de efeito estufa, em um momento onde o aumento destes gases liberados pela crise de desmatamento e incêndios na Amazônia receberam grande repercussão internacional.

Diante desse cenário, as presentes Associações e Sociedades Científicas Brasileiras da área de Biodiversidade, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Humanidades expressam seu repúdio e solicitam providências dos órgãos responsáveis no sentido de impedir e coibir a atual política de desmantelamento ambiental. O patrimônio ambiental é um elemento crítico no desenvolvimento e manutenção da qualidade de vida desta e das futuras gerações e, portanto, deve ser salvaguardado de medidas predatórias. O futuro do Brasil depende da sua Natureza!

Brasil, 26 de maio de 2020

Ildeu Moreira
Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

Luciana Gomes Barbosa (UFPB)
Presidente da Associação Brasileira de Limnologia (ABLimno)

Carlos Eduardo de Viveiros Grelle
Associação Brasileira de Ciência Ecológica e Conservação

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Maria Alice dos Santos Alves
Sociedade Brasileira de Ornitologia (SBO)

Fernanda Vidigal Duarte Souza
Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos (SBRG)

Tânia Regina dos Santos Silva (UEFS)
Sociedade Brasileira de Botânica (SBB)

Ana da Silva Lédo
Associação Brasileira de Cultura de Tecidos de Plantas (ABCTP)

Flavio Manoel Rodrigues da Silva Júnior
Presidente da Sociedade Brasileira de Ecotoxicologia (Ecotox)

Ricardo Gazzinelli
Sociedade Brasileira de Imunologia (SBI)

Gisele Sanglard
Sociedade Brasileira de História das Ciências (SBHC)

Silvia Batistuzzo
Associação Brasileira de Mutagênese e Genômica Ambiental (MutaGen)

Marco Antonio Mitidiero Junior
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)

Reinaldo de Carvalho
Sociedade Astronômica Brasileira (SAB)

Maria Elina Bichuette
Sociedade Brasileira de Ictiologia (SBI)

Antonio Costa
Sociedade Brasileira de Biofísica (SBBf)

Instituto Brasileiro de Estudos Subterrâneos

Márcio de Castro Silva Filho
Sociedade Brasileira de Genética (SBG)

Vilma Alves de Oliveira
Sociedade Brasileira de Automática (SBA)
José Roberto Cardoso

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Sociedade Brasileira de Eletromagnetismo (SBMAG)

Ângelo Alves Corrêa
Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)

Daniel Caixeta Andrade
Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (ECOECO)

Marcia Maria Menendes Motta
Associação Nacional de História (ANPUH)

Cristiano Magalhães Panazio
Sociedade Brasileira de Telecomunicações (SBrT)

Paolo Piccione
Sociedade Brasileira de Matemática (SBM)

Ana Maria César Pompeu
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC)

Fernando Spilki
Sociedade Brasileira de Virologia

Kalyne Leal
Sociedade Brasileira de Plantas Medicinais (SBPM)

Simone Pereira Cerqueira Cruz
Sociedade Brasileira de Geologia (SBG)

Norberto Peporine Lopes
Sociedade Brasileira de Química (SBQ)

Flávia Biroli
Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP)

Frederico Fernandes
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL)

Luciane Marinoni
Sociedade Brasileira De Zoologia (SBZ)

João Thadeu de Menezes
Associação Brasileira de Oceanografia (AOCEANO)

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

William Ricardo Amancio Santana (USC)
Sociedade Brasileira de Carcinologia (SBC)

Gabriel Augusto Rodrigues de Melo
Sociedade Brasileira de Entomologia (SBE)

Fabio Prezoto
Sociedade Brasileira de Etologia SBEt

Sonia Barbosa dos Santos
Sociedade Brasileira de Malacologia (SBMa)

Alexandre Reis Percequillo
Sociedade Brasileira de Mastozoologia (SBMz)

Gustavo Canale
Sociedade Brasileira de Primatologia (SBPR)

Marcio Martins
Sociedade Brasileira Herpetologia (SBHerpeto)

Otto Bismarck Fazzano Gadig
Sociedade Brasileira para o Estudo de Elasmobrânquios (SBEEL)

Enrico Bernard
Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros (SBEQ)

Eliane Dias Quintela
Sociedade Entomológica do Brasil (SEB)

Maíra Baumgarten
Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias (ESOCITE)

Referências

1. Thomaz SM, Barbosa LG, Souza MC, Panosso R. Opinion: The future of nature conservation in Brazil. Inland Waters. In press.
2. Fonseca A, Cardoso D, Ribeiro J, Ferreira R, Kirchhoff F, Amorim L, Monteiro A, Santos B, Ferreira B, Pontes M., Souza Jr, C, Veríssimo A. 2020. Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (abril 2020) SAD (p. 1). Belém: Imazon.

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

3. CNN Brasil. 2019. Quais os riscos do avanço do desmatamento na Amazônia? CNN Brasil. São Paulo, [acessado 25 de Maio de 2020]. https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/03/08/quais-os-riscos-do-avanco-do-desmatamento-na-amazonia.
4. Marengo JA, Soares WR, Saulo C, Nicolini M. 2004. Climatology of the low-level jet east of the Andes as derived from NCEP-NCAR reanalyses: characteristics and temporal variability. J Clim. 17:2261–2280.
5. Shalders A. 2020. Queimadas disparam, mas multas do Ibama despencam sob Bolsonaro. BBC News Brasil. São Paulo, [acessado 25 de Maio de 2020]. https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49430376.
6. Menegassi D. 2020. ICMBio exonera todos os chefes de UCs que protegem o mico-leão-dourado. O Eco. Rio de Janeiro, [acessado25 de maio de 2020]. https://www.oeco.org.br/reportagens/icmbio-exonera-todos-os-chefes-de-ucs-que-protegem-o-mico-leao-dourado.
7. Marin-Morales MA, Ventura-Camargo BC, Hoshina MM. 2013. Toxicity of herbicides: impact on aquatic and soil biota and human health. In Price AJ, Kelton JA, editors. In: Herbicides – Current Research and Case Studies in Use. InTech. Rijeka, Croatia, p. 399–443.

Notícias de Conservação

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONSERVAÇÃO DO BOI-DEO MAIS RARO DO MUNDO, A JIBOIA-DO-RIBEIRA - *CORALLUS CROPANII* (HOGE,1953)

Daniela Gennari [1], Bruno Rocha [2]

[1] Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 04263-000, São Paulo, SP, Brasil. *danigennari@gmail.com*

[2] Instituto Butantan, 05503-900, São Paulo, SP, Brasil. *brunorochaherpeto@gmail.com*

Localizada ao sul do Estado de São Paulo, a região do Vale do Ribeira abriga, em uma faixa de vegetação contínua, grande parte dos remanescentes de Mata Atlântica do Brasil, apresentando uma potencial fonte de recursos naturais e encantadora diversidade ecológica. Abrangendo 31 municípios, são encontradas diferentes tipos de comunidades distribuídas historicamente ao longo de todo o Vale, como quilombolas, caiçaras, indígenas, dentre outras, além de uma rica biodiversidade ainda parcialmente desconhecida.

É nesta região que vive uma serpente considerada por especialistas como uma das mais raras do mundo, ameaçada de extinção, de acordo com a lista vermelha da União Internacional de Conservação da Natureza (Marques, 2010), e vulnerável à extinção pela lista de espécies ameaçadas do Brasil (ICMBio, 2018), a *Corallus cropanii* (Hoge, 1953), também conhecida como Boa de Cropan e recentemente rebatizada como Jiboia-do-Ribeira. Acredita-se que essa jiboia tem distribuição restrita ao Vale do Ribeira, porém, permanecem desconhecidas a estrutura e a dinâmica populacional desta enigmática espécie.

O primeiro indivíduo conhecido desta espécie chegou às mãos do herpetólogo do Instituto Butantan, Dr. Alphonse Richard Hoge em 1953, e foi descrito como *Xenoboa cropanii*, uma homenagem ao Barão Ottorino de Fiore di Cropani, Geólogo e Vulcanólogo italiano que foi professor visitante no Brasil durante a fundação da Universidade de São Paulo (Hoge, 1953). Após a descrição, o indivíduo - um macho com cerca de 1m de comprimento, encontrado no município de Miracatu, SP - foi tombado como holótipo da espécie na coleção do Instituto Butantan, e posteriormente perdido no incêndio ocorrido na mesma coleção em 2010 (Franco, 2012).

O segundo exemplar foi encontrado em Pedro de Toledo em 1969 e levado à Coleção do Instituto Butantan, sendo posteriormente doado ao *American Museum of Natural History*, em New York (EUA). O

terceiro espécime foi encontrado em 1978 e chegou ao Instituto Butantan pelo trem que partia da estação de Santos, litoral de São Paulo, e por este motivo não tem sua procedência específica.

Após cerca de 30 anos sem novos registros, pesquisadores do Instituto Butantan receberam um novo espécime morto em 2002, encontrado no município de Eldorado, por um fazendeiro que havia preservado em álcool somente a cabeça e a pele do animal. Alguns anos depois, em 2009, outro exemplar da espécie foi morto e registrado, com uma única fotografia, por moradores do bairro Guapiruvú município de Sete Barras (SP), publicado posteriormente como o quinto registro da espécie (Machado-Filho *et al.* 2011). Em 2016, os moradores do mesmo local encontraram um novo espécime da jiboia que, embora tenha sido morto, teve parte de sua pele e esqueleto recuperados e material genético coletado. Trata-se do sexto registro e encontra-se na coleção científica do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Historicamente há, na relação homem-serpentes, diversas crenças, mitos e lendas negativas sobre esses animais, estimulando a rejeição e o medo, e fazendo com que, na maior parte das vezes, as serpentes sejam mortas quando encontradas (Argôlo, 2004; Lima-Verde, 1994; Vizotto, 2003). No caso da Jiboia-do-Ribeira não seria diferente, já que, segundo os moradores, muitas vezes são confundidas com outra espécie peçonhenta e abundante na área, a *Bothrops jararacussu*. Outro ponto importante é que, mesmo havendo exaustivo esforço amostral em buscas científicas por parte de pesquisadores na região do Vale, todos os exemplares foram avistados apenas por membros da comunidade.

Intrigados por esse contexto, somado a deficiência de dados sobre aspectos gerais da biologia da espécie e os mais de 60 anos sem acesso a um espécime vivo, desenvolvemos em 2016 o "Projeto de Conservação da Jibóia do Ribeira" (Figura 01) utilizando então a Educação Ambiental como ferramenta principal para encontrar espécimes vivos de *Corallus cropanii*. Contando com a ajuda da comunidade local, buscamos ampliar a percepção ambiental dos moradores de diversas faixas etárias através da sensibilização, a fim de elucidar os valores científicos agregados a esta espécie e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e utilização consciente dos recursos naturais. Através das atividades educativas (Figura 02), ressaltamos a importância de encontrar espécimes vivos para monitorar de perto a Jiboia-do-Ribeira em seu habitat natural, e obter informações ainda desconhecidas sobre seus hábitos de vida.



Figura 1. Logo de divulgação do Projeto Jiboia do Ribeira.



Figura 2. Atividade de divulgação do Projeto Jiboia do Ribeira para os moradores da comunidade do Guapiruvú utilizando os folhetos.
Foto: Tiago Queiroz.

Para viabilização do projeto, a União Internacional de Conservação da Natureza (IUCN) forneceu o apoio financeiro através do *Boas and Phytons Specialist Group* (BPSG), e contamos também com apoio e orientações do RAN-ICMBio durante oficina do PAN (Plano de Ação Nacional para Conservação da Biodiversidade). Começamos criando um novo nome vernacular visando estreitar a ligação da sociedade com esta espécie: o termo "Jiboia" para sinalizar a identificação como uma espécie de serpente não venenosa e "do Ribeira" por ser endêmica da região do Vale do Ribeira. Demos início ao plano de educação ambiental com a comunidade do Guapiruvú, bairro rural de Sete Barras (SP), onde foram feitos os registros mais recentes desta espécie.

Essa interação do projeto junto à comunidade do Guapiruvú foi significativamente favorecida pelo fato da comunidade estar historicamente ligada às causas ambientais e uso sustentável do meio ambiente. Logo no início, houve uma parceria com a frente ambiental da Associação de Moradores do Bairro Guapiruvú, os "Amigos da Mata" (Figura 03) que nos ajudaram a realizar aulas e palestras sobre as espécies de serpentes que habitam a região, informando sobre como identificar as espécies venenosas e apresentando a Jiboia-do-Ribeira ao público infantil, jovem e adulto, enfatizando que é um animal especial, que só existe ali, que se as pessoas continuassem a matá-los eles poderiam se extinguir antes mesmo que aprendêssemos algo a respeito. Tivemos o cuidado de destacar a relevância cientifica dessa serpente acima de qualquer valor econômico, pois sabemos que esta espécie desperta o interesse de traficantes de animais que vendem serpentes para o comercio ilegal de animais de estimação. Ao longo desse processo foram distribuídos, por toda a comunidade, cartazes e folhetos contendo fotos e informações sobre a Jiboia-do-Ribeira, instruindo sobre como proceder e nos contactar no caso de um encontro com um animal (Figura 04).



Figura 3. Bruno Rocha durante uma das palestras ministradas junto ao grupo dos Amigos da Mata.
Foto: Lívia Corrêa.

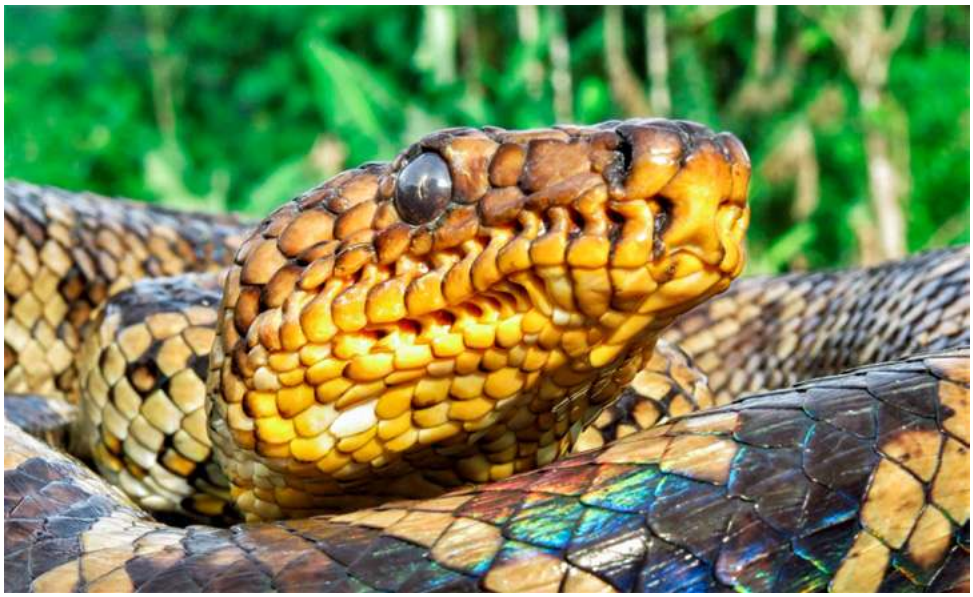


Figuras 4. Folhetos elaborados por parte do Projeto para divulgação, identificação da Jiboia -do-Ribeira e instruções de como proceder frente a um encontro.

A parceria Ciência-Comunidade rendeu bons frutos. Em janeiro de 2017 um novo indivíduo da Jiboia-do-Ribeira foi encontrado vivo por moradores do Bairro Guapiruvú, no município de Sete Barras, estado de São Paulo (Figuras 05 e 06).



Figuras 5. O sétimo espécime conhecido de ***Corallus cropanii****, sendo o primeiro conhecido vivo após o holótipo da espécie. Foto: Lívia Corrêa.*



Figuras 6. Detalhe das evidentes fossetas labiais, que auxiliaram a identificação por parte dos moradores que a encontraram. Foto: Daniela Gennari.

Uma fêmea adulta com cerca de 1,75m de comprimento, e quando estava prestes a levar uma paulada foi reconhecida como a tal Jiboia-do-Ribeira por dois rapazes do grupo que participaram das atividades de Educação Ambiental que vinham sendo desenvolvidas por parte do Projeto de Conservação Jibóia do Ribeira (Figuras 07 e 08). O exemplar apelidado pelas crianças do projeto Amigos da Mata por "dona Crô", foi monitorado ao longo de 3 meses consecutivos depois de ser solto no mesmo local em que fora encontrado Figuras 09 a 13). Após o fim do monitoramento em 2017, a escassez de recursos fez com que nossas visitas e atividades educativas na região fossem menos intensas nos últimos anos.



Figura 7. Bruno Rocha com André Marques Bezerra e Paulo Vinícius Teixeira, moradores do Guapiruvú, município de Sete Barras, Estado de São Paulo, que encontraram o indivíduo e nos auxiliaram durante todo o monitoramento. Foto: Lívia Corrêa.



Figura 8. A valiosa interação entre os pesquisadores e as crianças da comunidade do Guapiruvu, elaborada em atividades que permitem a conscientização e desmistificação das serpentes, sempre pautada nas curiosidades e histórias, por outro lado alertando também possíveis riscos.
Foto: Lívia Corrêa



Figura 9. Comunidade reunida para a tão esperada soltura da dona Crô. Foto: Tiago Queiroz.



Figura 10. Daniela Gennari e a Jiboia-do-Ribeira durante o manejo em cativeiro. Foto: Tiago Queiroz.



Figura 11. Bruno Rocha e a Jiboia-do-Ribeira durante o manejo para a soltura do animal no local onde foi encontrado. Foto: Tiago Queiroz.



Figura 12. Daniela Gennari e Bruno Rocha durante o monitoramento diurno da dona Crô, acompanhando o deslocamento do indivíduo visualmente e por registros fotográficos.
Foto: Tiago Queiroz.



Figura 13. Bruno Rocha e Daniela Gennari durante o monitoramento noturno da dona Crô, utilizando além da busca visual, a frequência do sinal do tag acoplado ao animal.
Foto: Tiago Queiroz.

Foi quando, em abril deste ano, um novo indivíduo de *Corallus cropanii* foi morto na beira de uma estrada de chão no município de Sete Barras (SP), num bairro próximo de onde empreendemos as atividades de Educação Ambiental. Os moradores registraram o encontro por fotografias, e ao compararem as fotos com as informações disponibilizadas na internet nos cartazes do projeto, entraram em contato conosco. No mesmo instante empreendemos as buscas ao espécime no local de encontro, com ajuda da Associação de moradores do Guapiruvú, mas infelizmente não tivemos sucesso. Ainda assim, ao analisar detalhadamente as fotografias enviadas, garantimos o registro do oitavo exemplar de *Corallus cropanii* conhecido até o presente momento.

Atualmente estamos em fase de publicação dos dados obtidos no monitoramento da Dona Crô e seguimos buscando novas fontes de investimentos e parcerias para expandir as atividades educacionais tanto no Guapiruvú quanto em outros bairros rurais das cidades da região do Vale do Ribeira. Acreditamos que só com a união dos esforços entre ciência e comunidade teremos novas oportunidades de encontrar espécimes vivos e monitorá-los *in situ*, buscando elucidar os mais diversos aspectos de vida dessa espécie. Vale ressaltar também a ideia de que essa rara jiboia pode ser vista como uma espécie bandeira para o Vale do Ribeira, e que através desta parceria com a comunidade poderemos elaborar estratégias de conservação para a *Corallus cropanii*, bem como para várias espécies da fauna e flora local.

De uma forma geral, cabe aos cientistas aprenderem a dialogar e compartilhar o conhecimento com as pessoas dos mais variados graus de instrução. Em contrapartida, aprendemos com as vivências e a sabedoria de quem vive há gerações na floresta. Só desta forma teremos resultados benéficos para todas as partes envolvidas, e no nosso caso, principalmente para esta espécie de serpente tão fantástica da herpetofauna brasileira!

Para acompanhar de perto esse projeto, siga-nos nas mídias sociais:

- Facebook: *Projeto de Conservação Jibóia do Ribeira - Corallus cropanii*
- Instagram: *@jiboiadoribeira*
- Twitter: *@projetocropanii*

Agradecimentos

Agradecemos ao Boa & Python Specialist Group (IUCN/SSC) pelo apoio financeiro no início do projeto. Somos profundamente gratos a toda comunidade do Bairro Guapiruvu pela parceria, em especial à Vinícius Teixeira e André Bezerra, e também à Gilberto Otta, à Associação de Moradores do Bairro Guapiruvú e à iniciativa Amigos da Mata. Agradecemos também aos editores da Herpetologia Brasileira pelas sugestões no texto.

Referências

Argôlo, A.J.S. 2004. As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia. Editora da UESC, Ilhéus.

Franco, F.L. 2012. A Coleção Herpetológica do Instituto Butantan: da sua origem ao incêndio ocorrido em 15 de maio de 2010. *Herpetologia Brasileira* 1:22–31.

Hoge A.R. 1953. A new genus and species of Boinae from Brazil, *Xenoboa cropanii*, gen. nov., sp. nov. *Memórias do Instituto Butantan* 25:27–31.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). 2018. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume IV – Répteis. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

Lima-Verde, J. S. (1994). Por que não matar as nossas cobras. *Herpetologia no Brasil* 1:92–101.

Machado-Filho P.R., Duarte M.R., Carmo L.F., Franco F.L. 2011. New record of *Corallus cropanii* (Boidae, Boinae): a rare snake from the Vale do Ribeira, State of São Paulo, Brazil. *Salamandra* 47:112–115.

Marques O. 2010. *Corallus cropanii*. The IUCN Red List of Threatened Species 2010: e.T39904A10281308. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2010-4.RLTS.T39904A10281308.en. Consultado em 16 June 2020.

Vizotto L.D. 2003. Serpentes: lendas, mitos, superstições e crendices. Editora Plêiade, São Paulo.

Editora: Cybele S. Lisboa



Dactyloa punctata
Santa Teresa - ES
@ Tatiane M Carmo

História da Herpetologia

Carlos Alberto Gonçalves da Cruz

Professor Titular Aposentado, Departamento de Biologia Animal, Instituto de Biologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Pesquisador Associado, Setor de Herpetologia, Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Marinheiro Regional de Convés, Capitania dos Portos do Rio de Janeiro, Marinha do Brasil.



Carlos Cruz.
Reserva Santa Lúcia, Santa Teresa, Espírito Santo (18/1/2006).

Ao receber esse convite, primeiro fiquei assustado, pensei "por que eu, por que não os outros? São tantos...". Depois achei que seria muito difícil escrever sobre mim, e continuo achando. Seria muito mais fácil escrever sobre um amigo ou mesmo sobre os sapos. Mas enfim, vou tentar e aproveito para agradecer o convite que certamente será uma oportunidade das pessoas me conhecerem um pouco mais.

Nasci em 17 de julho de 1944, na região de Guaratiba, município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro. Filho de Fernando Gonçalves da Cruz e Antonia Maria Teixeira da Cruz. Venho de família classe média baixa, meu pai era comerciante. Em 20 de janeiro de 1970, casei-me com a professora Arilda Meira Gonçalves da Cruz e tenho três filhos: Adriana Meira Gonçalves da Cruz, 48 anos, Monica Meira Gonçalves da Cruz, 46 anos, e Carlos Augusto Gonçalves da Cruz, 43 anos. Possuo, ainda, quatro netos: Amanda Gonçalves da Cruz, 15 anos, Patrick Gonçalves da Cruz da Silva, 13 anos, Erick Gonçalves da Cruz da Silva, 9 anos e Vicente Madeira Corrêa Gonçalves da Cruz, nascido em 07 de maio de 2020.



Carlos e sua esposa Arilda.
Parque Estadual do Itacolomi, Ouro Preto, Minas Gerais. (28/11/2003).

Estudei os cinco anos do ensino primário em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde todo ano eu era considerado o melhor aluno do Colégio. Ainda guardo as cinco medalhas de Honra ao Mérito. Em seguida, ingressei na Escola Agrotécnica Ildefonso Simões Lopes, na Universidade Rural do Brasil, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde concluí os cursos de Mestria Agrícola e Técnico Agrícola, no período de 1959 a 1965. No ano de 1966 eu cursei o Colégio Universitário e em 1967 prestei vestibular para o curso de Agronomia da UFRRJ, contrariando minha vontade que era fazer Geologia. O curso de Agronomia durou de 1967 a 1970. Logo no primeiro ano do curso, eu me interessei pela disciplina de Zoologia, ministrada pelo professor Eugenio Izecksohn que, com muito conhecimento e desenvoltura, sabia cativar seus alunos. O professor Eugenio gostava de conversar após as aulas, seja nos corredores, seja no seu gabinete e a qualquer dia e hora que fosse procurado não se furtava em nos atender, sempre com muita atenção. Certo dia do mês de setembro de 1967, eu ofereci ao professor Eugenio uma pequena coleção de escorpiões, alguns vivos e a maioria mortos conservados em álcool. Ele se mostrou muito interessado e quis logo saber onde eu havia coletado aqueles exemplares. Assim que informei que os animais eram provenientes da Restinga da Marambaia, RJ, seu interesse aumentou muito e quis logo saber como poderia ir ao local. Dei meu jeito e na semana seguinte lá estávamos abrindo bromélias e coletando *Hyla truncata* (hoje *Xenohyla truncata*), *Aparasphenodon brunoi* (hoje *Nyctimantis brunoi*), entre outros. Esses dois nomes eu nunca mais esqueci, pegamos muitos e ouvi muitas vezes a repetição deles. O professor Eugenio logo percebeu que eu havia gostado de observar e coletar os anfíbios e assim passou a me convidar para, juntamente com seus bolsistas e outros interessados, fazer coletas noturnas na Floresta da Tijuca, município do Rio de Janeiro; no Horto Florestal de Santa Cruz, município de Seropédica; na Sacra Família do Tinguá, município de Paulo de Frontin; Teresópolis; Tinguá, município de Nova Iguaçu; todas as localidades no estado do Rio de Janeiro. Essas eram as localidades mais frequentes, várias outras também faziam parte deste rol. E foi assim que comecei: troquei os escorpiões, onde eu só me divertia em vê-los se alimentar, pelos anfíbios, onde eu não só me interessei por estudá-los, mas também fiz deles uma paixão. Passei a maior parte da minha vida me dedicando a procurar, descobrir, identificar e estudá-los. Cheguei mesmo, em algumas ocasiões, a dedicar mais tempo aos anfíbios do que à minha família. Mas no fundo eu sabia que era compreendido e esse apoio que me foi dado foi fundamental para minha realização profissional e pessoal.

Então, voltando à narrativa, logo após a colação de grau como Engenheiro Agrônomo, fui contratado pela UFRRJ como Auxiliar de Ensino para a área de Zoologia do Departamento de Biologia Animal, em abril de 1971. A carga de lecionação era pesada e quase não sobrava tempo para as coletas de campo. No ano seguinte, ingressei no Regime Especial de Trabalho em Tempo Integral e Dedicação Exclusiva, com a aprovação dos Projetos intitulados “Estudo Sistemático e Biológico dos Anfíbios Anuros Neotropicais” e “Estudo Sistemático e Biológico dos Peixes das Famílias Rivulidae e Characidae Brasileiros”.

Já se passavam três anos e meio de trabalho como Professor Auxiliar quando, em 1974, tive a oportunidade de prestar concurso público de Provas e Títulos para Professor Assistente do Quadro Permanente da UFRRJ, onde três vagas haviam sido destinadas à Área de Zoologia. Obtive aprovação e fui empossado em 5 de junho de 1974.

Em 1976 fui aprovado nas provas de seleção do curso de mestrado em Zoologia do Museu Nacional, Rio de Janeiro, UFRJ. Desenvolvi um trabalho de Dissertação sobre larvas de grupos de espécies de Phyllomedusidae brasileiras, sob a orientação do professor Eugenio Izecksohn. Naquela ocasião, tive oportunidade de frequentar a Biblioteca do Museu Nacional, bem como o laboratório do professor Antenor Leitão de Carvalho e de outros professores daquela instituição. Concluí o referido curso em dezembro de 1978.

No ano de 1980, obtive, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma Bolsa de Pesquisa para desenvolver o Projeto "Estudo Sistemático e Biológico dos Anfíbios Anuros Neotropicais". Essa bolsa se manteve até março de 2017, quando apresentei relatório referente ao período de 2014 a 2017 e uma carta de agradecimento pelo apoio a mim concedido enquanto fui bolsista. Nessa oportunidade, não apresentei projeto para solicitação de nova bolsa de pesquisa.

Em janeiro de 1981, fui promovido ao cargo de Professor Adjunto. O julgamento dessa promoção foi feito por uma comissão de três professores adjuntos que analisaram o relatório, por mim apresentado, sobre minhas atividades de ensino e pesquisa. Neste mesmo ano, fui aceito pela coordenação do curso de Pós-graduação em Zoologia da Universidade de São Paulo, para cursar o doutorado daquela Instituição. Desenvolvi um projeto de tese sobre as relações intergenéricas dos Phyllomedusidae da Floresta Atlântica, bem como os seus relacionamentos, entre si e com os demais gêneros dessa família. Tive como orientador o professor Paulo Emílio Vanzolini. Minha defesa de tese ocorreu em dezembro de 1987.

Durante o período de 1983 a 1985, tive a oportunidade de participar ativamente do projeto "Frogs of Boracéia", juntamente com W. Ronald Heyer e Craig Nelson, da Smithsonian Institution, Washington; Stanley Rand, da Smithsonian Tropical Research, Panamá; e Oswaldo Luiz Peixoto, da UFRRJ. Esse projeto teve a coordenação de Ronald Heyer no exterior e de Paulo Emílio Vanzolini no Brasil, e foi financiado pelo Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, pelo Smithsonian Institution e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Desse projeto resultaram duas publicações. Seu desenvolvimento foi uma experiência muito valiosa, pois além do trabalho em si tive a oportunidade de escrever, discutir e desenvolver trabalhos de campo com esses pesquisadores citados, além de outros como Linda Maxson, Mississipi State University; e Ronald Crombie, Smithsonian Institution.

Em seguida, veio a primeira experiência administrativa, que se deu com minha eleição para chefe do Departamento de Biologia Animal, Instituto de Biologia, UFRRJ, em novembro de 1989, com mandato de dois anos,

findado em novembro de 1991. Na sequência, fui reeleito para um segundo mandato. A condição de chefe de Departamento me assegurou, desde novembro de 1989, o assento como Membro do Conselho Departamental do Instituto de Biologia. Este Conselho, dentre as várias funções, tem a obrigatoriedade de julgar as contas da Diretoria, proceder a divisão de recursos, julgar projetos de pesquisas e programas de disciplinas, bem como de tratar assuntos relacionados a ordem disciplinar de discentes e docentes.

No ano de 1992, prestei concurso público de Títulos e Provas para o cargo de Professor Titular do Departamento de Biologia Animal do Instituto de Biologia da UFRRJ. Esse concurso foi homologado em 15 de setembro de 1992. Fui aprovado e nomeado para o referido cargo em 17 de setembro de 1992.

No ano seguinte, venci a eleição para o Cargo de Diretor do Instituto de Biologia e fui nomeado em 7 de setembro de 1993 para exercer, por quatro anos, o mandato do referido Cargo. Entretanto, em 14 de março de 1995, fui aposentado e, nesse mesmo dia, nomeado como Servidor Aposentado, para cumprir o mandato até o seu final previsto (7 de setembro de 1997).

Lá pelos idos de 1995, recebi a visita do meu amigo professor Ulisses Caramaschi, Museu nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, que me convidou para trabalharmos juntos nas pererecas do grupo de *Hyla polytaenia* (atualmente *Boana polytaenia*). Inicialmente, seria apenas para fazermos um trabalho, só que foram aparecendo outros e mais outros e assim estamos trabalhando até os dias de hoje. Com isso, transitamos pelos *Chiasmocleis*, *Pseudis*, *Melanophryniscus*, *Dendrophryniscus*, entre outros. Fui contratado como Professor Visitante, por três períodos de dois anos cada, no Departamento de Vertebrados do Museu Nacional.

Lá tive a oportunidade de interagir com maior eficiência junto a estudantes de pós-graduação. Entretanto, como não era professor do quadro efetivo do Museu Nacional, somente pude atuar como co-orientador. E assim participei da orientação de nove estudantes de doutorado e outros nove de mestrado. Enquanto que na UFRRJ tive um estudante de doutorado e dois de mestrado.

No que se refere a premiações e títulos honoríficos, recebi os seguintes:

Cynolebias cruzi, nova espécie de peixe da família Rivulidae (1988); *Cacruzia*, novo gênero de Orthoptera (1992); Pesquisador Associado, Museu Nacional, UFRJ, (1998); *Hyla cruzi* (atualmente *Dendropsophus cruzi*), nova espécie de Anura (1998); Homenageado no I seminário Êlio Gouvêa, Itatiaia, RJ (2001); *Chiasmocleis crucis*, nova espécie de Anura (2003); Homenageado no II Congresso Brasileiro de Herpetologia, Belo Horizonte, MG (2005); *Cruziohyla*, novo gênero de Anura (2006); *Phasmahyla cruzi*, nova espécie de Anura (2009); Cruzioseptins, nova família de peptídeos antimicrobianos (2016); Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Herpetologia (2017).







Carlos Cruz.
Parque Estadual do Ibitipoca, Conceição do Ibitipoca, Lima Du-arte, Minas Gerais
- fotos da esquerda e direita superior: (12/04/2006)
- foto direita inferior: (19/10/2005).

A minha produção científica resultou, até a presente data, na publicação de 117 artigos em revistas nacionais e internacionais, na publicação de 44 artigos em anais de eventos, na publicação de um livro e em sete capítulos de outros livros. Apesar de essa produção estar voltada basicamente para a Floresta Atlântica do sudeste brasileiro, eu viajei coletando por quase todos os estados do Brasil, onde tive especial atenção aos estados da Bahia e Espírito Santo. No entanto, ainda não tive a oportunidade de conhecer os estados do Acre, Amapá, Maranhão, Piauí e Rondônia.

Finalmente, sinto-me bastante feliz no que se refere à minha contribuição ao conhecimento da biodiversidade dos peixes das famílias Rivulidae e Characidae, das quais descrevi seis espécies novas, e dos anfíbios anuros, especialmente da Floresta Atlântica, de onde descrevi, até o momento, cerca de 80 espécies novas e o gênero *Phasmahyla*. Pretendo terminar alguns trabalhos em andamento, cerca de 10 artigos. Provavelmente, quando esses artigos forem concluídos e publicados, eu, mais os Professores Ulisses Caramaschi, Renato Neves Feio, Luciana Barreto Nascimento e Ivan Nunes, entre outros amigos, arranjaremos mais alguns motivos para continuar indo ao campo coletar, beber muita cerveja e contar muitas histórias vividas.

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2020

Editores: Délio Baêta; Teresa C. Avila-Pires.

Trabalhos recentes

Jaramillo A.F., De La Riva I., Guayasamin J. M., Chaparro J.C., Gagliardi-Urrutia G., Gutiérrez R.C., Brcko I., Vilà C., Castroviejo-Fisher S. 2020. Vastly underestimated species richness of Amazonian salamanders (Plethodontidae: *Bolitoglossa*) and implications about plethodontid diversification. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 149:106841. Doi: *https://doi.org/10.1016/j.ympev.2020.106841*

As salamandras da família Plethodontidae compreendem 66% das espécies de Caudata e têm sido amplamente utilizadas como modelos em estudos de biologia evolutiva. As espécies do grupo ocorrem da América do Norte até a América do Sul, com a maior riqueza na América Central, que concentra 280 espécies em 17 gêneros. Por outro lado, a América do Sul apresenta apenas 37 espécies em dois gêneros, *Oedipina* e *Bolitoglossa*. Para alguns autores, a baixa diversidade na América do Sul poderia ser explicada por uma colonização mais recente. No entanto, descobertas geológicas, paleontológicas e biogeográficas apontam para a possibilidade de uma colonização mais antiga. Estudos indicam que a diversidade em *Bolitoglossa* é mais subestimada na América do Sul que em outras localidades, sendo a especiação do gênero desacompanhada de mudanças morfológicas detectáveis. Além disso, os estudos de delimitação de espécies usando sequências de DNA ou morfologia trazem uma amostragem geralmente limitada geograficamente. Os autores deste trabalho investigaram as relações evolutivas entre espécimes de *Bolitoglossa* da Amazônia, para dimensionar a diversidade de espécies do gênero e seus padrões de diversificação e distribuição. Foram utilizadas sequências de três genes mitocondriais e dois nucleares de 366 espécimes, 189 correspondentes a 89 espécies provenientes de fora da Amazônia. Da Amazônia, o estudo abrangeu 177 espécimes, incluindo tipos e topótipos de oito das nove espécies reconhecidas para a região. Com essa amostragem os autores atingiram 73% das espécies conhecidas atualmente em *Bolitoglossa*. Foram realizadas análises de Máxima Parcimônia e de Máxima Verossimilhança para inferir as relações filogenéticas, além de análises de delimitação de espécies, datação e reconstrução da história biogeográfica das espécies sul americanas. Os resultados revelam que a diversidade de *Bolitoglossa* na região

está bastante subestimada. Ao todo, 44 espécies putativas foram identificadas pelos autores. Se este número for confirmado em estudos futuros a América do Sul atingirá 79 espécies e deverá ser considerada um importante centro de diversificação de Plethodontidae. O relógio molecular e as análises biogeográficas mostraram que *Bolitoglossa* colonizou a América do Sul a partir da América Central, provavelmente por conexões desta com a região do Chocó Colombiano, que são evidenciadas em estudos geológicos. Além disso, dispersões posteriores entre a Amazônia e os Andes coincidem com as maiores mudanças reconhecidas na paisagem amazônica ocorridas ao fim do Mioceno e no Plioceno.

Editor: A. O. Maciel

Morales C.H., Sturaro M.J., Nunes P.M.S., Lotzkat S. , Peloso P.L.V. 2020. A species-level total evidence phylogeny of the microteiid lizard family Alopoglossidae (Squamata: Gymnophthalmoidea). *Cladistics* 36:301–321. Doi: *https://doi.org/10.1111/cla.12407*

Alopoglossidae é uma família de lagartos composta por dois gêneros, *Alopoglossus* e *Ptychoglossus*, que agrupam 23 espécies encontradas desde a Costa Rica até o norte da América do Sul, a leste e oeste dos Andes e em toda a Amazônia. As espécies do grupo são diurnas, miniaturizadas, de coloração e comportamento críptico, e vivem na serapilheira de florestas e em áreas de cultivo agrícola. Por muito tempo, Alopoglossidae foi reconhecido como uma subfamília de Gymnophthalmidae, mas recentemente foi elevada à categoria de família com base em filogenia molecular, tendo sido reconhecida como grupo irmão de Teiidae + Gymnophthalmidae. Apesar das relações entre essas três famílias ainda serem consideradas controversas, Alopoglossidae foi suportado como um grupo monofilético com base tanto em morfologia, quanto em dados moleculares. No entanto, as filogenias publicadas trazem uma amostragem pouco abrangente dos táxons que compõem a família. Com o intuito de testar o monofiletismo de Alopoglossidae e as relações entre as suas espécies, os autores deste trabalho realizaram uma análise filogenética integrando evidências fenotípicas e genéticas, incluindo todos os táxons descritos para a família, à exceção de uma espécie. O banco de dados incluiu sequências de três genes mitocondriais e um nuclear, além de 143 caracteres de folidose, morfologia da língua, morfologia do hemipênis e osteologia. Os resultados das análises de Máxima Parcimônia corroboraram o monofiletismo de Alopoglossidae e apontaram o parafiletismo de *Ptychoglossus*, que foi então considerado sinônimo júnior de *Alopoglossus*. Para resolver um problema de homonímia gerado no ato de sinonimizar os dois gêneros, um novo nome foi erigido para *Alopoglossus festae*, que passou a ser *A. harrisi*. Além disso, foram apresentadas uma nova diagnose para *Alopoglossus* e algumas considerações biogeográficas sobre Alopoglossidae.

Editor: A. O. Maciel

Mailho-Fontana P.L., Antoniazzi M.M., Alexandre C., Pimenta D.C., Sciani J.M., Brodie-Jr E.D., Jared C. 2020. Morphological evidence for an oral venom system in caecilian amphibians. IScience 23:1–9. Doi: *https://doi.org/10.1016/j.isci.2020.101234*

Os anfíbios são conhecidos por terem a pele rica em glândulas de toxinas, geralmente utilizadas como defesa química passiva contra predadores, enquanto em outros grupos de animais as toxinas são utilizadas durante a predação, como fazem as serpentes ao inocularem veneno em suas presas. Os anuros e as salamandras, ao longo das suas histórias evolutivas desenvolveram uma variedade de sistemas de alimentação. No entanto, as cecílias apresentam apenas um mecanismo de captura e ingestão de suas presas, que é caracterizado por uma mordida poderosa, auxiliada por numerosos dentes pontiagudos e recurvados. Neste trabalho, os autores avaliaram a morfologia da cabeça da espécie de cecília sul-americana *Siphonops annulatus* e encontraram glândulas associadas aos dentes das fileiras externas, das maxilas superior e inferior. Na maxila superior, o conteúdo dessas glândulas é canalizado exclusivamente para a base dos dentes, enquanto na maxila inferior o ducto das glândulas pode se canalizar também para o interior de cavidades presentes na mucosa oral, onde os dentes maxila superior se acomodam quando a boca está fechada. Os autores também encontraram o mesmo tipo de glândulas em espécies representantes de outras três famílias de cecílias, e notaram diferenças na quantidade de glândulas presentes. Além disso, na cecília *Typhlonectes compressicauda* as glândulas estão presentes apenas na maxila inferior, o que pode estar relacionado ao hábito aquático da espécie. O estudo do produto das glândulas de *S. annulatus* apontou a presença de muco e lipídios, além de proteínas com atividades enzimáticas muito similares às encontradas em animais peçonhentos, como alguns lagartos e serpentes. Observando a alimentação da espécie em laboratório foi possível verificar que apesar dos dentes das cecílias não apresentarem sulcos especializados na condução da secreção, esta escorre das glândulas cobrindo a superfície dos dentes no momento da predação, o que possibilitaria a inoculação de toxina na presa. Além disso, a morfologia da mucosa oral que envolve e que interconecta os dentes, favorece uma distribuição uniforme da secreção ao longo da fileira de dentes durante a mordida. Através da análise de espécimes recém eclodidos foi verificado que as glândulas encontradas em *S. annulatus* têm origem na lâmina dental, e não na epiderme, onde se originam as glândulas cutâneas dos anfíbios. Desse modo, as glândulas associadas aos dentes das cecílias são consideradas homólogas às das serpentes. Portanto, este trabalho abre novas perspectivas sobre o estudo comparativo da morfologia e composição do produto das glândulas orais em vertebrados.

Editor: A. O. Maciel

de Sá F.P., Haddad C.F.B., Gray M.M., Verdade V.K., Thomé M.T.C., Rodrigues M.T., Zamudio K.R. 2019. Male-male competition and repeated evolution of terrestrial breeding in Atlantic Coastal Forest frogs. *Evolution* 74:459–475. Doi: *http://dx.doi.org/10.1111/evo.13879*

Cycloramphus e *Zachaenus* são gêneros de anuros que pertencem à família Cycloramphidae, uma família de anuros conhecida por ter espécies com hábitos saxícolas e espécies com hábitos terrestres. Este estudo teve por objetivos estudar padrões evolutivos nas relações filogenéticas de *Cycloramphus* e *Zachaenus*, relações até então mal resolvidas em trabalhos anteriores. Até esse estudo, porém, não existia uma filogenia molecular que abrangesse a maior parte das espécies dos gêneros e que as tratasse como espécies focais.

Especificamente, os autores testaram três hipóteses: (1) se a terrestrialidade evoluiu apenas uma vez no grupo; (2) se machos e fêmeas têm tamanhos de corpo variando conforme os hábitos reprodutivos; e (3) se o dimorfismo sexual em tamanho é maior em espécies terrestres. Para esse estudo, os autores utilizaram amostras de tecido, inclusive de espécimes coletados pelo conhecido Ronald W. Heyer (Instituto Smithsonian) nas décadas de 1970 e 1980.

Com esse material, amplificaram e sequenciaram fragmentos mitocondriais e nucleares para análises moleculares, que incluíram reconstruções filogenéticas e análises filogenéticas comparativas. As características de tamanho de corpo, dimorfismo sexual em tamanho e terrestrialidade foram utilizadas nas análises filogenéticas comparativas, sintetizadas em diversas figuras ao longo do texto.

Seguindo os resultados obtidos, os autores concluíram que, taxonomicamente, *Cycloramphus* e *Zachaenus* deveriam ser considerados como um único gênero, embora não tenham feito a sinonimização. Entre tantos outros resultados, encontraram que possivelmente o grupo passou por mais de uma mudança de hábito, de saxícola para terrestre. O ancestral comum a todo o grupo é saxícola, pequeno e com pequeno dimorfismo sexual no tamanho do corpo. Além disso, encontraram uma correlação entre o hábito reprodutivo e o dimorfismo sexual no tamanho do corpo, sendo que espécies saxícolas contam com machos maiores e mais territoriais.

Editora: A. Sabbag.

Fratani J., Ponssa M.L., Rada M., Abdala V. 2020. The influence of locomotion and habitat use on tendo-muscular units of an anuran clade (Anura, Diphyabatrachia). *Zoologischer Anzeiger* 284:66–77. Doi: https://doi.org/10.1016/j.jcz.2019.11.002

Anatomia é, atualmente, um dos assuntos pouco estudados para anuros no Brasil. Menos estudados ainda, são os tendões de anuros. Esse estudo traz uma mudança neste cenário, apresentando uma análise extensa da variação nos tendões (e músculos associados) de anuros da família Leptodactylidae e Centrolenidae.

Os objetivos dos autores foram centrados na hipótese de que a variação nessas estruturas está relacionada à combinação de fatores filogenéticos, funcionais e ecológicos. Para isso, analisaram sob estereomicroscópio as unidades tendo-musculares dos membros, da cintura pélvica, e da cintura peitoral, de quase 200 exemplares dessas duas famílias. E, adicionalmente, incluíram análises anatômicas de outras espécies para efeitos comparativos e utilização como grupo externo.

Para todas as espécies, eles revisaram informações sobre tipo de movimento efetuado com essas partes do corpo (salto, escalada etc.) e tipos de hábitos desses animais (terrestre, arborícola etc.), entre outras informações. Com esses dados, com revisão bibliográfica, e com dados morfométricos dos elementos tendo-musculares, os autores fizeram análises estatísticas e análises filogenéticas comparativas.

Eles encontram uma correlação positiva significativa entre as dimensões de um tendão e a força potencial exercida pelo músculo em associação com esse tendão. Também encontram que as variações estruturais dos elementos tendo-musculares estão relacionadas à função mecânica que esses elementos desempenham na locomoção e hábitos dos animais. Mas que além disso, existe uma relação entre essa variação e a história evolutiva dos grupos. Esse é um padrão já conhecido para outros vertebrados em relação a essas estruturas, mas pouco estudado em anfíbios.

Editora: A. Sabbag.

Colaço G., Bittencourt-Silva G.B., Silva H.R. 2020. Can a shade shed light on the monophyly of Cycloramphidae (Lissamphibia: Anura)? *Zoologischer Anzeiger* 285:18–26. Doi: https://doi.org/10.1016/j.jcz.2020.01.002

Os olhos de anfíbios anuros sempre despertaram a curiosidade de pesquisadores por diversas razões. Esse é um estudo anatômico sobre uma estrutura "lobada" presente na íris dos olhos de alguns anuros.

Essa estrutura ganhou, ao longo da história da batracologia mundial, diversos nomes, entre eles: "meniscus", "elygium", "umbraculum". Os autores fizeram uma revisão dos trabalhos que tratam dessa estrutura na literatura, para entender se esses nomes se referem ao mesmo elemento encontrado em semaforontes de Cycloramphidae, o grupo focal do estudo.

Para isso, os autores dissecaram os olhos de adultos, jovens e larvas de várias espécies de Cycloramphidae (*Cycloramphus*, *Zachaenus* e *Thoropa*), e descreveram os "lobos", com desenhos esquemáticos e fotos de alta qualidade. Encontraram que as espécies de *Cycloramphus* possuem a estrutura quando larvas, jovens e adultos, enquanto que as espécies de *Thoropa* possuem apenas na fase larval.

A partir dessas informações, e da sequência ontogenética que analisaram para esses gêneros, eles sugerem uma hipótese sobre a perda da estrutura nos adultos de *Thoropa*. Esse tipo de conclusão não foi possível para *Zachaenus*, já que os autores não possuíam exemplares larvais, muito difíceis de encontrar na natureza.

Como existem vários nomes para esse "lobo", para distintas famílias de anuros, os autores fazem uma discussão sobre as propriedades morfológicas que indicam que essas estruturas são homólogas. Discutem também a possibilidade dessa estrutura ser uma sinapomorfia para Cycloramphidae, e sugerem que o nome dessa estrutura deva ser "meniscus" (menisco, em português), o primeiro nome apresentado na literatura, por Miranda-Ribeiro.

Editora: A. Sabbag.

Cassini C.S., Taucce P.P.G., Carvalho T.R. de, Fouquet A., Solé M., Haddad C.F.B., Garcia P.C.A. 2020. One step beyond a broad molecular phylogenetic analysis: species delimitation of *Adenomera marmorata* Steindachner, 1867 (Anura: Leptodactylidae). PLoS ONE 15:e0229324. Doi: *https://doi.org/10.1371/journal.pone.0229324*

Adenomera é um dos gêneros mais abundantes de anuros da Mata Atlântica, apesar de pouco encontrado visualmente por muitos herpetólogos. São anfíbios pequenos, que vivem preferencialmente na serapilheira, e que são muito difíceis de identificar por terem pouquíssima variação morfológica entre as espécies. Apesar disso, estudos anteriores indicam que existe uma grande variação molecular, e que se trata de um "complexo" de espécies morfologicamente crípticas.

Nesse trabalho, os especialistas intencionaram delimitar especificamente a espécie *Adenomera marmorata* e duas linhagens não descritas associadas a ela. A ideia era avaliar, para além da variação molecular, o quanto a variação morfológica e variação no canto de anúncio são capazes de distinguir as linhagens genéticas conhecidas. Os autores, para isso, amplificaram e sequenciaram fragmentos nucleares e mitocondriais de novas amostras (além do que já existe publicado). Analisaram características morfométricas e estruturas morfológicas, e fizeram uma análise sonora de gravações de canto de anúncio. A maior parte dos machos estudados foram sequenciados e analisados morfologicamente. Isso é pouco comum em estudos com espécies de *Adenomera* (e outros gêneros de serapilheira), pela dificuldade de encontro visual com os indivíduos e dificuldade em se associar o canto ao espécimes.

No estudo, os autores apresentam hipóteses filogenéticas, distâncias genéticas, redes de haplótipos, mapas de distribuição, fotografias de algumas estruturas morfológicas, e análises estatísticas com os dados de morfometria e canto. Incluem também um histórico taxonômico das linhagens, com uma discussão sobre o caminho percorrido pela Expedição Novara (de 1857) responsável pela coleta do holótipo de *Adenomera marmorata* (apresentado em fotografia no artigo). Os autores decidem pela unificação dos clados à *Adenomera marmorata* e redescrevem a espécie.

Editora: A. Sabbag.

da Fonte L.F.M, Mayer M., S. Lötters. 2019. Long-distance dispersal in amphibians. *Frontiers of Biogeography* 11: e44577. Doi: *http://dx.doi.org/10.21425/F5FBG44577*

Dispersão de longa-distância (em inglês, 'long-distance dispersal', LDD) é um tipo pouco comum de dispersão em anfíbios que envolvem movimentações para além da área usual de movimentação das espécies. Nesse estudo, os autores elaboraram uma análise cienciométrica para entender como funciona esse tipo de dispersão em anfíbios. Em especial, fizeram um levantamento sobre as formas de estudo desse tipo de evento e um levantamento sobre os padrões gerais de LDD.

Foram levantadas informações de mais de 70 artigos, a partir das bases de dados do "Web of Science" e "Scopus". Para as análises, consideraram principalmente as dispersões ativas, mas mencionam sobre os tipos básicos de dispersão passiva. Grande parte das bibliografias levantadas são estudos focados em análises moleculares, que permitem inferências mais rápidas sobre padrões de dispersão. Os autores fornecem uma tabela sumária do levantamento bibliográfico e um mapa esquemático com as principais regiões do planeta com estudos sobre LDD.

Concluem que os anfíbios, embora raramente, realizam dispersão de longa-distância e mostram que esses eventos tiveram um papel importante no atual padrão biogeográfico do grupo, em especial nas ocorrências disjuntas e nas colonizações de ilhas. A maior distância percorrida ativamente foi de 34 km, e em termos de dispersão de longa-distância passiva, encontraram que os movimentos chegam a 1000 km pela água. Adicionalmente, eles propõem que dez km é a distância mínima de movimentação que pode ser considerada como dispersão de longa-distância.

Editora: A. Sabbag.



Leptodactylus rhodomystax
Reserva Florestal Adolpho Ducke - Manaus - AM
@ Igor Fernandes

Ensaios e Opiniões

Edward Drinker Cope: uma "estátua" que também precisa ser derrubada?

As razões por trás da decisão da American Society of Ichthyologists and Herpetologists de mudar o nome de sua principal revista científica, a Copeia

Rachel Montesinos[1] & Hélio Ricardo da Silva[2]

1 Laboratório de Herpetologia, Departamento de Zoologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte, MG. *montesinos@ufmg.br*
2 Laboratório de História Natural, Anatomia Comparada e Sistemática de Anfíbios, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Biologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 23897-000, Seropédica, RJ. *heliorsilva@gmail.com*

No início de julho de 2020, uma das primeiras sociedades herpetológicas do mundo, a American Society of Ichthyologists and Herpetologists (ASIH - fundada em 1915), tomou uma decisão histórica: mudar o nome de sua principal revista científica, a Copeia. A revista foi fundada em 1913 e, de um começo simples, quase fundo de quintal, patrocinado pelo seu criador e primeiro editor John Treadwell Nichol (veja Berra 1984; Mitchell & Smith 2013), atingiu, em 2020, a marca de 108 volumes publicados. Trata-se de uma revista internacional de prestígio, dedicada a publicar artigos científicos originais de alta qualidade sobre comportamento, conservação, ecologia, genética, morfologia, evolução, fisiologia, sistemática e taxonomia de peixes, anfíbios e répteis, tanto viventes como fósseis (asihcopeiaonline.org). Segundo a Scimago Journal & Country Rank (SJR), a Copeia apresentou, em 2019, o fator de impacto de 1,017, ocupando a 106ª posição entre as 429 revistas da área de Ciência Animal e Zoologia, com SJR de 0,6 e Quartile Q1 (scimagojr.com).

O nome Copeia foi utilizado por John Nichol como homenagem ao renomado paleontólogo, ictiólogo e herpetólogo do século XIX, Edward Drinker Cope (Figura 1). Com esta ampla gama de interesses, Cope simbolizava a reunião dos interesses dos estudiosos de "vertebrados de sangue frio" (que representava o cargo do criador da revista). Cope produziu inúmeros estudos autorais e com colaboradores sobre peixes, anfíbios e répteis (viventes e fósseis). No entanto, uma outra vertente das atividades intelectuais de Cope, como cidadão

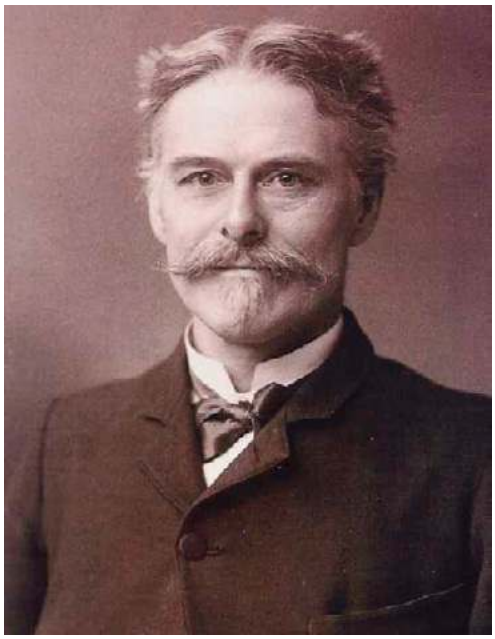


Figura 1. Edward Drinker Cope (1840 - 1897). Imagem de domínio público. Fonte: Osborne (1929).

do século XIX, são menos conhecidas e divulgadas. Cope tinha ideias racistas e era contrário à emancipação e ao voto das mulheres.

Recentemente, o assassinato do negro americano George Floyd por um policial branco, na cidade de Minneapolis (Minnesota, EUA), no dia 25 de maio de 2020, levou a uma onda de protestos naquele país contra o racismo estrutural que permeia a sociedade (ver Lawrence & Keleher 2004; Almeida 2019) e impede a ascensão social de negros, bem como sua presença em todos os espaços sociais. Outro impacto trazido pelas reflexões decorrentes dos protestos foi a ação de remoção de estátuas e símbolos que refletem o preconceito aos negros e outras minorias nos Estados Unidos, como a icônica estátua do ex-presidente americano Theodore Roosevelt, que se encontra na entrada do American Museum of Natural History, Nova York, e que deve ser removida em breve. Esse movimento, ainda considerado polêmico, também resultou na discussão sobre quais figuras históricas devem ser homenageadas e o que elas representam para as sociedades contemporâneas.

Neste ensaio, procuramos apresentar a polêmica relacionada ao nome da revista Copeia, que tem sido discutida pelos associados à ASIH, explicando o porquê dessa homenagem em primeiro lugar, assim como as razões para rever essa escolha neste momento. É importante ressaltar que, embora o tema seja mais ligado às disciplinas das Ciências Sociais, nosso ensaio representa apenas uma apresentação da literatura básica sobre o assunto para despertar a curiosidade e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para as dimensões sociais das atividades de pesquisa e dos pesquisadores em biologia de um modo geral.

Cope: cientista autodidata e expoente no estudo de répteis, anfíbios e peixes

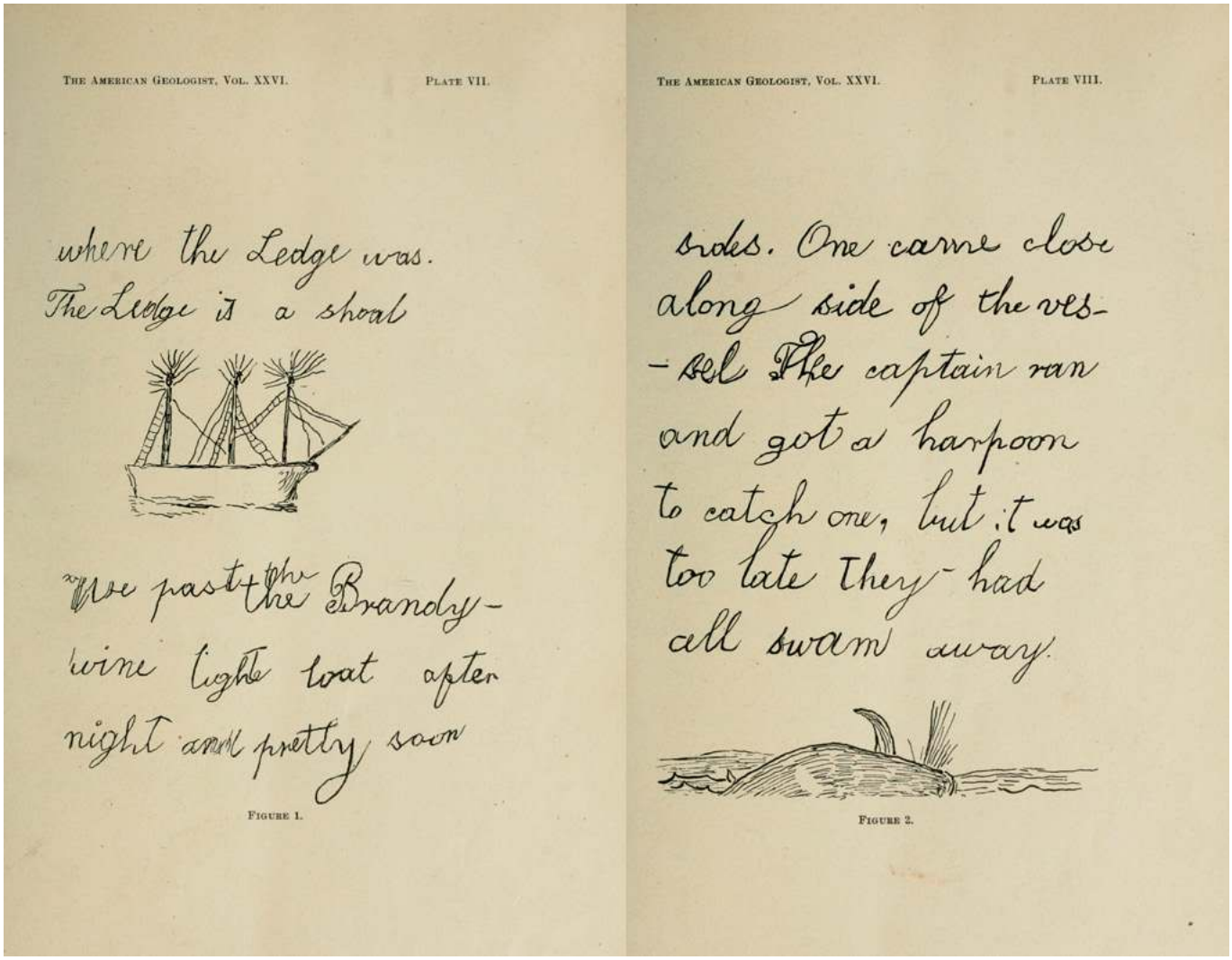
Segundo o próprio site da ASIH, a escolha de John Nichols pelo nome Copeia foi para homenagear Edward Cope, já que desde o início esta revista foi devotada a publicar artigos científicos sobre peixes, anfíbios e répteis, principais áreas de atuação de Cope (asih.org/about; Hilton & Crump 2016).

Edward Drinker Cope nasceu em 28 de julho de 1840 na Philadelphia, EUA. Desde muito novo, seus pais perceberam que se tratava de uma criança com capacidades intelectuais destacadas (Gill 1897). Aos sete anos, Cope ganhou de presente de aniversário uma viagem de navio a Boston. Durante essa viagem, ele escreveu um relato de bordo, no qual descre-

via e ilustrava os lugares e animais que avistava, indicando ser uma criança com habilidades cognitivas e artísticas bem desenvolvidas (Davidson 1997; Figura 2).

Aos nove anos, em 1848, Cope foi enviado para a escola primária, época que iniciou suas visitas à Academy of Natural Sciences of Philadelphia (ANSP), durante as quais elaborou um extenso documento sobre suas observações neste museu. Este é o primeiro documento onde Cope reporta com detalhes os fósseis, destacando-se seu impressionante desenho de um *Ichthyosaurus*. Além disso, Cope coletava serpentes, sapos e salamandras e os levava para a ANSP para serem identificados. Aos 18 anos, Cope passou a trabalhar aí como herpetólogo (Davidson 1997) e, um ano depois, publicou seu primeiro artigo científico, intitulado "On the Primary Divisions of the Salamandridae, with Descriptions of Two New Species" (Cope 1859).

Cope nunca teve uma formação universitária formal, mas isso não o impediu de seguir sua paixão pelas ciências da natureza. No início de


THE AMERICAN GEOLOGIST, VOL. XXVI. PLATE VII.

where the Ledge was.
The Ledge is a shoal

We past the Brandy-
wine light boat after
night and pretty soon

FIGURE 1.

THE AMERICAN GEOLOGIST, VOL. XXVI. PLATE VIII.

sides. One came close
along side of the ves-
-sel The captain ran
and got a harpoon
to catch one, but it was
too late they had
all swam away.

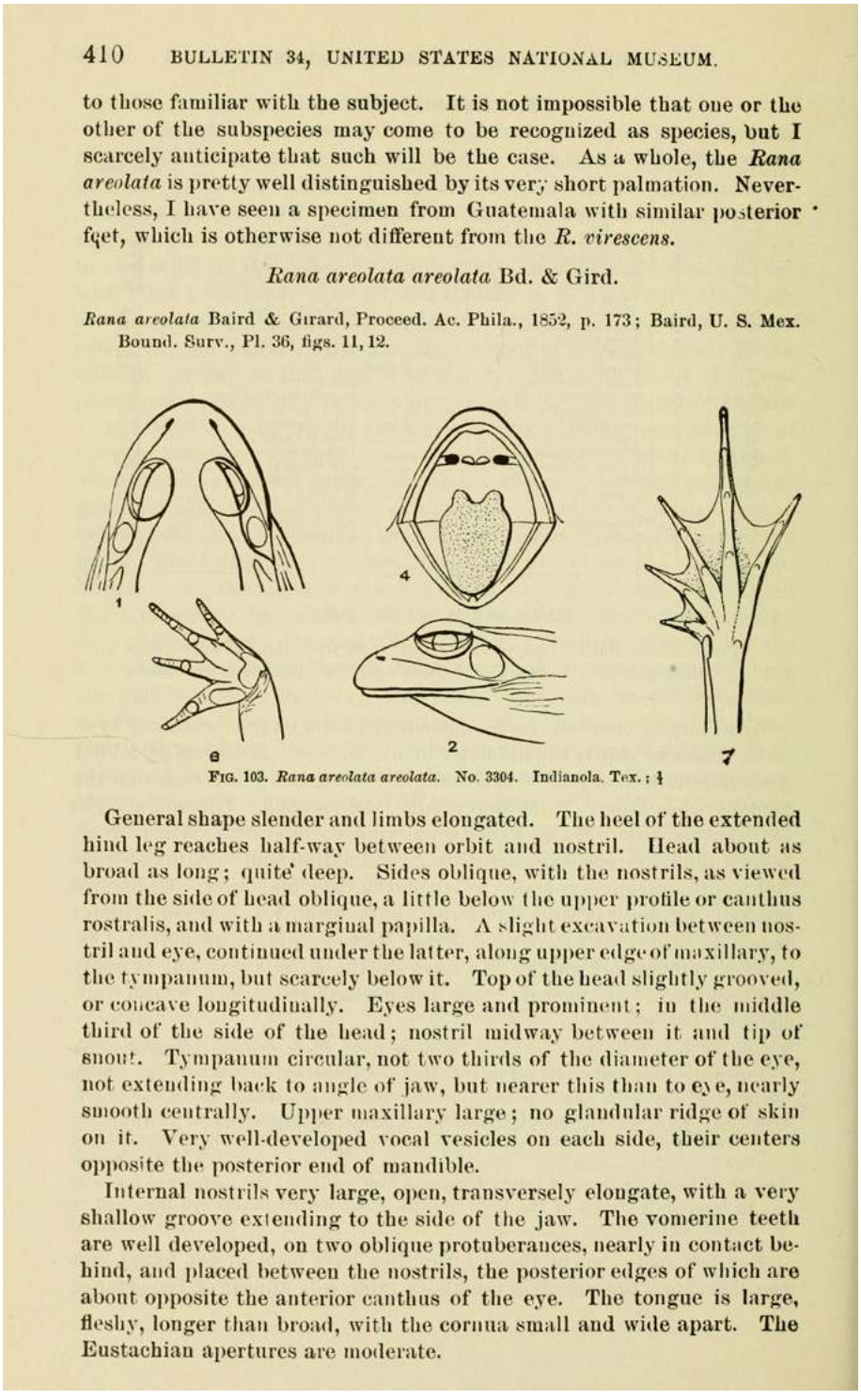
FIGURE 2.

Figura 2. Algumas das ilustrações feitas em sua viagem até Boston quando tinha apenas sete anos de idade. Fonte: Davidson (1997).

sua carreira, Cope se revezava entre a coleção do Smithsonian Institution, em Washington, e a ANSP (Gill 1897; Davidson 1997). Segundo Osborne (1929), em 1863, Cope viajou para a Europa, visitando os mais renomados museus da época. Ao retornar para os Estados Unidos, Cope tornou-se professor de Ciências Naturais no Haverford College, onde permaneceu por apenas três anos. Ele decidiu se afastar das aulas para se dedicar a suas expedições científicas e escrever seus artigos. A partir de então, Cope começou a analisar materiais geológicos, identificando e classificando novos fósseis, além de seguir coletando e catalogando exemplares viventes de peixes e répteis.

A Herpetologia era o campo que mais interessava a Cope (Gill 1897). Os principais estudos de Cope na Herpetologia são "The Batrachia of North America" (Cope 1889), sendo o maior catálogo feito no continente, incluindo aspectos anatômicos das espécies (Figura 3), e "The Crocodilians, Lizards and Snakes of North America" (Cope 1898). Entretanto, como um naturalista, Cope fez diversas contribuições para a Ictiologia, Ornitologia, Mastozoologia, Paleontologia e Geologia (Gill 1897; Osborne 1929).

Figura 3. Página 410 do livro "The Batrachia of North America". Fonte: Cope (1889; biodiversitylibrary.org).



410 BULLETIN 34, UNITED STATES NATIONAL MUSEUM.

to those familiar with the subject. It is not impossible that one or the other of the subspecies may come to be recognized as species, but I scarcely anticipate that such will be the case. As a whole, the *Rana areolata* is pretty well distinguished by its very short palmation. Nevertheless, I have seen a specimen from Guatemala with similar posterior feet, which is otherwise not different from the *R. virescens.*

Rana areolata areolata Bd. & Gird.

Rana areolata Baird & Girard, Proceed. Ac. Phila., 1852, p. 173; Baird, U. S. Mex. Bound. Surv., Pl. 36, figs. 11, 12.

1 4 6 2 7

FIG. 103. *Rana areolata areolata.* No. 3304. Indianola, Tex.; ½

General shape slender and limbs elongated. The heel of the extended hind leg reaches half-way between orbit and nostril. Head about as broad as long; quite deep. Sides oblique, with the nostrils, as viewed from the side of head oblique, a little below the upper profile or canthus rostralis, and with a marginal papilla. A slight excavation between nostril and eye, continued under the latter, along upper edge of maxillary, to the tympanum, but scarcely below it. Top of the head slightly grooved, or concave longitudinally. Eyes large and prominent; in the middle third of the side of the head; nostril midway between it and tip of snout. Tympanum circular, not two thirds of the diameter of the eye, not extending back to angle of jaw, but nearer this than to eye, nearly smooth centrally. Upper maxillary large; no glandular ridge of skin on it. Very well-developed vocal vesicles on each side, their centers opposite the posterior end of mandible.

Internal nostrils very large, open, transversely elongate, with a very shallow groove extending to the side of the jaw. The vomerine teeth are well developed, on two oblique protuberances, nearly in contact behind, and placed between the nostrils, the posterior edges of which are about opposite the anterior canthus of the eye. The tongue is large, fleshy, longer than broad, with the cornua small and wide apart. The Eustachian apertures are moderate.

Cope sempre foi bastante respeitado na comunidade científica. Entretanto, sua reputação e finanças foram bastante afetadas por suas brigas públicas com seu colega paleontólogo Othoniel Marsh (1831 – 1899), que ficaram conhecidas como a "Guerra dos Ossos" (Mark 2000). Cope morreu em 1897, aos 56 anos, deixando um legado de mais de 1400 artigos científicos e nomeando mais de 1000 espécies de vertebrados. Até hoje, ninguém conseguiu publicar tantos artigos científicos quanto Cope (Osborne 1929; Mark 2000).

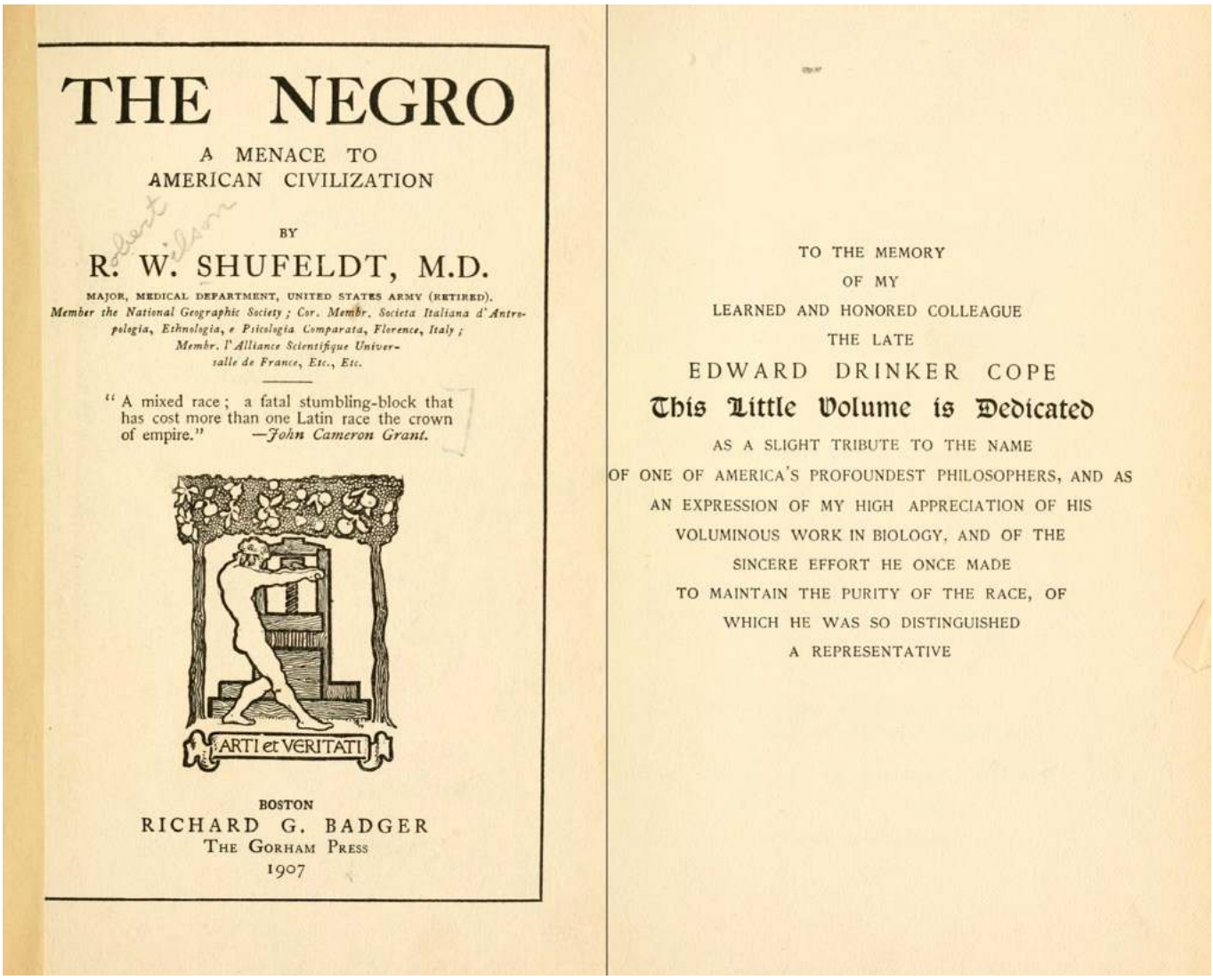
Um outro lado do Naturalista de renome: o racismo e a misoginia de Cope

Apesar de ter falecido relativamente jovem e de seu número astronômico de artigos publicados, Cope ainda encontrava tempo para escrever sobre suas opiniões sociais e políticas, o que o tornou uma pessoa extremamente controversa. Cope escrevia abertamente sobre ideias racistas e misóginas. As declarações racistas de Cope incomodavam a muitos, até mesmo naquela época em que esse tipo de pensamento poderia reverberar entre vários intelectuais de raciocínio semelhante.

Suas ideias encontravam eco com aquelas publicadas e discutidas por figuras importantes da época. O médico, cientista e escritor R. W. Shufeldt, por exemplo, dedicou seu livro intitulado "The Negro: A Menace to American Civilization" (Shufeldt 1907) a Cope, por seus esforços de manter a pureza das raças (Figura 4). Neste livro, Shufeldt apresenta duas das cartas publicadas por Cope na revista "The Open Court" intituladas "The Return of the Negroes to Africa", onde Cope se declarava abertamente a favor de uma deportação em massa dos negros para a África, inclusive aqueles nascidos nos Estados Unidos.

Dentre algumas passagens marcantes presentes nessas cartas, podemos listar (em idioma original, com tradução livre para o português disponível no rodapé):

"Mr. Frederick May Holland has replied to my article on the proposed removal of the African race, in the United States, to Africa, citing various objections to such a course. [...] all races are not equally capable of sustaining this relation between order and freedom. [...] The negro has conspicuously failed in all but absolute governments [...] Whatever reasons may have existed, or do exist, for the removal of particular peoples, or the exclusion of particular races from any country, they exist with tenfold force in the case of the negroes of the United States. [...] I will not discuss again the mental status of the black race. It is well known except to those who will not see. [...] The reasons why the American negroes object to being returned to Africa are self-evident. As beneficiaries of a civilized nation, they have their rights better protected than they would have under a government of their own race. [...] If he is so capable as some persons believe, it will do him no harm. If he succeeds no better in the future than he has in the past, he will not surprise some who think they know him better." [1] (Cope, 1890a. The Open Court, 130, pp. 2110-2111; Figura 5).



THE NEGRO

A MENACE TO
AMERICAN CIVILIZATION

BY

R. W. SHUFELDT, M.D.

MAJOR, MEDICAL DEPARTMENT, UNITED STATES ARMY (RETIRED).
Member the National Geographic Society; Cor. Membr. Societa Italiana d'Antropologia, Ethnologia, e Psicologia Comparata, Florence, Italy; Membr. l'Alliance Scientifique Universalle de France, Etc., Etc.

"A mixed race; a fatal stumbling-block that has cost more than one Latin race the crown of empire." —*John Cameron Grant.*

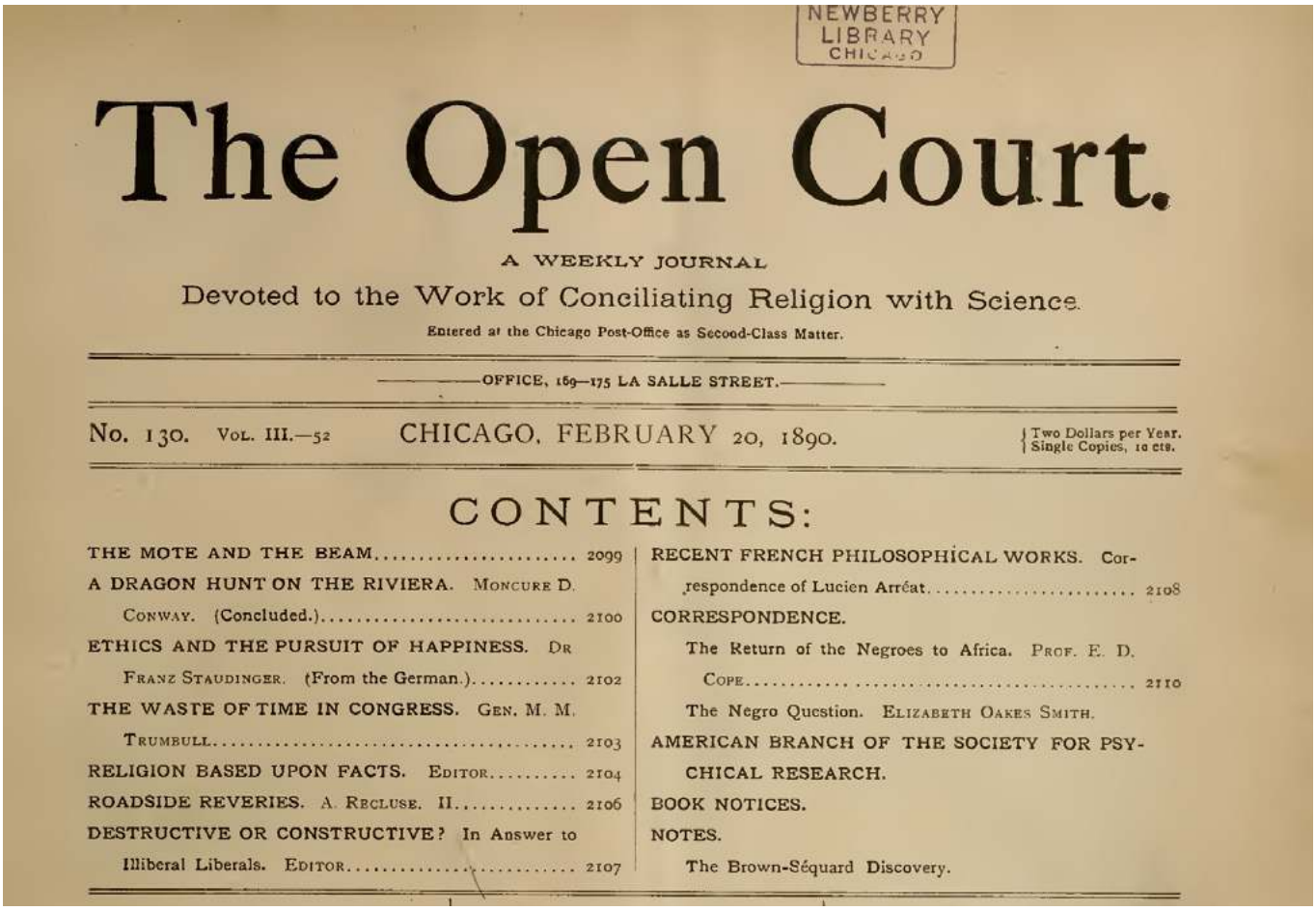
ARTI et VERITATI

BOSTON
RICHARD G. BADGER
THE GORHAM PRESS
1907

TO THE MEMORY
OF MY
LEARNED AND HONORED COLLEAGUE
THE LATE
EDWARD DRINKER COPE
This Little Volume is Dedicated
AS A SLIGHT TRIBUTE TO THE NAME
OF ONE OF AMERICA'S PROFOUNDEST PHILOSOPHERS, AND AS
AN EXPRESSION OF MY HIGH APPRECIATION OF HIS
VOLUMINOUS WORK IN BIOLOGY, AND OF THE
SINCERE EFFORT HE ONCE MADE
TO MAINTAIN THE PURITY OF THE RACE, OF
WHICH HE WAS SO DISTINGUISHED
A REPRESENTATIVE

Figura 4. Capa do livro "The Negro: A Menace to American Civilization" (esquerda) e dedicatória feita pelo autor a Cope (direita). Fonte: Shufeldt (1907; biodiversitylibrary.org).

[1] "O Sr. Frederick May Holland respondeu ao meu artigo, propondo remover a raça Africana, nos Estados Unidos, para a África, citando várias objeções para isso. [...] todas as raças não são igualmente capazes de sustentar as relações entre liberdade e ordem. [...] O negro falhou visivelmente em todos os governos, exceto o absolutista [...] quaisquer razões que existiram, ou ainda existem, para a remoção de determinadas pessoas, ou exclusão de uma raça em particular de qualquer país, elas existem com uma força dez vezes maior no caso dos negros dos Estados Unidos. [...] Eu não discutirei novamente o status mental da raça negra. Isto é bem conhecido exceto por aqueles que não querem enxergar. [...] As razões do porquê os negros americanos têm objeções para voltar para a África são óbvias. Como beneficiários de uma nação civilizada, eles têm seus direitos melhores protegidos do que se estivessem sob um governo de sua própria raça. [...] Se ele é tão capaz como algumas pessoas acreditam, isso não fará mal a ele. Se ele não for melhor sucedido no futuro do que foi no passado, ele não surpreenderá aqueles que acreditam conhecê-lo melhor."



NEWBERRY LIBRARY CHICAGO

The Open Court.

A WEEKLY JOURNAL

Devoted to the Work of Conciliating Religion with Science.

Entered at the Chicago Post-Office as Second-Class Matter.

OFFICE, 169—175 LA SALLE STREET.

No. 130. Vol. III.—52 CHICAGO, FEBRUARY 20, 1890. Two Dollars per Year. Single Copies, 10 cts.

CONTENTS:

THE MOTE AND THE BEAM..... 2099

A DRAGON HUNT ON THE RIVIERA. Moncure D. Conway. (Concluded.)..... 2100

ETHICS AND THE PURSUIT OF HAPPINESS. Dr Franz Staudinger. (From the German.)..... 2102

THE WASTE OF TIME IN CONGRESS. Gen. M. M. Trumbull..... 2103

RELIGION BASED UPON FACTS. Editor..... 2104

ROADSIDE REVERIES. A. Recluse. II..... 2106

DESTRUCTIVE OR CONSTRUCTIVE? In Answer to Illiberal Liberals. Editor..... 2107

RECENT FRENCH PHILOSOPHICAL WORKS. Correspondence of Lucien Arréat..... 2108

CORRESPONDENCE.

The Return of the Negroes to Africa. Prof. E. D. Cope..... 2110

The Negro Question. Elizabeth Oakes Smith.

AMERICAN BRANCH OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH.

BOOK NOTICES.

NOTES.

The Brown-Séquard Discovery.

Figura 5. Capa do jornal The Open Court, número 130, onde Cope publicou uma de suas cartas. Fonte: opensiuc.lib.siu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4655&context=ocj

Estas publicações geraram diversas críticas e como resposta, Cope publicou uma nova carta no The Open Court.

"I am not surprised to find that the objectors to the project of transferring the negroes from this country to Africa have nothing but sentimental objections to urge against it. They call their objections ethical, and imagine that they have the support of justice in their position. Their understanding of the import of ethics and justice may differ from mine, but I suspect that their view chiefly results from an ignorance of some fundamental principles of biology [...] As to the question of injustice, we have to decide [...] Shall we subject the higher race to deterioration; or shall we subject the lower to transportation without material loss to it. To do the former is to injure the entire human species. To do the latter is to continue the process which the abolition of slavery inaugurated, to teach the negro to stand on his own legs [...] The characteristics of the negro-mind are of such a nature as to unfit him for citizenship in this country. He is thoroughly superstitious, and absolutely under the control of supernaturalism. [...] He is lacking in rationality and in morality. Without going further, these traits alone should exclude him from citizenship. [...] if he remains in this

country he will mix with the whites until in a half century or less, there will not be a person of pure negro blood in it. [...] an immense population of mulattoes, where there should be an equal number of whites. The deterioration thus resulting would tell disastrously on our intellectual and moral, and consequently on our political, prosperity. [...] The necessity seems to me to be great and urgent. [...] The negroes themselves are not nearly so much averse to their leaving this country as many would have us believe; [...]. Thousands of them are ready to emigrate now." [2] (Cope, 1890b. The Open Court, 146, p. 2331)

Essas cartas e cartas respostas claramente indicam convicção de ideias e formas de protestos contra tais pensamentos por parte de alguns autores. Além de suas ideias racistas, Cope também era um homem misógino. Embora ele acreditasse na importância de mulheres estudarem (ideia considerada à frente de seu tempo naquela época), Cope acreditava que mulheres, independente da raça, eram seres inferiores aos homens. Cope usava atributos biológicos para justificar suas ideias, onde dizia que mulheres eram fisicamente inferiores por *"inferior muscular strength and child-bearing"* e mentalmente inferiores por

[2] "Eu não estou surpreso de ver que os opositores ao projeto de transferir os negros deste país para a África não tenham nada, a não ser objeções emocionais para argumentar contra isto. Eles chamam suas objeções de éticas e imaginam que eles têm o suporte da justiça em suas posições. A compreensão deles sobre o significado da ética e da justiça podem diferir da minha, mas eu suspeito que a visão deles resulte, principalmente, da ignorância sobre alguns princípios fundamentais da biologia. [...] Quanto à questão da injustiça, temos que decidir. [...] Devemos submeter a raça superior à deterioração; ou devemos sujeitar a raça inferior ao transporte sem perdas materiais resultante disso. Fazer o primeiro é ferir toda a espécie humana. Fazer o outro é continuar o processo que a abolição da escravidão inaugurou, ensinar o negro a se apoiar nas próprias pernas. [...] As características da mente do negro são de tal natureza que o torna inapto para a cidadania neste país. Ele é completamente supersticioso e absolutamente sob o controle do sobrenatural. [...] Ele carece de racionalidade e moralidade. Sem ir além, apenas esses traços já deveriam excluí-lo de cidadania. [...] se ele permanecer neste país, ele se misturará com os brancos até que, em meio século ou menos, não haverá uma única pessoa com sangue negro puro. [...] uma imensa população de mulatos, onde deveria haver um número igual de brancos. A deterioração resultante seria desastrosa para nossa capacidade intelectual e moral e, consequentemente, para nossa política, prosperidade. [...] A necessidade me parece grande e urgente. [...] Os próprios negros não são tão avessos a deixarem este país como muitos querem que acreditemos; [...] Milhares deles estão prontos para emigrar agora."

"inferior mental co-ordination, and greater emotional sensibility which interferes more or less with rational action." [3] (Osborne 1929).

Cope também era contra o voto feminino, pois acreditava que o homem era o protetor e legislador das mulheres. Ele argumentava que mulheres seriam movidas pelo sentimento e votariam de acordo com, ou mesmo contra, a opinião de seus amantes ou maridos (Osborne 1929).

O que a permanência do nome de Cope no principal veículo de uma sociedade científica nos ensina?

O corpo editorial da Copeia foi composto por muito tempo majoritariamente por homens brancos. Desde a fundação da ASIH, o perfil de toda sociedade nunca foi muito diferente disso; embora várias mulheres brancas também tenham feito parte da sociedade, do corpo editorial da revista e publicando artigos. Apenas no ano 2000, uma mulher, Dra. Maureen A. Donnelly, passou a incorporar o comitê diretivo da ASIH, permanecendo até 2016 (Hilton & Crump 2016). Com base no exame de fotografias dos participantes dos encontros da sociedade, é possível notar que, embora o número de mulheres brancas tenha aumentado ao longo dos anos, não parece haver participação de negros na sociedade. Uma explicação para a existência e manutenção de ícones racistas e misóginos, como símbolos e homenagens nas sociedades contemporâneas, seria relacionada a um ensino da história que parece tentar apagar o passado racista de membros da sociedade americana de um modo geral, e a quase inexistência de diversidade étnico-raciais em sociedades científicas, como é o caso da ASIH.

Com o assassinato de George Floyd reacendeu-se, nos Estados Unidos, a luta por igualdade racial com críticas e autocríticas às atitudes e ao simbolismo racista. Como resultado, o movimento #blacklivesmatter ganhou força, vozes e sua mensagem passou a ser ouvida por diversos outros segmentos da sociedade em geral. Uma das consequências deste reforço resultou no incômodo expresso por muitos sócios da ASIH que, entre outras ações, levou ao questionamento da continuidade do uso do nome Copeia para homenagear Cope.

Em consideração a seus sócios, principalmente aos membros negros, o Comitê Executivo da ASIH votou a favor, por unanimidade, de mudar o nome da Copeia para "*Ichthyology and Herpetology*", conforme mensagem divulgada no dia 27 de junho de 2020 (twitter.com/IchsAndHerps?s=20). O nome sugerido passou para ser votado por uma instância superior, o *Board of Governors*, que deveria decidir por: (1) trocar o nome para "Ichthyology and Herpetology" ou (2) manter o nome Copeia. No dia 02 de julho, foi anunciado que o novo nome foi aprovado com 88 votos a favor e 11 votos contras (https://bit.ly/ASIH_BOG_MOTION; Figura 6). Assim, o nome "Ichthyology and Herpetology" passará a vale a partir do Número 1 de 2021. Esta é indubitavelmente uma decisão histórica. Dei-

[3] por terem força muscular inferior e por engravidarem ... coordenação mental inferior e maior sensibilidade emocional a qual interfere ações racionais.

xar de homenagear Cope não significa apagar a história de seu legado científico, mas sim fazer uma nova história, na qual homenagens não sejam dadas sem considerar todo o contexto de ideias do homenageado, seu impacto e o que elas representam para a comunidade científica e a sociedade como um todo.

Esperamos que este seja o primeiro passo para uma Herpetologia mais justa e inclusiva. É importante que negros, mulheres e outras minorias tenham representatividade nas nossas sociedades científicas, incluindo a própria Sociedade Brasileira de Herpetologia.



Figura 6. Tweet publicado pela ASIH no dia 02 de julho de 2020. (A) nova logo da "Ichthyology and Herpetology"; (B) mensagem sobre a aprovação do novo nome pelo Board of Governors. Fonte: twitter.com/IchsAndHerps?s=20

Agradecimentos

Agradecemos a Annelise Frazão Nunes, Fernando Araújo Perini e aos editores da Herpetologia Brasileira – Ensaios e Opiniões (Luciana Barreto Nascimento, Teresa Ávila Pires e Julio Cesar de Moura Leite) pelos comentários e sugestões no texto.

Referências

Almeida, S. 2019. Racismo Estrutural (Feminismos Plurais). Pólen Livros, São Paulo.

American Society of Ichthyologists and Herpetologists. About ASIH. asih.org/about. Acessado em 26 de junho de 2020

American Society of Ichthyologists and Herpetologists. Copeia. asihcopeiaonline.org. Acessado em 26 de junho de 2020

American Society of Ichthyologists and Herpetologists. Twitter. *twitter.com/IchsAndHerps?s=20*. Acessado em 27 de junho de 2020

Berra T.M. 1984. A chronology of the American Society of Ichthyologists and Herpetologists through 1982. *American Society of Ichthyologists and Herpetologists, Special Publication* 2:1–21.

Cope E.D. 1859. On the Primary Divisions of the Salamandridae, with Descriptions of Two New Species. *Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia* 11:122–128.

Cope E.D. 1889. The Batrachia of North America. *United States National Museum Bulletin* 34:1–467.

Cope E.D. 1890a. The return of the negroes to Africa. *The Open Court* 130: 2110-2111 (disponível em *https://opensiuc.lib.siu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4655&context=ocj*)

Cope E.D. 1890b. The return of the negroes to Africa. *The Open Court* 146:2331 (disponível em *https://opensiuc.lib.siu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4672&context=ocj*)

Cope E.D. 1898. The Crocodilians, Lizards and Snakes of North America. *Report of the United States National Museum* 1898: 153–270.

Davidson J.P. 1997. The Bone Sharp: The Life of Edward Drinker Cope. *Academy of Natural Science of Phyladelphia, Special Publication* 17:1–237.

Gill T. 1897. Edward Drinker Cope, Naturalist - A Chapter in the History of Science. *The American Naturalist* 31:831–863.

Hilton E.J., Crump M.L. 2016. The American Society of Ichthyologists and Herpetologists at 100: Setting the Stage for the Next Hundred Years. *Copeia* 104:952–964.

Lawrence K., Keleher T. 2004. Chronic Disparity: Strong and Pervasive Evidence of Racial Inequalities. Poverty Outcomes: Structural Racism. Race and Public Policy Conference. Disponível em *https://www.intergroupresources.com/rc/Definitions%20of%20Racism.pdf*

Mark J. 2000. The Gilded Dinosaur: The Fossil War Between E. D. Cope and O. C. Marsh and the Rise of American Science. Crown Publishing Group, New York.

Mitchell J.C., Smith D.G. 2013. Copeia 1913, Number 1: Origin and Authors. *Copeia* 2013:189–193.

Osborne H.F. 1929. Biographical Memoir of Edward Drinker Cope 1840-1897. *National Academy of Sciences of the United States of America, Biographical Memoirs*, XIII (Third Memoir):124–317.

Shufeldt R.W. 1907. The Negro: A Menace for the American Civilization. The Gorham Press. Boston.

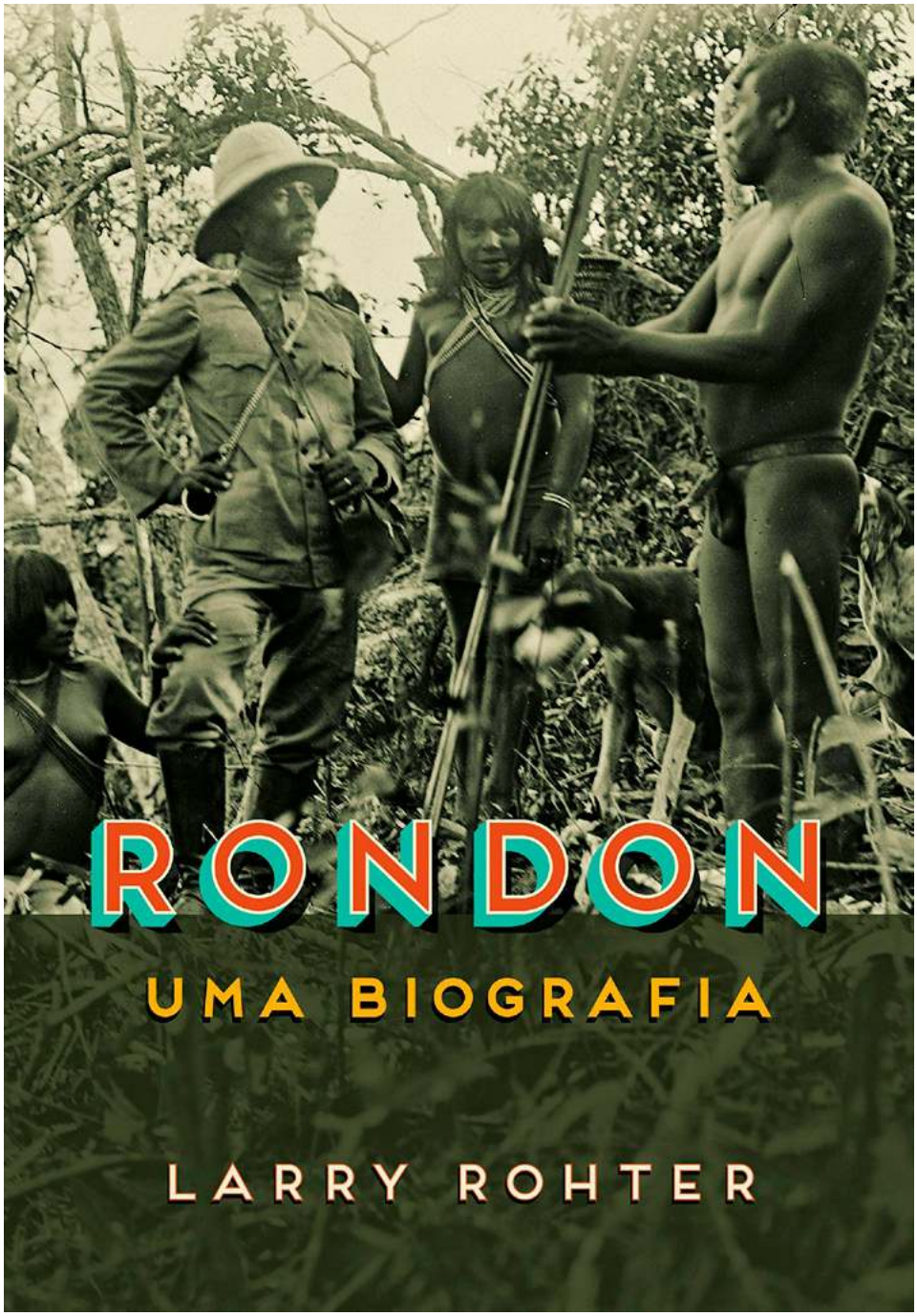
Scimago Journal & Country Rank. scimagojr.com. Acessado em 26 de junho de 2020.

Resenhas

Larry Rohter. 2019. Rondon, uma biografia. (tradução de Cássio de Arantes Leite). Objetiva, Rio de Janeiro.

José P. Pombal Jr.

Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista, 209404-040, Rio de Janeiro, RJ. email: *pombal@acd.ufrj.br*



No Epílogo desta biografia, o autor narra uma viagem as terras visitadas por Rondon há mais de um século. É um tanto doloroso, depois de termos lido sobre estes locais nos tempos de Rondon, ouvirmos sobre o desenvolvimento da região. Em Mato Grosso, o autor nos conta sobre uma cerimônia oficial em Mimoso, em cinco de maio de 2015, para a celebração dos 150 anos do nascimento de Candido Rondon. "O exército estava no comando, então o tom era marcial e patriótico, como as celebrações para marcar o dia da Independência. Unidades portando as bandeiras do Brasil, do Mato Grosso e do Exército passaram marchando a fizeram uma saudação na direção do palanque onde importantes dignitários locais e nacionais, incluindo até Tweed Roosevelt, bisneto de Theodore[...]". "Após chegar de helicóptero, o comandante do Exército, o general Eduardo Dias da Costa Villas Bôas, que passou parte considerável de sua carreira na Amazônia, fez um discurso exaltando as virtudes de Rondon como soldado e patriota [....] Nenhum discurso foi além de ortodoxos e limitados clichês sobre Rondon, destacando seus feitos como explorador e o pacifismo subjacente a esses esforços, sem mencionar que as exortações de Rondon, especialmente o "morrer se preciso for, matar nunca", haviam sido muito mais ignorados do que observadas na história recente do Mato Grosso e da Amazônia".

É difícil resenhar um excelente livro sobre o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon e não cair na tentação de falar sobre o biografado e não sobre o livro. A maioria de nós conhece alguma parte da história de Rondon: um estado recebeu seu nome, Rondônia (antes território do Guaporé); construção das linhas telegráficas; participação de pesquisadores em suas expedições, como Hoehne e Miranda-Ribeiro; Serviço Nacional do Índio e seu quase mantra "morrer se preciso for, matar nunca" nos primeiros encontros com indígenas; foi atingido por uma flecha em 1913 sendo salvo pela bandoleira de couro de sua espingarda; Expedição Científica Roosevelt -Rondon. Rondon fez tudo isso, mas muito mais. Como relatado na apresentação desta biografia, por qualquer critério: quantidade de expedições, distâncias vencidas, grau de dificuldades e informações coletadas, Rondon foi o maior explorador dos trópicos da história com realizações que superam personagens mais conhecidos, como Sir Richard Francis Burton. Rondon esteve em mais de duas dúzias de expedições pelo isolado norte do Brasil, viajando mais de 40 mil quilômetros a pé, em canoas, a cavalo ou mulas. Além de engenheiro militar, bacharel em matemática e ciências físicas e naturais foi professor de astronomia na escola militar. A comissão Rondon que estava sob seu comando publicou mais de cem artigos científicos, em antropologia, astronomia, botânica, ecologia, etnologia, ictiologia, linguística, metereologia, mineralogia e ornitologia e nenhum outro indivíduo contribui mais com exemplares para o Museu Nacional. Rondon tinha ainda mais interesse pelas populações humanas que pela fauna e flora. Muitos de seus artigos são sobre gramática, sintaxe e vocabulário das línguas dos povos da região. A Comissão Rondon já contava com equipe de filmagem e produzia filmes sobre os povos da Amazônia, documentado

ainda sua música. Em 1925, no Brasil, Albert Einstein, maravilhado pela figura de um general pacifista indicou Rondon para o prêmio Nobel da Paz, a fim de exaltar seus esforços. Quando morreu em 1958, com 92 anos, o presidente da Cruz Vermelha, Léopold Boisser, o saudou como o mais importante apóstolo da não violência nos tempos modernos, desde Gandhi. Rondon foi um dos maiores defensores dos direitos indígenas durante a primeira metade do século XX. Foi diretor-geral do Serviço de Proteção aos Índios cujas atribuições de assistência e proteção aos grupos indígenas, dentro do princípio ao respeito da diversidade cultural, e depois presidiu o Conselho Nacional de Proteção ao Índio e lutou, com os irmãos Villas Boas dentre outros, pelo estabelecimento do Parque Indígena do Xingu.

A primeira coisa que me chamou a atenção em um livro sobre Rondon foi ter sido publicado antes em inglês e, apenas depois, ser traduzido para o Português. Talvez isso diga sobre os interesses das editoras do Brasil que prefiram sempre apostar em um sucesso no estrangeiro para a partir disso resolver investir.

O autor desta biografia, bem traduzida por Cássio de Arantes Leite, Larry Rohter é um conhecido jornalista estadunidense que foi correspondente no Brasil do jornal The New York Times, tendo outros livros publicados. Contando com mais de 500 páginas, incluindo vasta bibliografia, mapas e fotografias está biografia é dividida em quatro partes. Começa, como deve ser toda biografia, com o nascimento e infância do "Marechal da Paz", como seria um dia conhecido Cândido Mariano da Silva, o sobrenome Rondon foi incorporado posteriormente do sobrenome se sua avó materna. As quatro partes são divididas em 26 capítulos. A primeira parte conta com três capítulos, onde são narrados infância, chegada ao Rio de Janeiro para entrada no exército, período em que passou muitas necessidades e seu envolvimento no golpe de 15 de novembro. A parte II, conta com 14 capítulos onde são apresentadas toda sua vida adulta como oficial do exército, suas missões e vida familiar. Parte III, com cinco capítulos, nos apresenta o Rondon maduro, foi promovido a General de Brigada em 1919 aos 54 anos. Ainda plenamente em atividades, mas como não poderia deixar de ser um personagem tão forte e complexo contava com grande apoio e igualmente oposição. O major Bittencourt, escritor e futuro general que lecionava na academia militar escreveu: "Há no seio do exército duas correntes francamente opostas [...] Os partidários do primeiro grupo [...] acham o pacificador dos aborígenes nacionais um lidador de peso e conta, prestando ao país em organização serviços de grande valia e mérito; os formadores do grupo adverso [...] veem no grande brasileiro um servidor comum, cujos esforços seriam perfeitamente recompensados com algumas dezenas de mil-réis a mais. Uns o querem general de brigada ou divisão, respeitado e querido por seus méritos e trabalhos. [...] Outros, mais exigentes ou menos refletidos, o desejam afastado do exército, ignorado e esquecido às fileiras". Suas ações como indigenistas ainda hoje podem ser polêmicas e, talvez a mais contundente, seja de um pesquisador atual da antropologia do Museu Nacional, instituição a qual Rondon sempre teve ligações importantes. A última parte,

com quatro capítulos, trata do período em que vai para a reserva quando passa por uma série de humilhações deliberadas em rápida sucessão. Uma das que mais lhe afetou foi o Serviço Nacional do Índio ter perdido prestígio e ser transformado em uma seção de uma diretoria. Isso equivalia, segundo o militar ligado ao SPI na época, a extinção do órgão. Todavia, privado de suas atividades de comando pôde devotar seu tempo a atividades científicas. Ele continuava bem-vindo ao Museu Nacional, onde seu amigo Roquette-Pinto foi diretor. Além disso, há nesta biografia um epílogo, com a qual iniciei está resenha.

O livro está muito bem impresso, com formato e papel agradáveis a leitura. Da mesma forma o tamanho da fonte é igualmente agradável a leitura. As 25 fotografias em preto e branco não estão impressas em papel especial, mas no geral tem entre boa a razoável nitidez. O detalhamento e profundida do texto são excelentes , ao menos para mim, um quase ignorante na vida deste grande personagem brasileiro (ainda que com apenas 1.60 cm de altura!), e não tem como não se admirar com a obra do Marechal Rondon. Como zoólogo não há como não ficar maravilhado e até mesmo tenso com as agruras que passaram Rondon, soldados, pesquisadores e todo o pessoal que o acompanhou. Não falta nada nestas aventuras: fome, cansaço, ataque de indigenas, inclusive com flechadas (sem que houvesse contra ataque!) e coleta de material científico. A expedição mais conhecida é a com o Roosevelt, onde passaram todo tipo de privação pelo Rio da Dúvida, depois renomeado como Rio Roosevelt. Realmente este foi o melhor livro de não ficção que li em 2019 e recomendo fortemente a todos que se interessam por viagens de naturalistas, zoólogos e antropólogos. Na verdade, creio que todo brasileiro se beneficiária da leitura desta excelente biografia.

Mas se Rondon foi capaz de feitos tão excepcionais, por que é quase desconhecido no mundo? Talvez isso possa ser respondido por uma única palavra que denota uma das maiores, ou a maior, chaga humana: racismo. Seguramente o racismo e o preconceito não eram menores que nos dias hoje. Ainda em 1930, por exemplo, The New York Times ainda se referia a Rondon como o "guia nativo do Coronel Roosevelt" (está claro que o sucesso e mesmo a sobrevivência de Roosevelt se deve a Rondon. Sim, por pouco que Roosevelt não morreu!). Além de origem indígena, era órfão, nascido na pobreza e no interior do Brasil, onde um simples ensino básico era difícil de obter. Uma simples foto de Rondon mostra que ele não atende ao estereótipo de grande explorador cultivada pelo mundo anglo-saxão, com cor e feições típicas de um indigena sul-americano. Seu pai, Cândido Mariano da Silva, um mascate de ascendência europeia e indígena, também com sangue africano que morreu apenas cinco meses após o nascimento de Rondon. Sua mãe, Claudina Maria de Freitas Evangelista tinha como ancestrais dois dos principais grupos indígenas do centro de Mato Grosso: Bororo e Terena. Neste excelente livro temos a oportunidade de vislumbrar o período, as lutas, sucessos e idiossincrasias deste brasileiro que nos enche de orgulho.

Enfim, termino por onde comecei, o epílogo desta biografia. O autor menciona a eleição presidencial brasileira de 2018 indicando um

futuro sombrio para as populações indígenas. Mas o autor ainda nos lembra de duas falas de personalidades do poder. Pergunta o General Heleno Ribeiro Pereira, quando era comandante militar da região amazônica: "como um brasileiro não pode entrar numa terra porque é terra indígena?" ou o "General Mário Matheus Madureira, ex-comandante da 10 brigada de Infantaria de Selva que afirma que a demarcação de grandes porções de terra para grupos indígenas e reserva ecológicas pode inviabilizar o desenvolvimento econômico do estado".

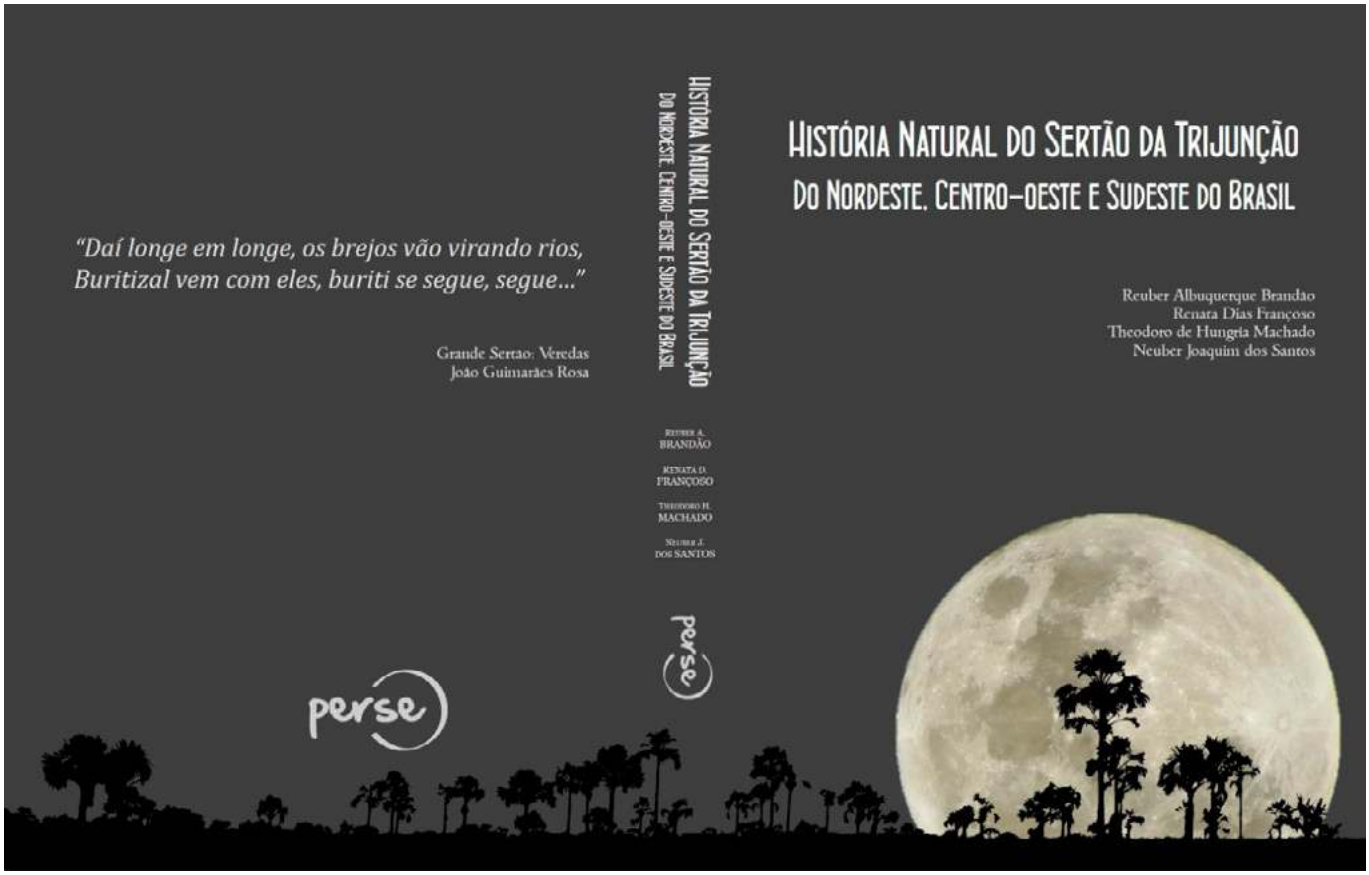
Embora as homenagens devidas tenham sido prestadas em 2005 aos 150 anos de nascimento do Marechal Candido Rondon pelo estado de Mato Grosso e pelo exército, está claro que eles não entenderam quem foi o personagem que estavam homenageando.

Editor: Délio Baêta

Reuber Albuquerque Brandão, Renata Dias Françoso, Theodoro de Hungria Machado, Neuber Joaquim dos Santos (Orgs.) 2020. História Natural do Sertão da Trijunção do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil. PerSe, São Paulo. Ebook.

Délio Baêta

Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 20940-040 Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
deliobaeta@gmail.com



A região do Sertão da Trijunção, compreende uma fascinante região do Cerrado no marco de encontro entre os estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais, que abrange propriedades privadas e Unidades de Conservação com diferentes categorias, incluindo o Parque Nacional do Grande Sertão Veredas. O livro "História Natural do Sertão da Trijunção do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil", é focado na história natural e está organizado em onze capítulos que descrevem aspectos da história, fauna, flora, geologia e geografia desta região. Préviamente aos capítulos são apresentados os prefácios bilíngues (inglês e português) de autoria de James A Ratter (*Royal Botanic Garden Edinburg*) e John N. Landers (*Order of British Empire*), que trazem uma bela apresentação da região do Sertão da Trijunção; seguido de um prólogo "Bem vindo ao cerrado dos Sertões da Trijunção", onde os organizadores compartilham suas experiências e memórias sobre a a região do Sertão do Trijunção, convidando os leitores a mergulhar nesta fascinante região de Cerrado. Antes de iniciar os capítulos, os autores deixam uma bela homenagem a Judith Cortesão, ambientalista, pesquisadora e educadora.

A obra inicia com uma concisa e ao mesmo tempo detalhada apresentação histórico-biogeográfica da região do Trijunção: 'Caminhando pelo sertão da Trijunção dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Goiás'. De autoria de Theodoro H. Machado, o capítulo 1 introduz ao leitor a importância desta área de confluência entre os estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais como ponto de passagem de diversas expedições, viajantes e autoridades da coroa portuguesa que se dirigiam para os sertões, regiões ainda não exploradas no interior do território. Seguindo a apresentação da região, somo contextualizados no capítulo 2 (A região do Trijunção no contexto do Bioma Cerrado), de autoria de Renata Françoso e Reuber Brandão sobre as características do Cerrado da região (*e.g.* precipitação e temperatura média), indicando as diferentes categorias de Unidades de Conservação presentes na região. Já neste capítulo é feito um importante alerta sobre a diminuição do lençol freático da região, fato preocupante que tem se tornado comum a diversas regiões do Cerrado.

A partir do capítulo 3, estendendo até o capítulo 9, iniciam-se as detalhadas descrições sobre a flora e fauna da região, começando com a 'Caracterização florística e potencial de uso as espécies vasculares ocorrentes na região do Trijunção', de autoria de José Felipe Ribeiro e colaboradores. Neste capítulo são apresentados as fitosionomias presentes na região bem como uma extensa lista de espécies, indicando seu hábito e habitat. Os autores também resumem em uma tabela (págs. 80-84) as informações sobre o uso econômico e sustentável para algumas espécies botânicas ocorrentes na região, abrangendo diversos usos, como por exemplo plantas alimentícias, apícolas, condimentares, artesanato, medicinais, têxteis, etc.

Já os capítulos 4 a 6 apresentam um panorama da herpetofauna presente da região do sertão da Trijunção. O capítulo 4, 'Anfíbios da Trijunção dos Estados da Bahia, Goiás e Minas, e do Parque Nacional Grande Sertão Veredas', de autoria de Reuber Brandão, Paula Leão e Leonardo Gedraite, abordada aspectos

introdutórios sobre os anfíbios e sua relação com o Cerrado, além dos ambientes de ocorrência das espécies na região do Trijunção e do PARNA Grande Sertão Veredas. A diversidade de anfíbios encontrada na região é grande para o Cerrado (47 spp.), e corresponde a aproximadamente um quarto das espécies registradas para este bioma (220 spp.) indicando a importância desta região em relação ao bioma como um todo. Esta importância também é evidenciada pela presença de anuros que ainda necessitam de confirmação quanto a sua identidade específica, e pela descrição de *Rhinella veredas* (Brandão, Maciel & Sebben, 2007), que tem sua localidade tipo na Fazenda Trijunção (atualmente PARNA Grande Sertão Veredas). Para cada espécie de anfíbios registradas os autores incluem as informações sobre o registro na região, distribuição geográfica, história natural e *status* de conservação.

O capítulo 5, 'Répteis da Trijunção e o Itinerário de Spix e Martius entre o São Francisco e o Vão do Paranã' de autoria de Guarino Colli, Frederico França, Daniel Mesquita e Davi Pantoja aborda o itinerário da expedição dos naturalistas Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius (1871-1820) e sua passagem pelo região do Trijunção em destino a Bahia. Este capítulo, juntamente com o capítulo 1, prendeu minha atenção, devido aos aspectos históricos abordados. Através do levantamento de localidades citadas por Spix e Martius e sua atualização com os nomes atualmente empregados, os autores deste capítulo confirmam a passagem de Spix e Martius pelo Vão do Paranã e Carinhanha, pernoitando nas cabeceiras do Juqueri, região onde hoje se encontra a Trijunção. A passagem destes naturalistas pela região resultou na coleta de uma espécie de cágado no rio Carinhanha sendo posteriormente descrita por Schweigger como *Phrynophus geoffroanus* (Schweigger, 1812). O exemplar ainda se encontra (hoje um casco) na seção de herpetologia do Museu de Munique, Alemanha. Assim como para outros grupos de fauna e flora, os autores indicam a importância da região para a conservação do Cerrado, evidenciada pela descrição de duas espécie de lagartos endêmicas da região: *Stenocercus quinarius* (Nogueira & Rodrigues, 2006) e *Psilopus seductus* (Rodrigues *et al.* 2017) para o PARNA Grande Sertão Veredas.

Os autores registraram 48 espécie de répteis na Fazenda Trijunção o que corresponde a 50% das espécies conhecidas para a região, sendo algumas delas registradas somente para a a fazenda. Além disto, o levantamento também evidenciou a existência de uma nova espécie de lagarto do gênero *Tropidurus*, e registrou *Phalostris labiomaculatus*, serpente endêmica para o Cerrado conhecida somente de poucos exemplares provenientes de algumas localidades na divisa dos estados de Tocantins e Maranhão. Quando consideram a Fazenda Trijunção e a região do entorno, os autores indicam uma riqueza de 100 espécies de répteis, com diferentes graus de endemismos de espécies para o Cerrado (33%) e Caatinga (4%). Os autores também apresentam comentários e atualizam os registros de répteis para região, finalizando com a importância dos répteis da região para compreensão dos processos biogeográficos que atuam no Cerrado e Caatinga.

O capítulo 6, 'História natural do jacaré-paguá (*Paleosuchus palpebrosus*), o pequeno notável das veredas dos sertões da Trijunção, entre Bahia, Goiás, e Minas Gerais' de autoria de Beatriz Vasconcelos, José Marcos Abreu e Reuber Brandão finaliza a temática herpetofauna trazendo informações sobre a história natural do jacaré-paguá. Seguindo os capítulos anteriores a introdução apresenta os dados relativos à história natural, conservação e impacto antrópicos nas populações deste jacaré. Tendo como objeto de estudo uma população de jacarés-paguá, presentes na Lagoa do Formoso, foi avaliado o tamanho corporal, dieta, oferta de recursos alimentares, microhabitats disponíveis e utilizados, e densidade da população desta espécie. Os resultados obtidos mostraram uma semelhança com outras populações do jacaré-paguá, e somaram informações para a ecologia, conservação e manejo desta.

O capítulo 7, 'Avifauna do Trijunção: as aves do Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa' é de autoria de Marcelo Bagno, Tarcísio Abreu e Vivian Braz. Este capítulo apresenta um extenso inventário da avifauna presente na região do Trijunção e na parte baiana do PARNA Grande Sertão Veredas. Realizado em 12 pontos amostrais entre os anos 2000 e 2002, o inventário listou 219 espécies, incluindo espécies consideradas ameaças de extinção de acordo com lista oficial de espécies brasileiras ameaçadas de extinção, e de acordo com a lista de espécies ameaçadas do Estado de Minas Gerais. Também foram registradas espécies ameaçadas a nível mundial de acordo com os critérios da União Internacional para a Conservação da Natureza (International Union for Conservation of Nature -IUCN). A composição da avifauna apresentou uma predominância por espécies do Cerrado, com grande predominância das espécies endêmicas deste bioma que estão associadas principalmente a ambientes campestres (14 de 33 espécies). Apesar da grande diversidade de aves com uma grande distribuição geográfica, a maior parte delas correspondeu a espécies associadas a "Diagonal Seca da América do Sul" (Biomas da Caatinga, Cerrado e Chaco), no entanto espécies associadas aos biomas da Amazônia e Mata Atlântica também foram registradas. Todos os registros são muito bem detalhados e discutidos ao longo do texto, comparando os resultados do inventário da avifauna da Trijunção entre as fitofisionomias da região, bem como com inventários de outras regiões. O capítulo é finalizado com uma detalhada discussão biogeográfica sobre a avifauna do Trijunção, enfocando principalmente aspectos de conservação.

Os capítulos 8 e 9 apresentam a fauna de mamíferos de pequeno, médio e grande porte do Sertão da Trijunção. O capítulo 8, 'Pequenos mamíferos da Trijunção, leste do Cerrado', de autoria de Cibele Boncicino e colaboradores traz uma lista de 19 espécies de pequenos mamíferos ocorrentes na região. Para todas as espécies são apresentados dados referentes a história natural e distribuição, além de incluírem um mapa de distribuição no Brasil, e uma foto da espécie acompanhada do nome científico e popular. Já o capítulo 9, 'Os mamíferos de médio e grande porte da região do Trijunção, com observações sobre pequenos mamíferos' é de autoria de Marcelo Reis, Carolina Lobo, Keiko Pellizzaro e Reuber Bran-

dão, apresenta os resultados de inventários rápidos da biodiversidade de mamíferos da região. Esta amostragem rápida registrou 48 espécies de mamíferos entre capturas, observações diretas e indiretas.

Os dois últimos capítulos são focados no ciclo das águas e uso do solo da região do Trijunção. O capítulo 10, 'O ciclo das águas na região da tríplice junção dos estados de Goiás, Minas Gerais e Bahia' é de autoria de Maria Teresa Gaspar e de José Elói Campos. Os autores abordam a importância do ciclo das águas para o estabelecimento de uma 'fauna e flora exuberantes' na região do sertão (nas palavras dos autores). De forma didática, os autores incluem no texto informações sobre conceitos e definições ao explicarem o ciclo das águas da região, fundamental para a compreensão do tema abordado no capítulo. Os autores finalizam o capítulo apresentando bases e subsídios para a gestão de forma sustentável dos recursos hídricos da região, já que, apesar da presença de unidades de conservação na região, a Trijunção já sofre com os impactos na alteração do ciclo das águas.

O capítulo 11 (Uso e cobertura da Terra no sudoeste da Bahia, municípios de Cocos e Jaborandi) de autoria de Eraldo Matricardi, Ana Beatriz Ferreira e José Pires analisa o uso do solo nestes municípios em relação a qualidade ambiental da região. Os autores copilaram dados do uso e cobertura da terra entre os anos 2000 e 2016 identificando a conversão da vegetação nativa para uso antrópico do solo, o que ocasionou a fragmentação dos habitats nestes municípios. Este capítulo, focado nos municípios baianos, traz um alerta para a pressão exercita para o uso do solo em atividades antrópicas.

De forma geral o livro é muito bem ilustrado e diagramado, com textos de fácil leitura sem uso excesso de termos técnicos que desencorajam a leitura por quem não é familiarizado. Mesmo quando utilizados, estes termos são muito bem explicados. Apesar do cuidado com a obra há pequenos problemas na diagramação, alguns subtítulos ficaram deslocados em relação ao texto que se referem, como por exemplo nas páginas 78 e 108 onde os subtítulos 'Alternativa de Uso, e Zoneamento' e '*Ololygon* cf. *skaios* Pombal Jr., Carvalho Jr., Canelas & Bastos 2010' (respectivamente) ficaram no fim da página longe do texto a que se referem. No entanto isto não prejudica a leitura da obra.

As fotos e ilustrações da região do sertão da Trijunção são um espetáculo à parte, e despertam a vontade de conhecer e vivenciar esta região. A obra 'História Natural do Sertão da Trijunção do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil' reflete o cuidado e a dedicação de todos os envolvidos neste projeto ao longo dos anos. É um livro para ser apreciado.

Editor:José P. Pombal Jr

Notas de História Natural & Distribuição Geográfica

MORE THAN ONE PATH TO SUCESS: AN ALTERNATIVE STRATEGY FOR *PHYSALAEMUS ATLANTICUS* (AMPHIBIA; LEPTODACTYLIDAE) LARVAL DEVELOPMENT.

Rafael Mitsuo Tanaka, Mariana Pedrozo, Edelcio Muscat*

Projeto Dacnis, Estrada do Rio Escuro, 4754, Sertão das Cotias, 11680-000, Ubatuba, SP, Brazil.
Corresponding author: *edelciomuscat@terra.com.br*

The order Anura currently comprises 39 described reproductive modes, of which 27 are found in the Atlantic Forest (Haddad & Prado 2005). However, little is known about some basic aspects of reproductive biology (Hartmann *et al.* 2010). For instance, data about the duration of larval development and the influence of environmental parameters in this process remain scarce (Hartmann *et al.* 2010). Herein we describe our observations on larval development and a new reproductive mode for the Atlantic Forest endemic species *Physalaemus atlanticus* Haddad & Sazima, 2004.

Physalaemus atlanticus is a small frog whose type locality is Núcleo Picinguaba, municipality of Ubatuba, São Paulo state, Brazil (Haddad & Sazima, 2004). This species is part of the *P. signifier* species group (Haddad & Sazima, 2004) and is listed as vulnerable, according to IUCN Red list criteria (Cox and Stuart, 2004). The species can be distinguished from other *Physalaemus* species by its morphological features, such as a smooth to slightly rugose dorsal skin texture and orange belly in life, and also by its advertisement call, with a duration of 0.6–0.84 s and a frequency between 0.9–1.8 kHz. *Physalaemus atlanticus* lays its eggs on a foam nest either in leaf litter or in small temporary puddles (Hartmann *et al.* 2010), defined by Haddad & Prado (2005) as mode 28 and 11, respectively.

The study took place in the municipality of Ubatuba (-23.4620, -45.1453; WGS 84; 14m asl), São Paulo state, Brazil. The study area encompasses 161.3 ha and is a private reserve belonging to

Projeto Dacnis (PD), a non-profit organization. The mean annual precipitation varies from 2000mm to 2500mm. The hot and wet season runs from the end of November to March.

Physalaemus atlanticus is the only species of the genus that occurs in the PD reserve and uses a foam nest as reproductive strategy. We confirmed our identification based on the morphological characteristics of adults found in the spawning area (Fig. 1), by the advertisement call, and by the imagoes observed.

We monitored the area daily between October 2014 and January 2015, and recorded the stages in the development of the tadpoles. For the description of anuran embryos and larvae development stages, we followed Gosner (1960). We collected some environmental data, including water pH (using the Macherey-Nagel system) and water temperature (Thermofocus model 01500/A3).

Advertisement calls were recorded using a Zoom H2n Handy recorder. We deposited the recording at Fonoteca Neotropical Jacques Vielliard (FNJV), Museu de Zoologia "Prof. Adão José Cardoso", Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, Brazil (FNJV-45024).

On 3 November 2014, we found a *P. atlanticus* foam nest in a water-filled bract of the palm *Syagrus botryophora* on the forest floor (Fig. 2A and 2B). On 25 November 2014, we recorded 16 larvae between stages 36-39 (Fig. 2C). On 15 December 2014, we observed four imagoes between stages 42-43 (Figure 2D). On the following day we did not find any imagoes in the area. Forty-two days passed from the day we found the foam nest to the last day we observed the imagoes on the bract. The pH of the water in the bract remained constant at 7.0. The water temperature was 20°C in the morning and 23°C in the late afternoon, and the temperature amplitude remained constant throughout the study.

The observation of oviposition in a leaf bract by *P. atlanticus* is the first record of this species using this mode. When the rain filled the bract with water, it provided an environment with the necessary conditions for the continuity of egg development in a place with potentially fewer predators and competitors. This reproduction strategy is classified as mode 14 by Haddad & Prado (2005), and is already known for other species of the genus *Physalaemus* (e.g. *P. caete* Pombal & Madureira, 1997; *P. erythros* Caramaschi, Feio & Guimarães, 2003; *P.crombiei* Heyer & Wolf, 1989).

On 6 October 2014 we found a *P. atlanticus* foam nest deposited on dry soil. After a few days of precipitation, temporary puddles formed, surround-

ing the foam with water. We observed dozens of tadpoles being released in the water and occupying the temporary puddle surrounding the nest. However, after a few days, the puddle began to dry out and many tadpoles were found dead.

Physalaemus atlanticus may deposit its foam nest on different substrates such as the water surface of rock crevices, anchored to plants or directly on leaf litter near ponds (Haddad & Sazima, 2004; Hartmann *et al*., 2010). This may show, to some extent, a plasticity in foam nest deposition site selection, or may simply be related to the availability of oviposition sites (Taylor, 1962; Schleich, 2002). The species shows a dependence on puddles, formed mainly by precipitation. They provide an ideal aquatic habitat for the larvae before the terrestrial phase begins (Wilbur & Collins, 1973), but they rely on rain to remain constantly full, which can expose the larvae to a high mortality risk or accelerate the metamorphosis process (Newman, 1992). In the case of the bract, the strategy was successful.

Acknowledgements

We would like to thank Elsie Laura Rotenberg for major support, Daniel Stuginski, Ana Helena Stuginski and Matheus de Toledo Moroti for text review, and Ivan Sazima the incentive provided. We also thank the reviewers for helping us to improve the paper.

References

Caramaschi U., Feio R.N., Guimarães-Neto A.S. 2003. A new, brightly colored species of *Physalaemus* (Anura: Leptodactylidae) from Minas Gerais, southeastern Brazil. *Herpetologica* 59:519–524.

Cox N., Stuart S. 2004. *Physalaemus atlanticus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e. T57240A11607388. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57240A11607388.en. Downloaded on 05 June 2020.

Gosner K.L. 1960. A simplified table for staging anuran embryos and larvae with notes on identification. *Herpetologica* 16:183–190.

Haddad C.F.B., Prado C.P.A. 2005. Reproductive modes in frogs and their unexpected diversity in the Atlantic forest of Brazil. *BioScience* 55:207–217.

Haddad C.F.B., Sazima I. 2004. A new species of *Physalaemus* (Amphibia; Leptodactylidae) from the Atlantic forest in southeastern Brazil. *Zootaxa* 479:1–12.

Hartmann M.T., Hartmann P.A., Haddad C.F.B. 2010. Reproductive modes and fecundity of an assemblage of anuran amphibians in the Atlantic rainforest, Brazil. *Iheringia* 100:207–215.

Heyer W.R., Wolf A.J. 1989. *Physalaemus crombiei* (Amphibia: Leptodactylidae), a new frog species from Espírito Santo, Brazil, with comment on the P. signifer group. *Proceedings of the Biological Society of Washington* 102:500–506.

Newman R.A. 1992. Adaptive Plasticity in Amphibian Metamorphosis. *Bioscience* 42: 671–678.

Pombal Jr. J.P., Madureira C.A. 1997. A new species of *Physalaemus* (Anura, Leptodactylidae) from the Atlantic rain forest of northeastern Brazil. *Alytes* 15:105–112.

Schleich H.H. 2002. Amphibians and reptiles of Nepal: biology, systematics, field guide. A.R.G. Gantner Verlag, Ruggell.

Taylor E H. 1962. The amphibian fauna of Thailand. *University of Kansas Science Bulletin* 43:265–499

Wilbur H.M., Collins J.P. 1973. Ecological aspects of amphibian metamorphosis. *Science* 182:1305–1314.

Editora: Carla S. Cassini

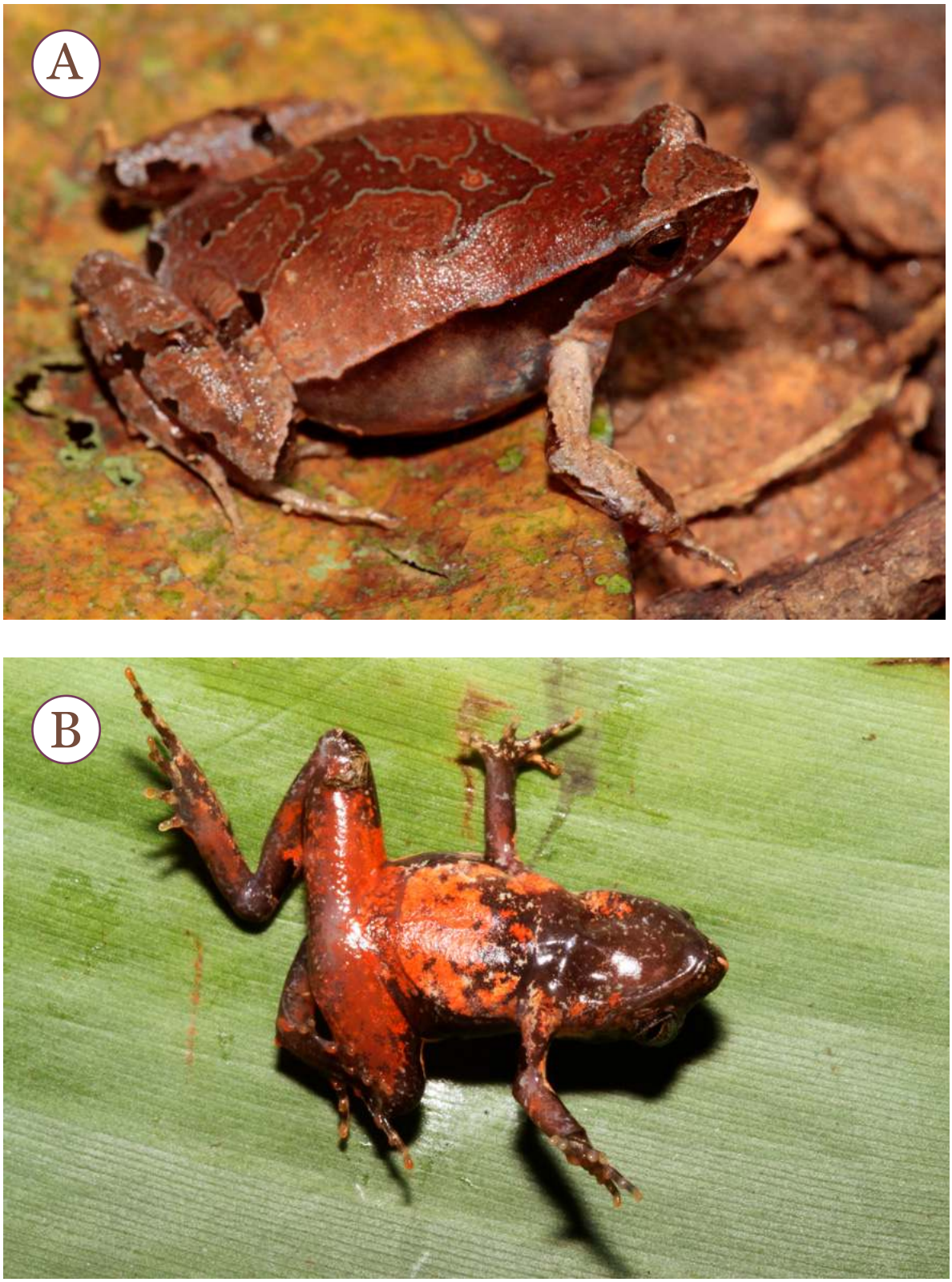


Figura 1. Physalaemus atlanticus individual found in the spawning area, municipality of Ubatuba, São Paulo state, Brazil, on 19 October 2014. A) Dorso-lateral view and B) ventral view. Photos by EM.









Figura 2. Physalaemus atlanticus development stages recorded in the municipality of Ubatuba, São Paulo state, Brazil. A) Foam nest; B) Spawn in a *Syagrus botryophora* bract; C) Tadpole between stages 36-39 and D) Imago recorded in the spawn area. Photos by EM.

ENYALIUS PERDITUS (SQUAMATA: LEIOSAURIDAE): VOMITING AS A DEFENSIVE BEHAVIOR.

António J. R Cruz[1*], Leandro O. Drummond[2], Adriele P. Magalhães[3], Caryne A. C. Braga[4], Maria R. S. Pires[3]

1 Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-910, Belo Horizonte, MG, Brazil.

2 Laboratório de Ciências Ambientais, Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 28013-602, Campos dos Goytacazes, RJ, Brazil.

3 Laboratório de Zoologia dos Vertebrados, Departamento de Evolução, Biodiversidade e Meio Ambiente, Universidade Federal de Ouro Preto, 35400-000, Ouro Preto, MG, Brazil.

4 Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade - NUPEM, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 27965-045, Macaé, RJ, Brazil.

* Corresponding author: *cruzony@gmail.com*

Lizards have many predators, mostly snakes, other lizards, birds, mammals, and invertebrates (mainly arachnids) (Schalk & Cove, 2018). Numerous strategies have evolved to escape this diverse range of predators, including mimicry and camouflage, rapid escape, death feigning, caudal autotomy, tail display and vibration, mouth opening, and gular expansion (Arnold, 1984; Green, 1988; Martins, 1996; Vitt & Caldwell, 2014; Pough *et al.*, 2015). In addition to natural predation pressure, introduction of invasive species (Trompeter & Langkilde, 2011) can lead to a change in the effectiveness of a particular strategy, and changes in behavioral defensive responses.

Enyalius perditus Jackson, 1978 (Squamata, Leiosauridae) is a semi-arboreal lizard endemic to the Atlantic Forest in southeastern and southern Brazil (Jackson, 1978; Rocha *et al.*, 2000; Sturaro & Silva, 2010; Rodrigues *et al.* 2014). It is a diurnal species found in forest leaf litter, exhibiting sexual dimorphism in color and size, and a diet based on invertebrates (Jackson, 1978; Sousa & Cruz, 2008; Sturaro & Silva, 2010; Barreto-Lima & Sousa, 2011; Barreto-Lima *et al.*, 2013).

During fieldwork conducted from January to December 2010 in Serra do Ouro Branco, municipality of Ouro Branco, Minas Gerais, Brazil (20°30′32.91″ S 43°36′30.47″ W; datum SAD 69), we captured 52 specimens of *Enyalius perditus* using active searches and

pitfall traps with drift fences (Cruz *et al.*, 2014), and documented an unusual and unrecorded defense behavior for *Enyalius*. We sexed young specimens by everting the hemipenis, and used a digital caliper to take snout-vent length to 0.01 mm resolution. All captured specimens were deposited in the herpetological collection of the Laboratório de Zoologia dos Vertebrados (LZV), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Minas Gerais. The lizards were collected under permits issued by the Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA-481/06-NUFAS-MG) and Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO-21543-1).

In January 2010, while attempting to photograph a male (LZV-940s) the lizard performed the defensive behavior of mouth opening, hissing and gular expansion before and during handling. Following this behavior, it regurgitated its stomach contents. The second and third vomiting records were made In September 2010, while removing two males (LZV-1038s and LZV-1040s) from a pitfall trap, both exhibited the same vomiting behavior. In October 2010, another male (LZV-1077s) vomited while being transported in a transparent plastic bag.

All regurgitations were preceded by similar defensive behavior (mouth opening, hissing and gular expansion). Analysis of the vomit revealed the presence of beetles (Coleoptera), crickets (Orthoptera) and spiders (Aranae) (Table 1), common prey of *E. perditus* (Sturaro & Silva, 2010; Sousa & Cruz, 2008; Barreto-Lima & Sousa, 2011).

Most sedentary lizards, including *Enyalius*, use camouflage, running, or jumping and running as primary defensive behavior (Rautenberg & Laps, 2010). Previous studies report a wide range of defensive strategies for *Enyalius* when individuals are cornered or handled, such as mouth opening, hissing, biting, tail whipping, death feigning, gular inflation, cloacal discharge, and even physiological color changes (males becoming darker) (Rautenberg & Laps, 2010; Gomides & Sousa, 2011; Silva *et al.*, 2018). During our fieldwork, all these behaviors were also displayed by specimens of *E. perditus* on at least one occasion, except for death feigning and tail whipping, which were not recorded.

Different individuals or populations of a species do not always exhibit the same defensive strategies (Trompeter & Langkild, 2011). Indeed, in a population of *E. perditus* from Juiz de Fora, Minas Gerais (approximately 140 km southeast of Ouro Branco), Gomides & Sousa (2011) reported death feigning in approximately 9% of individuals during handling. None of the 52 individuals handled in Serra do Ouro Branco feigned death, although four adults (8%) regurgitated. Although these records represent a small percentage of

examined specimens, they may suggest differences in defensive response between the two populations.

Acknowledgments

We thank the residents of the Itatiaia community in Serra do Ouro Branco for their receptivity, sympathy and hospitality during the execution of the project and FAPEMIG (Biota Minas) for the financing. We also thank the anonymous reviewers and Henrique C. Costa for pertinent suggestions and critical review of the manuscript.

References

Arnold E.N. 1984. Evolutionary aspects of tail shedding in lizards and their relatives. *Journal of Natural History* 18:127–169.

Barreto-Lima A.F., Sousa B.M. 2011. Feeding ecology and sexual dimorphism of *Enyalius perditus* in an Atlantic forest, Brazil. *Herpetological Bulletin* 118:1–9.

Barreto-Lima A.F., Pires E. O., Sousa B.M. 2013. Activity, foraging mode and micro-habitat use of *Enyalius perditus* (Squamata) in a disturbed Atlantic rainforest in southestern Brazil. *Salamandra* 49:177–185.

Cruz A.J.R., Drummond L. O., Lucena V.D., Magalhães A.P., Braga C.A.C., Rolim J.M., Pires M.R.S.. 2014. Lizard fauna (Squamata, Sauria) from Serra do Ouro Branco, southern Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. *Check List* 10:1290–1299.

Gomides S.C., Sousa B.M. 2011. *Enyalius perditus*: death-feigning. *Herpetological Review* 42:602.

Greene, H.W. 1988. Antipredator mechanisms in Reptiles. Pp. 1–152, in: Gans C., Huey R.B. (Eds.), Biology of the Reptilia, Vol 16. Ecology, defense and life history. Allan R. Liss, New York.

Jackson J.F. 1978. Differentiation in the genera *Enyalius* and *Strobilurus* (Iguanidae): implications for Pleistocene climatic changes in eastern Brazil. *Arquivos de Zoologia* 30:1–79.

Martins M. 1996. Defensive tactics in lizards and snakes: the potential contribution of the Neotropical fauna. *Anais de Etologia* 14:185–199.

Rautenberg R., Laps R.R. 2010. Natural history of the lizard *Enyalius iheringii* (Squamata, Leiosauridae) in southern Brazilian Atlantic forest. *Iheringia* 100:287–290.

Pough F.H., Andrews R.M., Crump M.L., Savitzky A.H., Wells K.D., Brandley M.C. 2015. Herpetology. Sinauer Associates, Sunderland.

Rautenberg R., Laps R.R. 2001. Natural history of the lizard *Enyalius iheringii*

(Squamata, Leiosauridae) in southern Brazilian Atlantic Forest. *Iheringia* 100:287–290.

Rocha C.F.D., Van-Sluys M., Puorto G., Fernandes R., Barros-Filho J.D., Silva R.R.E., Neo F.A., Melgarejo A. 2000. Répteis. Pp. 79–87, in: Bergallo H.G., Rocha C.F.D., Alves M.A.S., Van-Sluys M. (Eds.), A Fauna Ameaçada de Extinção do Estado do Rio de Janeiro. Editora UERJ, Rio de Janeiro.

Rodrigues M.T., Bertolotto C.E.V., Amaro R.C., Yonenaga-Yassuda Y., Freire E.M.X., Pellegrino K.C.M. 2014. Molecular phylogeny, species limits, and biogeography of the Brazilian endemic lizard genus *Enyalius* (Squamata: Leiosauridae): An example of the historical relationship between Atlantic Forests and Amazonia. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 81:137–146.

Schalk C.M., Cove. M.V. 2018. Squamates as prey: Predator diversity patterns and predator-prey size relationships. *Food Webs* 16:1–4.

Silva M.A., Hudson A.A., Souza B.M. 2018. *Enyalius bilineatus* (Two-lined fat-headed Anole). Defensive behavior. *Herpetological Review* 49:742.

Sousa B.M., Cruz C.A.G. 2008. Hábitos alimentares em *Enyalius perditus* (Squamata, Leiosauridae) no Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais. *Iheringia* 98:260–265.

Sturaro M.J., Silva V.X. 2010. Natural history of the lizard *Enyalius perditus* (Squamata: Leiosauridae) from an Atlantic forest remnant in southeastern Brazil. *Journal of Natural History* 44:1225–1238.

Trompeter W.P., Langkilde T. 2011. Invader danger: Lizards faced with novel predators exhibit an altered behavioral response to stress. *Hormones and Behavior* 60:152–158.

Vitt L.J., Caldwell J.P. 2014. Defense and Escape. Pp. 319–351, in: Vitt L.J., Caldwell J.P. (Eds.), Herpetology: An Introductory Biology of Amphibians and Reptiles. Academic Press, London/Waltham/San Diego.

Editor: Henrique C. Costa

Table 1. Individuals of *Enyalius perditus* that regurgitated while/after handling in Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brazil.

SVL = snout-vent length; M = male; F = female.

Collection number	SVL (mm)	Sex	Regurgitated content	Local coordinates
LZV- 940s	75.95	M	Aranae; Orthoptera	20°29′35.13″S, 43°36′24.17″ W
LZV- 1038s	64.89	M	Aranae; Coleoptera	20°29′45.00″S, 43°35′48.53″ W
LZV- 1040s	75.97	M	Aranae	20°29′37.08″S, 43°36′25.55″ W
LZV- 1077s	78.98	F	Coleoptera	20°29′37.08″S, 43°36′25.55″ W

THAMNODYNASTES STRIGATUS (GÜNTHER, 1858) (SERPENTES, DIPSADIDAE): FORAGING SITE FIDELITY

Ana Helena Pagotto, Daniel Rodrigues Stuginski, Edelcio Muscat*

Projeto Dacnis, Estrada do Rio Escuro, 4754, Sertão das Cotias, 11680-000, Ubatuba, SP, Brazil.
* Corresponding author: edelciomuscat@terra.com.br

Like many other taxa, snakes have home ranges where they perform daily activities like foraging, breeding, thermoregulating and resting (Macartney *et al.*, 1988; Powell *et al.*, 2000). Although home ranges can differ seasonally and/or depend on the species and sex (Hyslop *et al.*, 2009; Breininger *et al.*, 2011), snakes generally remain within their home ranges, and even philopatry has already been reported for some species (Brischoux *et al.*, 2009). In recent decades, long-term mark-recapture studies and the use of radio-telemetry have provided an increasing amount of data about home ranges, movement and habitat use (Webb & Shine, 1997; Dorcas & Willson, 2009), and there is now a much more fine-scale comprehension of how snakes use their habitats. It is now known that they exhibit site fidelity, using the same spots within their home range repeatedly to perform various activities (Madsen & Shine, 1996; Moore & Gillingham, 2006). Site fidelity can occur for short periods or for years, restricted to small areas (e.g., a burrow used as shelter) or large (e.g., extensive hunting grounds) within a snake's home range (Madsen & Shine, 1996; Webb & Shine, 1997).

Site fidelity was reported for some species in the Northern Hemisphere that use the same den site for hibernation, sometimes travelling great distances (Burger & Zappalorti, 1992; Gomez *et al.*, 2015). Sea snakes, such as *Laticauda colubrina* (Schneider, 1799), have long-term egg-laying site fidelity (Brischoux *et al.*, 2009). Whitaker & Shine (2003) reported the daily use of a shelter site by the same individual of *Pseudonaja textilis* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854). These authors reported snakes traveling more than 800 m from their hunting grounds to the same retreat site daily. One explanation for site fidelity is linked to the fact that habitats are complex and heterogeneous, with some sites offering better feeding opportunities, protection against predators, and more favorable thermal and hydric microenvironments (Du *et al.*, 2009). It is expected that snakes use some sites within their home range more frequently because of the need of a particular resource.

Food is a resource that can be highly variable across the landscape. Such variability may also be seasonal, and prey abundance can differ spatial-

ly and temporally (Madsen & Shine, 1996; Cundall & Pattishall, 2011). The Foraging Theory predicts that animals increase their energetic gain by decreasing the time and energy spent searching for food (Stephens & Krebs, 1986). Thus, if a site presents food abundance or any hunting advantage, some degree of site fidelity by predators is expected. Foraging site fidelity has been reported for snakes, and they used specific hunting grounds repeatedly, in both foraging modes (sit-and-wait ambushers and active searching) (Puente-Rolón & Bird-Picó, 2004; Sazima & Marques, 2007). The ambush-hunting snake *Chilabothrus inornatus* (Reinhardt, 1843), in Puerto Rico, used the entrance of one cave to hunt bats, returning to the same point regularly (Puente-Rolón & Bird-Picó, 2004). Sazima & Marques (2007) observed a specimen of the active-searching *Philodryas olfersii* (Lichtenstein, 1823) revisiting a successful bird-hunting site for nine months. The authors recorded the same snake hunting birds in the same tree five times (three of which were successful) and suggested that this foraging site fidelity could be linked to a snake's learning process. In the present manuscript, we report similar foraging site fidelity during two consecutive years, by *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858), a snake species that usually hunts by active searching (Bernarde *et al.*, 2000b; but see Mario-da-Rosa *et al.* [2020], who monitored specimens relying exclusively on ambush hunting).

Thamnodynastes strigatus is a nocturnal, viviparous and opisthoglyphous xenodontine (Marques *et al.*, 2001; Zaher *et al.*, 2019). The species occurs in Argentina, Paraguay, Uruguay, and Brazil. In Brazil, *T. strigatus* occurs in the southeastern and southern Atlantic Forest, the Pampa and the Cerrado (Nogueira *et al.*, 2019). The species can be locally abundant: Zanella & Cechin (2006) found *T. strigatus* to be the most common snake in the Planalto Médio of the state of Rio Grande do Sul. Specimens seem to use swampy areas frequently, searching for food on the ground and in vegetation (Bernarde *et al.*, 2000a,b).

The diet of *T. strigatus* consists of anurans, fish, mammals, and reptiles. Anurans of the families Leptodactylidae, Odontophrynidae, Bufonidae and Hylidae represent the major part of the diet in some populations of *T. strigatus* (Bernarde *et al.*, 2000a; Ruffato *et al.*, 2003). The species may be considered an anuran specialist that occasionally feeds on other prey, although some populations seem to be highly specialized in eating fish (Mario-da-Rosa *et al.*, 2020).

On 12 November 2018, we recorded a specimen of *T. strigatus*, SVL 390 mm, foraging on the lower branches of a tree in the Projeto Dacnis private reserve (22°53′44.7″ S, 45°56′29.4″ W), São Francisco Xavier subdistrict, munic-

ipality of São José dos Campos, state of São Paulo, Brazil. Identification was based on the following morphological features: dorsal scales smooth, in 19 rows at midbody, and infralabial scales with dark markings that taper ventrally (Franco & Ferreira, 2003). The tree stands on the edge of a swamp area and near an artificial pond. Approximately 20 frog species use the pond and swamp area as breeding sites, and at least five treefrog species use this tree as a calling site: *Boana faber* (Wied, 1821), *Dendropsophus minutus* (Peters, 1872), *Scinax eurydice* (Bokermann, 1968), *Scinax* aff. *perereca*, and *Scinax crospedospilus* (Lutz, 1925). During this first encounter, we observed the snake hunting for one hour, without success in capturing prey. We returned to the same tree ten times over the next 17 nights.

During eight of these nights we identified the same individual of *T. strigatus* foraging for frogs on low tree branches. We recognized this individual by the following characters: the third and fourth brown bars of the left supralabial scales in contact on the upper edge; the fifth and sixth brown bars on the distal portion of the fifth and sixth supralabials not reaching the upper margin of those scales; the fourth left supralabial brownish bar with an inverted "L" shape; the lower portion of the left postocular dark stripe narrows markedly at the distal margin of the last supralabial scale; prefrontal and internasal scales have a V-shaped brownish blotch; a dark-bordered circular mark on the left supraocular and frontal scale forms a complete circle, in contrast with the right side, where the circle is interrupted on the rostral part of the frontal scale (Figure 1).

In our sixth encounter, we inadvertently surprised a specimen of *S.* aff. *perereca* (SVL approximately 40 mm) that jumped near the *T. strigatus*. The snake grasped the frog and started eating it immediately (Figure 2). The frog appeared to have been envenomated because it did not react vigorously, but remained motionless for most of the ingestion process, similar to the findings of Bernarde *et al.* (2000a). The feeding event lasted at most five minutes, and after that the snake moved along the branches to the trunk of the tree. The last date on which we found the snake on the tree, 29 November 2018, was coincident with a decrease in the calling activity of *Scinax*.

During the monitoring period, we found four more specimens of *T. strigatus* foraging at the swamp area, and also other snake species (*Bothrops*

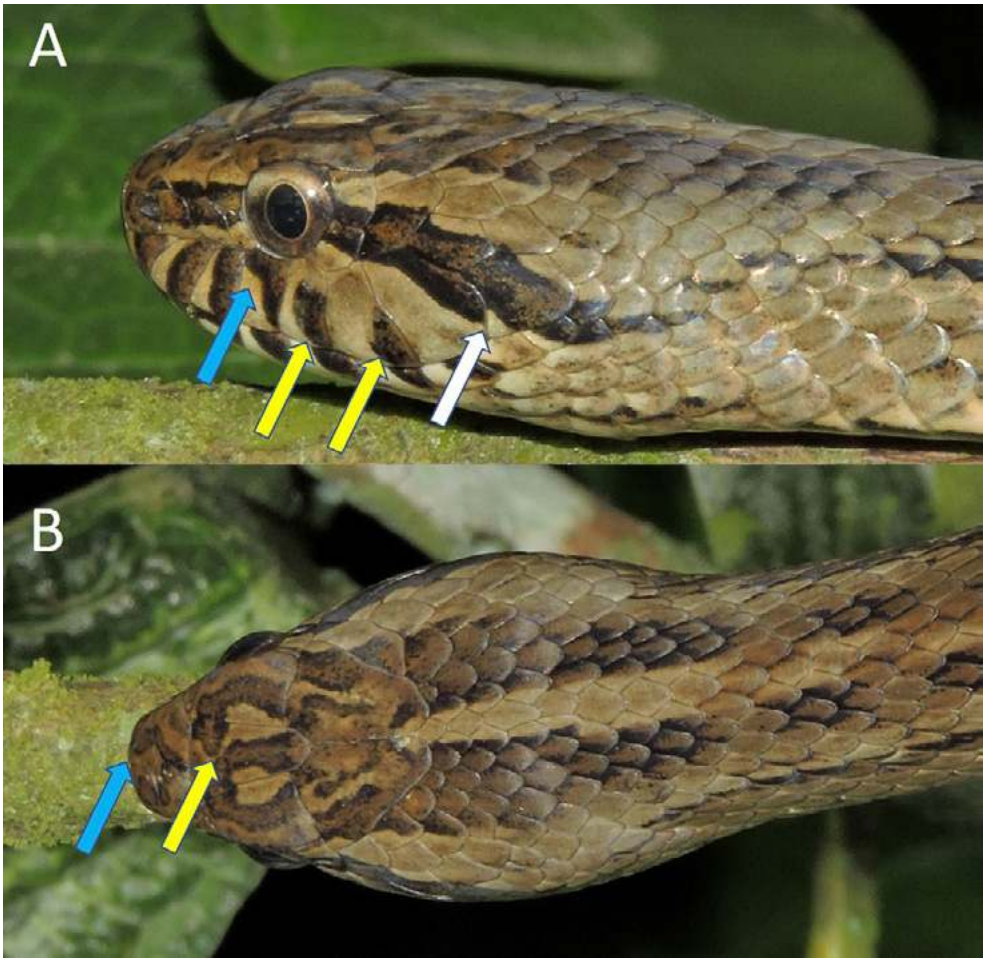


Figura 1. Morphological features used to recognize the *Thamnodynastes strigatus* individual. (A) Third and fourth brownish bars on the left supralabial scales in contact at the upper edge of the scales. The fourth left supralabial brownish bar forms an inverted "L" shape (blue arrow). Fifth and sixth brownish labial bars are short, not reaching the upper edge of the scales and are only at the distal portion of the scale (yellow arrows). Lower portion of the left postocular dark stripe narrows at the distal margin of the last supralabial scale (white arrow). (B) Prefrontal and internasal scales have a V-shaped brownish blotch (blue arrow). On the portion formed by the frontal and scales there is a pair of dark-bordered ocelli, but the border of the right ocellus is interrupted at the rostral portion of the frontal scale (yellow arrow). Both pictures were taken in 2019.



Figura 2. Thamnodynastes strigatus feeding on *Scinax* aff. *perereca*, on 22 November 2018.

jararaca (Wied, 1824), *Oxyrhopus guibei* (Hoge & Romano, 1977), and *Dipsas neuwiedi* (Ihering, 1911), but no snake other than this specimen of *T. strigatus* on this particular tree. We kept monitoring the area, searching the tree thoroughly, twice a week for 12 months, but found no more snakes.

In early November 2019 we detected a number of *S.* aff. *perereca* and *S. crospedospilus* using the same tree as a calling site. On 20 November 2019, during one of our regular field surveys, we found a specimen of *T. strigatus* on the tree. A comparison of photos taken in 2018 and on this night showed that it was the same individual we had monitored in the previous year. The snake was resting on tree branches approximately 1 m above ground. During the encounter we noticed that the stomach area was distended, suggesting recent ingestion of prey.

This is the first report of foraging site fidelity for a *Thamnodynastes* species and the second long-term foraging site fidelity reported for a Brazilian species (Sazima & Marques, 2007). The relationship between snake presence on that tree and anuran calling activity, especially *Scinax* spp. suggests a resource-based foraging site fidelity instead of random use of the space. It is clear to us that this snake used the same foraging site while prey abundance was high, but when resources decreased it moved from this area, returning after 12 months, when resources were abundant again.

Frogs were abundant in all swamp areas and we also found other snakes, including more specimens of *T. strigatus*, foraging in the swamp and around the pond. Despite searching the swamp area thoroughly, we only saw this individual when it was on the tree,

never elsewhere. Foraging site fidelity by active-hunting snakes was previously reported in *P. olfersii*, a semi-arboreal and diurnal Xenodontine species (Sazima & Marques, 2007). Similarly to *P. olfersii*, *T. strigatus* feeds on a wide range of taxa, although some populations show a strong predilection for frogs (Bernarde *et al.*, 2000a; Ruffato *et al.*, 2003) or even fish (Mario-da-Rosa *et al.*, 2020). Based on the analysis of the stomach contents of 44 *T. strigatus*, Bernarde *et al.* (2000a) hypothesized that most foraging activity occurred on the ground and at water level, but they also suggested the use of the arboreal stratum as a foraging site for the species. These authors noted that *Scinax* was the most frequent frog genus in the stomach contents, accounting for over 40% of the preyed frogs.

In our sampled area, frogs were present in the entire swamp, but we do not know if frog abundance was greater near the tree than in other areas. Some *Scinax* used this tree as a calling site but not as a breeding site, since all *Scinax* species observed in our field surveys breed in flooded areas (Haddad & Prado, 2005). The choice of a specific tree as the snake's main foraging area seems to be directly related to the abundance of prey on it. It is relevant that there were other frog species that are regularly consumed by *T. strigatus* in the studied area (Ruffato *et al.*, 2003). So, it is possible that the site fidelity we report is related not only to frog abundance but specifically to *Scinax* abundance on that tree. Furthermore, Bernarde *et al.* (2000b) suggested that *T. strigatus* hunts by visual orientation based on frog movement, and that the snake is less prone to detect frogs that remain quiet and motionless. As most frogs on the tree were males in high calling activity and its branches were diffuse and easily accessible, the snake could gain some advantage by performing a visually oriented search at this foraging site.

The snake's return to the same hunting spot after one year is surprising and reinforces that snakes may exhibit strong site fidelity related to their feeding grounds (Sazima & Marques, 2007). Long-term site fidelity was also reported for other snake activities, e.g., breeding or hibernating (Brischoux *et al.* 2009, Gomez *et al.*, 2015), but less frequently for foraging. We still do not know if this foraging site fidelity occurs in different snake species and how they maintain this fidelity. It is possible that such long-term foraging site fidelity is guided exclusively by chemical cues of prey congregating seasonally at the same site but learning and memory processes cannot be discarded as leading forces in foraging site fidelity by snakes (Sazima & Marques, 2007).

Acknowledgments

We thank Matheus de Toledo Moroti for the 2019 photographs and Elsie Laura Rotenberg for all the help with this manuscript.

References

Bernarde P.S., Moura-Leite J.C., Machado R.A., Kokobum M.N.C. 2000a. Diet of the colubrid snake, *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858) from Paraná state, Brazil, with field notes on anuran predation. *Revista Brasileira de Biologia* 60:695–699.

Bernarde P.S., Kokubum M.N.C., Marques O.A.V. 2000b. Atividade e uso de habitat em *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858), no sul do Brasil (Serpentes, Colubridae). *Boletim do Museu Nacional (N.S.) Zoologia* 428:1–8.

Breininger D.R., Bolt M.R., Legare M.L., Drese J.H., Stolen E.D. 2011. Factors Influencing Home Range Sizes of Eastern Indigo Snakes in Central Florida. *Journal of Herpetology* 45:484–490.

Brischoux F., Bonnet X., Pinaud D. 2009. Fine-scale site fidelity in sea kraits: Implications for conservation. *Biodiversity and Conservation* 18:2473–2481.

Burger J., Zappalorti R.T. 1992. Philopatry and nesting phenology of pine snakes *Pituophis melanoleucus* in the New Jersey Pine Barrens. *Behavioral Ecology and Sociobiology* 30:331–336.

Cundall D., Pattishall A. 2011. Foraging Time Investment in an Urban Population of Watersnakes (*Nerodia sipedon*). *Journal of Herpetology* 45:174–177.

Dorcas M.E., Willson J.D. 2009. Innovative methods for studies of snake ecology and conservation. Pp. 5–37, in: Mullin S.J., Seigel R.A. (Eds.), Snakes: Ecology and conservation. Comstock, Ithaca.

Du W., Webb J.K., Shine R. 2009. Heat, sight and scent: multiple cues influence foraging site selection by an ambush-foraging snake *Hoplocephalus bungaroides* (Elapidae). *Current Zoology* 55:266–271.

Franco F.L., Ferreira T. 2002. Descrição de uma nova espécie de *Thamnodynastes* Wagler, 1830 (Serpentes, Colubridae) do nordeste brasileiro, com comentários sobre o gênero. *Phyllomedusa* 1:57–74.

Gomez L., Larsen K.W., Gregory P.T. 2015. Contrasting patterns of migration and habitat use in neighboring Rattlesnake populations. *Journal of Herpetology* 49:371–376.

Haddad C.F.B., Prado, C.P.A. 2005. Reproductive Modes in Frogs and Their Unexpected Diversity in the Atlantic Forest of Brazil. *BioScience* 55:207–217.

Hyslop N.L., Cooper R.J., Meyers J.M. 2009. Seasonal Shifts in Shelter and Microhabitat Use of *Drymarchon couperi* (Eastern Indigo Snake) in Georgia. *Copeia* 2009:458–464.

Macartney J.M., Gregory P.T., Larsen K.W. 1988. A tabular survey of data on movement and home ranges of snakes. *Journal of Herpetology* 22:61–73.

Madsen T., Shine R. 1996. Seasonal migration of predators and prey: pythons and rats in tropical Australia. *Ecology* 77:149–56.

Mario-da-Rosa C., Abegg A.D., Malta-Borges L., Righi A.F., Bernarde P.S., Cechin S.Z., Santos T.G. 2020. A fisherman's tale: Activity, habitat use and the first evidence of lingual lure behavior in a South American snake. *Salamandra* 56:39–47.

Marques O.A.V., Eterovic A., Sazima I. 2001. Serpentes da Mata Atlântica - Guia Ilustrado para a Serra do Mar. Holos, Ribeirão Preto.

Moore J.A., Gillingham J.C. 2006. Spatial ecology and multi-scale habitat selection by a threatened rattlesnake: the Eastern Massasauga (*Sistrurus catenatus catenatus*). *Copeia* 2006:742–51.

Nogueira C.C., Argôlo A.J.S., Arzamendia V., Azevedo J.A., Barbo F.E., Bérnils R.S., ..., Martins M.M. 2019. Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. *South American Journal of Herpetology* 14:1–274. doi:10.2994/SAJH-D-19-00120.1.

Pattishall A., Cundall D. 2008. Spatial Biology of Northern Watersnakes (*Nerodia sipedon*) Living along an Urban Stream. *Copeia* 2008:752–762.

Powell R.A. 2000. Animal home ranges and territories and home range estimators. Pp. 65-100, in Boitani L., Fuller T.K. (Eds.). Research Techniques in Animal Ecology. Columbia University Press, New York.

Puente-Rolón A.R., Bird-Picó F.J. 2004. Foraging behavior, home range, movements and activity patterns of *Epicrates inornatus* (Boidae) at Mata de Platano Reserve in Arecibo, Puerto Rico. *Caribbean Journal of Science* 40:343–352.

Ruffato R., Di-Bernardo M., Maschio F. 2003. Dieta de *Thamnodynastes strigatus* (Serpentes; Colubridae) no Sul do Brasil. *Phyllomedusa* 2:27–34.

Sazima I., Marques O.A.V. 2007. A reliable customer: hunting site fidelity by an actively foraging neotropical colubrid snake. *Herpetological Bulletin* 99:36–38.

Stephens D.W., Krebs J.R. 1986. Foraging Theory. Princeton, Princeton University Press.

Webb J.K., Shine R. 1997. A field study of the spatial ecology and movements of a threatened snake species, *Hoplocephalus bungaroides*. *Biological Conservation* 82:203–217.

Whitaker P.B., Shine R. 2003. A radiotelemetric study of movements and shelter-site selection by free ranging brownsnakes (*Pseudonaja textilis*, Elapidae). *Herpetological Monographs* 17:130–144.

Zaher H., Murphy R.W., Arredondo J.A.C., Graboski R., Machado-Filho P.R., Mahlow K., ..., Grazziotin F.G. 2019. Large-scale molecular phylogeny, morphology, divergence-time estimation, and the fossil record of advanced caenophidian snakes (Squamata: Serpentes). *PLoS ONE* 14:e0216148.

Zanella N., Cechin S.Z. 2006. Taxocenosis of snakes in the middle plateau region of Rio Grande do Sul, Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia* 23:211–217.

Editor: Henrique C. Costa

FIRST STATE RECORD OF *URACENTRON AZUREUM* (LINNAEUS, 1758) (SQUAMATA: TROPIDURIDAE) FROM THE STATE OF MATO GROSSO, BRAZIL

Paulo Roberto Machado-Filho[1,2*], Guilherme Marson Moya[3], Fábio Maffei[4]

1 Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 04263-000, São Paulo, SP, Brazil.
2 Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista 13506-900, Rio Claro, SP, Brazil.
3 Instituto Pró-Terra, 17209-070, Jaú, SP, Brazil
4 Departamento de Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, 17033-360, Bauru, SP, Brazil.

* Corresponding author: *prmfilho.sbo@gmail.com*

Tropiduridae consists of medium-sized lizards (4–15 cm snout-vent length), occurring throughout South America, including the Galapagos Islands (Vitt & Caldwell, 2014). In Brazil there are 42 species belonging to seven genera: *Eurolophosaurus*, *Plica*, *Stenocercus*, *Strobilurus*, *Tropidurus*, *Uracentron*, and *Uranoscodon* (Costa & Bérnils, 2018). Lizards of the genus *Uracentron* (Linnaeus, 1758) are arboreal and diurnal, inhabit primary "terra firme" forest, where they are found on trunks and tree canopy (about 5 meters above the ground), and occasionally at the forest edge (Avila-Pires, 1995). The genus is endemic to Amazonia and currently comprises two species: *Uracentron flaviceps* (Guichenot, 1855) and *Uracentron azureum* (Linnaeus, 1758), the latter with three subspecies: *Uracentron azureum azureum* (Linnaeus, 1758), endemic to eastern Amazonia; *Uracentron azureum werneri* Mertens, 1925, endemic to northwestern Amazonia; and *Uracentron azureum guentheri* Boulenger, 1895, predominantly occurring in southwestern Amazonia, with one isolated record in eastern Amazonia (Boulenger, 1894; Beebe, 1944; Hoogmoed & Lescure, 1975 Duellman, 2005; Pérez, 2015; Ribeiro-Junior, 2015).

Uracentron azureum guentheri is known to occur in Peru and Brazil, from the states of Pará, Amazonas, and Rondônia (Ribeiro-Junior, 2015). The eastern portion of its distribution is delimited by the lower Negro river and the Madeira river basin, with one isolated record in the lower Trombetas river (eastern Amazonia). This subspecies can be distinguished from other subspecies by having three narrow crossbands on the neck followed by one crossband descending through the anti-humeral fold (Peters & Donoso-Barros, 1970).

Here we present the first record of *Uracentron azureum* from the state of Mato Grosso and the southernmost record for *Uracentron*, about 650 km southeast of the closest known record (Figure 1). On 10 September 2015, one individual of *Uracentron azureum guentheri* was captured in a pitfall trap in the municipality of Comodoro, state of Mato Grosso, Brazil (13°42′6″ S 60°25′43″ W, 227 m elevation) – collection permit issued by the Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA, license #617/2015, process 02001.000328/2009-98).

The area consists of a fragment of secondary forest in advanced stage of regeneration. The fragment adjoins the riparian vegetation of the Guaporé river, which borders Brazil and Bolivia. It is a transitional area between the Amazonia and Cerrado biomes, predominantly covered by seasonal semideciduous forest. The capture site has a dense understory with many lianas, but with a relatively open canopy and thin leaf litter. The specimen is an adult male of about 80 mm snout-vent length and was not collected (Figure 2).

Uracentron azureum is a poorly known lizard, non-heliothermic, restricted to rainforest habitat and unable to survive in deforested areas (Vitt *et al.*, 2008). The specimen was recorded in the most deforested region of the state of Mato Grosso (Richards & VanWey, 2015; Valdiones *et al.*, 2019). Between 2000 and 2012, nearly 80,000 km² of forest and Cerrado were razed in Mato Grosso, often for pastures and croplands (Hansen *et al.*, 2013).

Acknowledgements

We thank Ambientare Soluções em Meio Ambiente for logistic support.

Rerefrences

Avila-Pires T.C.S. 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). *Zoologische Verhandelingen* 299:1–706.

Beebe W. 1944. Field notes on the lizards of Kartabo, British Guiana, and Caripito, Venezuela. Part 2. Iguanidae. *Zoologica* 29:195–216.

Boulenger G.A. 1895 “1894”. Second report on additions to the lizard collections in the Natural History Museum. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1894:722–736.

Costa H.C., Bérnils R.S. 2018. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira* 7:11–57.

Duellman W.E. 2005. Cuzco Amazónico - The lives of amphibians and reptiles in an Amazonian rainforest. Cornell University Press, Ithaca & London.

Hansen M.C., Potapov P.V., Moore R., Hancher M., Turubanova S.A.A., Tyukavina A.,..., Townshend J.R.G. 2013. High-resolution global maps of 21st-century forest cover change. *Science* 342:850–853.

Hoogmoed M.S. Lescure J. 1975. An Annotated Checklist of the Lizards of French Guiana Mainly Based on 2 Recent Collections. *Zoologische Mededelingen* 49:141–171.

Peters J.A. Donoso-Barros R. 1970. Catalogue of the Neotropical Squamata: Part II. Lizards and Amphisbaenians. *United States National Museum Bulletin* 297:1–293.

Pérez G.A.T. 2015. Diversidad de los reptiles de la Orinoquía Colombiana: análisis de los patrones de distribución y relaciones ambientales. Inuversidad Nacional de Colombia, Bogotá.

Ribeiro-Junior M.A. 2015. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. I. Dactyloidae, Hoplocercidae, Iguanidae, Leiosauridae, Polychrotidae, Tropiduridae. *Zootaxa* 3983:1–110.

Richards P, VanWey L. 2015. Where deforestation leads to urbanization: how resource extraction is leading to urban growth in the Brazilian Amazon. *Annals of the Association of American Geographers* 105:806–823.

Valdiones A.P., Silgueiro V., Bernasconi P. 2019. Características do desmatamento no Cerrado mato-grossense em 2018. Instituto Centro de Vida, Cuiabá.

Vitt L.J., Caldwell J.P. 2014. Herpetology. An Introductory Biology of Amphibians and Reptiles. Elsevier, Amsterdam.

Vitt L.J., Magnusson W.E., Avila-Pires T.C., Lima A.P. 2008. Guia de lagartos da Reserva Adolpho Ducke: Amazônia Central. Editora Attema, Manaus.

Editor: Henrique C. Costa

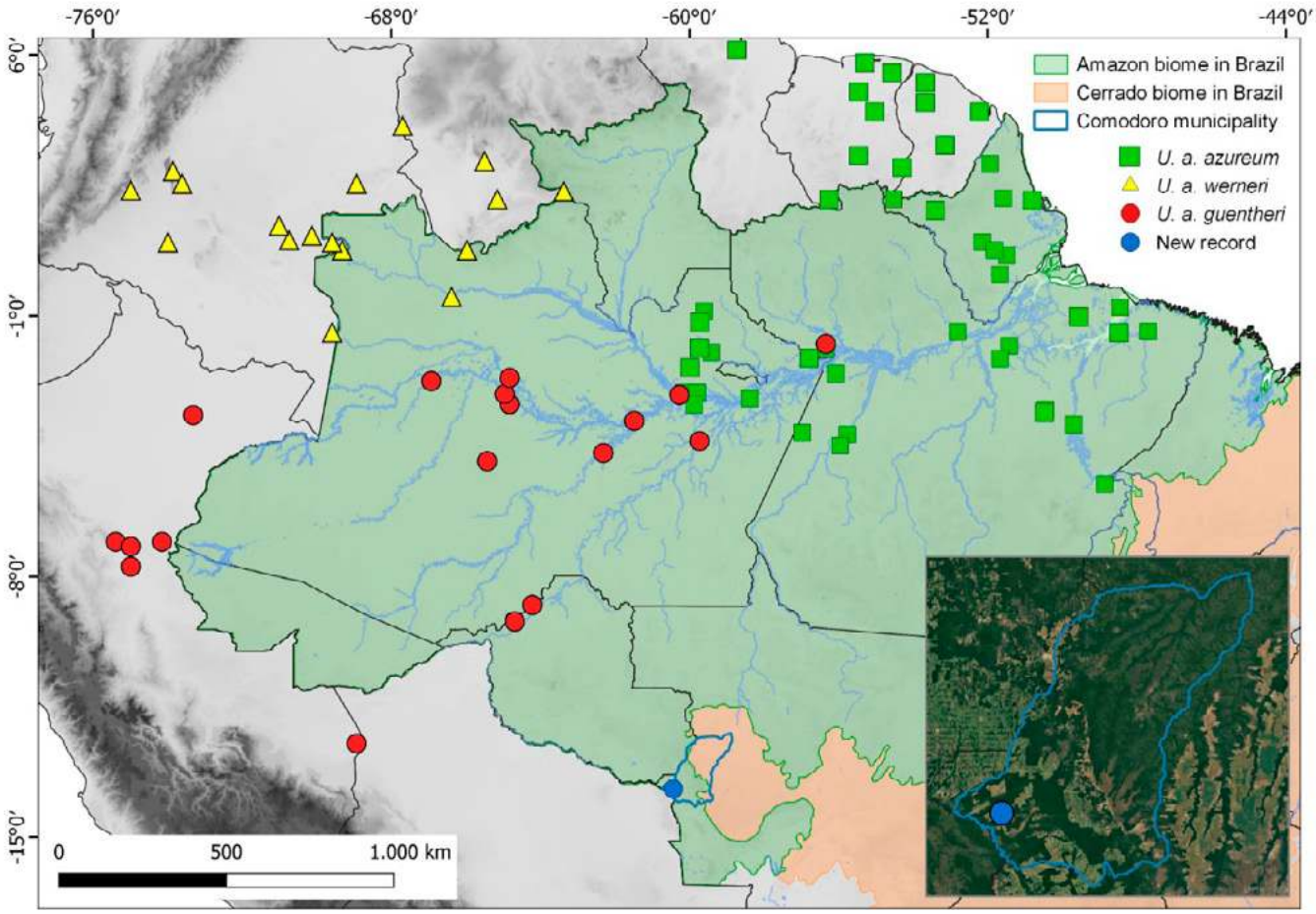


Figura 1. Map showing Brazilian Amazonia and all known records of *Uracentron azureum azureum*, *U. a. guentheri* (including the new one presented here), and *U. a. werneri*. Adapted from Avila-Pires (1995) and Ribeiro-Junior (2015).







Figura 2. Live specimen (not collected) of *Uracentron azureum guentheri* in lateral (A) and dorsal view (B); pitfall traps (C) installed in seasonal semideciduous forest at the municipality of Comodoro, state of Mato Grosso state, central Brazil, a transitional area between Amazonia and Cerrado biomes.

PRIMEIRO REGISTRO DE PREDAÇÃO DE *BRASILISCINCUS AGILIS* (SCINCOMORPHA: MABUYIDAE) POR *OXYRHOPUS TRIGEMINUS* (SERPENTES: DIPSADIDAE)

Gaspar José Gomes Neto*, Carlos Henrique de Oliveira Nogueira, Leonardo Serafim da Silveira

Hospital Veterinário, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Animais Selvagens, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 28013-602, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

* Corresponding author: *gaspar.bio.herpeto@gmail.com*

Oxyrhopus trigeminus é uma espécie de serpente com ampla distribuição geográfica no Brasil, sendo encontrada do estado do Amapá até o estado do Paraná, nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal, além de alguns registros nas florestas secas da Bolívia (Nogueira *et al*., 2019). É uma serpente ovípara, terrestre, que apresenta hábitos diurnos (Gaiarsa *et al*., 2013), e tem sua alimentação composta majoritariamente por lagartos e pequenos mamíferos (Gaiarsa *et al*., 2013; Coelho *et al*, 2019).

Brasiliscincus agilis é uma espécie de lagarto típica das restingas brasileiras (Vrcibradic & Rocha, 2002), sendo encontrado também em áreas de serra (Teixeira *et al*., 2003). São animais de hábitos diurnos (Vrcibradic & Rocha, 2002), criptozóicos e terrícolas, ocupando principalmente a serapilheira e troncos de árvores (Vrcibradic & Rocha, 1996).

No dia 28 de maio de 2018, em uma área de restinga (21°50'27.28"S, 41° 0'47.76" O; nível do mar) no município de São João da Barra, estado do Rio de Janeiro, encontramos um exemplar já morto de *O. trigeminus* (comprimento rostro-cloacal [CRC] 305 mm) identificado pela coloração mais clara das escamas supralabiais (Zaher & Caramaschi, 1992), apresentando lesão na cabeça, sinais de atropelamento e aumento de volume do terço médio, indicando a presença de conteúdo estomacal. O animal foi coletado, seguindo as diretrizes estabelecidas pela instrução normativa nº 3 do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio, 2014), que em seu 25ª artigo trata do aproveitamento de carcaças de animais encontrados mortos. Após a coleta, foi levado para a coleção herpetológica do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Animais Selvagens da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (NEPAS-UENF). Em laboratório, ao realizarmos a abertura do estômago da serpente (Figura 1), foi possível observar a presença de um indivíduo adulto de *Brasiliscincus agilis*, em posição sugestiva de deglu-

tição iniciada pela cabeça, (183 lamelas digitais, CRC 75 mm e comprimento da cauda 89 mm), identificado seguindo a metodologia de contagem de lamelas digitais e pela coloração característica descrita por Hedges & Conn (2012), que diferencia o gênero de outros por ter uma combinação de listras dorsolaterais escuras e pálidas (Figura 2).

Realizamos uma revisão de literatura em todas as edições da revista *Herpetological Review* e pela plataforma *Google Acadêmico*, utilizando as seguintes palavras-chave em inglês e português: dieta, hábitos alimentares, história natural (*diet, feeding habits, natural history*), e *Oxyrhopus trigeminus*. Foram encontrados 220 resultados (07/04/2020), sendo apenas quatorze relevantes para esse estudo (Tabela 1). *Oxyrhopus trigeminus* já foi registrada na Caatinga como predadora de *Brasiliscincus heathi* (Coelho *et al.*, 2019), o que torna o registro de predação de *B. agilis* esperado, visto que o habitat de presa e predador se sobrepõem (Vrcibradic & Rocha, 1996; Gaiarsa *et al.*, 2013).

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer ao NEPAS, por ter cedido toda a estrutura necessária para produção deste trabalho, e Iberê Farina Machado por ter nos ajudado nas versões anteriores e pela revisão do manuscrito.



Figura 1. Exemplar de *Oxyrhopus trigeminus* com cavidade aberta, evidenciando a presença de Brasiliscincus agilis parcialmente digerido.



Figura 2. Exemplar de *Oxyrhopus trigeminus* ao lado de *Brasiliscincus agilis*, parcialmente digerido, previamente retirado de seu estômago.

Referências

Alencar L.R., Galdino C.A., Nascimento L.B.. 2012. Life history aspects of *Oxyrhopus trigeminus* (Serpentes: Dipsadidae) from two sites in southeastern Brazil. *Journal of Herpetology* 46:9–13.

Coelho R.D.F., Sales R.F.D., Ribeiro L.B. 2019. Sexual dimorphism, diet, and notes on reproduction in *Oxyrhopus trigeminus* (Serpentes: Colubridae) in the semiarid Caatinga of northeastern Brazil. *Phyllomedusa* 18:89–96.

Coelho-Lima A.D., Ramos G.O., Martins R.B.X., Meira L.P.C. 2020. First record of ophiophagy in the false coral snake *Oxyrhopus trigeminus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854. *Cuadernos de Herpetología* 34:89–91.

França F.G.R., Mesquita D.O., Nogueira C.C., Araújo A.F.B. 2008. Phylogeny and ecology determine morphological structure in a snake assemblage in the Central Brazilian Cerrado. *Copeia* 2008:23–38.

Gaiarsa M.P., Alencar L.R., Martins M. 2013. Natural history of Pseudoboine snakes. *Papéis Avulsos de Zoologia* 53:261–283.

Hedges S.B., Conn C.E. 2012. A new skink fauna from Caribbean islands (Squamata, Mabuyidae, Mabuyinae). *Zootaxa* 3288:1–244.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). 2014. Instrução Normativa nº 03, de 01 de setembro de 2014. Diário Oficial da União, Seção 1, 60(02/09/2014):60–62.

Marques R., Mebert K., Fonseca É., Rödder D., Solé M., Tinôco M.S. 2016. Composition and natural history notes of the coastal snake assemblage from Northern Bahia, Brazil. *ZooKeys* 6:93–142.

Mesquita P.C., Passos D.C., Borges-Nojosa D.M., Cechin S.Z. 2013. Ecologia e história natural das serpentes de uma área de Caatinga no nordeste brasileiro. *Papéis Avulsos de Zoologia* 53:99–113.

Mikalauskas J.S., Santana D.O., Ferrari S.F. 2017. Lizard predation *Tropidurus hispidus* (Squamata, Tropiduridae) by false coral snake *Oxyrhopus trigeminus* (Squamata, Dipsadidae) in the Caatinga, in northeastern Brazil. *Pesquisa e Ensino em Ciências Exatas e da Natureza* 1:60–67.

Nogueira C.C., Argôlo A.J.S., Arzaendia V., Azevedo J.A., Barbo F.E., Bérnils R.S., ..., Martins M. 2019. Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. *South American Journal of Herpetology* 14:1–274.

Pires R.C., Borges V.S., de Souza A.M., Eterovick P.C. 2012. Natural history of a snake assemblage alongside a river in south-eastern Brazil. *Journal of Natural History* 46:369–381.

Rocha C.F.D., Van-Sluys M., Vrcibradic D., Hatano F.H., Galdino C.A., Cunha-Barros M. Kieffer M.C. 2004. A comunidade de répteis da restinga de Jurubatiba. Pp. 179–198, in: Rocha C.F.D., Esteves F.A., Scarano F.R. (Orgs.), Pesquisas ecológicas de longa duração na restinga de Jurubatiba: ecologia, história natural e conservação. RiMa Editora, São Carlos.

Rocha C.F.D., Van-Sluys M., Hatano F.H., Bergallo H.G. 2005. *Oxyrhopus trigeminus* (false coral snake): Prey. *Herpetological Review* 36:458.

Rocha-Silva J., Pereira W.R., Viegas-de-Arruda F., Brito-de-Carvalho C., Mendonça-do-Prado V. H. 2017. *Micrablepharus atticolus*. Predation. *Herpetological Review* 48:652.

Teixeira R.L., Rocha C.F.D, Vrcibradic D, Cuzzuol M.G. 2003. Ecology of *Mabuya agilis* (Squamata: Scincidae) from a montane Atlantic rainforest area in southeastern Brazil. *Cuadernos de Herpetología* 17:101–109.

Vitt L.J.,Vangilder L.D. 1983. Ecology of a snake community in northeastern Brazil. *Amphibia-Reptilia* 4:273–296.

Vrcibradic D. Rocha C.F.D. 1996. Ecological differences in tropical sympatric skinks (*Mabuya macrorhyncha* and *Mabuya agilis*) in southeastern Brazil. *Journal of Herpetology* 30:60–67.

Vrcibradic D. Rocha C.F.D. 2002. Use of cacti as heat sources by thermoregulating *Mabuya agilis* (Raddi) and *Mabuya macrorhyncha* Hoge (Lacertilia, Scincidae) in two restinga habitats in southeastern Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia* 19:77–83.

Zaher H., Caramaschi U. 1992. Sur le statut taxinomique *d'Oxyrhopus trigeminus* et *O. guibei* (Serpentes, Xenodontinae). *Bulletin du Muséum national d'histoire naturelle. Section A, Zoologie, biologie et écologie animales* 14:805–827.

Editor: Henrique C. Costa

Tabela 1. Itens alimentares já reportados na dieta de *Oxyrhopus trigeminus*.

PRESAS	**FONTE**
SQUAMATA	
"Lagartos"	
Ovo de lagarto (espécie não identificada)	Vitt & Vanglier (1983); Gaiarsa *et al.* (2013)
Tropiduridae	
Tropidurus hispidus (Spix, 1825)	Gaiarsa *et al.* (2013); Mesquita *et al.* (2013); Gaiarsa *et al.* (2013); Mikalauskas *et al.* (2017)
Tropidurus hygomi (Reinhardt & Lütken, 1862)	Marques *et al.* (2016)
Tropidurus torquatus (Wied, 1820)	Rocha *et al.* (2004); Rocha *et al.* (2005)
Tropidurus sp.	França *et al.* (2008); Gaiarsa *et al.* (2013)
Teiidae	
Ameiva ameiva (Linnaeus, 1758)	Rocha *et al.* (2005); França *et al.* (2008); Alencar *et al.* (2012); Gaiarsa *et al.* (2013); Coelho *et al.* (2019)
Ameivula ocellifera (Spix, 1825)	Gaiarsa *et al.* (2013); Mesquita *et al.* (2013); Rocha *et al.* (2005); Marques *et al.* (2016)
Ameivula nativo (Rocha, Bergallo & Peccini-ni-Seale, 1997)	Coelho *et al.* (2019)

Gekkonidae	
Hemidactylus mabouia (Moreau De Jonnès, 1818)	Alencar *et al.* (2012); Gaiarsa *et al.* (2013)
Gymnophthalmidae	
Vanzosaura multiscutata (Amaral, 1933)	Coelho *et al.* (2019)
Micrablepharus atticolus Rodrigues, 1996	Rocha–Silva *et al.* (2017)
Mabuyidae	
Brasiliscincus agilis (Raddi, 1823)	Este trabalho
Brasiliscincus heathi (Schmidt & Inger, 1951)	Mesquita *et al.* (2013); Coelho *et al.* (2019)
Phyllodactylidae	
Gymnodactylus geckoides Spix, 1825	Coelho *et al.* (2019)
Serpentes	
Colubridae	
Oxybelis aeneus (Wagler, 1824)	Coelho–Lima *et al.* (2020)
Oxyrhopus trigeminus Duméril, Bibron & Duméril, 1854	Marques *et al.* (2016)

MAMMALIA	
Cinco mamíferos (não identificados)	França *et al.* (2008)
Cricetidae	
Roedor não identificado	Pires *et al.* (2012)
Akodon sp.	Gaiarsa *et al.* (2013)
Necromys lasiurus (Lund, 1841)	Rocha *et al.* (2005); Alencar *et al.* (2012); Gaiarsa *et al.* (2013)
Nectomys squamipes (Brants, 1827)	Alencar *et al.* (2012); Gaiarsa *et al.* (2013)
Oligoryzomys sp.	Gaiarsa *et al.* (2013)
Didelphidae	
Didelphis albiventris (Lund, 1840)	Gaiarsa *et al.* (2013)
Monodelphis domestica (Wagner, 1842)	Coelho *et al.* (2019)
AVES	
Furnariidae	
Synallaxis sp.	Alencar *et al.* (2012); Gaiarsa *et al.* (2013)
Emberizidae	
Coryphospingus sp.	Alencar *et al.* (2012); Gaiarsa *et al.* (2013)

Leposternon octostegum: NEW RECORD OF AN ENDANGERED WORM LIZARD SPECIES, WITH COMMENTS ON HABITAT AND OPPORTUNISTIC PREDATORS (SQUAMATA: AMPHISBAENIA)

Clodoaldo L. Assis[1], Henrique C. Costa[2,*]

1 Departamento de Biologia Animal, Museu de Zoologia João Moojen, Universidade Federal de Viçosa, 36570-900, Viçosa, MG, Brazil.

2 Departamento de Zoologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, 36036-900, Juiz de Fora, MG, Brazil.

* Corresponding author: ccostah@gmail.com

The worm lizard genus *Leposternon* currently comprises 11 species distributed in South America, mainly in Brazil, from where most of the species are endemic (Ribeiro *et al*., 2015; 2018; Colli *et al*., 2016). One of these species, *Leposternon octostegum* (A. Duméril *in* Duméril & Duméril, 1851) is known from a small area (577 km²) in the metropolitan region of Salvador, state of Bahia, northeastern Brazil (Barros-Filho *et al*., 2013; ICMBio, 2018). Described almost 170 years ago (Duméril & Duméril, 1851), this species remained known only from its holotype (from an unknown Brazilian locality), until recently when new specimens were recorded through field research (Couto-Ferreira *et al*. 2011) and collected during wildlife rescues (Barros-Filho *et al*., 2013). Today, *L. octostegum* is known from the following municipalities (specific localities in parenthesis): Camaçari (Arembepe), Dias d'Ávila (Santa Helena), Mata de São João (Reserva de Imbassaí), Salvador (Aterro Metropolitano Centro), and Simões Filho (Fazenda Real) (Couto-Ferreira *et al*., 2011; Barros-Filho *et al*., 2013). The record from Mata de São João, however, lacks a voucher specimen or even photographs (Couto-Ferreira *et al*., 2011). In this note we present new records of *L. octostegum* from Mata de São João based on four specimens deposited in Museu de Zoologia João Moojen, Universidade Federal de Viçosa (MZUFV), Minas Gerais, Brazil.

From 13 to 21 October 2014, CLA worked in a wildlife rescue at Fazenda Várzea de Baixo (12.4606° S, 38.0937° W; 70 m elevation; datum WGS 84), municipality of Mata de São João, state of Bahia, about 15 km northwest from Reserva de Imbassaí. An area of about 70 ha originally covered by rainforest was used for *Pinus* plantation, but abandoned after eight years, allowing native vegetation to grow among the *Pinus* trees. The wildlife rescue occurred

while the area was being deforested for *Eucalyptus* planting (Figure 1). When a bulldozer cut the trees and turned the soil, six specimens of *Leposternon octostegum* were observed after being unearthed from depths of 30–50 cm.

On 13 October 2014, two specimens (MZUFV 1390, 1391) were found dead after the soil was turned by the bulldozer, and other two specimens (MZUFV 1389, 1392) were found on 18 October. Specimens were collected in agreement with a Normative Instruction from the Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio, 2014). Individuals of other species were also found dead: the skink *Brasiliscincus heathi* (Schmidt & Inger, 1951), the gecko *Gymnodactylus darwinii* (Gray, 1845), and the anole *Norops ortonii* (Cope, 1868).

On 18 October, CLA observed two crested caracaras, *Carcara plancus* (Miller, 1777) each capturing one *L. octostegum* as soon as the specimens were unearthed by the bulldozer. Although an opportunistic predation event, this is the first time *L. octostegum* is recorded as prey of another species. Other birds also landed to eat unearthed animals, although their prey could not be identified: the yellow-headed caracara (*Milvago chimachima* (Vieillot, 1816), the roadside hawk (*Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788)), and the lesser yellow-headed vulture (*Cathartes burrovianus* Cassin, 1845). Such opportunistic predation by birds on worm lizards was previously reported by Zamprogno & Sazima (1993), who observed *Carcara plancus* and other species preying on specimens of *Leposternon wuchereri* (Peters, 1879) unearthed by bulldozers in coastal Bahia.

The collected specimens can be identified as *L. octostegum*, despite MZUFV 1389 and 1392 having damage on the posterior portion of the body, by the presence of a large azygous shield covering most of the dorsal head, and the rostronasal, prefrontals, oculars and first temporals visible in dorsal view (Barros-Filho *et al.*, 2019). Although the head of MZUFV 1391 is severely damaged dorsally (Figure 2), the presence of more than 350 ventral postpectoral annuli confirms it as *L. octostegum*. MZUFV 1391 is also the largest specimen of *L. octostegum* ever recorded: snout-vent length (SVL) 388 mm; tail length 15.3 mm (Figure 3). Morphometric characters and scale counts of the four specimens are shown in Table 1. We measured SVL using a ruler to nearest 1 mm and the tail length using a digital caliper to nearest 0.1 mm.

In preservative, three of the four collected specimens of *L. octostegum* (MZUFV 1389; 1390; 1392) show a pale beige color throughout the body, except in the dorsal region of the head, which has a darker beige color. MZUFV 1391 has a slightly darker beige color throughout the body. Except for MZUFV 1390, all specimens have a series of dorsal segments each bearing a dark brown spot,

the spots more intense in the posterior half of the body. The dark brown spots are also present at the dorsal region of the tail of MZUFV 1391. This pattern has also been reported for specimens from Camaçari, and Barros-Filho *et al.* (2019) suggested it could be age-related, since it was observed only in larger specimens, SVL > 230 mm. However, one specimen collected in this study, MZUFV 1390, exhibited only faint dark brown pigments on the dorsum (Figure 4), despite its large size (SLV 330 mm). This suggests that dark brown pigmentation in *L. octostegum* may not be linked to ontogeny. Gans (1968) stated that as dark pigmentation of an amphisbaenian species increases, the permeability of the skin to water and the preferred burrowing depth decreases, and that darker specimens tend to bask near or at the surface. It is possible that differences in pigmentation pattern of *L. octostegum* could simply be individual variation, with specimens with dark brown markings being able to forage and/or thermoregulate closer to the surface.

Leposternon octostegum was previously restricted to a small area originally covered by the Atlantic Forest biome (*sensu* IBGE, 2019), in the lowlands of Bahia Coastal Forests and the Atlantic Coast Restingas ecoregions, 15-85 m asl (Dinerstein *et al.* 2017). With the new record, its range is increased to 780 km². The main soil type at the areas where the species is recorded are acrisol and arenosol, the latter present at the more coastal localities (Imbassaí and Arembepe) (Table 2; Figure 5). Acrisol is an acidic and deep soil, poor in nutrients and with a subsoil rich in clay, typical of some tropical forests and common in river valleys of northeastern Brazil, while arenosol is a deep sandy soil typical of the northeastern coast (Gardi *et al.*, 2015, IUSS Working Group WRB, 2015). In the region where *L. octostegum* occurs, both soils have an upper layer with coarser texture, varying from loamy sand to sand (FAO *et al.*, 2012). This means that despite having a skull shape apparently more specialized for digging (Gans, 1968), *L. octostegum* inhabits less compacted soils (unless one finds that specimens can excavate the deeper clay-rich layers of acrisols), similar to a slender congener of southeastern coastal Brazil, *L. scutigerum* (Hemprich, 1820) (Hohl *et al.*, 2017).

Most of the known records of *L. octostegum* were based on wildlife rescues when the species habitat was destroyed by anthropic activities. Because of its narrow geographic range and the lack of records in protected areas other than the Imbassaí private reserve, the species is considered endangered in Brazil (MMA, 2014; ICMBio, 2018). *Leposternon octostegum*, however, seems to be able to occur in early growth secondary forest (Barros-Filho *et al.*, 2013; present study) and may be abundant in some areas, with records of up to 10

individuals within 150 m² (~667 ind. / hectare) (Barros-Filho *et al.*, 2013). Such high abundance was recorded for *L. wuchereri* at coastal Bahia, where Zamprogno & Sazima (1993) estimated one specimen per 50 m² (200 ind. / ha). The detection of amphisbaenians in the wild is difficult due to their fossorial habits, and records of large numbers of specimens at a single place is usually associated with human activities like dam filling or vegetation removal (e.g., Zamprogno & Sazima, 1993; Colli & Zamboni, 1999; Barros-Filho *et al.*, 2013). The low abundance at Fazenda Várzea de Baixo (six specimens in 70 ha), although observed during vegetation removal, should be viewed with caution and reinforces how little we still know about amphisbaenian natural history.



Figura 1. Fazenda Várzea de Baixo, municipality of Mata de São João, State of Bahia, northeastern Brazil, where the specimens of *Leposternon octostegum* were collected.

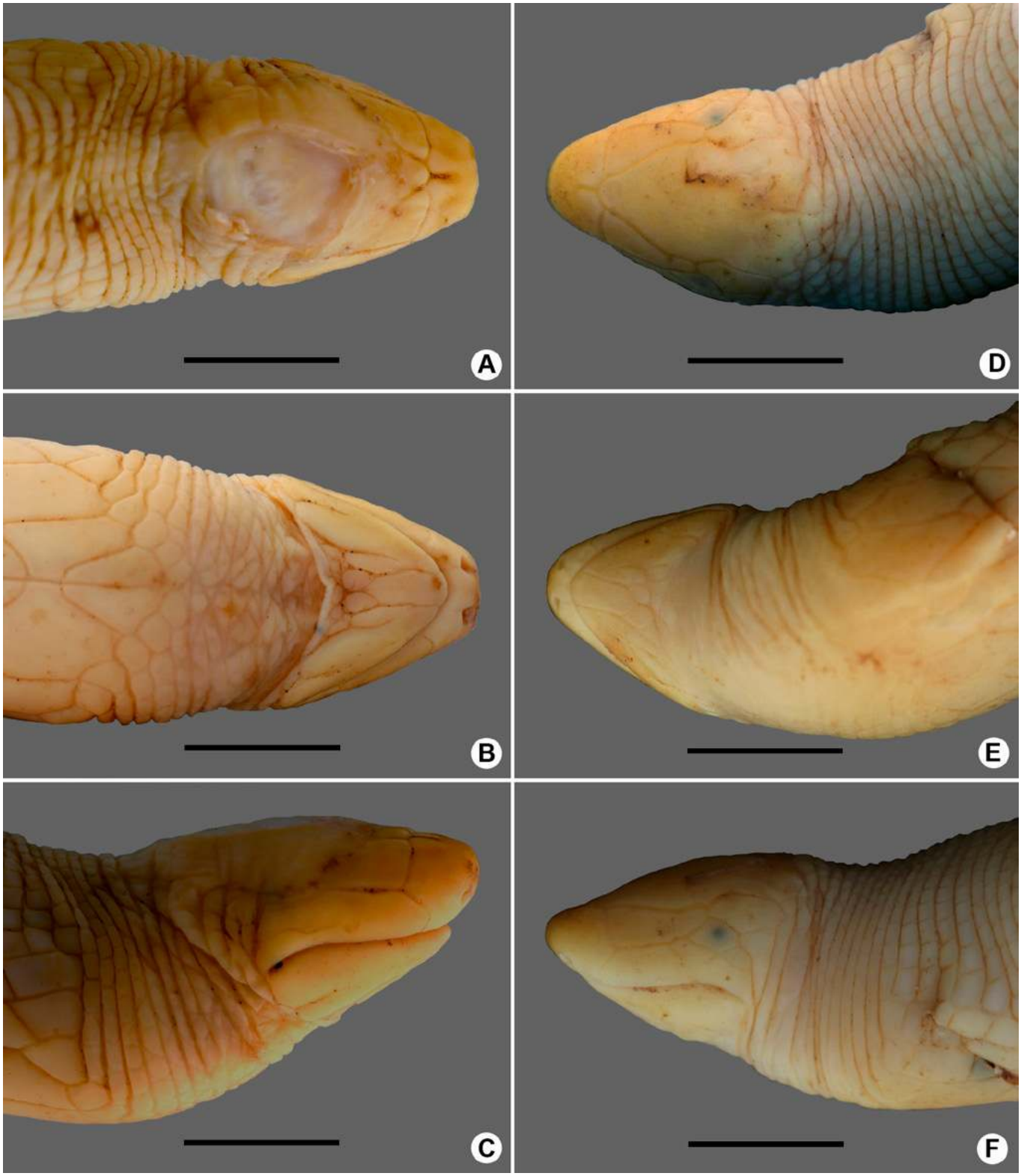


Figura 2. Detail of the head of two specimens of *Leposternon octostegum* collected at Fazenda Várzea de Baixo, municipality of Mata de São João, State of Bahia, Brazil in dorsal, ventral and lateral views. MZUFV 1391 (A, B, and C) (top of the head damaged) and MZUFV 1390 (D, E, and F). Scale bars = 5 mm.



Figura 3. MZUFV 1391, the largest recorded specimen of *L. octostegum* (388 mm snout-vent length) in dorsal (A) and ventral (B) views. Scale bars = 20 mm.

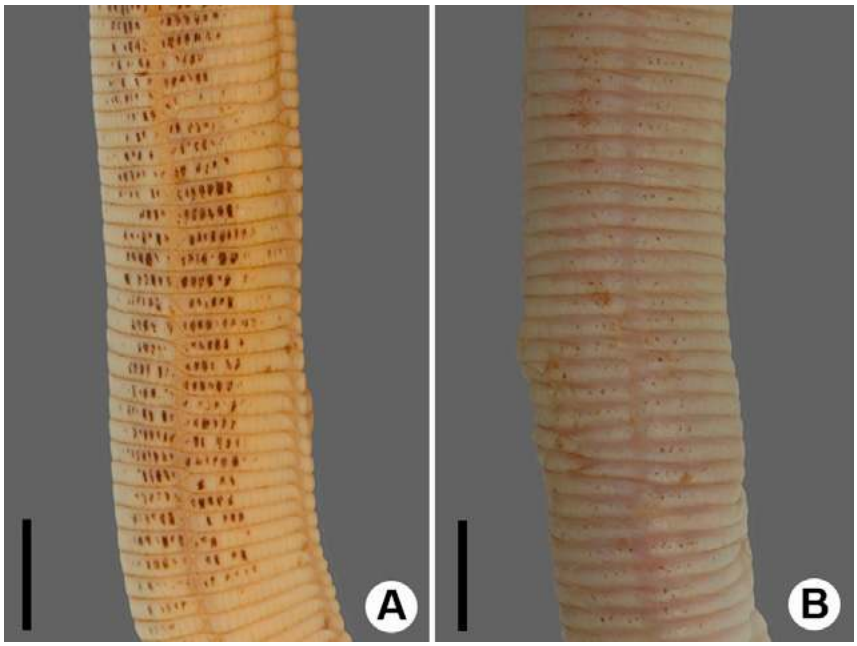


Figura 4. Detail of the intensity of dark brown pigmentation at the dorsum of specimens of *Leposternon octostegum*, MZUFV 1391 (A) and MZUFV 1390 (B), collected at Fazenda Várzea de Baixo, municipality of Mata de São João, State of Bahia, Brazil. Scale bars = 5 mm.

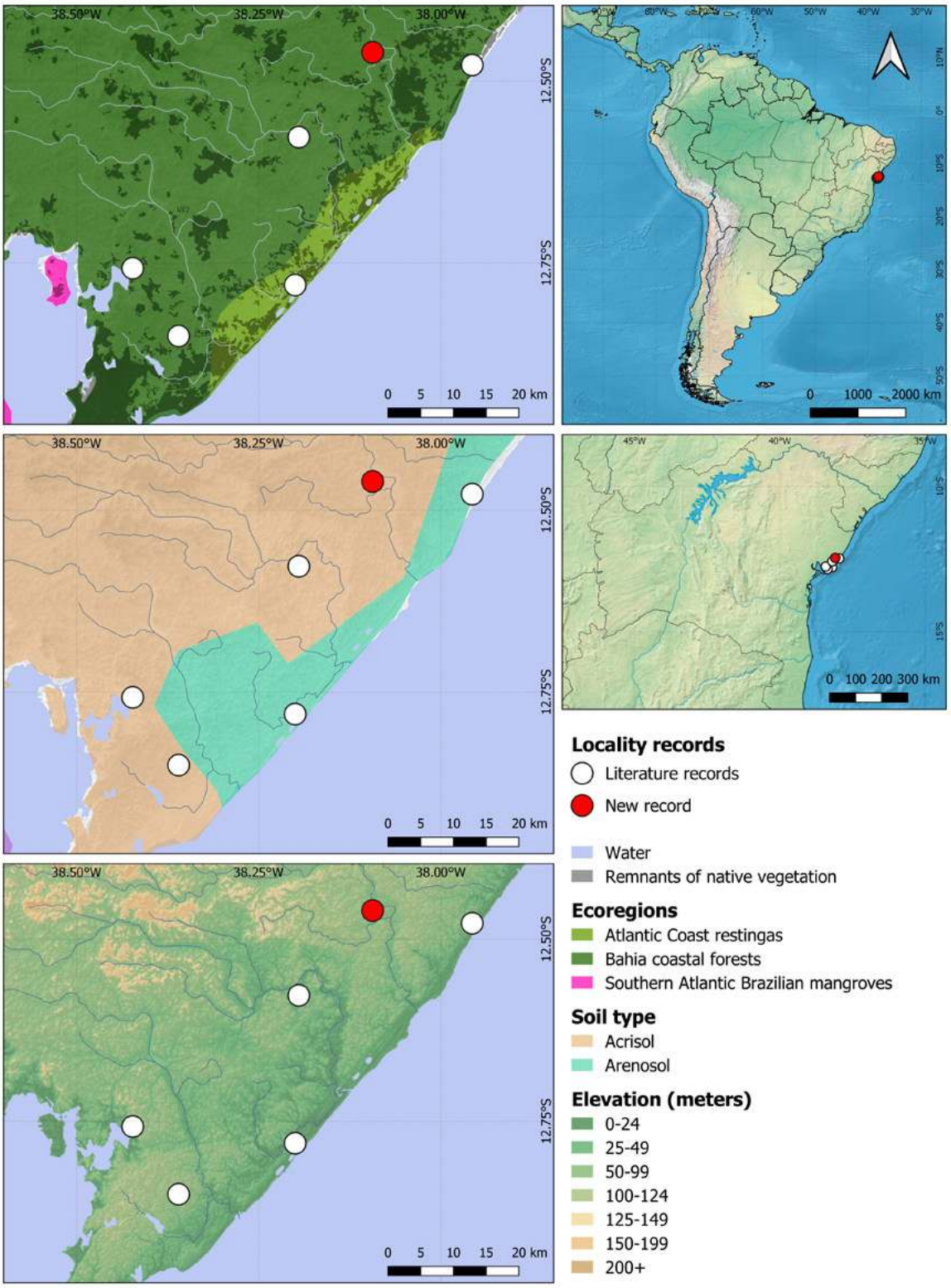


Figura 5. Known locality records of *Leposternon octostegum*, considering ecoregions (Dinerstein et al., 2017) and native vegetation remnants (SOS Mata Atlântica & INPE, 2018) (top map), soil type (FAO et al., 2012) (middle map), and elevation (CSI, 2018) (bottom map).The shape file of ecoregions has a gap in the coastal area of Imbassaí (a light thin line), which could be the eastern limit of Bahia Coastal Forests or the northern range of Atlantic Coast Restingas (more plausible, due to soil type), although the mapped point is at the edge of Bahia Coastal Forests.

Table 1. Summary of morphological data of the four specimens of *Leposternon octostegum* collected at Fazenda Várzea de Baixo, municipality of Mata de São João, State of Bahia, northeastern Brazil.

Specimen	MZUFV 1389	MZUFV 1390	MZUFV 1391	MZUFV 1392
Dorsal postpectoral annuli	325	377	373	235
Ventral postpectoral annuli	327 +n	363	365	233 +n
Lateral annuli	damaged	6	6	damaged
Caudal annuli	damaged	12	10	damaged
Midbody dorsal segments	28	28	29	27
Midbody ventral segments	25	25	25	25
Precloacal pores	damaged	0	0	damaged
Precloacal segments	damaged	7	6	damaged
Postcloacal segments	damaged	20	20	damaged
Supralabials	1	1	1	1
Infralabials	1	1	1	1
Snout-vent length (mm)	270 +n	330	385	250 +n
Tail length (mm)	damaged	15.01	15.32	damaged
Head length (mm)	8.54	8.25	9.54	9.94
Head width (mm)	5.58	5.94	6.73	7.06
SVL / HW	unknown	55.5	57.2	unknown

Table 2. Summary of the locality records (datum WGS 84) for *Leposternon octostegum*. All localities are in the State of Bahia, Brazil. Vegetation according with literature sources; ecoregions follow Dinerstein *et al.* (2017) (BCF = Bahia Coastal Forests; ACR = Atlantic Coast restingas); soil type and texture follows FAO *et al.*, (2012); Collection acronyms follow Sabaj (2016); Source: 1 – Barros-Filho *et al.* (2013); 2 – Couto-Ferreira et al. (2011); 3 – this study.The shape file of ecoregions has a gap in the coastal area of Imbassaí, which could be the eastern limit of BCF or the northern range of ACR (more plausible, due to soil type), although the mapped point is at the edge of BCF.

Locality	Municipality	Lat.	Long.	Elev.	Vegetation	Ecoregion	Soil type	Soil texture	Voucher	Source
Aterro Metropolitano Centro	Salvador	-12.85°	-38.36°	55 m	rainforest in initial / median regeneration stages	BCF	acrisol	loamy sand	MNHN 2007.0023, 2007.0024; ZUFRJ 1748, 1749; MZUEFS 652–657, 695, 696	1
Arembepe	Camaçari	-12.78°	-38.20°	15 m	restinga	ACR	arenosol	sand	MCP 18192, 18193; MZUSP 96349, ZUFRJ 1713–1716)	1
Fazenda Real	Simões Filho	-12.757°	-38.423°	18 m	rainforest in initial / median regeneration stages	BCF	acrisol	loamy sand	MZUSP 100074	1
Santa Helena	Dias d'Ávila	-12.577°	-38.195°	27 m	secondary rainforest within a savanna (cerrado) enclave	BCF	acrisol	loamy sand	released	1
Reserva de Imbassaí	Mata de São João	-12.478°	-37.957°	25 m	restinga	ACR*	arenosol	sand	released	2
Fazenda Várzea de Baixo	Mata de São João	-12.4606°	-38.0937°	85 m	rainforest in initial regeneration stage within abandoned *Pinus* plantation	BCF	acrisol	loamy sand	MZUFV 1389–1392	3

Acknowledgments

We thank Pedro H. Pinna, and an anonymous reviewer for suggestions that improved the manuscript. Renato N. Feio (MZUFV) for allowing access to specimens under his care. CLA is supported by a doctoral scholarship from CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

References

Barros-Filho J.D., Freitas M.A., Silva T.F.S., Valverde M.C.C., Loguercio M.F.C., Veríssimo D. 2013. On the distribution and ecology of *Leposternon octostegum*: Putting a subterranean reptile species on the map. *Wildlife Biology in Practice* 9:1–6.

Barros-Filho J.D., Freitas M.A.,Silva T.F.S., Loguercio M.F.C., Valverde M.C.C. 2019. Redescription of *Leposternon octostegum* (Duméril, 1851), with an identification key for Brazilian *Leposternon* species, remarks on meristic methodology, and a proposal for pholidosis nomenclature (Squamata: Amphisbaenidae). *Journal of Threatened Taxa* 11:13058–13086.

Colli G.R., Zamboni D.S. 1999. Ecology of the Worm-Lizard *Amphisbaena alba* in the Cerrado of Central Brazil. *Copeia* 1999:733–742.

Colli G.R., Fenker J., Tedeschi L.G., Barreto-Lima A.F., Mott T., Ribeiro S.L.B. 2016. In the depths of obscurity: Knowledge gaps and extinction risk of Brazilian worm lizards (Squamata, Amphisbaenidae). *Biological Conservation* 204:51–62.

Couto-Ferreira D., Tinôco M.S., Oliveira M.L.T., Browne-Ribeiro H.C., Fazolato C.P., Silva R.M., Barreto G.S., Dias M.A. 2011. Restinga lizards (Reptilia: Squamata) at the Imbassaí Preserve on the northern coast of Bahia, Brazil. *Journal of Threatened Taxa* 3:1990–2000.

CSI (Consortium for Spatial Information). 2018. SRTM 90m DEM Digital Elevation Database. SRTM Data. Accessed on 21 April 2020, http://srtm.csi.cgiar.org/srtmdata/

Dinerstein E., Olson D., Joshi A., Vynne C., Burgess N.D., Wikramanayake E., ..., Saleem M. 2017. An Ecoregion-Based Approach to Protecting Half the Terrestrial Realm. BioScience 67:534–545.

Duméril A.M.C., Duméril A. 1851. Catalogue méthodique de la collection des reptiles du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris. Gide et Baudry, Paris.

FAO (Food and Agriculture Organization), IIASA (International Institute for Applied Systems Analysis), ISRIC (International Soil Reference and Infor-

mation Centre), ISSCAS (Institute of Soil Science,Chinese Academy of Sciences) & JRC (Joint Research Centre of the European Commission). 2012.

Harmonized World Soil Database (version 1.2). Accessed on 21 April 2020, http://www.fao.org/soils-portal/soil-survey/soil-maps-and-databases/harmonized-world-soil-database-v12/en/

Gans C. 1968. Relative success of divergent pathways in Amphisbaenian specialization. The American Naturalist 102:345–362.

Gardi C., Angelini M., Barceló S., Comerma J., Cruz-Gaistardo C., Encina-Rojas A., ..., Ravina-da-Silva M. 2015. Soil Atlas of Latin America and the Caribbean. European Commission - Publications Office of the European Union, Luxembourg.

Hohl L.S.L., Loguercio M.F.C., Sicuro F.L., Barros-Filho J.D., Rocha-Barbosa O. 2017. Body and skull morphometric variations between two shovel-headed species of Amphisbaenia (Reptilia: Squamata) with morphofunctional inferences on burrowing. *PeerJ* 5:e3581.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2019. Biomas e sistema costeiro-marinho do Brasil : compatível com a escala 1:250 000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). 2014. Instrução Normativa nº 3, de 1º de setembro de 2014. Diário Oficial da União, 168:60-62.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). 2018. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume IV – Répteis. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

IUSS Working Group WRB (International Union of Soil Sciences). 2015. World Reference Base for Soil Resources 2014, update 2015 International soil classification system for naming soils and creating legends for soil maps. Page World Soil Resources Reports. Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome.

MMA (Ministério do Meio Ambiente). 2014. Portaria no 444 de 17 de dezembro de 2014. Diário Oficial da União, 245:121–126.

Ribeiro S., Santos A.P. Jr., Zaher H. 2015. A new species of *Leposternon* Wagler, 1824 (Squamata, Amphisbaenia) from northeastern Argentina. *Zootaxa* 4034:309–324.

Ribeiro S., Silveira A.L., Santos A.P. Jr. 2018. A New Species of *Leposternon* (Squamata: Amphisbaenidae) from Brazilian Cerrado with a Key to

Pored Species. *Journal of Herpetology* 52:50–58.

Sabaj M.H., 2016. Standard symbolic codes for institutional resource collections in herpetology and ichthyology: an Online Reference. Version 6.5. Accessed on 21 April 2020, asih.org/sites/default/files/documents/symbolic_codes_for_collections_v6.5_2016.pdf

SOS Mata Atlântica, Fundação & INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). 2018. Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica. Período 2016-2017. Relatório Técnico. Fundação SOS Mata Atlântica / Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São Paulo.

Zamprogno C., Sazima I. 1993. Vertebrate Predation on the neotropical amphisbaenian *Leposternon wuchereri*. *Herpetological Review* 24:82–83.

Editor: Délio Baêta

LISTA DOS NOMES POPULARES DOS RÉPTEIS NO BRASIL – PRIMEIRA VERSÃO

Rodrigo Castellari Gonzalez[1], Arthur Diesel Abegg[2], Diego Matheus de Mello Mendes[3], Marcélia Basto da Silva[4], Paulo Roberto Machado-Filho[5], Conrado Mario-da-Rosa[6], Daniel Cunha Passos[7], Maurivan Vaz Ribeiro[8], Ronildo Alves Benício[9], Jane C. F. Oliveira[10]

1 Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 60741-000, Fortaleza, CE, Brasil.
2 Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 05508-090, São Paulo, SP, Brasil. *arthur_abegg@hotmail.com*
3 Programa de Pós-Graduação em Entomologia, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 69080-971, Manaus, AM, Brasil. *diego.mello.mendes@gmail.com*
4 Centro de Educação Aberta e a Distância, Universidade Federal do Piauí, 64001-280, Teresina, PI, Brasil. *marceliabasto@gmail.com*
5 Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 04263-000, São Paulo, SP, Brasil. *prmfilho.sbo@gmail.com*
6 Laboratório de Herpetologia, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, 97105-000, Santa Maria, RS, Brasil. *conradomdr@gmail.com*
7 Laboratório de Ecologia e Comportamento Animal, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Departamento de Biociências, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 59625-900, Mossoró, RN, Brasil. *daniel.passos@ufersa.edu.br*
8 Associação Guardiões do Cerrado, Rod. GO206, Km 3, Serranópolis, GO, 75820-000, Brazil.
9 Laboratório de Herpetologia, Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Recursos Naturais, Universidade Regional do Cariri, 63105-000, Crato, CE, Brasil. *benicio.herpeto@gmail.com*
10 Departamento de Ecologia, Instituto de Biologia Roberto de Alcantara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 20550-019, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *janeherpeto@gmail.com*

Abstract

Popular species names have always been based on human relationships with things around them, usually reflecting species' external morphology, behavior or even the habitat they inhabit. In Brazil, the high number of popular names, in many cases for the same species, makes it difficult to comprehensively recognize these names, hampering communication between everyone interested in reptiles. This study presents a compilation of the popular names for the species of reptiles occurring in Brazil based on literature data. We listed 1264 popular names, 25 for Amphisbaenia, 29 for Crocodylia, 137 for Testudines, 301 for "Lizards" and 772 for Snakes. All Testudines and

Crocodylia have popular names, however we found no popular names for three (4%) species of Amphisbaenia, 66 (24%) "Lizards" and 60 (15%) Snakes. Therefore, 15% of the 802 reptile species currently known in the country still have no popular names. Also, all species of Testudines and Crocodylia have exclusive popular names, nevertheless we found no exclusive names for 68 (92%) species of Amphisbaenia, 191 (69%) species of "Lizards" and 218 (53%) species of Snakes. This inventory is currently the most comprehensive effort to list the popular names of reptile species in Brazil.

Palavras-chave

Amphisbaenidae, Anfisbaenas, Cágados, Chelonia, Cobras, Crocodylia, etnoherpetologia, etnotaxonomia, Jabutis, Jacarés, Lagartos, nomenclatura popular, nomes vernaculares, nomes vulgares, Quelônios, Reptilia, Serpentes, Squamata, Tartarugas, taxonomia popular, Testudines.

Introdução

A taxonomia usa a língua latina para nomear organismos, garantindo a comunicação inequívoca entre cientistas que utilizam diferentes idiomas (ICZN, 1999). Por outro lado, a sociedade tende a utilizar diversos nomes populares para se referir aos seres vivos ao seu redor (*e.g.* Costa-Neto & Marques, 2000; Pinto *et al.*, 2013).

A classificação de organismos, a partir de percepções populares, é chamada de etnotaxonomia (Berlin *et al.*, 1973). Diferente da taxonomia científica, que é impessoal e baseada em critérios objetivos, a etnotaxonomia é muito mais plástica, incorporando múltiplas facetas inerentes a cada cultura (Begossi *et al.*, 2008; Lopes *et al.*, 2010). Os nomes populares possuem diversas origens (Garrido, 2012), como a localidade em que as espécies ocorrem, a cultura e as crenças locais, e a idade relativa dos espécimes (Amaral, 1978; Costa & Bérnils, 2012; Mota-da-Silva *et al.*, 2019). Assim, além de características peculiares de cada espécie, tais como morfologia, comportamento e ambiente utilizado, a etnotaxonomia tende a enfatizar a importância prática dos organismos, tais como seus usos na alimentação e fins medicinais (Hunn, 1982; Clément, 1995; Crump, 2015). Neste contexto, a nomenclatura popular é, sobretudo, influenciada pelas relações afetivas dos seres humanos com os organismos à sua volta, variando de predileções (*e.g.* afeição carismática, veneração) a aversões (*e.g.* repugnância, medo) (Alves *et al.*, 2012; Crump, 2015). Essas associações explicam o porquê de algumas espécies receberem vários nomes populares, muitas vezes com variações regionais, enquanto outras são praticamente ignoradas pelo conhecimento tradicional (Nolan & Robbins, 2001; Alves *et al.*, 2012; Passos *et al.*, 2015).

Diversos nomes populares são anteriores à vinda dos primeiros naturalistas ao Brasil (Raddi, 1820; Frederico, 2009; Cardoso, 2009). Giuseppe Raddi foi um dos mais importantes naturalistas a chegar ao país, após a abertura dos Portos às Nações Amigas, em 1808. Em suas contribuições às descrições de espécies de répteis, ele também teve o cuidado de listar e descrever os nomes populares conhecidos de cada uma (Raddi, 1820). Outros nomes aplicados às espécies brasileiras têm origem indígena (*e.g.* Tupi-Guarani para diversas espécies de serpentes, Amaral, 1977). Geralmente, esses nomes são uma tradução literal de um conjunto de significados observados pelo popular. Por exemplo, *Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758) é conhecida, principalmente, por Caninana (do Tupi "*Acaninan-a*", ou do Guarani "*Caninã*"), cujo significado é *akam-* (cabeça) + *inã-a* (irritada) = (de) cabeça irritada (Amaral, 1977).

Diferente de outros países (veja Frank & Ramus, 1995; Midtgaard, 2019), no Brasil houve poucas tentativas de se listar os nomes populares dos répteis, e muitas dessas tentativas são restritas a livros e guias de campo, muitos deles regionais (*i.e.* Amaral, 1978; Marques *et al.*, 2001, 2005, 2015, 2017, 2019; Lema, 2002; Argôlo, 2004; Abegg & Entiauspe-Neto, 2012; Vasconcelos-Neto *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2019). Deste modo, os registros dos nomes populares dos répteis no Brasil se encontram dispersos na literatura. A criação de nomes populares artificiais por pesquisadores e o uso de nomes de maneira indiscriminada e despreocupada (*i.e.* cobra-verde para diversas espécies) acabaram por se propagar pela literatura, acumulando informações errôneas e, às vezes, redundantes (*i.e.* espécies com dois ou mais nomes diferentes, e espécies diferentes com o mesmo nome), o que acabou por dificultar a comunicação entre todos aqueles interessados em répteis (Frank & Ramus, 1995). Além disso, muitos nomes populares genuínos (v. Amaral, 1973, 1977, 1978) acabaram caindo no esquecimento.

A presente compilação é a primeira abordagem em direção a uma listagem completa dos nomes populares dos répteis que ocorrem no Brasil. Contudo, tendo em vista a amplitude territorial do país, sua elevada diversidade cultural e riqueza de espécies, é natural que este esforço não tenha exaurido as referências sobre o assunto. Portanto, versões atualizadas desta lista serão publicadas após as esperadas contribuições das comunidades tradicionais e científica.

Material e Métodos

A listagem dos táxons utilizados neste estudo segue Costa & Bérnils (2018), considerando apenas o nível específico para a listagem geral dos táxons, e Nogueira *et al.*, (2019) para atualizações da taxonomia de serpentes. Além dis-

so, adotamos Poe (2004) para o gênero *Anolis* (Daudin, 1802), consideramos *Apostolepis barrioi* Lema, 1978 como sinônimo júnior de *A. dimidiata* (Jan, 1862) (Entiauspe-Neto *et al.*, 2019); *A. mariae* Borges-Nojosa *et al.*, 2016, de *A. thalesdelemai* Borges-Nojosa *et al.*, 2016 (Entiauspe-Neto *et al.*, 2020) e *Chironius laurenti* Dixon *et al.*, 1993, como sinônimo objetivo de *C. dixoni* Wiest, 1978 (Entiauspe-Neto & Loebmann, 2019), além da alocação de *Epictia collaris* (Hoogmoed, 1977) para *Habrophallos collaris* (Hoogmoed, 1977) (Martins *et al.*, 2019). Portanto, para esta compilação, consideramos um total de 802 espécies de répteis não voadores (daqui em diante referido como "répteis") atuais que ocorrem no Brasil.

Para a listagem dos nomes populares, realizamos buscas em fontes bibliográficas, tais como: livros, guias de campo, artigos científicos, publicações oficiais de listas vermelhas estaduais e nacionais, e páginas *on-line* (Anexo 2). Essas pesquisas ocorreram entre Janeiro e Dezembro de 2019 e todos os nomes encontrados são apresentados nesta compilação. Por não se tratar de uma revisão taxonômica *stricto sensu*, optamos por não citar a autoria dos nomes populares, tanto pela antiguidade não rastreável de determinados nomes (*e.g.* nomes indígenas) (*e.g.* Amaral, 1977; Cardoso, 2009; Frederico, 2009), quanto pelo amplo uso e pela pulverização desses nomes na literatura, o que dificultou a justa determinação do primeiro autor. Convém ressaltar que não foi o objetivo deste estudo identificar as origens dos nomes populares encontrados.

A organização e apresentação desta lista foram feitas da seguinte maneira: os Répteis foram divididos em seus grandes grupos tradicionais: Testudines, Crocodylia, Amphisbaenia, "Lagartos" (doravante Lagartos) e Serpentes. Dentro de cada uma dessas categorias, as espécies são apresentadas em ordem alfabética. A grafia dos nomes populares seguiu as normas ortográficas da língua portuguesa para os nomes de animais (CPLP, 1990). Para isso, os nomes populares foram grafados com letras maiúsculas (exceto preposições), e nomes compostos foram escritos com hífen entre seus elementos. Os nomes populares encontrados para cada espécie são listados em ordem alfabética, sendo os nomes exclusivos (usados uma única vez) sublinhados.

Por fim, apresentamos o panorama do que foi encontrado no esforço deste estudo para cada uma das categorias (Testudines, Crocodylia, Amphisbaenia, Lagartos e Serpentes): o número total de nomes populares encontrados; o número de nomes exclusivos; as espécies com o maior número de nomes conhecidos; o termo geral mais comum para se referir às espécies; o número de espécies com nomes populares desconhecidos; o número de espécies sem nomes populares exclusivos; e o número de espécies com nomes associados a espécies peçonhentas.

Resultados

Compilamos 1264 nomes populares atribuídos a 673 das 802 espécies de répteis que ocorrem no Brasil (Anexo 1). Desse total de nomes populares encontrados, 917 (73%) são nomes exclusivos. Não encontramos nenhum nome para 129 (15%) espécies e não encontramos nomes exclusivos para 477 (59%) espécies.

Encontramos 137 nomes populares para as 36 espécies de Testudines que ocorrem no Brasil, sendo 120 (88%) nomes exclusivos. O termo mais frequente usado para designar as espécies desse grupo foi "Cágado" (usado 59 vezes sozinho ou em combinações), seguido por "Tartaruga" (usado 40 vezes). Entre as espécies do grupo, *Caretta caretta, Chelonia mydas* e *Platemys platycephala* foram as espécies com mais nomes (respectivamente 14, 13, e 12 cada). Todas as espécies de Testudines possuíram ao menos um nome exclusivo.

Encontramos 29 nomes populares atribuídos às seis espécies de Crocodylia que ocorrem no Brasil, sendo 24 (83%) deles nomes exclusivos. De modo geral, o termo mais frequente para se referir às espécies de crocodilianos foi "Jacaré", usado em 21 combinações diferentes. *Paleosuchus palpebrosus* foi a espécie que apresentou o maior número de nomes (15 nomes diferentes). Todas as espécies desse grupo apresentaram ao menos um nome exclusivo.

Em relação às 74 espécies de Amphisbaenia que ocorrem no Brasil, encontramos um total de 25 nomes populares, dos quais 20 (80%) foram nomes exclusivos. No entanto, 68 espécies (92%) não possuíram nomes exclusivos, sendo chamadas indistintamente de "Cobras-de-Duas-Cabeças" e/ou "Cobras-Cega". Outras três espécies (4%) não possuíram quaisquer nomes populares atribuídos a elas. A espécie que apresentou o maior número de nomes populares foi *Amphisbaena alba,* com seis diferentes nomes.

Em relação aos Lagartos encontramos 301 nomes populares, para um total de 275 espécies, dos quais 194 (64%) foram nomes exclusivos. Nesse caso, embora o número de nomes encontrados tenha sido superior ao número de táxons, não encontramos quaisquer nomes para 66 espécies (24%), ou nomes exclusivos para 191 espécies (69%) de lagartos. A espécie com o maior número de nomes populares diferentes foi *Salvator merianae* (N = 21), seguida por *Hemidactylus mabouia* (N = 19). Em relação ao uso, o termo mais frequente para designar as espécies desse grupo foi "Calango" (usado 150 vezes), seguido por "Lagarto" (109 vezes), e "Lagartixa" (92 vezes).

Encontramos 772 nomes populares para Serpentes, para o total de 411 espécies no Brasil, sendo 559 (72%) exclusivos. Adicionalmente, não encontramos

quaisquer nomes populares na literatura para 60 espécies de serpentes (15%), enquanto que para 218 (53%) não encontramos quaisquer nomes populares exclusivos. As espécies que possuíram o maior número de nomes populares na literatura foram *Xenodon merremii* (N = 48) e *Bothrops jararaca* (N = 28). O nome mais frequente para se referir às espécies desse grupo foi "Coral" (usado 293 vezes), seguido por "Jararaca" (usado 153 vezes). A palavra "Cobra" (usada 498 vezes) foi amplamente utilizada para se referir aos integrantes desse grupo, sendo o termo "Serpente" raramente utilizado (apenas 5 vezes).

Dos nomes listados, 10 espécies de lagartos tiveram pelo menos um nome associado a animais peçonhentos. Oito espécies foram identificadas como "Víboras" (*Copeoglossum nigropunctatum*, *Diploglossus fasciatus*, *Dracaena paraguayensis*, *Hemidactylus agrius*, *H. mabouia*, *Phyllopezus pollicaris*, *Psychosaura agmosticha* e *P. macrorhyncha*) e duas como "Corais" (*Diploglossus fasciatus* e *D. lessonae*).

Entre as serpentes, 27 espécies são consideradas apenas como Falsas-Corais (*Apostolepis*, *Atractus*, *Elapomorphus*, *Phalotris, Pseudoboa, Rodriguesophis, Tantilla* e *Xenopholis*) e seis espécies como "Falsas-Jararacas" (*Dipsas neuwiedi*, *Thamnodynastes chaquensis*, *T. longicaudus*, *T. rutilus*, *Xenodon guentheri* e *X. nattereri*). No entanto, 94 espécies não peçonhentas têm ao menos um nome identificando-as com nomes de espécies peçonhentas. *Atractus major*, *Clelia clelia* (juvenil), *Drepanoides anomalus*, *Hydrops martii*, *Siphlophis cervinus*, *S. pulcher* e *Xenodon matogrossensis* foram apenas identificadas como "Corais", trazendo a ideia de se tratarem de espécies peçonhentas. Quarenta e duas espécies foram identificadas como "víbora, cascavel ou jararaca", principalmente dos gêneros *Chironius*, *Dipsas*, *Echinanthera*, *Epicrates*, *Erythrolamprus*, *Helicops*, *Hydrops*, *Hydrodynastes*, *Imantodes*, *Leptodeira*, *Lygophis*, *Mastigodryas*, *Palusophis*, *Phrynonax*, *Psomophis*, *Spilotes*, *Taeniophallus*, *Thamnodynastes*, *Tropidodryas* e *Xenodon*. Nove espécies foram identificadas ora como "víbora, cascavel ou jararaca" verdadeiros ora como falsos (*Thamnodynastes almae*, *T. nattereri*, *T. hypoconia*, *T. pallidus*, *Tomodon dorsatus*, *T. ocellatus*, *Xenodon merremii*, *X. neuwiedii* e *X. severus*). Do mesmo modo, outras espécies foram identificadas ora como "Corais-verdadeiras" ora como "Falsas-corais" (gêneros: *Anilius*, *Apostolepis, Atractus, Boiruna, Coronelaps, Erythrolamprus, Mussurana, Oxyrhopus, Phalotris, Pseudoboa, Rhinobothryum, Simophis, Siphlophis* e *Xenodon*). Por fim, para cinco espécies as identificações se misturam, pois os nomes populares variam ora como víbora, cascavel ou jararaca, ora como "Corais", falsos ou verdadeiros (*Clelia plumbea*, *Erythrolamprus poecilogyrus, Erythro-*

lamprus taeniogaster, Hydrodynastes bicinctus e *Xenopholis scalaris*).

Quanto às espécies de interesse médico (67 espécies dos gêneros *Bothrocophias, Bothrops, Crotalus, Lachesis, Leptomicrurus* e *Micrurus*), quase todas possuíram ao menos um nome popular (exceto *B. sazimai*, *M. boicora* e *M. diutius*). Entre estas espécies, 13 receberam mais de 10 nomes populares cada, em sua maioria (10 espécies) pertencentes ao gênero *Bothrops*. Entre as 67, 16 espécies não apresentaram nomes exclusivos (13 do gênero *Micrurus*), enquanto *Crotalus durissus* apresentou 16 nomes, todos exclusivos (Anexo 1).

Discussão

Encontramos 1264 nomes populares atribuídos a 673 das 802 espécies de répteis que ocorrem no Brasil atualmente. Esse grande número de nomes populares provavelmente está associado à elevada riqueza de espécies de répteis e de culturas populares no país. As origens desses nomes residem na compreensão popular acerca de vários aspectos inerentes às espécies (Frank & Ramus, 1995; Vizotto, 2003; Begossi *et al.*, 2008; Alves *et al.*, 2012; Costa & Bérnils, 2012; Crump, 2015). Por exemplo, aspectos da morfologia (*e.g.* Jacaré-Enferrujado para *Paleosuchus palpebrosus*), do comportamento (*e.g.* Dorme-Dorme para *Dipsas* spp.), da dieta (Papa-Pinto para *Drymarchon corais*), do habitat (Fura-Terra para *Atractus* spp.), da área geográfica de principal ocorrência (Jacaré-do-Pantanal para *Caiman yacare*), do polimorfismo (Urutu-Preta ou Urutu-Amarela para *Xenodon merremii*), da variação ontogenética (Cobra-Preta e Cobra-Coral para *Clelia clelia*), da variação regional (Lagartixa, Osga, Briba para *Hemidactylus* spp.) e da variação regional na grafia (Tegu, Teiú, Tejo, Teju, Tejú, Tiju e Tiú para *Salvator merianae*). Neste estudo, nós mantivemos todos os nomes populares encontrados na literatura respeitando sua grafia original, mesmo quando se tratavam unicamente de variações regionais, valorizando assim o conhecimento popular em relação aos répteis.

Apesar dessa diversidade de nomes populares presentes na literatura, não encontramos quaisquer nomes atribuídos para 129 (15%) espécies de répteis que ocorrem no Brasil, todas elas Squamata. De modo geral, essas espécies possuem atributos em comum, como hábitos fossoriais (*e.g. Amphisbaena* spp.), tamanho corporal reduzido (*e.g. Coleodactylus* spp.), ocorrência rara (*e.g. Apostolepis arenaria*), ou distribuição restrita (*e.g. Dendrophidion atlantica*), fatores que podem explicar a baixa fixação entre os conhecimentos tradicionais. Portanto, a ausência de nomes populares para estas espécies pode ser explicada por elas figurarem em menor frequência e intensidade no cotidiano das comunidades tradicionais e, conse-

quentemente, terem menor importância prática, seja na alimentação, no uso como fármaco-terápicos ou mesmo importância médica (Crump, 2015).

Também encontramos uma considerável repetição dos mesmos nomes populares (sinonímias etnotaxonômicas) para diferentes espécies. Alguns termos aparecem nesta lista com frequência relativamente alta, como por exemplo, "Calango" (150 vezes), "Jararaca" (153) e "Coral" (293), tanto para espécies distintas (*e.g*. Jararaca para *Xenodon neuwiedii* e *Bothrops jararaca*) ou em composições diferentes para a mesma espécie (*e.g*. *Bothrops jararaca*: Jararaca-Comum, Jararaca-da-Mata-Virgem, Jararaca-do-Campo, Jararaca-do-Rabo-Branco, Jararaca-Preguiçosa, Jararaca-Rabo-de-Osso). Esses casos foram observados sobretudo em táxons com ampla distribuição (*e.g*. *Bothrops* spp., *Micrurus* spp.), mesmo que cada espécie possua características diagnósticas. Aparentemente, a magnitude das semelhanças sugere uma nomeação convergente na etnotaxonomia (*e.g*. *Bothrops* spp. = jararaca, *Micrurus* spp. = Coral). Embora esta denominação popular de maneira generalizada se dê para táxons com pouco interesse médico ou alimentício (Von Ihering, 1968).

Por outro lado, Alves *et al*., (2011, 2012) apontam que pelo menos 81 espécies de répteis com ocorrência no Brasil são reconhecidas pela cultura popular por apresentarem conflitos ou por serem úteis de alguma maneira. Os usos dessas espécies são bastante diversos, como: fonte de alimento, medicinal, religioso, animais de estimação e, até mesmo, como enfeite em residências (Alves *et al*., 2011, 2012). Comparando os nomes aqui levantados com as 81 espécies apontadas por Alves *et al*., (2011, 2012), nota-se que todas as espécies que possuem usos ou conflitos com a população apresentam ao menos um nome popular conhecido, sendo que 32 (40%) delas receberam mais de 10 nomes. Além disso as espécies usadas para alimentação têm um ou mais nomes exclusivos, mas não necessariamente um grande número de nomes. Os quelônios amazônicos e os crocodilianos, por exemplo, amplamente usados na culinária tradicional, na produção de utensílios domésticos e também no tratamento de doenças (Alves *et al*., 2011, 2012; Rhodin *et al*., 2017), são reconhecidos pelas comunidades locais, recebendo nomes populares espécie-específicos relativamente conservados entre diferentes culturas, enquanto diversos táxons sem importância cinegética são nomeados, em geral, com os mesmos termos (Alves *et al*., 2012; Von Ihering, 1968; este estudo).

O uso de um mesmo nome para espécies diferentes pode trazer consequências graves, como em casos de acidentes ofídicos (Costa & Bérnils, 2012; Mota-da-Silva *et al*., 2019), assim como a morte de animais não peçonhentos decorrentes de identificação errônea.

Os táxons ápodos (*e.g. Ophiodes* spp. e *Amphisbaena* spp.) são comumente mortos devido à semelhança com as serpentes, além de serem popularmente associados ao envenenamento. As espécies não peçonhentas que são identificadas como peçonhentas formam um grupo muito heterogêneo. Para os lagartos, a associação com serpentes é mais comum nos grupos que possuem membros reduzidos (*i.e. Ophiodes*). Já no caso das serpentes, de modo geral, cinco características principais parecem ser levadas em conta pelos populares para se atribuir a condição de peçonhenta: padrão variegado, forma da cabeça, manchas ou cores avermelhadas, presença de bandas e tamanho do corpo. Serpentes que apresentam tons marrons (*e.g. Leptodeira*), ou cabeça ligeiramente em forma de lança (*e.g. Thamnodynastes*) são identificadas como "Jararacas", "Jararaquinha" e suas variações na cultura popular. Espécies com tons vermelhos ou bandas são identificadas como "Corais", falsas ou verdadeiras. Curiosamente, alguns Pseudoboini podem ser reconhecidos como "Corais" nas fases juvenis (*e.g. Clelia plumbea*), mas os adultos de coloração preta são reconhecidos como "Muçuranas", nome que muitas vezes carrega o significado de ser útil por predar outras serpentes. Especificamente sobre o gênero *Bothrops*, indivíduos pequenos (juvenis ou adultos) são chamados de "Jararacas", enquanto que indivíduos de grande porte (por vezes da mesma espécie) são chamados de "Jararacussu" ou até mesmo de "Surucucu" (Mota-da-Silva *et al.*, 2019; este estudo). Esse raciocínio se estende também para espécies não peçonhentas que são reconhecidas como "Jararacas" (*i.e. Palusophis bifossatus* e *Hydrodynastes gigas*). Em alguns casos, como *Erythrolamprus poecilogyrus*, os padrões de coloração diferentes ao longo da distribuição podem explicar o porquê dessa espécie ser reconhecida como "Jararaca" (padrão marrom) e "Coral" (padrão bandeado), dependendo da região. Convém ressaltar que as atribuições "falsa" ou "verdadeira" para essas espécies não parecem seguir critérios objetivos.

Embora o número de espécies de serpentes de importância médica seja relativamente baixo no Brasil (9% das espécies de serpentes: Viperidae, N = 31 e Elapidae, N = 36), as lendas e mitos que estigmatizam esse grupo ainda são um fator potencializador de problemas relacionados à conservação dessas espécies (Argôlo, 2004; Moura *et al.*, 2010). Apesar da grande maioria das espécies de importância médica receberem nomes populares e de algumas poderem ser identificadas de maneira inequívoca, a diversidade de nomes populares atribuídas a um mesmo táxon e a ampla ocorrência de sinonímias etnotaxonômicas com espécies não-peçonhentas revela a perpetuação dos problemas de erros de identificação, com sérias consequências no âmbito da con-

servação. Desta forma, é urgente que projetos de educação ambiental e/ou divulgação científica sejam executados em todo o país com o objetivo de levar conhecimento acerca das espécies com preocupação médica e desmistificar questões relacionadas à identificação e periculosidade das serpentes em geral, reduzindo assim os conflitos entre humanos e este grupo de répteis.

Diagnosticamos, neste estudo, que existe um uso majoritário do termo "Cobra" em relação à "Serpente" no conhecimento popular. Há importantes discussões a respeito do uso desses dois termos na literatura (*e.g*. Amaral, 1978; Puorto, 2001; Sandrin *et al*., 2005; Fernandes-Ferreira *et al*., 2011) e o emprego desses nomes tem sido abordado por diferentes autores, sem padronização (ver discussão em Sandrin *et al*., 2005). Embora as culturas tradicionais brasileiras reconheçam as duas palavras como sinônimas, o uso de "Cobra" é bem mais frequente (Sandrin *et al*., 2005; este estudo). Sendo assim, sugerimos o uso do termo "Cobra" no contexto do discurso popular, reservando o termo "Serpente" ao âmbito técnico e acadêmico.

A utilização de nomes populares para espécies pouco carismáticas, como o caso dos répteis, é fundamental para a aproximação destes animais com a sociedade em geral. Neste estudo, apresentamos a lista de nomes populares dos répteis que ocorrem no Brasil a partir de dados disponíveis na literatura. É possível, no entanto, que neste primeiro esforço alguns nomes populares não tenham sido localizados, o que se justifica pela enorme diversidade cultural e riqueza de espécies no País. Esta compilação contribui de maneira relevante com a etnoherpetologia brasileira, porém é notável a existência de diversas lacunas no conhecimento tradicional sobre os répteis no Brasil. Portanto, recomendamos que os herpetólogos, em trabalhos de campo, considerem, valorizem e forneçam, nos relatórios e publicações, os nomes populares locais (em vez de omiti-los ou priorizar aqueles já existentes na literatura) para as espécies-alvo das suas pesquisas. Esta simples iniciativa, apesar de não ter caráter intrínseco etnológico (ciência com objetos, métodos e abordagens teóricas próprias), certamente proverá um quantitativo imensurável de novos nomes populares à literatura, contribuindo para revelar a real extensão da variação geográfica e cultural dos nomes populares dos répteis brasileiros e, consequentemente, substanciar com mais robustez uma futura atualização da presente lista.

Agradecimentos

RCG agradece ao Prof. Dr. Marcello Modesto (FFLCH-USP) pelo suporte técnico sobre as normas da língua portuguesa. O presente estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES): CMR, doutorado, Processo 88882.428055/2019-01 e PRMF, doutorado, Processo 1571045/2015; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): ADA, mestrado, Processo 130115/2013-3, DMMM, doutorado, Processo 141878/2018-5 e RAB, pós-doutorado, Processo 155556/2018-5; e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ): JCFO, pós-doutorado, Processo E-26/202.388/2017.

Referências

Abegg A.D., Entiauspe-Neto O.M. 2012. Serpentes do Rio Grande do Sul. Livraria & Editora Werlang, Tapera.

Alves R.R.N., Pereira-Filho G.A., Vieira K.S., Souto W.M.S., Mendonça L.E.T., Montenegro P.F.G.P., ..., Vieira W.L.S. 2012. A zoological catalogue of hunted reptiles in the semiarid region of Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 8:27. doi:10.1186/1746-4269-8-27

Alves R.R.N., Vieira K.S., Santana G.G., Vieira W.L.S., Almeida W.O., Souto W.M.S., ..., Pezzuti J.C.B. 2011. A review on human attitudes towards reptiles in Brazil. Environmental Monitoring and Assessment 184:6877–6901. doi:10.1007/s10661-011-2465-0

Amaral A. 1973. Ofionímia ameríndia na ofiologia brasiliense. *Memórias do Instituto Butantan* 37:1–15.

Amaral A. 1977. Questões vernáculas IV - Linguagem indianista: O Tupi-Guarani na nomenclatura das serpentes do Brasil. *Revista da Academia Paulista de Letras* 87:195–218.

Amaral A. 1978. Serpentes do Brasil. Iconografia colorida. Melhoramentos/ EDUSP, São Paulo.

Argôlo A.J.S. 2004. As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia. Editus, Ilhéus.

Begossi A., Clauzet M., Figueiredo J.L., Garuana L., Limca R.V., Lopes P.F., ..., Silvan R.A.M. 2008. Are biological species and higher-ranking categories real? Fish folk taxonomy on Brazil's Atlantic Forest Coast and in the Amazon. *Current Antropology* 49:291–306. doi:10.1086/527437

Berlin B., Breedlove D.E., Raven P.H. 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American Anthropology* 75:214–242. doi:10.1525/aa.1973.75.1.02a00140

Cardoso J.L.C. 2009. José de Anchieta e as Cartas. Pp. 521–522, in Cardoso J.L.C., França F.O.S., Wen F.H., Málaque C.M.S., Haddad V. Jr. (Orgs.), Animais Peçonhentos no Brasil: Biologia, Clínica e Terapêutica dos Acidentes. Sarvier, São Paulo.

Clément D. 1995. Why is taxonomy utilitarian? *Journal of Ethnobiology* 15:1–44.

Costa H.C., Bérnils R.S. 2012. Devemos aplicar, na literatura médica, as mudanças recentes na classificação das serpentes? *Gazeta Medica da Bahia* 82:28–32.

Costa H.C., Bérnils R.S. 2018. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira* 7:11–57.

Costa-Neto E.M., Marques J.G.W. 2000. A Etnotaxonomia de recursos ictiofaunísticos pelos pescadores da comunidade de Siribinha, norte do Estado da Bahia, Brasil. *Biociências* 8:61–76.

CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). 1990. Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Acessível em: *http://www.cplp.org/Files/Filer/cplp/Acordos/maisAcordos/Acordo-OrtogrLinguaPortug.pdf*. Acesso: 06 de Abril de 2019.

Crump M. 2015. Eye of Newt and Toe of Frog, Adder's Fork and Lizard's Leg, the Lore and Mythology of Amphibians and Reptiles. University of Chicago Press, Chicago.

Entiauspe-Neto O.M., Loebmann D. 2019. Taxonomic status of *Chironius laurenti* Dixon, Wiest & Cei, 1993 and of the long-forgotten *Chironius* dixoni Wiest, 1978 (Squamata, Serpentes). *Bionomina* 16:83–87. *doi:10.11646/bionomina.16.1.4*

Entiauspe-Neto O.M., Guedes T.B., Loebmann D., de Lema T. 2020. Taxonomic status of two simultaneously described *Apostolepis* Cope, 1862 species (Dipsadidae: Elapomorphini) from Caatinga enclaves moist forests, Brazil. *Journal of Herpetology* 54:225–234. *doi:10.1670/19-053*

Entiauspe-Neto O.M., Sena A., Tiutenko A., Loebmann D. 2019. Taxonomic status of *Apostolepis barrioi* Lema, 1978, with comments on the taxonomic instability of *Apostolepis* Cope, 1862 (Serpentes, Dipsadidae). *ZooKeys* 841:71–78. *doi:10.3897/zookeys.841.33404*

Fernandes-Ferreira H., Cruz R.L., Borges-Nojosa D.M., Alves R.R.N. 2011. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, Nordeste do Brasil. Sitientibus: Série Ciências Biológicas 11:153–163.

Frank N., Ramus E. 1995. A Complete Guide to Scientific and Common Names of Reptiles and Amphibians of the World. Reptile and Amphibian magazine, Pottsville.

Frederico E.Y. 2009. O inferno são os outros: animais peçonhentos no Brasil Colonial. Pp. 515–520, in Cardoso J.L.C., França F.O.S., Wen F.H., Málaque C.S., Haddad V. Jr. (Orgs.), Animais Peçonhentos no Brasil: Biologia, Clínica e Terapêutica dos Acidentes. Sarvier, São Paulo.

Garrido C. 2012. Divergências no inventário das línguas e na constituição dos elementos lexicais equivalentes como fonte de discordâncias interculturais na tradução de textos destinados ao ensino e divulgação da ciência. *Lebende Sprachen* 57:238–264. *doi:10.1515/les-2012-0021*

Hunn E. 1982. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist* 84:830–847. *doi:10.1525/aa.1982.84.4.02a00070*

ICZN (International Commission on Zoological Nomenclature). 1999. The Code. 4th ed. International code of zoological nomenclature. Acessível em: *http://www.iczn.org*. Acesso: 28 de março de 2019.

de Lema T. 2002. Os répteis do Rio Grande do Sul: atuais e fósseis, biogeografia, ofidismo. EDIPUCRS, Porto Alegre.

Lopes P., Silvano R., Begossi A. 2010. Da Biologia a Etnobiologia – Taxonomia e etnotaxonomia, ecologia e etnoecologia. Pp. 69–94, in Alves R.R.A., Souto W.M.S., Mourão J.S. (Eds.), A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. NUPPEA, Recife.

Marques O.A.V., Eterovic A., Sazima I. 2001. Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para a Serra do Mar. Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Sazima I. 2019. Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para as florestas costeiras do Brasil. Ponto A, Cotia.

Marques O.A.V., Eterovic A., Nogueira C.C., Sazima I. 2015. Serpentes do Cerrado: guia ilustrado. 1. ed., Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Strüssman C., Sazima I. 2005. Serpentes do Pantanal. Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Guedes T.B., Sazima I. 2017. Serpentes da Caatinga: guia ilustrado. Ponto A, Cotia.

Martins A., Koch C., Pinto R., Folly M., Fouquet A., Passos P. 2019. From the inside out: discovery of a new genus of thread snakes based on anatomical and molecular data, with discussion of the leptotyphlopid hemipenial morphology. *Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research* 57:840–863. *doi:10.1111/jzs.12316*

Midtgaard R. 2019. English common names of reptiles, a working checklist. Acessível em: http://www.naturewindow.dk/UKnames.html. Acesso: 28 de fevereiro de 2019.

Mota-da-Silva A., Monteiro W.M., Bernarde P.S. 2019. Popular names for bushmaster (*Lachesis muta*) and lancehead (*Bothrops* atrox) snakes in the Alto Juruá region: repercussions for clinical-epidemiological diagnosis and surveillance. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 52:1–4. doi:10.1590/0037-8682-0140-2018

Moura M.R., Costa H.C., São-Pedro V.A., Fernandes V.D., Feio R.N. 2010. O relacionamento entre pessoas e serpentes no leste de Minas Gerais, sudeste do Brasil. *Biota Neotropica* 10:133–141. doi:10.1590/S1676-06032010000400018

Nogueira C.C., Argôlo A.J.S., Arzamendia V., Azevedo J.A., Barbo F.E., Bérnils R.S., ..., Martins M.M. 2019. Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. *South American Journal of Herpetology 14:1–274*. doi:10.2994/SAJH--D-19-00120.1

Nolan J.M., Robbins M.C. 2001. Emotional Meaning and the Cognitive Organization of Ethnozoological Domains. *Journal of Linguistic Anthropology* 11:240–249.

Passos D.C., Machado L.F., Lopes A.F., Beserra B.L.R. 2015. Calangos e lagartixas: concepções sobre lagartos entre estudantes do Ensino Médio em Fortaleza, Ceará, Brasil. *Ciência & Educação* 21:133–148. doi:10.1590/1516-731320150010009

Pinto M.F., Mourão J.S., Alves R.R.N. 2013. Ethnotaxonomical considerations and usage of ichthyofauna in a fishing community in Ceará State, Northeast Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 9:17. doi:10.1186/1746-4269-9-17

Poe S. 2004. Phylogeny of Anoles. *Herpetological Monographs* 18:37–89. doi:10.1655/0733-1347(2004)018[0037:POA]2.0.CO;2

Puorto G. 2001. (CD-ROM). Tudo que você precisa saber. Museu do Instituto Butantan, São Paulo.

Raddi G. 1820. Di alcune specie di rettili e piante brasiliane. Memoria di Giuseppe Raddi. Memorie di Matematica e di Fisica della Società Italiana delle Scienze. Presso la Società Tipografica, Modena.

Rhodin A.G.J., Iverson J.B., Bour R., Fritz U., Georges A., Shaffer H.B., Van Dijk P.P. 2017. Turtles of the world: annotated checklist and atlas of taxonomy, synonymy, distribution, and conservation status. *Chelonian Research Monographs* 7:1–292.

Sandrin M.D.F.N., Puorto G., Nardi R. 2005. Serpentes e acidentes ofídicos: um estudo sobre erros conceituais em livros didáticos. *Investigações em Ensino de Ciências* 10:281–298.

Silva J.L., Mota-da-Silva A., Amaral G.L.G., Ortega G.P., Monteiro W.M., Bernarde P.S. 2019. The deadliest snake according to ethnobiological perception of the population of the Alto Juruá region, western Brazilian Amazonia. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 53:1–6. *doi:10.1590/0037-8682-0305-2019*

Vasconcelos-Neto L.B., Garcia-da-Silva A.S., Brito I.A.S., Chalkidis H.M. 2018. O conhecimento tradicional sobre as serpentes em uma comunidade ribeirinha no centro-leste da Amazônia. *Ethnoscientia* 3:1–7. *doi:10.22276/ethnoscientia.v3i0.157*

Vizotto L.D. 2003. Serpentes: lendas, mitos, superstições e crendices. Plêiade, São Paulo.

Von Ihering R. 1968. Dicionário dos animais do Brasil. Editora Universidade de Brasília, São Paulo.

Editor: Délio Baêta

Anexo 1

Lista dos Nomes Populares dos Répteis no Brasil – Primeira Versão

REPTILIA (Répteis)

TESTUDINES (Cágados, Jabutis e Tartarugas)

Acanthochelys macrocephala (Rhodin, Mittermeier & McMorris, 1984)
Nomes populares: Cágado, Tartaruga-do-Pantanal.

Acanthochelys radiolata (Mikan, 1820) -
Nomes populares: Cágado, Cágado-Amarelo, Cágado-Pescoço-de-Cobra.

Acanthochelys spixii (Duméril & Bibron, 1835)
Nomes populares: Cágado, Cágado-D'água-Doce, Cágado-de-Canaleta, Cágado-de-Pescoço-Espinhudo, Cágado-do-Cerrado, Cágado-Feio, Cágado-Preto, Tartaruga-Bunda.

Caretta caretta (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Avó-de-Aruanã, Cabeça-Grande, Cabeçuda, Careba-Amarela, Carebadura, Careba-Dura, Tartaruga, Tartaruga-Amarela, Tartaruga-Avó, Tartaruga-Cabeçuda, Tartaruga-Carei, Tartaruga-Marinha-Comum, Tartatura-Meio-Pente, Tartaruga-Mestiça.

Chelonia mydas (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Aruanã, Depeia, Falso-Carei, Jereba, Suçuarana, Tartaruga-Apedrês, Tartaruga-de-Sopa, Tartaruga-do-Mar, Tartaruga-Marinha, Tartaruga-Marinha-Comum, Tartaruga-Pedrês, Tartaruga-Verde, Uruanã.

Chelonoidis carbonarius (Spix, 1824)
Nomes populares: Jaboti, Jabuti, Jabuti-Piranga, Jabuti-Vermelho.

Chelonoidis denticulatus (Linnaeus, 1766)
Nomes populares: Jaboti, Jabuti, Jabuti-Amarelo, Jabuti-Tinga.

Chelus fimbriata (Schneider, 1783)
Nomes populares: Cágado, Matamatá, Mata-Matá.

Dermochelys coriacea (Vandelli, 1761)
Nomes populares: Careba-Gigante, Careba-Mole, Tartaruga-de-Cerro, Tartaruga-de-Couro, Tartaruga-de-Leste, Tartaruga-de-Quilha, Tartaruga-Gigante, Tartaruga-Preta.

Eretmochelys imbricata (Linnaeus, 1766)
Nomes populares: Tartaruga-de-Escamas, Tartaruga-de-Pente, Tartaruga-do-Mar, Tartaruga-Verdadeira, Verdadeiro-Carei.

Hydromedusa maximiliani (Mikan, 1825)
Nomes populares: Cágado-da-Serra, Cágado-Pescoço-de-Cobra.

Hydromedusa tectifera Cope, 1870
Nomes populares: Cágado, Cágado-Cabeça-de-Cobra, Cágado-de-Pescoço-Comprido.

Kinosternon scorpioides (Linnaeus, 1766)
Nomes populares: Cabeçudinho, Cágado, Jurará, Muçuã, Peito-de-Mola.

Lepidochelys olivacea (Eschscholtz, 1829)
Nomes populares: Falsa-Careta, Tartaruga-Comum, Tartaruga-Oliva, Tartaruga-Pequena, Tartaruga-Verde, Xibirro.

Mesoclemmys gibba (Schweigger, 1812)
Nomes populares: Cágado, Cágado-de-Poças, Cágado-de-Poças-da-Floresta.

Mesoclemmys heliostemma (McCord, Joseph-Ouni & Lamar, 2001)
Nomes populares: Cágado, Perema-da-Cabeça-Amarela.

Mesoclemmys hogei (Mertens, 1967)
Nomes populares: Cágado, Cágado-de-Hoge, Cágado-de-Hogei, Cágado-do-Paraíba, Cágado-do-Paraíba-do-Sul.

Mesoclemmys nasuta (Schweigger, 1812)
Nomes populares: Cágado-da-Cabeça-de-Sapo, Lalá.

Mesoclemmys perplexa Bour & Zaher, 2005
Nomes populares: Cágado, Cágado-Goiano.

Mesoclemmys raniceps (Gray, 1856)
Nomes populares: Cágado, Cágado-de-Cabeça-de-Sapo-Comum, Lalá.

Mesoclemmys tuberculata (Lüderwaldt, 1926)
Nomes populares: Cágado, Cágado-D'água, Cágado-do-Nordeste, Cágado-Caramujeiro.

Mesoclemmys vanderhaegei (Bour, 1973)
Nomes populares: Cágado, Cágado-Cabeçudo, Galápago, Tartaruga-Cabeça-de-Sapo.

Peltocephalus dumerilianus (Schweigger, 1812)
Nomes populares: Acanguaçu, Cabeçuda, Cabeçudo, Capitari (machos), Jurará, Peindu, Tartaruga-Arara, Tartaruga-de-Bico-de-Arara.

Phrynops geoffroanus (Schweigger, 1812)
Nomes populares: Cágado, Cágado-de-Barbela, Cágado-de-Barbelas-Pintado, Cágado-de-Barbicha, Cágado-de-Barbixa, Cágado-de-Esgoto, Cágado-de-Ferradura-Comum, Cágado-do-Rio, Cangapara, Lalá, Tartaruga-do-Pescoço-de-Cobra.

Phrynops hilarii (Duméril & Bibron, 1835)
Nomes populares: Cágado-Comum, Cágado-de-Barbelas-Cinzento, Cágado-de-Barbilhão.

Phrynops tuberosus (Peters, 1870)
Nomes populares: Cágado, Cágado-de-Barbicha, Cágado-Rajado, Cangapara.

Phrynops williamsi Rhodin & Mittermeier, 1983
Nomes populares: Cágado-de-Barbela, Cágado-de-Ferradura, Cágado-de-Ferradura-Sulino.

Platemys platycephala (Schneider, 1792)
Nomes populares: Cágado, Charapa, Charapita, Charapita-de-Aguajal, Charapita-de-Altura, Chata, Jabuti-Machado, Jabuti-Mato-Grossense, Lalá, Machado, Perema, Quetijápa.

Podocnemis erythrocephala (Spix, 1824)
Nomes populares: Calalumã, Irapuca.

Podocnemis expansa (Schweigger, 1812)
Nomes populares: Capitari, Tartaruga-da-Amazônia, Viração.

Podocnemis sextuberculata Cornalia, 1849
Nomes populares: Cambéua, Iaçá, Pitiú.

Podocnemis unifilis Troschel, 1848
Nomes populares: Tracajá, Zé-Prego.

Rhinemys rufipes (Spix, 1824)
Nome popular: Cágado-Vermelho.

Rhinoclemmys punctularia (Daudin, 1801)
Nomes populares: Aperema, Cágado, Jabuti-Aperema, Jurará, Muçuã, Perema.

Trachemys adiutrix Vanzolini, 1995
Nomes populares: Cágado, Capininga, Jurará, Juraraca, Pininga.

Trachemys dorbigni (Duméril & Bibron, 1835)
Nomes populares: Tartaruga, Tartaruga-Imperial, Tartaruga-Verdadeira, Tartaruga-Verde-e-Amarela, Tigre-D'água, Tigre-D'água-Amarelo.

CROCODYLIA (Jacarés)

Caiman crocodilus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Jacaré-do-Pantanal, Jacaretinga, Jacaré-Tinga, Tinga.

Caiman latirostris (Daudin, 1801)
Nomes populares: Jacaré-Comum, Jacaré-do-Papo-Amarelo, Jacaré-de-Papo-Amarelo, Jacaré-Oriental.

Caiman yacare Daudin, 1801
Nomes populares: Jacaré-do-Pantanal, Jacaré-do-Paraguai.

Melanosuchus niger (Spix, 1825)
Nomes populares: Jacaré-Açú, Jacaré-Preto.

Paleosuchus palpebrosus (Cuvier, 1807)
Nomes populares: Cocodrilo, Crocodilo, Jacaré-Anão, Jacaré-Coroa, Jacaré-do-Buraco, Jacaré-Enferrujado, Jacaré-Ferro, Jacaré-Mirim, Jacaré-Paguá, Jacaré-Pedra, Jacaré-Preto, Jacaré-Una, Jacaré-Vermelho, Pretinho, Tiritiri.

Paleosuchus trigonatus (Schneider, 1801)
Nomes populares: Caimão-de-Cara-Lisa, Jacaré-de-Cara-Lisa, Jacaré-Pedra, Jacaré-Coroa, Jacaré-Curuá.

AMPHISBAENIA (Cobras-de-Duas-Cabeças, Cobras-Cegas e Mães-da-Saúva)

Amphisbaena absaberi (Strüssmann & Carvalho, 2001)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena acrobeles (Ribeiro, Castro-Mello & Nogueira, 2009)
Nome popular: desconhecido.

Amphisbaena alba Linnaeus, 1758
Nomes populares: Boiacica, Cobra-Cega, Cobra-de-Duas-Cabeças-Amarela-Grande, Cobra-de-Duas-Cabeças, Mãe-da-Saúva, Minhocão.

Amphisbaena amazonica Vanzolini, 1951
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena anaemariae Vanzolini, 1997
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena anomala (Barbour, 1914)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena arda Rodrigues, 2003
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-Pintada.

Amphisbaena arenaria Vanzolini, 1991
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena bahiana Vanzolini, 1964
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena bedai (Vanzolini, 1991)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena bilabialata (Stimson, 1972)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena brasiliana (Gray, 1865)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena brevis Strüssmann & Mott, 2009
Nome popular: desconhecido.

Amphisbaena caiari Teixeira Jr., Dal Vechio, Mollo Neto & Rodrigues, 2014
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena camura Cope, 1862
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena carli Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2010
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena carvalhoi Gans, 1965
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena crisae Vanzolini, 1997
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena cuiabana (Strüssmann & Carvalho, 2001)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-de-Cuiabá.

Amphisbaena cunhai Hoogmoed & Avila-Pires, 1991
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena darwinii Duméril & Bibron, 1839
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-Uruguaia.

Amphisbaena dubia Müller, 1924
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena filiformis Ribeiro, Gomes, Silva, Cintra & Silva Jr., 2016
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena frontalis Vanzolini, 1991
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena fuliginosa Linnaeus 1758
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-Pintada.

Amphisbaena hastata Vanzolini, 1991
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena heathi Schmidt, 1936
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena hiata Montero & Céspedez, 2002
Nome popular: desconhecido.

Amphisbaena hogei Vanzolini, 1950
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena ibijara Rodrigues, Andrade & Lima, 2003
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-da-Terra.

Amphisbaena ignatiana Vanzolini, 1991
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena kingii (Bell, 1833)
Nomes populares: Anfisbena-de-Crista, Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena kraoh (Vanzolini, 1971)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena leeseri Gans, 1964
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena leucocephala Peters, 1878
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena littoralis Roberto, Brito & Ávila, 2014
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena lumbricalis Vanzolini, 1996
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena maranhensis Gomes & Maciel, 2012
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena mertensii Strauch, 1881
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-de-Mertens, Cobra-de-Duas-Cabeças.

Amphisbaena metallurga Costa, Resende, Teixeira Jr., Dal Vechio & Clemente, 2015
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena miringoera Vanzolini, 1971
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena mitchelli Procter, 1923
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena munoai Klappenbach, 1966
Nomes populares: Anfisbena-Pequena, Cobra-Cega-Branca, Cobra-Cega-Pequena, Cobra-Cega--Uruguaia-Pequena.

Amphisbaena neglecta Dunn & Piatt, 1936
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena nigricauda Gans, 1966
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena persephone Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2014
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-da-Terra.

Amphisbaena pretrei Duméril & Bibron, 1839
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena prunicolor (Cope, 1885)
Nomes populares: Anfisbena-Marrom, Cobra-de-Duas-Cabeças-Marrom.

Amphisbaena ridleyi Boulenger, 1890
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena roberti Gans, 1964
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena sanctaeritae Vanzolini, 1994
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena saxosa (Castro-Mello, 2003)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena silvestrii Boulenger, 1902
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-Cuiabana.

Amphisbaena slevini Schmidt, 1938
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena steindachneri Strauch, 1881
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena supernumeraria Mott, Rodrigues & Santos, 2009
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena talisiae Vanzolini, 1995
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-do-Cerrado, Cobra-de-Duas-Cabeças-da-Pitomba.

Amphisbaena trachura Cope, 1885
Nomes populares: Anfisbena-Comum, Cobra-Cega, Cobra-de-Duas-Cabeças-Comum, Cobra-de--Duas-Cabeças-Grande, Cobra-de-Duas-Cabeças.

Amphisbaena tragorrhectes Vanzolini, 1971
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena uroxena Mott, Rodrigues, Freitas & Silva, 2008
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena vanzolinii Gans, 1963
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena varia Laurenti, 1768
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega, Mãe-de-Saúva.

Amphisbaena vermicularis Wagler in Spix, 1824
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Amphisbaena wiedi Vanzolini, 1951
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-Pintada.

Leposternon cerradensis Ribeiro, Vaz-Silva & Santos-Jr, 2008
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças-do-Cerrado.

Leposternon infraorbitale (Bertold, 1859)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Leposternon kisteumacheri Porto, Soares & Caramaschi, 2000
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Leposternon maximus Ribeiro, Nogueira, Cintra, Silva Jr.e Zaher, 2012
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Leposternon microcephalum Wagler in Spix, 1824
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Leposternon octostegum (Duméril, 1851)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Leposternon polystegum (Duméril, 1851)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Leposternon scutigerum (Hemprich, 1820)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Leposternon wuchereri (Peters, 1879)
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

Mesobaena rhachicephala Hoogmoed, Pinto, Rocha & Pereira, 2009
Nomes populares: Cobra-de-Duas-Cabeças, Cobra-Cega.

"LAGARTOS" (Bribas, Calangos, Camaleões, Cobras-de-Vidro, Lagartos e Lagartixas)

Acratosaura mentalis (Amaral, 1933)
Nome popular: Teiú-Pigmeu.

Acratosaura spinosa Rodrigues, Cassimiro, Freitas & Silva, 2009
Nome popular: Lagarto-Espinhoso.

Alexandresaurus camacan Rodrigues, Pellegrino, Dixo, Verdade, Pavan, Argôlo & Sites, 2007
Nome popular: desconhecido.

Alopoglossus angulatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Briba, Lagartinho-do-Olho-Vermelho, Lagartixa, Lagarto-da-Terra, Lagarto-do-Folhiço.

Alopoglossus atriventris Duellman, 1973
Nome popular: desconhecido.

Alopoglossus buckleyi (O'Shaughnessy, 1881)
Nome popular: desconhecido.

Amapasaurus tetradactylus Cunha, 1970
Nome popular: desconhecido.

Ameiva ameiva (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Bico-Doce, Calango-Bico-Doce, Calango-Tijibu, Tijibu, Calango, Calango-Verde, Camaleão-Ferro, Jacaré-Pinima, Lagarto, Lagarto-Verde, Sardão-Grande, Tejubina, Tijubina.

Ameiva jacuba Giugliano, Nogueira, Valdujo, Collevatti & Colli, 2013
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Iguaninha.

Ameiva parecis (Colli, Costa, Garda, Kopp, Mesquita, Péres, Valdujo, Vieira & Wiederhecker, 2003)
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Iguaninha, Lagarto.

Ameivula cipoensis Arias, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014
Nome popular: desconhecido.

Ameivula confusioniba (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
Nomes populares: Calango, Calango-ligeiro, Tejubina, Tijubina.

Ameivula jalapensis (Colli, Giugliano, Mesquita & França, 2009)
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Iguaninha.

Ameivula mumbuca (Colli, Caldwell, Costa, Gainsbury, Garda, Mesquita, Filho, Soares, Silva, Valdujo, Vieira, Vitt, Werneck, Wiederhecker & Zatz, 2003)
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Iguaninha.

Ameivula nativo (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997)
Nomes populares: Lagartinho-de-Linhares, Lagartinho-Nativo.

Ameivula nigrigula (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
Nome popular: desconhecido.

Ameivula ocellifera (Spix, 1825)
Nomes populares: Calango, Calango-da-Praia, Calango-Ligeiro, Calango-Listrado, Calango-Pequeno, Calango-Tijubina, Calanguinho, Calanguinho-Pintado, Calanguinho-Sardão-Pequeno, Calanguinho-Verde, Tijubina.

Ameivula pyrrhogularis (Silva & Avila-Pires, 2013)
Nomes populares: Calango, Calango-Ligeiro, Calango-Tijubina, Tijubina,

Ameivula xacriaba Arias, Teixeira Jr., Recoder, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014
Nome popular: desconhecido.

Anisolepis grilli Boulenger, 1891
Nomes populares: Camaleão, Lagartinho, Lagartixa-das-Uvas, Papa-Vento, Papa-Vento-Comum, Papa-Vento-do-Rabo-Rajado.

Anisolepis longicauda (Boulenger, 1891)
Nome popular: desconhecido.

Anisolepis undulatus (Wiegmann, 1834)
Nomes populares: Lagartixa, Papa-Vento, Papa-Vento-do-Sul.

Anolis auratus (Daudin, 1802)
Nome popular: Papa-Vento.

Anolis bombiceps Cope, 1875
Nome popular: Papa-Vento.

Anolis brasiliensis Vanzolini & Williams, 1970
Nomes populares: Calango-Bandeira, Papa-Vento.

Anolis chrysolepis Duméril & Bibron, 1837
Nomes populares: Calango, Camaleão, Papa-Vento.

Anolis fuscoauratus (D'Orbigny, 1837 in Duméril & Bibron, 1837)
Nomes populares: Anoles, Calango, Calango-Bandeira, Papa-Vento.

Anolis meridionalis Boettger, 1885
Nomes populares: Calango-Bandeira, Lagarto-Preguiça, Papa-Vento.

Anolis ortonii Cope, 1868
Nomes populares: Anoles, Calango, Calango-Bandeira, Papa-Vento.

Anolis planiceps Troschel, 1848
Nome popular: Papa-Vento.

Anolis scypheus Cope, 1864
Nome popular: Papa-Vento.

Anolis tandai Avila-Pires, 1995
Nomes populares: Calango-Bandeira, Papa-Vento.

Anolis trachyderma Cope, 1875
Nome popular: Papa-vento.

Anolis williamsii (Bocourt, 1870)
Nome popular: Papa-Vento.

Anotosaura collaris Amaral, 1933
Nome popular: desconhecido.

Anotosaura vanzolinia Dixon, 1974
Nome popular: desconhecido.

Arthrosaura kockii (Lidth de Jeude, 1904)
Nomes populares: Calango, Lagartinho-Listrado, Lagarto-do-Folhiço.

Arthrosaura reticulata (O'Shaughnessy, 1881)
Nomes populares: Calango, Lagartinho-Reticulado, Lagartixa, Lagarto-do-Folhiço.

Aspronema dorsivittatum (Cope, 1862)
Nomes populares: Calango-Liso, Lagartixa-Brilhante, Lagartixa-das-Paredes, Lagartixa-Dourada, Lagarto-Liso, Scinco-Comum, Scinco-Dourado.

Bachia bresslaui (Amaral, 1935)
Nomes populares: Cobra-Cega, Lagartinho, Lagarto-Ápodo, Lagarto-sem-Pata.

Bachia cacerensis Castrillon & Strüssmann, 1998
Nomes populares: Lagarto-Ápodo, Lagarto-sem-Pata.

Bachia didactyla Freitas, Strüssmann, Carvalho, Kawashita-Ribeiro & Mott, 2011
Nomes populares: Lagarto-Ápodo, Lagarto-sem-Pata.

Bachia dorbignyi (Duméril & Bibron, 1839)
Nomes populares: Lagarto-Ápodo, Lagarto-sem-Pata.

Bachia flavescens (Bonnaterre, 1789)
Nomes populares: Cobra-Cega, Lagartinho, Lagarto-Ápodo, Lagarto-da-Terra, Lagarto-sem-Pata.

Bachia geralista Teixeira Jr., Recoder, Camacho, Sena, Navas & Rodrigues, 2013
Nome popular: desconhecido.

Bachia micromela Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007
Nomes populares: Lagarto-Ápodo, Lagarto-sem-Pata.

Bachia oxyrhina Rodrigues, Camacho, Nunes, Recoder, Teixeira Jr., Valdujo, Ghellere, Mott & Nogueira, 2008
Nomes populares: Lagarto-Ápodo, Lagarto-sem-Pata.

Bachia panoplia Thomas, 1965
Nome popular: desconhecido.

Bachia peruana (Werner, 1901)
Nome popular: desconhecido.

Bachia psamophila Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007
Nomes populares: Lagarto-Ápodo, Lagarto-sem-Pata.

Bachia pyburni Kizirian & McDiarmid, 1998
Nome popular: desconhecido.

Bachia remota Ribeiro-Júnior, Silva & Lima, 2016
Nome popular: desconhecido.

Bachia scaea Teixeira Jr., Dal Vechio, Nunes, Mollo Neto, Lobo, Storti, Gaiga, Dias & Rodrigues, 2013
Nome popular: desconhecido.

Bachia scolecoides Vanzolini, 1961
Nomes populares: Lagarto-Ápodo, Lagarto-Sem-Pata.

Bachia trisanale (Cope, 1868)
Nome popular: desconhecido.

Brasiliscincus agilis (Raddi, 1823)
Nomes populares: Briba, Calango-Liso, Cobra-de-Vidro, Lagartixa-de-Vidro, Lagarto-Liso.

Brasiliscincus caissara (Rebouças-Spieker, 1974)
Nome popular: Calango-Liso-da-Restinga.

Brasiliscincus heathi (Schmidt & Inger, 1951)
Nomes populares: Briba, Calango-Liso, Lagarto-do-Folhiço.

Calyptommatus confusionibus Rodrigues, Zaher & Curcio, 2001
Nome popular: Lagarto-Escrivão.

Calyptommatus leiolepis Rodrigues, 1991
Nome popular: desconhecido.

Calyptommatus nicterus Rodrigues, 1991
Nome popular: desconhecido.

Calyptommatus sinebrachiatus Rodrigues, 1991
Nome popular: desconhecido.

Caparaonia itaiquara Rodrigues, Cassimiro, Pavan, Curcio, Verdade & Pellegrino, 2009
Nome popular: desconhecido.

Cercosaura argula Peters, 1862
Nome popular: Lagarto-do-Folhiço.

Cercosaura bassleri Ruibal, 1952
Nome popular: desconhecido.

Cercosaura eigenmanni (Griffin, 1917)
Nomes populares: Calango-da-Máscara-Branca, Calanguinho-de-Máscara, Lagartinho-de-Máscara, Lagartinho-de-Máscara-Branca, Lagarto-do-Folhiço.

Cercosaura ocellata Wagler, 1830
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Lagartinho-do-Folhiço, Lagartinho, Lagartinho-Listrado, Lagartinho-Pintado, Lagartixa, Lagartixa-Listrada, Lagarto-do-folhiço, Teiú-Pigmeu.

Cercosaura oshaughnessyi (Boulenger, 1885)
Nome popular: Lagarto-da-Terra.

Cercosaura parkeri (Ruibal, 1952)
Nome popular: Lagartinho-do-Folhiço-do-Pantanal.

Cercosaura quadrilineata Boettger, 1876
Nomes populares: Lagartinho-do-Folhiço, Lagartinho-do-Rabo-Grande, Lagartixa-de-Quatro-Listras.

Cercosaura schreibersii Wiegmann, 1834
Nomes populares: Lagartinho-do-Folhiço, Lagartinho-de-Máscara, Lagartinho-do-Rabo-Grande, Lagartinho-Liso, Lagartixa, Lagartixa-Comum, Lagartixa-Marrom.

Chatogekko amazonicus (Andersson, 1918)
Nomes populares: Lagartixa, Lagartixinha.

Cnemidophorus cryptus Cole & Dessauer, 1993
Nomes populares: Calango, Calango-Listrado, Calango-Verde, Lagarto, Violeiro.

Cnemidophorus gramivagus McCrystal & Dixon, 1987
Nome popular: Calango.

Cnemidophorus lemniscatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Calango, Calango-Azul, Calango-Listrado, Calango-Verde, Lagarto, Lagartixa-Azul, Lagartinho-Listrado.

Coleodactylus brachystoma (Amaral, 1935)
Nomes populares: Briba, Lagartixa, Lagartixinha-Anã.

Coleodactylus elizae Gonçalves, Torquato, Skuk & Sena, 2012
Nome popular: desconhecido.

Coleodactylus meridionalis (Boulenger, 1888)
Nomes populares: Briba, Calanguinho, Lagartixa, Lagartinho, Lagartixinha-Anã, Lagarto-do-Folhiço.

Coleodactylus natalensis Freire, 1999
Nome popular: Lagarto-do-Folhiço.

Coleodactylus septentrionalis Vanzolini, 1980
Nome popular: desconhecido.

Colobodactylus dalcyanus Vanzolini & Ramos, 1977
Nome popular: Lagartinho-do-folhedo.

Colobodactylus taunayi Amaral, 1933
Nome popular: desconhecido.

Colobosaura modesta (Reinhardt & Luetken, 1862)
Nomes populares: Briba, Calango-cobra, Calanguinho, Lagartinho, Lagartinho-do-Folhiço, Lagarto, Lagarto-do-Folhiço.

Colobosauroides carvalhoi Soares & Caramaschi, 1998
Nome popular: desconhecido.

Colobosauroides cearensis Cunha, Lima-Verde & Lima, 1991
Nome popular: desconhecido.

Contomastix lacertoides (Duméril & Bibron, 1839)
Nomes populares: Lagartixa-Listrada, Lagartixa-Verde, Tiú-da-Areia, Lagartinho-Listrado-da-Restinga.

Contomastix vacariensis (Feltrim & Lema, 2000)
Nomes populares: Lagartinho-de-Vacaria, Lagartinho-Pintado, Lagartinho-Pintado-do-Campo, Lagartixa-Pintada.

Copeoglossum arajara (Rebouças-Spieker, 1981)
Nome popular: Calango-Liso.

Copeoglossum nigropunctatum (Spix, 1825)
Nomes populares: Briba-Brilhante, Calango, Calango-Cobra, Calango-Liso, Lagarto-Brilhante, Lagarto-de-Vidro, Lagarto-Liso, Víbora.

Crocodilurus amazonicus (Spix, 1825)
Nomes populares: Calango-D'água, Jacarerana, Jacaruxi.

Dactyloa dissimilis (Williams, 1965)
Nome popular: Papa-Vento.

Dactyloa nasofrontalis (Amaral, 1933)
Nomes populares: Calanguinho, Papa-Vento.

Dactyloa phyllorhina (Myers & Carvalho, 1945)
Nomes populares: Calanguinho, Papa-vento.

Dactyloa pseudotigrina (Amaral, 1933)
Nomes populares: Calanguinho, Papa-vento.

Dactyloa punctata (Daudin, 1802)
Nomes populares: Anoles, Calango-Verde, Camaleão, Lagartixa-Verde-da-Amazônia, Lagarto--Verde, Papa-Vento.

Dactyloa transversalis (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)
Nome popular: Papa-Vento.

Diploglossus fasciatus (Gray, 1831)
Nomes populares: Briba, Calango-Coral, Calango-Liso, Cobra-de-Patas, Lagarto-Coral, Víbora.

Diploglossus lessonae Peracca, 1890
Nomes populares: Briba, Briba-que-Vira-Cobra, Calango-Coral, Calango-Liso, Lagarto-Coral.

Dracaena guianensis Daudin, 1801
Nomes populares: Cabeça-Encarnada, Jacarerana, Jacaruxi, Jacuruxi, Lagarto-Jacaré.

Dracaena paraguayensis Amaral, 1950
Nomes populares: Lagarto-Jacaré, Víbora-do-Pantanal.

Dryadosaura nordestina Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites, 2005
Nome popular: Lagartinho-do-Folhiço.

Ecpleopus gaudichaudii Duméril & Bibron, 1839
Nomes populares: Lagartinho-da-Mata, Lagartinho-do-Rabo-Liso, Lagartinho-da-Serra-do-Mar.

Enyalioides laticeps (Guichenot, 1855)
Nome popular: Papa-Vento.

Enyalioides palpebralis (Boulenger, 1883)
Nome popular: desconhecido.

Enyalius bibronii Boulenger, 1885
Nomes populares: Camaleão, Lagarto-verde, Papa-Vento.

Enyalius bilineatus Duméril & Bibron, 1837
Nomes populares: Camaleãozinho, Camaleãozinho-do-Cerrado, Camaleãozinho-de-Duas-Listras, Papa-Vento.

Enyalius boulengeri Etheridge, 1969
Nome popular: Camaleãozinho, Papa-Vento.

Enyalius brasiliensis (Lesson, 1828)
Nomes populares: Camaleãozinho, Papa-Vento.

Enyalius catenatus (Wied, 1821)
Nome popular: Camaleãozinho, Papa-Vento.

Enyalius erythroceneus Rodrigues, Freitas, Silva & Bertolotto, 2006
Nome popular: desconhecido.

Enyalius iheringii Boulenger, 1885
Nomes populares: Camaleão, Camaleãozinho, Iguaninha, Iguaninha-Verde, Papa-Vento, Sinimbú-Verde.

Enyalius leechii (Boulenger, 1885)
Nomes populares: Camaleãozinho, Papa-Vento.

Enyalius perditus Jackson, 1978
Nomes populares: Camaleão, Camaleãozinho, Papa-Vento.

Enyalius pictus (Schinz, 1822)
Nomes populares: Camaleãozinho, Papa-Vento.

Eurolophosaurus amathites (Rodrigues, 1984)
Nome popular: desconhecido.

Eurolophosaurus divaricatus (Rodrigues, 1986)
Nome popular: desconhecido.

Eurolophosaurus nanuzae (Rodrigues, 1981)
Nome popular: desconhecido.

Exila nigropalmata (Andersson, 1918)
Nome popular: desconhecido.

Glaucomastix abaetensis (Dias, Rocha & Vrcibradic, 2002)
Nomes populares: Calango-do-Abaeté, Lagartinho-de-Abaeté, Lagartixa-de-Abaeté.

Glaucomastix cyanura (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
Nome popular: Calango.

Glaucomastix littoralis (Rocha, Araújo, Vrcibradic & Costa, 2000)
Nome popular: Lagarto-da-Cauda-Verde.

Glaucomastix venetacauda (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
Nome popular: Calango-da-Cauda-Azulada.

Gonatodes annularis Boulenger, 1887
Nomes populares: Briba, Lagartixa, Osga.

Gonatodes eladioi Nascimento, Avila-Pires & Cunha, 1987
Nomes populares: Briba, Lagartixa.

Gonatodes hasemani Griffin, 1917
Nomes populares: Lagartinho-Pintado, Lagartixa.

Gonatodes humeralis (Guichenot, 1855)
Nomes populares: Lagartinho-Bicudo, Lagartinho-Colorido, Lagartinho-Pintado, Lagartixa, Lagartixa-da-Mata, Lagartixinha-Amazônica, Lagarto, Lagarto-do-Folhiço.

Gonatodes nascimentoi Sturaro & Avila-Pires, 2011
Nome popular: Lagartixa.

Gonatodes tapajonicus Rodrigues, 1980
Nome popular: Lagartixa.

Gymnodactylus amarali Barbour, 1925
Nomes populares: Briba, Lagartixa.

Gymnodactylus darwinii (Gray, 1845)
Nomes populares: Lagartixa, Lagartixa-da-Mata, Lagartixa-Nativa.

Gymnodactylus geckoides Spix, 1825
Nomes populares: Briba, Lagartinho, Lagartixa, Lagartixa-do-Cerrado.

Gymnodactylus guttulatus Vanzolini, 1982
Nome popular: Briba.

Gymnodactylus vanzolinii Cassimiro & Rodrigues, 2009
Nome popular: desconhecido.

Gymnophthalmus leucomystax Vanzolini & Carvalho, 1991
Nome popular: desconhecido.

Gymnophthalmus underwoodi Grant, 1958
Nome popular: desconhecido.

Gymnophthalmus vanzoi Carvalho, 1999
Nome popular: Briba.

Hemidactylus agrius Vanzolini, 1978
Nomes populares: Briba, Lagartixa, Osga, Víbora.

Hemidactylus brasilianus (Amaral, 1935)
Nomes populares: Briba, Briba-do-Rabo-Grosso, Lagartixa, Lagartixa-do-Rabo-Grosso.

Hemidactylus mabouia (Moreau de Jonnès, 1818)
Nomes populares: Briba, Briba-da-Casa, Briba-de-Casa, Camaleão, Crocodilinho-de-Parede, Geco-das-Casas, Jacaré-de-Parede, Labigó, Lagartixa, Lagartixa-Africana, Lagartixa-das-Paredes, Lagartixa-de-Casa, Lagartixa-de-Cobreiro, Lagartixa-de-Parede, Lagartixa-Doméstica, Lagartixa-Doméstica-Tropical, Osga, Sardão, Taruíra, Víbora.

Hemidactylus palaichthus Kluge, 1969
Nomes populares: Briba, Jacaré-de-Parede, Lagartixa, Lagartixa-da-Parede, Osga.

Heterodactylus imbricatus Spix, 1825
Nome popular: desconhecido.

Heterodactylus lundii Reinhardt & Luetken, 1862
Nome popular: Briba, Calango-que-Vira-Cobra, Cobra-de-Pé, Cobra-de-Vidro, Cobrinha.

Heterodactylus septentrionalis Rodrigues, Freitas & Silva, 2009
Nome popular: desconhecido.

Homonota uruguayensis (Vaz-Ferreira & Sierra de Soriano, 1961)
Nomes populares: Camarãozinho, Geco-do-Campo, Geco-dos-Campos, Geco-Uruguaio.

Hoplocercus spinosus Fitzinger, 1843
Nomes populares: Jacarezinho-da-Chapada, Jacarezinho-do-Cerrado, Lagarto-Espinhoso, Lagarto-de-Cauda-Espinhosa, Lagarto-de-Cauda-Espinhuda, Lagarto-Rabo-de-Abacaxi, Lagarto--Roseta, Pitoco, Rabo-de-Roseta.

Iguana iguana (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Camaleão, Iguana, Iguana-Verde, Sinimbu, Tejubú, Tijubú.

Iphisa elegans Gray, 1851
Nomes populares: Briba, Calango, Calango-Cobra, Lagartinho-de-Folhiço, Lagartixa, Lagarto-da--Terra, Lagarto-de-Folhiço.

Kentropyx altamazonica (Cope, 1875)
Nomes populares: Calango, Calango-Verde, Calanguinho, Iguaninha Lagarto.

Kentropyx calcarata Spix, 1825
Nomes populares: Calango, Calango-D'água, Calango-da-Mata, Calango-Verde, Calanguinho, Lagarto, Lagarto-da-Mata.

Kentropyx paulensis (Boettger, 1893)
Nomes populares: Calango, Calanguinho.

Kentropyx pelviceps Cope, 1868
Nomes populares: Calango, Chicote-da-Floresta, Lagarto.

Kentropyx striata (Daudin, 1802)
Nomes populares: Calango, Lagarto.

Kentropyx vanzoi Gallagher & Dixon, 1980
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Calanguinho-Listrado.

Kentropyx viridistriga (Boulenger, 1894)
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Calanguinho-de-Listras-Verdes.

Lepidoblepharis heyerorum Vanzolini, 1978
Nome popular: desconhecido.

Lepidoblepharis hoogmoedi Avila-Pires, 1995
Nome popular: desconhecido.

Leposoma annectans Ruibal, 1952
Nome popular: Teiú-Pigmeu.

Leposoma baturitensis Rodrigues & Borges, 1997
Nome popular: desconhecido.

Leposoma nanodactylus Rodrigues, 1997
Nome popular: desconhecido.

Leposoma puk Rodrigues, Dixo, Pavan & Verdade, 2002
Nome popular: desconhecido.

Leposoma scincoides Spix, 1825
Nome popular: Lagartinho, Teiú-Pigmeu.

Leposoma sinepollex Rodrigues, Teixeira Jr., Recoder, Dal Vechio, Damasceno & Pellegrino, 2013
Nome popular: desconhecido.

Liolaemus arambarensis Verrastro, Veronese, Bujes & Dias-Filho, 2003
Nome popular: Lagartixa-das-Dunas.

Liolaemus lutzae Mertens, 1938
Nomes populares: Lagartixa-de-Areia, Lagartinho-Branco-da-Areia, Lagartinho-Branco-da-Praia.

Liolaemus occipitalis Boulenger, 1885
Nomes populares: Lagartinho-das-Dunas, Lagartinho-da-Praia, Lagartixa-da-Areia, Lagartixa-das-Dunas, Lagartixa-da-Praia.

Loxopholis ferreirai (Rodrigues & Avila-Pires, 2005)
Nome popular: desconhecido.

Loxopholis guianense (Ruibal, 1952)
Nomes populares: Briba, Calango, Lagartixa.

Loxopholis osvaldoi (Avila-Pires, 1995)
Nome popular: Lagartinho-do-Folhiço.

Loxopholis percarinatum (Müller, 1923)
Nomes populares: Calango, Lagartixa, Lagarto.

Loxopholis snethlageae (Avila-Pires, 1995)
Nomes populares: Calango, Lagartixa, Lagarto.

Lygodactylus klugei (Smith, Martin & Swain, 1977)
Nomes populares: Bribinha, Lagartixa-Anã, Osguinha.

Lygodactylus wetzeli (Smith, Martin & Swain, 1977)
Nomes populares: Briba, Lagartixa-Anã.

Manciola guaporicola (Dunn, 1935)
Nomes populares: Calango-Liso, Lagarto-Liso.

Marinussaurus curupira Peloso, Pellegrino, Rodrigues & Avila-Pires, 2011
Nome popular: desconhecido.

Micrablepharus atticolus Rodrigues, 1996
Nomes populares: Briba, Calango-do-Rabo-Azul, Calanguinho-de-Rabo-Azul, Lagarto-de-Rabo-Azul.

Micrablepharus maximiliani (Reinhardt & Luetken, 1862)
Nomes populares: Briba, Calango-do-Rabo-Azul, Calanguinho-de-Rabo-Azul, Lagarto-Cauda-Azul, Piolho-de-Cobra.

Neusticurus bicarinatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Lagartinho-de-Máscara-Alaranjada, Lagarto-de-Folhiço.

Neusticurus racenisi Roze, 1958
Nome popular: desconhecido.

Neusticurus rudis Boulenger, 1900
Nome popular: Calango-D'água.

Nothobachia ablephara Rodrigues, 1984
Nome popular: desconhecido.

Notomabuya frenata (Cope, 1862)
Nomes populares: Calango, Calango-Liso, Lagartixa, Lagarto-Liso, Scinco-Chacoense, Scinco-Cinzento, Scinco-Prateado.

Ophiodes enso Entiauspe-Neto, Marques-Quintela, Regnet, Teixeira, Silveira & Loebmann, 2017
Nome popular: desconhecido.

Ophiodes fragilis (Raddi, 1820)
Nomes populares: Alicanço, Aliscanço, Cobra-de-Vidro, Cobra-de-Vidro-Comum, Cobra-de-Vidro-Dourada, Cobra-de-Vidro-Grande, Cobra-de-Vidro-Verde, Cobra-Lagarto, Fura-Mato, Lagarto-de-Vidro, Licanço, Licranço, Liscanço, Luzidio, Quebra-Quebra.

Ophiodes striatus (Spix, 1825)
Nomes populares: Alicanço, Aliscanço, Cobra-de-Vidro, Cobra-de-Vidro-Comum, Cobra-de-Vidro-Dourada, Cobra-de-Vidro-Grande, Cobra-de-Vidro-Verde, Cobra-Lagarto, Fura-Mato, Lagarto-de-Vidro, Licanço, Licranço, Liscanço, Luzidio, Quebra-Quebra.

Ophiodes yacupoi Gallardo, 1966
Nomes populares: Alicanço, Aliscanço, Cobra-de-Vidro, Cobra-de-Vidro-Comum, Cobra-de-Vidro-Dourada, Cobra-de-Vidro-Grande, Cobra-de-Vidro-Verde, Cobra-Lagarto, Fura-Mato, Lagarto-de-Vidro, Licanço, Licranço, Liscanço, Luzidio, Quebra-Quebra.

Panopa carvalhoi (Rebouças-Spieker & Vanzolini, 1990)
Nome popular: Lagarto-Liso.

Phyllopezus lutzae (Loveridge, 1941)
Nome popular: Briba, Lagartixa-de-Bromélia.

Phyllopezus periosus Rodrigues, 1986
Nomes populares: Briba, Briba-Gigante, Lagartixa.

Phyllopezus pollicaris (Spix, 1825)
Nomes populares: Briba, Briba-de-Parede, Lagartixa, Lagartixa-de-Parede, Lagartixa-de-Pedra, Sardão, Víbora.

Phyllopezus przewalskii Koslowsky, 1895
Nomes populares: Lagartixa-de-Pedra, Lagartixa-do-Cerrado.

Placosoma cipoense Cunha, 1966
Nome popular: Lagartinho-do-Cipó.

Placosoma cordylinum Tschudi, 1847
Nome popular: desconhecido.

Placosoma glabellum (Peters, 1870)
Nomes populares: Lagartinho, Lagartinho-do-Rabo-Grande.

Placosoma limaverdorum Borges-Nojosa, Caramaschi & Rodrigues, 2016
Nome popular: desconhecido.

Plica plica (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Calango-da-Árvore, Calango-da-Mata, Calango-Seringueiro, Iguaninha, Lagarto-de-Árvore, Tamaquaré.

Plica umbra (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Calango, Calango-da-Árvore, Iguaninha, Lagarto-de-Árvore, Papa-Vento, Tamaquaré.

Polychrus acutirostris Spix, 1825
Nomes populares: Bicho-Preguiça, Calango-Cego, Camaleão, Camaleão-Preguiça, Camaleãozinho, Catatau, Falso-Camaleão, Lagarto-Preguiça, Papa-Vento.

Polychrus liogaster Boulenger, 1908
Nomes populares: Camaleão, Camaleãozinho, Papa-Vento.

Polychrus marmoratus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Bicho-Preguiça, Calango-Cego, Calango-Verde, Camaleão, Catatau, Falso-Camaleão, Lagarto-Preguiça, Papa-Vento, Papa-Vento-Verde.

Potamites ecpleopus (Cope, 1875)
Nome popular: desconhecido.

Potamites juruazensis (Avila-Pires & Vitt, 1998)
Nome popular: desconhecido.

Procellosaurinus erythrocercus Rodrigues, 1991
Nome popular: desconhecido.

Procellosaurinus tetradactylus Rodrigues, 1991
Nome popular: desconhecido.

Pseudogonatodes gasconi Avila-Pires & Hoogmoed, 2000
Nome popular: desconhecido.

Pseudogonatodes guianensis Parker, 1935
Nomes populares: Briba, Lagartinho, Lagartinho-do-Folhiço, Lagartinho-Pequeno, Lagartixa.

Psilops mucugensis Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr., Roscito, Guerrero, Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Dal Vechio, Leite, Nogueira, Damasceno, Pellegrino, Argôlo & Amaro, 2017
Nome popular: desconhecido.

Psilops paeminosus (Rodrigues, 1991)
Nome popular: desconhecido.

Psilops seductus Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr, Roscito, Guerrero, Sales-Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Vechio, Fortes-Leite, Campos Nogueira, Damasceno, Machado Pellegrino, Suzart-Argôlo & Amaro, 2017
Nome popular: desconhecido.

Psychosaura agmosticha (Rodrigues, 2000)
Nome popular: Víbora.

Psychosaura macrorhyncha (Hoge, 1947)
Nome popular: Briba, Víbora.

Ptychoglossus brevifrontalis Boulenger, 1912
Nomes populares: Briba, Calango, Lagartixa, Lagarto.

Rhachisaurus brachylepis (Dixon, 1974)
Nomes populares: Lagartinho, Lagarto-do-Folhiço.

Rondonops biscutatus Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015
Nome popular: Lagartinho-de-Folhiço.

Rondonops xanthomystax Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015
Nome popular: desconhecido.

Salvator duseni Lönnberg in Lönnberg & Andersson, 1910
Nomes populares: Teiú, Teiú-do-Cerrado, Teiú-Paraense.

Salvator merianae Duméril & Bibron, 1839
Nomes populares: Jacuraru, Lagarto, Lagarto-Comum, Lagarto-Tejo, Tegu, Teiú, Teiuaçu, Teiú-Açu, Teiú-Branco, Teiú-Brasileiro, Teiú-Comum, Teiú-Gigante, Tejo, Teju, Tejú, Tejuaçu, Tejú-Açu, Tejuguaçu, Tiju, Tiú, Tiú-Açu.

Scriptosaura catimbau Rodrigues & Santos, 2008
Nome popular: desconhecido.

Stenocercus albolineatus Teixeira Jr., Prates, Nisa, Silva, Strüssmann & Rodrigues, 2015
Nomes populares: Dragãozinho, Iguaninha-Azul, Lagarto-das-Pedras.

Stenocercus azureus (Müller, 1882)
Nomes populares: Iguaninha-Azul, Lagartixa-Azul, Lagarto-das-Pedras.

Stenocercus caducus (Cope, 1862)
Nomes populares: Calango, Calango-de-Coleira, Dragãozinho.

Stenocercus dumerilii (Steindachner, 1867)
Nomes populares: Calango, Dragãozinho, Iguana-de-Rabo-Curto.

Stenocercus fimbriatus Avila-Pires, 1995 Nome popular: desconhecido.

Stenocercus quinarius Nogueira & Rodrigues, 2006
Nomes populares: Calango, Dragãozinho, Lagarto-de-Chifres.

Stenocercus roseiventris D'Orbigny in Duméril & Bibron, 1837
Nome popular: desconhecido.

Stenocercus sinesaccus Torres-Carvajal, 2005
Nomes populares: Calango, Dragãozinho.

Stenocercus squarrosus Nogueira & Rodrigues, 2006
Nome popular: desconhecido.

Stenocercus tricristatus (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)
Nome popular: desconhecido.

Stenolepis ridleyi Boulenger, 1887
Nome popular: desconhecido.

Strobilurus torquatus Wiegmann, 1834
Nome popular: Lagarto-de-Cauda-Espinhosa, Lagartixa.

Teius oculatus (D'Orbigny & Bibron, 1837)
Nomes populares: Lagartixa, Lagarto-Verde, Teiú, Teju-Verde, Tiú-Verdadeiro, Tiú-Verde.

Teius teyou (Daudin, 1802)
Nomes populares: Calango, Calanguinho, Lagartinho-Verde.

Thecadactylus rapicauda (Houttuyn, 1782)
Nomes populares: Briba, Lagartixa, Lagartixa-da-Amazônia, Osga, Osga-Gigante.

Thecadactylus solimoensis Bergmann & Russell, 2007
Nomes populares: Briba, Lagartixa, Lagartixão, Osga.

Trachylepis atlantica (Schmidt, 1945)
Nome popular: Mabuia-de-Noronha.

Tretioscincus agilis (Ruthven, 1916)
Nomes populares: Calango, Calango-do-Rabo-Azul, Lagartinho-de-Rabo-Azul, Lagartixa.

Tretioscincus oriximinensis Avila-Pires, 1995
Nomes populares: Calango, Calango-do-Rabo-Azul, Lagartixa.

Tropidurus callathelys Harvey & Gutberlet, 1998
Nomes populares: Calango, Papa-Vento, Calango-de-Pedra-Pintado.

Tropidurus catalanensis Gudynas & Skuk, 1983
Nomes populares: Calango, Lagartixa-Cinzenta, Lagartixa-Espinhosa, Lagartixa-Preta, Papa-Vento, Tropiduro-Comum.

Tropidurus chromatops Harvey & Gutberlet, 1998
Nomes populares: Calango, Calango-de-Máscara-Azul, Papa-Vento.

Tropidurus cocorobensis Rodrigues, 1987
Nome popular: Calango.

Tropidurus erythrocephalus Rodrigues, 1987
Nome popular: Calango.

Tropidurus etheridgei Cei, 1982
Nomes populares: Calango, Calango-de-Colar, Papa-Vento.

Tropidurus guarani Alvarez, Cei & Scolaro, 1994
Nome popular: Calango.

Tropidurus helenae (Manzani & Abe, 1990)
Nomes populares: Calango, Labigó, Lagarto.

Tropidurus hispidus (Spix, 1825)
Nomes populares: Calangão, Calango, Calango-Comum, Calango-do-Cerrado, Calango-Grande, Calango-Urbano, Catende, Catenga, Catexa, Labigó, Lagartixa, Lagartixa-Preta, Lagartixa-Preta-de-Muro, Lagarto, Papa-Vento.

Tropidurus hygomi Reinhardt & Luetken, 1861
Nome popular: Calango, Catende, Lagartixa-de-Restinga.

Tropidurus imbituba Kunz & Borges-Martins, 2013
Nome popular: Calango.

Tropidurus insulanus Rodrigues, 1987
Nome popular: Calango.

Tropidurus itambere Rodrigues, 1987
Nomes populares: Calangão, Calango, Calango-Grande, Calango-Urbano, Papa-Vento.

Tropidurus jaguaribanus Passos, Lima & Borges-Nojosa, 2011
Nome popular: Calango-de-Lajeiro.

Tropidurus lagunablanca Carvalho, 2016
Nomes populares: Calango, Calango-Colorido, Calango-Pintadinho, Dragãozinho-Colorido, Papa-Vento.

Tropidurus montanus Rodrigues, 1987
Nomes populares: Calango, Calango-da-Montanha, Lagarto-da-Pedra.

Tropidurus mucujensis Rodrigues, 1987
Nome popular: Calango.

Tropidurus oreadicus Rodrigues, 1987
Nomes populares: Calango, Calango-do-Cerrado, Calango-Urbano, Lagartixa, Lagarto, Lagarto-da-Pedra, Lagarto-de-Parede.

Tropidurus pinima (Rodrigues, 1984)
Nome popular: Leixa.

Tropidurus psammonastes Rodrigues, Kasahara & Yonenaga-Yasuda, 1988
Nome popular: Calango.

Tropidurus semitaeniatus (Spix, 1825)
Nomes populares: Calango-do-Lageiro, Catende, Lagartixa, Lagartixa-do-Lajedo, Lagartixa-do-Lajeiro.

Tropidurus sertanejo Carvalho, Sena, Peloso, Machado, Montesinos, Silva, Campbell & Rodrigues, 2016
Nome popular: Calango.

Tropidurus spinulosus (Cope, 1862)
Nomes populares: Calango, Calango-de-Espinho, Papa-Vento.

Tropidurus torquatus (Wied, 1820)
Nomes populares: Calango, Calango-de-Muro, Calango-do-Cerrado, Calango-Urbano, Labigó, Lagartixa, Lagartixa-Preta, Lagarto, Lagarto-da-Pedra, Lagarto-de-Parede, Taraguira, Trauíra.

Tupinambis cryptus Murphy, Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres Jr., Hendry & Pyron, 2016
Nomes populares: Teiú, Teju.

Tupinambis cuzcoensis Murphy, Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres Jr., Hendry & Pyron, 2016
Nomes populares: Teiú, Teju.

Tupinambis longilineus Avila-Pires, 1995
Nomes populares: Jacuraru, Teiú, Teiú-Comprido, Teju.

Tupinambis palustris Manzani & Abe, 2002
Nome popular: Teiú-Palustre.

Tupinambis quadrilineatus Manzani & Abe, 1997
Nomes populares: Teiú, Teiú-Amarelo, Teiú-de-Quatro-Linhas, Teju.

Tupinambis teguixin (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Jacuaru, Jacuraru, Jacuruaru, Lagartiu, Lagarto, Tegu, Teiú, Teiú-Açu, Tejo, Tejo-D'água, Teju, Tejuaçu.

Uracentron azureum (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Calango-Verde, Lagarto-Espinhoso, Lagarto-Rabo-de-Abacaxi, Tamaquaré--de-Espinho.

Uracentron flaviceps (Guichenot, 1855)
Nome popular: Lagarto-Espinhoso.

Uranoscodon superciliosus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Calango-Cabeçudo, Dragãozinho-Cabeçudo, Iguaninha, Lagarto, Tamacuaré, Tamaquaré, Tamaquaré-D'água.

Urostrophus vautieri Duméril & Bibron, 1837
Nomes populares: Camaleãozinho, Iguana-Rajada, Papa-Vento, Papa-Vento-de-Barriga-Listrada.

Vanzosaura multiscutata (Amaral, 1933)
Nomes populares: Calango-do-Rabo-Vermelho, Calanguinho-do-Rabo-Vermelho, Lagartinho, Lagarto-de-Rabo-Vermelho, Piolho-de-Cobra.

Vanzosaura rubricauda (Boulenger, 1902)
Nomes populares: Calango-do-Rabo-Vermelho, Calanguinho-do-Rabo-Vermelho, Lagartinho, Lagarto-de-Rabo-Vermelho, Piolho-de-Cobra.

Vanzosaura savanicola Recoder, Werneck, Teixeira Jr., Colli, Sites & Rodrigues, 2014
Nomes populares: Calango-da-Savana, Calango-Listrado, Lagarto-de-Rabo-Vermelho.

Varzea altamazonica (Miralles, Barrio-Amorós, Rivas & Chaparro-Auza, 2006)
Nome popular: Calango.

Varzea bistriata (Spix, 1825)
Nomes populares: Calango-Liso, Lagarto-Liso.

SERPENTES (Cobras & Serpentes)

Amerotyphlops amoipira (Rodrigues & Juncá, 2002)
Nome popular: Cobra-Cega-das-Dunas.

Amerotyphlops arenensis Graboski, Pereira-Filho, Silva, Prudente & Zaher, 2015
Nome popular: desconhecido.

Amerotyphlops brongersmianus (Vanzolini, 1976)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-Cega-de-Espinho-Comum, Cobra-Cega-de-Espinho-Marrom, Cobra-Cega-Marrom, Cobra-da-Terra.

Amerotyphlops minuisquamus (Dixon & Hendricks, 1979)
Nome popular: Cobra-Cega.

Amerotyphlops paucisquamus (Dixon & Hendricks, 1979)
Nome popular: Cobra-Cega.

Amerotyphlops reticulatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-da-Terra, Minhoca, Minhocão.

Amerotyphlops yonenagae (Rodrigues, 1991)
Nome popular: Cobra-Cega-do-São-Francisco.

Amnesteophis melanauchen (Jan & Sordelli, 1866)
Nome popular: desconhecido.

Anilius scytale (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-Coral, Cobra-Coral-Falsa, Cobra-de-Duas-Cabeças, Coral, Coral-D'Água, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Apostolepis adhara França, Barbo, Silva-Júnior, Silva & Zaher, 2018
Nome Popular: desconhecido.

Apostolepis albicollaris Lema, 2002
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis ambiniger (Peters, 1869)
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis ammodites Ferrarezzi, Barbo & Albuquerque, 2005
Nomes populares: Cobra-de-Ferrão, Cobra-Rainha, Falsa-Coral.

Apostolepis arenaria Rodrigues, 1992
Nomes populares: Cobra-de-Ferrão, Cobra-Rainha, Falsa-Coral.

Apostolepis assimilis (Reinhardt, 1861)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Cabeça-Preta-de-Rabo-Preto, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Apostolepis borelli Peracca, 1904
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis cearensis Gomes, 1915
Nomes populares: Cobra-de-Ferrão, Cobra-Rainha, Coral-Falsa, Coralzinha, Falsa-Coral.

Apostolepis cerradoensis Lema, 2003
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis christineae Lema, 2002
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis dimidiata (Jan, 1862)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Apostolepis flavotorquata (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nome popular: desconhecido.

Apostolepis gaboi Rodrigues, 1992
Nome popular: Cobra-Rainha-das-Dunas.

Apostolepis goiasensis Prado, 1942
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis intermedia Koslowsky, 1898
Nome popular: Cobrinha-da-Terra.

Apostolepis kikoi Santos, Entiauspe-Neto, Silva-Araújo, Souza, Lema, Strüssmann & Albuquerque, 2018 - Nome Popular: desconhecido.

Apostolepis lineata Cope, 1887
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis longicaudata Gomes in Amaral, 1921
Nome popular: Cobra-da-Terra, Cobrinha-da-Terra.

Apostolepis nelsonjorgei Lema & Renner, 2004
Nome popular: Cobrinha-da-Terra.

Apostolepis nigrolineata (Peters, 1869)
Nomes populares: Cobra-Cega, Falsa-Coral.

Apostolepis nigroterminata Boulenger, 1896
Nome popular: Cobrinha-da-Terra.

Apostolepis phillipsi Harvey, 1999
Nome popular: Cobrinha-da-Terra.

Apostolepis polylepis Amaral, 1922
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis quinquelineata Boulenger, 1896
Nome popular: Cobra-da-Terra.

Apostolepis quirogai Giraudo & Scrocchi, 1998
Nome popular: Cabeça-Preta-de-Rabo-Preto.

Apostolepis roncadori Lema, 2016
Nome popular: desconhecido.

Apostolepis serrana Lema & Renner, 2006
Nomes populares: Cobrinha-da-Terra, Cobra-Rainha-da-Serra-do-Roncador.

Apostolepis striata Lema, 2004
Nomes populares: Cobrinha-da-Terra, Cobra-Rainha-Estriada.

Apostolepis tertulianobeui Lema, 2004
Nome popular: Falsa-Coral.

Apostolepis thalesdelemai Borges-Nojosa, Lima, Bezerra & Harris, 2016
Nome popular: desconhecido.

Apostolepis vittata (Cope, 1887)
Nome popular: Cobrinha-da-Terra.

Atractus aboiporu Melo-Sampaio, Passos, Fouquet, Prudente & Torres-Carvajal, 2019
Nomes populares: Cobra-da-terra, Falsa-Coral-Manchada, Fura-Terra.

Atractus albuquerquei Cunha & Nascimento, 1983
Nomes populares: Cobra-da-Terra, Fura-Terra.

Atractus alphonsehogei Cunha & Nascimento, 1983
Nome popular: desconhecido.

Atractus altagratiae Passos & Fernandes, 2008
Nome popular: desconhecido.

Atractus badius (Boie, 1827)
Nomes populares: Cobra-da-Terra, Fura-Terra.

Atractus boimirim Passos, Prudente & Lynch, 2016
Nome popular: desconhecido.

Atractus caete Passos, Fernandes, Bérnils & Moura-Leite, 2010
Nome popular: Cobra-da-Terra-da-Floresta.

Atractus caxiuana Prudente & Santos-Costa, 2006
Nome popular: desconhecido.

Atractus collaris Peracca, 1897
Nome Popular: desconhecido.

Atractus dapsilis Melo-Sampaio, Passos, Fouquet, Prudente & Torres-Carvajal, 2019
Nomes populares: Cobra-da-terra, Falsa-Coral-Manchada, Fura-Terra.

Atractus edioi Silva Jr., Silva, Ribeiro, Souza & Souza, 2005
Nomes populares: Cobra-da-Terra, Fura-Terra.

Atractus elaps (Günther, 1858)
Nome popular: desconhecido.

Atractus emmeli (Boettger, 1888)
Nome Popular: desconhecido.

Atractus flammigerus (Boie, 1827)
Nome popular: desconhecido.

Atractus francoi Passos, Fernandes, Bérnils & Moura-Leite, 2010
Nome popular: Cobra-da-Terra.

Atractus guentheri (Wucherer, 1861)
Nome popular: Coral-Falsa.

Atractus hoogmoedi Prudente & Passos, 2010
Nome popular: desconhecido.

Atractus insipidus Roze, 1961
Nome popular: desconhecido.

Atractus latifrons (Günther, 1868)
Nomes populares: Coral, Falsa-Coral.

Atractus maculatus (Günther, 1858)
Nome popular: Coral-Falsa.

Atractus major Boulenger, 1894
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-Coral.

Atractus natans Hoogmoed & Prudente, 2003
Nome popular: desconhecido.

Atractus pantostictus Fernandes & Puorto, 1994
Nome popular: Cobra-da-Terra, Fura-Terra.

Atractus paraguayensis Werner, 1924
Nomes populares: Cobra-Coral-da-Terra, Cobra-de-Terra-Listrada, Cobrinha-da-Terra, Falsa--Coral.

Atractus poeppigi (Jan, 1862)
Nome popular: desconhecido.

Atractus potschi Fernandes, 1995
Nome popular: Cobra-da-Terra.

Atractus reticulatus (Boulenger, 1885)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-da-Terra, Cobra-de-Terra-Comum, Cobra-Reticulada, Cobra-Tijolo, Cobrinha-da-Terra, Fura-Terra, Fura-Terra-Reticulada.

Atractus riveroi Roze, 1961
Nome popular: desconhecido.

Atractus ronnie Passos, Fernandes & Borges-Nojosa, 2007
Nome popular: Cobra-da-Terra.

Atractus serranus Amaral, 1930
Nome popular: desconhecido.

Atractus snethlageae Cunha & Nascimento, 1983
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-da-terra, Falsa-Coral-Manchada, Fura-Terra.

Atractus spinalis Passos, Teixeira Jr., Recoder, Sena, Dal Vechio, Pinto, Mendonça, Cassimiro & Rodrigues, 2013
Nome popular: desconhecido.

Atractus surucucu Prudente & Passos, 2008
Nome popular: desconhecido.

Atractus tartarus Passos, Prudente & Lynch, 2016
Nome popular: desconhecido.

Atractus thalesdelemai Passos, Fernandes & Zanella, 2005
Nomes populares: Cobra-da-Terra-do-Sul, Cobrinha-da-Terra.

Atractus torquatus (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nome popular: desconhecido.

Atractus trefauti Melo-Sampaio, Passos, Fouquet, Prudente & Torres-Carvajal, 2019
Nomes populares: Cobra-da-terra, Falsa-Coral-Manchada, Fura-Terra.

Atractus trihedrurus Amaral, 1926
Nome popular: Cobra-da-Terra, Coral, Coral-Falsa.

Atractus trilineatus Wagler, 1828
Nome popular: desconhecido.

Atractus zebrinus (Jan, 1862)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Rajada, Cobrinha-da-Terra, Coral-Falsa, Fura-Terra.

Atractus zidoki Gasc & Rodrigues, 1979
Nome popular: desconhecido.

Boa constrictor Linnaeus, 1758
Nomes populares: Anaconda, Boiuçu, Cobra-de-Veado, Ctaia, Jauacanga, Jiboia, Jiboia-Branca, Jiboia-Cinzenta, Jiboia-da-Cauda-Vermelha, Jiboia-do-Cerrado, Kuong-Kuong, Salamanta-Boi, Suaçu.

Boiruna maculata (Boulenger, 1896)
Nomes populares: Cobra-de-Leite, Cobra-Preta, Coral (juvenil), Coral-Falsa, Limpa-Mato, Limpa-Pasto, Mamadeira, Muçurana, Muçurana-Comum, Mussurana.

Boiruna sertaneja Zaher, 1996
Nomes populares: Cobra-de-Leite, Cobra-Preta, Limpa-Mato, Muçurana, Mussurana.

Bothrocophias hyoprora (Amaral, 1935)
Nomes populares: Cuiama-Nariguda, Focinho-de-Porco, Jararaca, Jararaca-Bico-de-Folha, Jararaca-Bicuda, Jararaca-de-Focinho-Levantado, Jararaca-Nariguda.

Bothrocophias microphthalmus (Cope, 1875)
Nomes Populares: Jararaca, Jararaca-Bicuda, Jararaca-Nariguda.

Bothrops alcatraz Marques, Martins & Sazima, 2002
Nome popular: Jararaca-de-Alcatrazes.

Bothrops alternatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854
Nomes populares: Boicoatiara, Boicotiara, Coatiara, Cotiara, Cruzeira, Cruzeiro, Jararaca-de-Agosto, Jararaca-do-Rabo-de-Porco, Jararaca-Rabo-de-Porco, Rabo-de-Mulita, Urutu, Urutu-Cruzeira, Urutu-Cruzeiro.

Bothrops atrox (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Acuambóia, Boca-Podre, Cambéua, Caiçaca, Caiçara, Comboia, Cuamboia, Japoboia, Jaracuçu, Jararaca, Jararaca-Açu, Jararaca-da-Amazônia, Jararaca-do-Amazonas, Jararaca-do-Norte, Jararaca-do-Rabo-Branco, Jararaca-Grão-de-Arroz, Jararacarana, Mapanare, Surucucu, Surucucu-da-Várzea, Surucucu-do-Barranco, Surucucurana.

Bothrops bilineatus (Wied, 1821)
Nomes populares: Bico-de-Papagaio, Cobra-Papagaio, Igbigracuã, Jararaca, Jararaca-Pinta-de-Ouro, Jararaca-Verde, Oricana, Ouricana, Papagaia, Paraamboia, Paramboia, Patioba, Periquitamboia, Pindoba, Pinta-de-Ouro, Surucucu-de-Ouricana, Surucucu-de-Patioba, Surucucu-de-Pindoba, Surucucu-Pinta-de-Ouro, Uriçana.

Bothrops brazili Hoge, 1954
Nomes populares: Jararaca, Jararaca-Vermelha, Jararacuçu, Jararacuçu, Surucucurana-de-Fogo, Surucucu-Vermelha.

Bothrops cotiara (Gomes, 1913)
Nomes populares: Boicoatiara, Boicotiara, Coatiara, Cotiara, Jararaca, Jararaca-da-Barriga-Preta, Jararaca-Preta.

Bothrops diporus Cope, 1862
Nomes populares: Bocuda, Cabeça-de-Capanga, Jararaca-do-Chaco, Jararaca-do-Rabo-Branco, Jararaca-Pintada, Jararaca-Pintada-Argentina, Jararaca-Pintada-do-Sul.

Bothrops erythromelas Amaral, 1923
Nomes populares: Cabeça-de-Capanga, Jararaca, Jararaca-Avermelhada, Jararaca-Malha-de-Cascavel, Jararaca-da-Seca, Jararaca-da-Caatinga, Jararaca-do-Sertão, Jararaca-Rosada, Jararaca-Vermelha, Jararaquinha, Jararacussu, Jararaca-da-Folha-Seca.

Bothrops fonsecai Hoge & Belluomini, 1959
Nomes populares: Cotiara, Cotiara-Estrela, Jararaca-das-Montanhas, Jararaca-Estrela, Urutu, Urutu-da-Serra.

Bothrops insularis (Amaral, 1922)
Nome popular: Jararaca-Ilhoa.

Bothrops itapetiningae (Boulenger, 1907)
Nomes populares: Boipeva, Cotiarinha, Jararaca, Jararaquinha, Jararaquinha-do-Campo,

Bothrops jararaca (Wied, 1824)
Nomes populares: Boca-Podre, Cabeça-de-Patrona, Caiçaca, Caissaca, Cola-Branca, Jaraca, Jaracá, Jaracuçu, Jaracuçu-Quatro-Ventas, Jaracuçu-Venenoso, Jararaca, Jararaca-Comum, Jararaca-da-Mata-Virgem, Jararaca-do-Campo, Jararaca-do-Mato, Jararaca-do-Rabo-Branco, Jararaca-Dormideira, Jararaca-Dorminhoca, Jararaca-Preguiçosa, Jararaca-Rabo-de-Osso, Jararaca-Verdadeira, Malha-de-Sapo, Patrona, Preguiçosa, Quatro-Ventas, Urutu, Urutu-Amarelo, Urutu-Preto.

Bothrops jararacussu Lacerda, 1884
Nomes populares: Cabeça-de-Sapo, Jaracuçu-Malha-de-Sapo, Jaracuçu-Tapete, Jaracuçu-Venenoso, Jaracuçu-Verdadeiro, Jararaca, Jararacuçu, Jararacuçu-Cabeça-de-Sapo, Jararacuçu-Tapete, Jararacuçu-Verdadeira, Patrona, Surucucu-Cabeça-de-Patrona, Surucucu-Cabeça-de-Sapo, Surucucu-Dourado, Surucucu-Tapete, Urutu, Urutu-Amarelo, Urutu-Dourado, Urutu-Estrela, Urutu-Preta, Urutu-Preto.

Bothrops leucurus Wagler in Spix, 1824
Nomes populares: Boca-Podre, Cabeça-de-Patrona, Caissaca, Capangueiro, Cobra-de-Quatro-Ventas, Cobra-do-Rabo-Branco, Jaracuçu, Jaracuçu-de-Quatro-Ventras, Jararaca, Jararaca-Baiana, Jararaca-Bahiana, Jararaca-da-Cauda-Branca, Jararaca-do-Rabo-Branco, Malha-de-Sapo, Quatro-Ventas.

Bothrops lutzi (Miranda-Ribeiro, 1915)
Nomes populares: Boca-de-Sapo, Jararaca, Jararaca-do-Cerrado, Jararaca-do-Sertão, Jararaca-Pintada, Tira-Peia.

Bothrops marajoensis Hoge, 1966
Nomes populares: Caissaca-de-Marajó, Jararaca.

Bothrops marmoratus Silva & Rodrigues, 2008
Nomes populares: Jararaca, Jararaca-Marmorata, Jararaca-Pintada.

Bothrops mattogrossensis Amaral, 1925
Nomes populares: Boca-de-Sapo, Jararaca, Jararaca-Pintada.

Bothrops moojeni Hoge, 1966
Nomes populares: Boipeva, Bopeva, Caiçaca, Caiçara, Caissaca, Jaracuçu, Jararaca, Jararaca-de-Vereda, Jararaca-do-Cerrado, Jararacão, Jararaquinha-do-Rabo-Branco.

Bothrops muriciensis Ferrarezzi & Freire, 2001
Nomes populares: Jararaca, Jararaca-de-Alagoas, Jararacuçu.

Bothrops neuwiedi Wagler in Spix, 1824
Nomes populares: Boca-de-Sapo, Bocuda, Jararaca, Jararaca-Cruzeira, Jararaca-do-Rabo-Branco, Jararaca-Pintada, Jararaca-Pintada-Rabo-de-Osso, Malha-de-Sapo, Rabo-de-Osso, Tire-Peia.

Bothrops otavioi Barbo, Grazziotin, Sazima, Martins & Sawaya, 2012
Nome popular: Jararaca-de-Vitória.

Bothrops pauloensis Amaral, 1925
Nomes populares: Boca-de-Sapo, Bocuda, Cabeça-de-Capanga, Jararaca, Jararaca-Cruzeira, Jararaca-de-Rabo-Branco, Jararaca-Pintada, Jararacussu, Jararaquinha, Rabo-de-Osso, Urutu.

Bothrops pirajai Amaral, 1923
Nomes populares: Jaracuçu-Tapete, Jararaca, Jararacuçu, Jararacuçu-Tapete, Jararacuçu-da-Bahia, Patrona, Tapete.

Bothrops pubescens (Cope, 1870)
Nomes populares: Cabeça-de-Capanga.Cruzeira, Jararaca-Cruzeira, Jararaca-do-Rabo-Branco, Jararaca-do-Sul, Jararaca-Pintada, Jararaca-Pintada-Uruguaia.

Bothrops sazimai Barbo, Gasparini, Almeida, Zaher, Grazziotin, Gusmão, Ferrarini & Sawaya, 2016
Nome popular: desconhecido.

Bothrops taeniatus Wagler in Spix, 1824
Nomes populares: Comboia, Japoboia, Jararaca-Amarela, Jararaca-Cinza, Jararaca-Cinzenta, Jararaca-Estrela, Jararaca-Musgo, Jararaca-Tigrina, Jararaquinha.

Caaeteboia amarali (Wettstein, 1930)
Nome popular: Cobrinha-Marrom-do-Litoral, Cobrinha-Marrom-da-Restinga.

Calamodontophis paucidens (Amaral, 1935)
Nomes populares: Cobra-Espada-dos-Pampas, Cobra-Espada-Xadrez, Falsa-Cobra-Espada.

Calamodontophis ronaldoi Franco, Cintra & Lema, 2006
Nomes populares: Cobra-Espada-do-Paraná.

Cercophis auratus (Schlegel, 1837)
Nomes populares: Bicuda, Cipó-Liquenosa, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Metálica, Cobra-de-Bronze, Cobra-Líquen.

Chironius bicarinatus (Wied, 1820)
Nomes populares: Cainana, Caninana-Verde, Caninana-Verde-Comum, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Bicarinada, Cobra-Espada, Cobra-Verde, Espia-Caminho, Serra-Azul, Voadeira.

Chironius brazili Hamdan & Fernandes, 2015
Nomes populares: Caninana-Marrom-Listrada, Cobra-Cipó.

Chironius carinatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Acutimboia, Acutioia, Boicipó, Boitiaboia, Boitipó, Cainana, Cipó, Cobra-Cipó, Cutimboia, Sacaiboia, Sacaiboia-Cipó, Serra-Veia.

Chironius diamantina Fernandes & Hamdan, 2014
Nome popular: Cobra-Cipó.

Chironius dixoni Wiest, 1978
Nome popular: Cobra-Cipó.

Chironius exoletus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Caninana, Caninana-Verde-Oliva, Caninana-Verde-Oriental, Cipó, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Madura, Cobra-Espada, Espia-Caminho, Voadeira.

Chironius flavolineatus (Jan, 1863)
Nomes populares: Acutimboia, Acutioia, Boitipó, Caninana-Marrom-Listrada, Cipó, Cobra-Cipó, Cobra-Espada, Sacaiboia.

Chironius foveatus Bailey, 1955
Nomes populares: Caninana, Caninana-Verde-de-Cabeça-Preta, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Verde, Cipó, Cobra-Espada, Cobra-Verde, Serra-Velha.

Chironius fuscus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Araboia, Araboia, Caninana-Marrom, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-de-Rio, Cobra-Espada, Espia-Caminho, Papa-Ovo, Sacaiboia, Sururucu-de-Fogo, Uirápiagara, Uropiagara.

Chironius laevicollis (Wied, 1824)
Nomes populares: Caninana-Preta, Caninana, Caninana-Marrom, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-de-Cabeça-Preta, Cobra-Espada, Papa-Pinto.

Chironius maculoventris Dixon, Wiest & Cei, 1993
Nome popular: Cobra-Cipó.

Chironius multiventris Schmidt & Walker, 1943
Nomes populares: Cainana, Cobra-Cipó, Cobra-Verde, Sacaiboia, Serra-Veia.

Chironius quadricarinatus (Boie, 1827)
Nomes populares: Capitã-do-Campo, Capitão-do-Campo, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Marrom, Cobra-Espada, Corre-Campo, Sacaiboia.

Chironius scurrulus (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Acutimboia, Cobra-Cipó, Sururucu-de-Fogo.

Clelia clelia (Daudin, 1803)
Nomes populares: Cobra-Coral (juvenil), Cobra-Preta, Limpa-Mato, Muçurana, Muçurana-da-Amazônia, Mussurana.

Clelia hussami Morato, Franco & Sanches, 2003
Nome popular: desconhecido.

Clelia plumbea (Wied, 1820)
Nomes populares: Boiru, Boiúna, Cobra-de-Leite, Coral (juvenil), Coral-Falsa (juvenil), Cobra-Preta, Falsa-Coral (juvenil), Limpa-Campo, Limpa-Mato, Limpa-Pasto, Mamadeira, Muçurana, Muçurana-Comum-do-Sudeste, Muçurana-de-Barriga-Branca, Muçurana-do-Cerrado, Muçurana-Grande, Mussurana, Papa-Rato, Rabo-de-Veludo, Surucucu-Chumbo.

Corallus batesii (Gray, 1860)
Nomes populares: Araboia, Araraboia, Araramboia, Bico-de-Papagaio, Cobra-de-Papagaio, Cobra-Papagaio, Cobra-Verde, Papagaia, Periquitaboia, Periquitamboia.

Corallus caninus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Araboia, Araraboia, Araramboia, Cobra-Papagaio, Cobra-Verde, Periquitaboia, Periquitamboia.

Corallus cropanii (Hoge, 1953)
Nomes populares: Boa-de-Cropani, Boa-de-Cropan, Jiboia-do-Ribeira, Jiboia-Dourada.

Corallus hortulanus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Boitinga, Cobra-de-Veado, Cobra-Veadeira, Jiboia-Branca, Salamanta, Suaçuboia, Suassuboia, Veadeira.

Coronelaps lepidus (Reinhardt, 1861)
Nomes populares: Cabeça-Preta, Cabeça-Preta-Coroada, Cabeça-Preta-de-Faixa-Amarela, Cobra-Coral, Cobra-Coroada, Cobra-da-Terra, Cobra-Mineira, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Serpente-Coroada.

Crotalus durissus Linnaeus, 1758
Nomes populares: Boicinim, Boicininga, Boiçununga, Boiquira, Cascabel, Cascavé, Cascavel, Cascavel-de-Quatro-Ventas, Cascavelha, Cobra-de-Chocalho, Cobra-de-Guizo, Cobra-do-Chocalho, Maracá, Maracaboia, Maracamboia, Surucucu-Cascavel.

Dendrophidion atlantica Freire, Caramaschi & Gonçalves, 2010
Nome popular: desconhecido.

Dendrophidion dendrophis (Schlegel, 1837)
Nomes populares: Boicipó, Caçadora, Cobra-Cipó.

Dipsas albifrons (Sauvage, 1884)
Nomes populares: Come-Lesma, Dormideira, Dormideira-da-Ilha-da-Queimada-Grande, Quiriripitá.

Dipsas alternans (Fischer, 1885)
Nomes populares: Come-Lesma, Dormideira, Dormideira-de-Árvore.

Dipsas bucephala (Shaw, 1802)
Nomes populares: Come-Lesma, Dormideira, Dormideira-Comum, Jararaca, Jararaquinha-Dormideira.

Dipsas catesbyi (Sentzen, 1796)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Come-Lesma, Dormideira, Dorminhoca, Jararaquinha-Dormideira, Papa-Lesma.

Dipsas incerta (Jan, 1863)
Nomes populares: Come-Lesma, Dormideira, Dormideira-de-Árvore.

Dipsas indica Laurenti, 1768
Nomes populares: Cobra-Cipó, Come-Lesma, Dorme-Dorme, Dormideira, Dorminhoca, Jararaca-Preguiçosa, Jararaquinha-Pingo-de-Ouro, Papa-Lesma, Pingo-de-Ouro, Quiriripitá.

Dipsas lavillai Scrocchi, Porto & Rey, 1993
Nome popular: Dormideira.

Dipsas mikanii (Schlegel, 1837)
Nomes populares: Come-Lesma, Dorme-Dorme, Dormideira, Dormideira-de-Jardim, Dorminhoca, Jaracuçu-Dormideira, Jararaca-Preguiçosa, Papa-Lesma, Urutú-Péva, Urutuzinho-Pequeno.

Dipsas neuwiedi (Ihering, 1911)
Nomes populares: Dormideira, Dormideira-Anelada, Dormideira-Cinzenta, Dormideira-do-Mato, Dormideira-Oriental, Falsa-Jararaca, Jaracuçu, Papa-Lesma, Urutú-Péva, Urutuzinho-Pequeno.

Dipsas pavonina Schlegel, 1837
Nomes populares: Cobra-Cipó, Dorminhoca, Papa-Lesma.

Dipsas sazimai Fernandes, Marques & Argôlo, 2010
Nomes populares: Come-Lesma, Dormideira.

Dipsas turgida (Cope, 1868)
Nomes populares: Cobra-Lesma, Dormideira, Dormideira-Ocidental, Dormideira-Rajada, Dormideira-Tigrada, Papa-Lesma.

Dipsas variegata (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Come-Lesma, Dorme-Dorme, Dormideira, Dorminhoca, Jararaquinha-Dormideira.

Dipsas ventrimaculata (Boulenger, 1885)
Nomes populares: Dormideira, Dormideira-Comum, Dormideira-Grande, Dormideira-Marrom, Jararaca-de-Jardim, Jararaquinha, Papa-Lesma, Urutuzinho.

Ditaxodon taeniatus (Peters in Hensel, 1868)
Nomes populares: Cobra-Cipó-das-Árvores, Cobra-Cipó-Marrom, Cobra-de-Listras, Corre-Campo, Corredeira, Parelheira-Listrada-do-Campo.

Drepanoides anomalus (Jan, 1863)
Nomes populares: Coral, Cobra-Coral.

Drymarchon corais (Boie, 1827)
Nomes populares: Caninana, Caninana-Balão, Guigraupiagoara, Papa-Ova, Papa-Ovo, Papa-Pinto.

Drymobius rhombifer (Günther, 1860)
Nome popular: Cobra-Cipó.

Drymoluber brazili (Gomes, 1918)
Nome popular: Cobra-Cipó.

Drymoluber dichrous (Peters, 1863)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Corredeira, Papa-Rato, Rateira.

Echinanthera amoena (Jan, 1863)
Nome popular: desconhecido.

Echinanthera cephalomaculata Di-Bernardo, 1994
Nome popular: desconhecido.

Echinanthera cephalostriata Di-Bernardo, 1996
Nomes populares: Cobrinha-Cipó, Corredeira-do-Mato, Papa-Rã.

Echinanthera cyanopleura (Cope, 1885)
Nomes populares: Cobrinha-Cipó, Corredeira-Grande-do-Mato, Papa-Rã.

Echinanthera melanostigma (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Cobrinha-Cipó, Cobra-do-Folhiço, Jararaquinha-do-Campo, Papa-Rã.

Echinanthera undulata (Wied, 1824)
Nomes populares: Corredeira-do-Mato-Ondulada, Papa-Rã.

Elapomorphus quinquelineatus (Raddi, 1820)
Nomes populares: Cabeça-Preta-Grande, Cobra-Cinco-Linhas.

Elapomorphus wuchereri Günther, 1861
Nome popular: Coral-Falsa.

Epicrates assisi Machado, 1945
Nomes populares: Cobra-Arco-Íris, Jiboia-Arco-Íris, Jiboia, Salamanta, Serpente-de-Veado, Serpente-Furta-Cor, Uaçubói.

Epicrates cenchria (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-Arco-Íris, Cobra-de-Veado, Jiboí, Jiboia-Arco-Íris, Jiboia-Vermelha, Salamanta, Serpente-Furta-Cor, Serpente-de-Veado, Suaçu, Surucucu-de-Fogo, Uaçubói.

Epicrates crassus Cope, 1862
Nomes populares: Jiboia-Arco-Íris, Jiboia-Parda, Salamanta, Salamanta-do-Cerrado, Salamanta-do-Sudeste, Uaçubói.

Epicrates maurus Gray, 1849
Nome popular: Salamanta.

Epictia albifrons (Wagler, 1824)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-Cega-da-Guiana, Minhoca.

Epictia borapeliotes (Vanzolini, 1996)
Nomes populares: Cobra-Chumbo, Cobra-da-Terra, Cobra-de-Chumbinho.

Epictia clinorostris Arredondo & Zaher, 2010
Nomes populares: Cobra-Cega.

Epictia munoai (Orejas-Miranda, 1961)
Nomes populares: Cobra-Cega-Amarela, Cobra-Cega-Minhoca-Comum, Cobra-Cega-Sulina.

Epictia striatula (Smith & Laufe, 1945)
Nome popular: desconhecido.

Epictia tenella Klauber, 1939 - Nome Popular: Cobra-Cega-da-Guiana.

Epictia vellardi (Laurent, 1984)
Nome popular: Cobra-Cega.

Erythrolamprus aesculapii (Linnaeus, 1766)
Nomes populares: Bacorá, Boicorá, Cobra-Corá, Cobra-Coral, Coral, Coral-da-Falsa, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Falsa-Coral-Anelada.

Erythrolamprus almadensis (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Cobra-Espada, Cobra-D'água, Corre-Campo-Pequena, Jararaca-de-Barriga-Vermelha, Jararaquinha-Comum, Jararaquinha-do-Campo, Parelheira.

Erythrolamprus atraventer (Dixon & Thomas, 1985)
Nome popular: desconhecido.

Erythrolamprus breviceps (Cope, 1860)
Nome popular: Parelheira.

Erythrolamprus carajasensis (Cunha, Nascimento & Avila-Pires, 1985)
Nome popular: desconhecido.

Erythrolamprus cobellus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-de-Capim, Cobra-Selada, Jararaca-Rajada, Jararaquinha.

Erythrolamprus dorsocorallinus (Esqueda, Natera, La Marca & Ilija-Fistar, 2007)
Nome popular: desconhecido.

Erythrolamprus frenatus (Werner, 1909)
Nome popular: Cobra-D'água, Falsa-Coral, Parelheira.

Erythrolamprus jaegeri (Günther, 1858)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-D'água-Verde, Cobra-Verde, Corredeira-de-Barriga-Vermelha, Jararaquinha-do-Campo, Jararaquinha-D'água, Jararaquinha-Verde, Parelheira.

Erythrolamprus macrosomus (Amaral, 1935)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-da-Pastagem, Cobra-Rainha-Meridional, Cobra-Verde, Jabotiboia, Jabutuboia, Jararaquinha, Parelheira.

Erythrolamprus maryellenae (Dixon, 1985)
Nomes populares: Cobra-Capim, Cobra-D'água, Cobra-Verde, Parelheira.

Erythrolamprus miliaris (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-D'Água-Milhete, Cobra-de-Banhado, Cobra-do-Capim, Cobra-Lisa, Cobra-Lisa-Amazônica-de-Barriga-Imaculada, Cobra-Lisa-Serrana, Jararaca (juvenil), Jararaca-D'água, Parelheira.

Erythrolamprus mossoroensis (Hoge & Lima-Verde, 1973)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-Preta, Jararacuçu-D'água, Jararaquinha.

Erythrolamprus oligolepis (Boulenger, 1905)
Nomes populares: Cobra-de-Capim, Jararaquinha, Parelheira.

Erythrolamprus poecilogyrus (Wied, 1824)
Nomes populares: Boipeva, Casco-de-Burro, Cobra-Corredeira, Cobra-D'água, Cobra-de-Caçote, Cobra-de-Caçote-Amarela, Cobra-de-Capim, Cobra-de-Jardim, Cobra-de-Lixo, Cobra-do-Capim, Cobra-do-Lixo, Cobra-Lisa, Cobra-Verde, Cobra-Verde-Argentina, Cobra-Verde-do-Capim, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Jararaquinha, Parelheira, Peça-Nova, Rainha.

Erythrolamprus pygmaeus (Cope, 1868)
Nome popular: desconhecido.

Erythrolamprus reginae (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-Verde, Jabutuboia, Jararaquinha, Parelheira.

Erythrolamprus rochai Ascenso, Costa & Prudente, 2019
Nome popular: desconhecido.

Erythrolamprus semiaureus (Cope, 1862)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-Lisa, Cobra-Lisa-Pampeana, Cobra-Preta-de-Banhado.

Erythrolamprus taeniogaster (Jan, 1863)
Nomes populares: Cobra-Coral (juvenil), Cobra-D'água, Cobra-Espada, Jararaquinha, Parelheira, Surucucu-de-Fogo.

Erythrolamprus trebbaui (Roze, 1958)
Nome popular: desconhecido.

Erythrolamprus typhlus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-de-Capim, Cobra-Lisa, Cobra-Verde, Corredeira-Verde, Jararaquinha-Verde, Parelheira.

Erythrolamprus viridis (Günther, 1862)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-Verde, Cobra-Verde-da-Caatinga.

Eunectes deschauenseei Dunn & Conant, 1936
Nomes populares: Anaconda, Sucuri, Sucuri-Malhada, Anaconda-de-Manchas-Escuras.

Eunectes murinus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Anaconda, Aragboia, Arigboia, Boiaçu, Boiçu, Boiguaçu, Boiúna, Suaçuboia, Sucuri, Sucuri-Comum, Sucurijú, Sucurijuba, Sucuri-Preta, Sucuriu, Sucuriúba, Sucuriúna, Sucuri-Verde, Sucurujuba, Viborão.

Eunectes notaeus Cope, 1862
Nomes populares: Boiguaçu, Curudiu, Curundiu, Quetomeniope, Sucuri, Sucuri-Amarela, Sucurijú, Sucuri-do-Pantanal, Sucuriu.

Gomesophis brasiliensis (Gomes, 1918)
Nomes populares: Cobra-Bola, Cobra-Buraqueira, Cobra-D'água, Cobra-do-Lodo.

Habrophallos collaris (Hoogmoed, 1977)
Nome popular: desconhecido.

Helicops angulatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-D'água, Jararaca-D'água, Surucucurana, Trairamboia.

Helicops apiaka Kawashita-Ribeiro, Ávila & Morais, 2013
Nome popular: Cobra-D'água.

Helicops boitata Moraes-Da-Silva, Amaro, Nunes, Strüssmann, Teixeira-Jr., Andrade-Jr., Sudré, Recoder, Rodrigues & Curcio, 2019
Nome popular: desconhecido.

Helicops carinicaudus (Wied, 1824)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-D'água-Preta, Cobra-D'água-do-Litoral.

Helicops gomesi Amaral, 1922
Nome popular: Cobra-D'água.

Helicops hagmanni Roux, 1910
Nomes populares: Cobra-D'água, Jararaca-D'água, Surucucurana.

Helicops infrataeniatus (Jan, 1868)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-D'água-Meridional.

Helicops leopardinus (Schlegel, 1837)
Nome popular: Cobra-D'água, Jararaca-D'água.

Helicops modestus Günther, 1861
Nomes populares: Boipeva, Cobra-D'água, Cobra-D'água.

Helicops nentur Costa, Santana, Leal, Koroiva & Garcia, 2016
Nome popular: Cobra-D'água, Dama-D'Água.

Helicops polylepis Günther, 1861
Nome popular: Cobra-D'água.

Helicops tapajonicus Frota, 2005
Nome popular: Cobra-D'água.

Helicops trivittatus (Gray, 1849)
Nomes populares: Cobra-D'água, Surucucurana.

Helicops yacu Rossman & Dixon, 1975
Nome popular: Cobra-D'água.

Hydrodynastes bicinctus (Herrmann, 1804)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-D'água, Coral-D'água, Falsa-Cobra-D'água, Jararacuçu.

Hydrodynastes gigas (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Boipevaçu, Cobra-D'água, Jararacuçu-Piau, Pepeva, Sucuri, Sucurirana, Surucucu-do-Brejo, Surucucu-do-Pantanal, Surucucurana, Surucutinga-do-Pantanal.

Hydrodynastes melanogigas Franco, Fernandes & Bentin, 2007
Nomes populares: Cobra-D'água-Grande-do-Tocantins, Jararacuçu-Piau, Surucucu-do-Pantanal.

Hydrops caesurus Scrocchi, Ferreira, Giraudo, Ávila & Motte, 2005
Nome popular: Cobra-D'água.

Hydrops martii (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Cobra-D'água, Coral-D'água.

Hydrops triangularis (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Cobra-D'água, Jararaca-D'água.

Imantodes cenchoa (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cipó-Olhuda, Cobra-Cipó, Cobra-Fio, Dorme-Dorme, Dormideira, Dorminhoca, Jararaquinha, Papa-Lesma.

Imantodes lentiferus (Cope, 1894)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Dormideira, Dorminhoca.

Lachesis muta (Linnaeus, 1766)
Nomes populares: Bico-de-Jaca, Cobra-Topete, Cuiama-Pina, Daya, Pico-de-Jaca, Surucucu, Surucucu-Bico-de-Jaca, Surucucu-Cospe-Fogo, Surucucu-de-Fogo, Surucucu-Pico-de-Jaca, Surucucu-Rabo-de-Mucura, Surucucutinga, Surucutinga, Verrugosa.

Leptodeira annulata (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cacaual, Cobra-Cipó, Cobra-Olho-de-Gato, Dormideira, Jararaca, Jararaca-de-Parede, Jararaca-de-Patioba, Jararaca-de-Tabuleiro, Jararaca-do-Rabo-Fino, Jararaquinha, Jiboia-Dormideira, Olho-de-Gato, Rabo-Fino.

Leptomicrurus collaris (Schlegel, 1837)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-de-Colar, Cobra-Coral-de-Costas-Pretas, Coral-Verdadeira.

Leptomicrurus narduccii (Jan, 1863)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-de-Costas-Pretas-Andina, Cobra-Coral-Pintada.

Leptomicrurus scutiventris (Cope, 1870)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-Pequena.

Leptophis ahaetulla (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Azulão-Boia, Boiubu, Cobra-Cipó, Cobra-Jericoá, Cobra-Paraíso, Cobra-Papagaio, Cobra-Verde, Jericoá.

Lioheterophis iheringi Amaral, 1935
Nome popular: desconhecido.

Liotyphlops beui (Amaral, 1924)
Nomes populares: Cobra-Cabelo, Cobra-Cega, Cobra-Cega-Preta, Cobra-de-Chumbinho, Fura-Terra.

Liotyphlops caissara Centeno, Sawaya & Germano, 2010
Nome popular: desconhecido.

Liotyphlops schubarti Vanzolini, 1948
Nome popular: Cobra-Cega-de-Pirassununga.

Liotyphlops sousai Santos & Reis, 2018
Nome Popular: desconhecido.

Liotyphlops taylori Santos & Reis, 2018
Nome Popular: desconhecido.

Liotyphlops ternetzii (Boulenger, 1896)
Nome popular: Cobra-Cega.

Liotyphlops trefauti Freire, Caramaschi & Argôlo, 2007
Nomes populares: Cobra-Cega, Minhoca.

Liotyphlops wilderi (Garman, 1883)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-Fio.

Lygophis anomalus (Günther, 1858)
Nomes populares: Cobra-Listrada, Corre-Campo, Jararaca-do-Campo, Jararaca-Listrada, Jararaquinha-D'água, Jararaquinha-D'água-Comum.

Lygophis dilepis Cope, 1862
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-de-Cadarço, Cobra-de-Caçote, Cobra-de-Listra-Vermelha, Corre-Campo.

Lygophis flavifrenatus Cope, 1862
Nomes populares: Cobra-Listrada, Corre-Campo, Corredeira-Listrada, Jararaca-Listrada.

Lygophis lineatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Jararaca-Listrada, Jararaquinha.

Lygophis meridionalis (Schenkel, 1901)
Nomes populares: Cobra-Corredeira, Corredeira-Listrada.

Lygophis paucidens Hoge, 1953
Nome popular: Cobra-Corredeira.

Mastigodryas boddaerti (Sentzen, 1796)
Nomes populares: Biru, Cobra-Cipó, Corredeira, Jararaca-Listrada, Jararacuçu, Jararacuçu-do-Brejo, Rateira, Surucucu-Lisa.

Mastigodryas moratoi Montingelli & Zaher, 2011
Nome popular: desconhecido.

Mastigodryas pleei (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nome popular: desconhecido.

Micrurus albicinctus Amaral, 1926
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Preta-e-Branca, Cobra-Coral-de-Cinta-Branca, Coral-Verdadeira.

Micrurus altirostris (Cope, 1859)
Nomes populares: Boipinima, Cobra-Coral, Cobra-Coral-Comum, Cobra-Coral-Pampeana, Cobra-Coral-Uruguaia, Coral-Verdadeira.

Micrurus annellatus Peters, 1871
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Anelada, Cobra-Coral-de-Anéis, Coral-Verdadeira.

Micrurus averyi Schmidt, 1939
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Vermelha, Coral-Verdadeira.

Micrurus boicora Bernarde, Turci, Abegg & Franco, 2018
Nome popular: desconhecido.

Micrurus brasiliensis Roze, 1967
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-do-Leste.

Micrurus corallinus (Merrem, 1820)
Nomes populares: Bacorá, Boicorá, Cobra-Corá, Cobra-Coral, Cobra-Coral-de-Cabeça-Preta, Coral, Coral-de-Cintas-Simples, Coral-de-Colar-Branco, Coralina, Coral-Venenosa, Coral-Verdadeira, Ibiboboca, Ibiboca.

Micrurus decoratus (Jan, 1858)
Nomes populares: Cobra-Corá, Cobra-Coral-do-Centro-Leste, Cobra-Coral, Cobra-Coral-de-Cabeça-Vermelha, Cobra-Coral-de-Cintas-Brancas, Coral-Verdadeira, Ibiboboca, Ibiboca.

Micrurus diana Roze, 1983
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus diutius Burguer, 1955
Nome Popular: desconhecido.

Micrurus filiformis (Günther, 1859)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Comprida, Cobra-Coral-Fina, Cobra-Coral-Vermelha, Coral-Verdadeira.

Micrurus frontalis (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Boipinima, Cobra-Corá, Cobra-Coral, Coral-de-Cara-Preta, Cobra-Coral-do-Sul, Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus hemprichii (Jan, 1858)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Escura, Coral-Verdadeira.

Micrurus ibiboboca (Merrem, 1820)
Nomes populares: Cobra-Corá, Cobra-Coral, Cobra-de-Coral, Coral, Coral-Verdadeira, Ibiboboca.

Micrurus isozonus (Cope, 1860)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-da-Venezuela.

Micrurus langsdorffi Wagler in Spix, 1824
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Amarela, Cobra-Coral-Amarela-e-Vermelha, Cobra-Coral-Vermelha, Coral-Verdadeira.

Micrurus lemniscatus (Linnaeus, 1758) – Nomes populares: Boichumbeguaçu, Cobra-Corá, Cobra-Coral, Cobra-Coral-de-Bigode, Cobra-Coral-da-Guiana, Cobra-Coral-Vermelha, Coral, Coral-Verdadeira.
Micrurus mipartitus (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-de-Cauda-Vermelha.

Micrurus nattereri Schmidt, 1952
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus obscurus (Jan 1872)
Nomes populares: Chumbeguaçu, Cobra-Coral, Cobra-Coral-de-Pescoço-Amarelo, Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus ortoni Schmidt, 1953
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Escura-de-Orton, Coral-Verdadeira.

Micrurus pacaraimae Carvalho, 2002
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-Vermelha.

Micrurus paraensis Cunha & Nascimento, 1973
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-Paraense, Cobra-Coral-do-Pará.

Micrurus potyguara Pires, Silva, Feitosa, Prudente, Pereira-Filho & Zaher, 2014
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus psyches (Daudin, 1803)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-do-Pará, Coral-Verdadeira.

Micrurus putumayensis Lancini, 1962
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-Amarela.

Micrurus pyrrhocryptus (Cope, 1862)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-de-Mato-Grosso-do-Sul.

Micrurus remotus Roze, 1987
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-Remota, Cobra-Coral-Ornata.

Micrurus silviae Di-Bernardo, Borges-Martins & Silva, 2007 – Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-do-Rio-Grande-do-Sul.

Micrurus spixii (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Boichumbeguaçu, Chumbeguaça, Chumbeguaçu, Cobra-Coral, Cobra-Coral-de-Pescoço-Amarelo, Cobra-Coral-Vermelha, Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus surinamensis (Cuvier, 1817)
Nomes populares: Boichumbeguaçu, Cobra-Coral, Cobra-Coral-Aquática, Cobra-Coral-D'água, Cobra-Coral-de-Cabeça-Vermelha, Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus tikuna Feitosa, Silva Jr., Pires, Zaher & Prudente, 2015
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Verdadeira.

Micrurus tricolor Hoge, 1956
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Verdadeira, Cobra-Coral-de-Três-Cores.

Mussurana bicolor (Peracca, 1904)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Falsa-Coral, Muçurana, Muçurana-Bicolor.

Mussurana montana (Franco, Marques & Puorto, 1997)
Nomes populares: Coral (juvenil), Coral-Falsa (juvenil), Muçurana-das-Montanhas.

Mussurana quimi (Franco, Marques & Puorto, 1997)
Nomes populares: Cobra-Preta, Limpa-Mato, Muçurana, Mussurana.

Ninia hudsoni Parker, 1940
Nomes populares: Cobra-Preta-de-Cabeça-Branca, Cobra-do-Café.

Oxybelis aeneus (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Bicuda, Boitiaboia, Cipó, Cipó-Bicuda, Cobra-Bicuda, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Bicuda, Cobra-Flecha.

Oxybelis fulgidus (Daudin, 1803)
Nomes populares: Bicuda, Boitiaboia, Cobra-Bicuda, Cobra-Papagaio, Cobra-Cipó, Cobra-Flecha, Cobra-Papagaio Cobra-Verde, Paranaboia.

Oxyrhopus clathratus Duméril, Bibron & Duméril, 1854
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Preta, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Falsa-Coral-Bandeada, Falsa-Coral-do-Mato, Falsa-Coral-Laranja, Falsa-Coral-Serrana.

Oxyrhopus formosus (Wied, 1820)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Falsa, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Oxyrhopus guibei Hoge & Romano, 1978
Nomes populares: Cobra-Corá, Cobra-Coral, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Oxyrhopus melanogenys (Tschudi, 1845)
Nomes populares: Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Oxyrhopus petolarius (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-Coral-Falsa, Cobra-Preta, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Falsa-Coral-Preta, Limpa-Campo.

Oxyrhopus rhombifer Duméril, Bibron & Duméril, 1854
Nomes populares: Bacorá, Cobra-Coral, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Falsa-Coral-Comum.

Oxyrhopus trigeminus Duméril, Bibron & Duméril, 1854
Nomes populares: Bacorá, Boi-Corá, Boicorá, Cobra-Coral, Cobra-Coral-Falsa, Cobra-de-Coral, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral-de-Barriga-Branca, Falsa-Coral-Tricolor.

Oxyrhopus vanidicus Lynch, 2009
Nome popular: desconhecido.

Palusophis bifossatus (Raddi, 1820)
Nomes populares: Biru, Cobra-Bagual, Cobra-Nova, Jaracuçu, Jaracuçu-do-Brejo, Jaracuçu-Não-Venenoso, Jaracuçu-Rabo-de-Fuso, Jararaca-do-Banhado, Jararaca-do-Brejo, Jararacão-do-Papo-Amarelo, Jararaca-Preta, Jararaca-Rabo-de-Veludo, Jararacuçu, Jararacuçu-do-Banhado, Jararacuçu-do-Brejo, Jararacuçu-Malhada-de-Pau, Malha-de-Traíra, Rabo-de-Veludo, Terra-Nova.

Paraphimophis rusticus (Cope, 1878)
Nomes populares: Bicuda, Muçurana, Muçurana-Comum-do-Pampa, Muçurana-Marrom, Muçurana-Pampeana, Muçurana-Parda.

Phalotris concolor Ferrarezzi, 1994
Nome popular: desconhecido.

Phalotris labiomaculatus Lema, 2002
Nomes populares: Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Phalotris lativittatus Ferrarezzi, 1994
Nomes populares: Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Phalotris lemniscatus (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Cabeça-Preta, Cabeça-Preta-da-Areia, Cabeça-Preta-da-Praia, Cabeça-Preta-Meridional, Cabeça-Preta-Pampeana.

Phalotris matogrossensis Lema, D'Agostini & Cappellari, 2005
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Fura-Terra-Tricolor.

Phalotris mertensi (Hoge, 1955)
Nomes populares: Cobra-Corá, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Phalotris multipunctatus Puorto & Ferrarezzi, 1994
Nomes populares: Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Fura-Terra-da-Barriga-Pintada.

Phalotris nasutus (Gomes, 1915)
Nomes populares: Fura-Terra, Fura-Terra-Nariguda.

Phalotris reticulatus (Peters, 1860)
Nomes populares: Cabeça-Preta-Serrana, Coralina.

Phalotris tricolor (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Coral, Coral-Falsa, Falsa-Coral.

Philodryas aestiva (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Boiobi, Boiubi, Boiubu, Cobra-Cipó-Carenada, Cobra-de-Cipó-Verde, Cobra-Verde, Cobra-Verde-D'árvore.

Philodryas agassizii (Jan, 1863)
Nomes populares: Cobra-Marrom, Cobrinha-Marrom, Falsa-Parelheira, Papa-Aranha, Parelheira-dos-Formigueiros, Parelheira-Mirim.

Philodryas argentea (Daudin, 1803)
Nomes populares: Bicuda, Cobra-Cipó, Tucanaboia.

Philodryas arnaldoi (Amaral, 1933)
Nomes populares: Papa-Pinto, Papa-Rato, Parelheira-Clara, Parelheira-do-Mato.

Philodryas georgeboulengeri Grazziotin, Zaher, Murphy, Scrocchi, Benavides, Zhang & Bonatto, 2012
Nome popular: desconhecido.

Philodryas laticeps Werner, 1900
Nome popular: Cobra-Verde.

Philodryas livida (Amaral, 1923)
Nomes populares: Corre-Campo, Parelheira-do-Campo.

Philodryas mattogrossensis Koslowsky, 1898
Nomes populares: Cobra-Cipó, Cobra-do-Papo-Amarelo.

Philodryas nattereri Steindachner, 1870
Nomes populares: Cobra-Cipó, Corre-Campo, Surradeira, Tabuleira.

Philodryas olfersii (Liechtenstein, 1823)
Nomes populares: Boiubu, Bojobi, Caninana, Cipó-Verde, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Comum, Cobra-Cipó-Listrada, Cobra-Cipó-Verde, Cobra-Corredeira, Cobra-Facão, Cobra-Papagaio, Cobra-Verde, Cobra-Verde-Lisa, Corre-Campo, Papagaia, Papa-Pinto.

Philodryas patagoniensis (Girard, 1858)
Nomes populares: Boitiaporana, Boitiporana, Cobra-Cipó, Cobra-dos-Bosques, Cobra-Espada, Cobra-Parelheira, Corre-Campo, Corredeira, Papa-Pinto, Papa-Rato, Parelheira, Parelheira-Comum, Tiaporana.

Philodryas psammophidea Günther, 1872
Nomes populares: Corre-Campo.

Philodryas viridissima (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Boiobi, Boiubu, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Verde, Cobra-Papagaio, Cobra-Verde, Papagaia, Tucanaboia.

Phimophis guerini (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Bicuda, Bicuda-de-Chão, Cobra-Cinza, Cobra-de-Nariz, Cobra-Nariguda, Nariguda.

Phimophis guianensis (Troschel, 1848)
Nome popular: Bicuda.

Phrynonax polylepis (Peters, 1867)
Nomes populares: Caninana, Cobra-Cipó, Papa-Ovo, Papa-Pinto, Papa-Pinto-de-Papo-Vermelho, Papa-Rato, Rateira, Surucucu-Facão.

Pseudoboa coronata Schneider, 1801
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral-Macho, Falsa-Coral.

Pseudoboa haasi (Boettger, 1905)
Nomes populares: Cobra-Preta, Coral, Coral-Falsa, Falsa-Muçurana, Muçurana.

Pseudoboa martinsi Zaher, Oliveira & Franco, 2008
Nome popular: desconhecido.

Pseudoboa neuwiedii (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Ratonel, Ratonera.

Pseudoboa nigra (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Boiru, Boiúna, Cobra-de-Leite, Cobra-Preta, Coral-Falsa, Falsa-Coral, Limpa--Mato, Limpa-Pasto, Mamadeira, Moçurana, Muçurana, Mussurana, Mussurana-Limpa-Campo.

Pseudoboa serrana Morato, Moura-Leite, Prudente & Bérnils, 1995
Nome popular: Coral-Falsa.

Pseudoeryx plicatilis (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-Preta, Sucuri.

Psomophis genimaculatus (Boettger, 1885)
Nomes populares: Cobra-Cabelo, Jararaca-Lançada.

Psomophis joberti (Sauvage, 1884)
Nome popular: Cobra-Corredeira.

Psomophis obtusus (Cope, 1758)
Nome popular: Corredeira-do-Banhado.

Ptychophis flavovirgatus Gomes, 1915
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-D'água-Serrana, Cobra-Espada-de-Água.

Rhachidelus brazili Boulenger, 1908
Nomes populares: Cobra-Preta, Falsa-Muçurana, Muçurana.

Rhinobothryum lentiginosum (Scopoli, 1785)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Falsa-Coral.

Rodriguesophis chui (Rodrigues, 1993)
Nome popular: Muçurana-Nariguda-das-Dunas.

Rodriguesophis iglesiasi (Gomes, 1915)
Nomes populares: Cobra-Corredeira, Falsa-Coral.

Rodriguesophis scriptorcibatus (Rodrigues, 1993)
Nome popular: Muçurana-Nariguda-do-São-Francisco.

Siagonodon acutirostris Pinto & Curcio, 2011
Nome popular: Cobra-Cega.

Siagonodon cupinensis (Bailey & Carvalho, 1946)
Nome popular: Cobra-Cega.

Siagonodon septemstriatus (Schneider, 1801)
Nomes populares: Cobra-Cega, Fura-Terra.

Sibon nebulatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Caracoleira, Cobra-Cipó, Cobra-Nebulosa, Come-Lesma, Dormideira, Dorminhoca, Papa-Lesma.

Simophis rhinostoma (Schlegel, 1837)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Falsa-Coral, Falsa-Coral-Bicuda.

Siphlophis cervinus (Laurenti, 1768)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Cobra-Coral, Dorme-Dorme, Dormideira, Dorminhoca.

Siphlophis compressus (Daudin, 1803)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Cobra-Coral, Coral-Falsa.

Siphlophis leucocephalus (Günther, 1863)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Dormideira.

Siphlophis longicaudatus (Andersson, 1901)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Marrom, Dormideira, Dormideira-Cipó, Dormideira-Cipó-Cinzenta.

Siphlophis pulcher (Raddi, 1820)
Nomes populares: Cobra-Cipó-Listrada, Cobra-Coral, Dorme-Dorme, Dormideira-Cipó-de-Listra-Vermelha.

Siphlophis worontzowi (Prado, 1940)
Nomes populares: Cobra-Coral, Coral, Falsa-Coral.

Sordellina punctata (Peters, 1880)
Nomes populares: Cobra-D'água, Cobra-Lisa, Cobra-Preta, Cobrinha-Preta-do-Litoral.

Spilotes pullatus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Araboia, Cainana, Cainana-Flor-de-Algodão, Cainana-Teiú, Caninana, Cobra-Tigre, Cobra-Voadora, Jacaninã, Malha-de-Teiú, Papa-Ovo, Papa-Pinto, Yacaninã.

Spilotes sulphureus (Wagler, 1824)
Nomes populares: Caçadora, Caninana, Caninana-Amarela, Caninana-Dourada, Caninana-Vermelha, Papa-Ova, Papa-Ovo, Papa-Pinto, Papa-Pinto-de-Papo-Amarelo, Papa-Pinto-de-Papo-Vermelho, Papa-Pinto-Vermelha, Papa-Rato, Rateira, Surucucu-de-Fogo, Surucucu-Dourado.

Taeniophallus affinis (Günther, 1858)
Nomes populares: Cobra-Cabeça-Preta, Cobra-de-Cabeça-Preta, Cobra-da-Terra, Cobra-do-Ventre-Dourado, Cobrinha-Cipó, Corre-Campo, Corredeira-do-Mato-Comum, Papa-Rã.

Taeniophallus bilineatus (Fischer, 1885)
Nomes populares: Cobrinha-Cipó, Corredeira-de-Mato-Pequena, Corredeira-do-Mato-de-Duas-Listras, Papa-Rã.

Taeniophallus brevirostris (Peters, 1863)
Nomes populares: Cobra-Corredeira, Cobra-de-Capim, Corre-Campo, Jararaquinha.

Taeniophallus nicagus (Cope, 1863)
Nome popular: desconhecido.

Taeniophallus occipitalis (Jan, 1863)
Nomes populares: Cobra-Corredeira, Cobra-Capim, Cobra-do-Capim, Cobra-do-Folhiço, Cobra-Rainha, Corre-Campo, Corredeira-do-Campo, Corredeira-Pintada, Corredeirinha, Jararaquinha.

Taeniophallus persimilis (Cope, 1869)
Nome popular: desconhecido.

Taeniophallus poecilopogon (Cope, 1863)
Nomes populares: Corredeira-de-Barriga-Vermelha, Corredeira-do-Mato-de-Barriga-Vermelha.

Taeniophallus quadriocellatus Santos-Jr., Di-Bernardo & Lema, 2008
Nome popular: desconhecido.

Tantilla boipiranga Sawaya & Sazima, 2003
Nome popular: desconhecido.

Tantilla melanocephala (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cinco-Minutos, Cobra-da-Terra, Cobra-do-Folhiço, Cobra-Rainha, Coral-Falsa, Falsa-Cabeça-Preta, Falsa-Coral, Onze-Horas, Tantila.

Thamnodynastes almae Franco & Ferreira, 2003
Nome popular: Jararaca, Jararaca-Falsa, Jararaquinha.

Thamnodynastes cf.nattereri (Mikan, 1828)
Nomes populares: Corre-Campo, Corredeira, Jararaca-Falsa, Jararaquinha, Tabuleiro.

Thamnodynastes chaquensis Bergna & Alvarez, 1993
Nome popular: Jararaca-Falsa.

Thamnodynastes hypoconia (Cope, 1860)
Nomes populares: Cobra-Cipó, Cobra-Espada, Corre-Campo-Carenada, Corredeira-Carenada, Corredeira-Comum, Corredeira-do-Campo, Jararaca-Falsa, Jararaquinha.

Thamnodynastes lanei Bailey, Thomas & Silva-Jr., 2005
Nomes populares: Cobra-Espada, Corre-Campo.

Thamnodynastes longicaudus Franco, Ferreira Marques & Sazima, 2003
Nome popular: Jararaca-Falsa.

Thamnodynastes pallidus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Cobra-Corre-Campo, Cobra-do-Mato, Corre-Campo, Corredeira, Jararaca-Falsa, Jararaquinha, Ubicorá.

Thamnodynastes phoenix Franco, Trevine, Montingelli & Zaher, 2017
Nomes populares: Cobra-Espada, Corre-Campo.

Thamnodynastes ramonriveroi Manzanilla & Sánchez, 2005 - Nome Popular: desconhecido.

Thamnodynastes rutilus (Prado, 1942)
Nomes populares: Corredeira-de-Barriga-Amarela, Jararaca-Falsa.

Thamnodynastes sertanejo Bailey, Thomas & Silva-Jr., 2005
Nomes populares: Cipó-do-Papo-Amarelo, Jararaquinha.

Thamnodynastes strigatus (Günther, 1858)
Nomes populares: Cobra-Espada, Corre-Campo, Corre-Campo-Lisa, Corredeira, Corredeira-Comum, Corredeira-Grande, Corredeira-Lisa, Urutu, Urutu-Amarelo, Urutu-Preto.

Tomodon dorsatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854
Nomes populares: Boipemi, Cobra-Cinzento-Castanha, Cobra-Espada, Cobra-Espada-Comum, Cobra-Espada-Grande, Cobra-Espada-Verdadeira, Corre-Campo, Jararaca-da-Chuva, Jararaca-Falsa.

Tomodon ocellatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854
Nomes populares: Cobra-Espada-Pampeana, Cobra-Espada-Pintada, Falsa-Cruzeira, Jararaquinha-Pintada.

Trilepida brasiliensis (Laurent, 1949)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-de-Chumbinho.

Trilepida dimidiata (Jan, 1861)
Nome popular: Cobra-Cega.

Trilepida fuliginosa (Passos, Caramaschi & Pinto, 2006)
Nome popular: Cobra-Cega.

Trilepida jani (Pinto & Fernandes, 2012)
Nome popular: Cobra-Cega.

Trilepida koppesi (Amaral, 1955)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-de-Chumbinho.

Trilepida macrolepis (Peters, 1857)
Nomes populares: Cobra-Cega, Minhocão.

Trilepida salgueiroi (Amaral, 1955)
Nomes populares: Cobra-Cega, Cobra-da-Terra.

Tropidodryas serra (Schlegel, 1837)
Nomes populares: Cabeça-de-Capanga, Cobra-Cipó, Jararaquinha (juvenil), Jiboinha-Rosada.

Tropidodryas striaticeps (Cope, 1870)
Nomes populares: Cabeça-de-Capanga, Caçadora, Cobra-Cipó, Cobra-Cipó-Malhada, Jararaca--Caçadora, Jararaca-das-Árvores, Jararaquinha, Jiboinha, Jiboinha-Comum, Jiboinha-da-Barriga-Preta.

Tropidophis grapiuna Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012
Nome popular: Jiboinha-Grapiúna.

Tropidophis paucisquamis (Müller in Schenkel, 1901)
Nome popular: Jiboia-Anã, Jiboinha.

Tropidophis preciosus Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012
Nome popular: desconhecido.

Typhlophis squamosus (Schlegel, 1839)
Nomes populares: Cobra-Cega, Fura-Terra, Minhoca.

Xenodon dorbignyi (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Nomes populares: Cobra-Nariguda, Jararaca-das-Dunas, Jararaca-da-Praia, Jararaca-de-Barriga-Vermelha, Jararaquinha-da-Praia, Nariguda-Comum, Nariguda-Grande, Nariguda-Preta.

Xenodon guentheri Boulenger, 1894
Nomes populares: Boipeva, Chata, Cobra-Chata, Jararaca-Falsa.

Xenodon histricus (Jan, 1863)
Nomes populares: Cobra-Coral, Falsa-Coral, Nariguda-Rajada.

Xenodon matogrossensis (Scrocchi & Cruz, 1993)
Nomes populares: Cobra-Coral, Cobra-do-Papo-Amarelo, Coral.

Xenodon merremii (Wagler in Spix, 1824)
Nomes populares: Achatadeira, Boca-de-Caçapa, Boca-de-Capanga, Boipeba, Boipeva, Boipeva-Comum, Boipeva-do-Campo, Boipeva-Grande, Cabeça-de-Patrona, Capitão-do-Campo, Capitão-do-Mato, Cobra-Chata, Corre-Campo, Cotiara, Cururuboia, Esparradeira, Falsa-Jararaca, Focinho-de-Cachorro, Goipeba, Goipeva, Jararaca-Malha-de-Cascavel, Jaracambeva, Jaracuçu, Jaracuçu-Capitão, Jaracuçu-de-Tapiti, Jaracuçu-do-Brejo, Jaracuçu-Dourado, Jaracuçu-Não-Venenoso, Jaracuçu-Tapete, Jararaca, Jararaca-Amarela, Jararacambeva, Jararacuçu-Bolacha, Jararacuçu-Tapiti, Jericá, Jeriquá, Jurucoá, Malha-de-Sapo, Mata-Boi, Pepeua, Pepeva, Surucucu-Cascuda, Urutu, Urutu-Amarelo, Urutu-Falsa, Urutu-Preto, Urutu-Tábua, Urutu-Tapete.

Xenodon nattereri (Steindachner, 1867)
Nomes populares: Achatadeira, Boipeva, Cobra-Nariguda, Cobra-Nariguda-do-Campo, Falsa-Jararaca, Nariguda.

Xenodon neuwiedii Günther, 1863
Nomes populares: Boipeba, Boipeva, Boipeva-da-Mata, Boipeva-Rajada, Boipevinha, Caiçaca, Caissaca, Capitão-do-Campo, Cobra-Correia, Corre-Campo, Falsa-Cotiara, Jaracuçu-do-Brejo, Jaracuçu-Não-Venenoso, Jararaca, Jararaca-Falsa, Quiriripitá, Urutu, Urutu-Amarelo, Urutu-Preto.

Xenodon pulcher (Jan, 1863)
Nomes populares: Achatadeira, Boipeva.

Xenodon rabdocephalus (Wied, 1824)
Nomes populares: Achatadeira, Boipeva, Jaracuçu, Jararaca, Papa-Sapo, Pepéua, Surucucu-Jiboia.

Xenodon severus (Linnaeus, 1758)
Nomes populares: Achatadeira, Boipeva, Cururuboia, Falsa-Jararaca, Jaçanarana, Jararaca, Pepéua.

Xenodon werneri (Eiselt, 1963)
Nome popular: desconhecido.

Xenopholis scalaris (Wucherer, 1861)
Nomes populares: Falsa-Coral, Jararaquinha-do-Igapó.

Xenopholis undulatus (Jensen, 1900)
Nomes populares: Cobrinha-do-Folhedo, Falsa-Coral.

Xenopholis werdingorum Jansen, Álvarez & Köhler, 2009
Nomes populares: Cobra-Barriga-de-Fogo.

Anexo 2

Referências

Abegg A.D., Entiauspe-Neto O.M. 2012. Serpentes do Rio Grande do Sul. Livraria & Editora Werlang, Tapera.

Affonso I.P., Oda F.H., Gambale P.G., Batista V.G., Gomes L.C., Bastos R.P. 2015. Publicações científicas em Herpetologia na região Sul do Brasil. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão* 37:409–425.

Almeida A.P., Thomé J.C.A, Baptistotte C., Marcovaldi M.A., Santos A.S., Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da Tartaruga Marinha *Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira* 1:37–44.

Álvarez B.B., Cei J.M., Scolaro J.A. 1994. A new subspecies of *Tropidurus spinulosus* (Cope, 1862) from the subtropical wet mesic Paraguayan region (Reptilia Squamata Tropiduridae). *Tropical Zoology* 7:161–179.

Alves R.R.N., Vieira K.S., Santana G.G., Vieira W.L.S., Almeida W.O., Souto W.M.S., ..., Pezzuti J.C.B. 2012. A review on human attitudes towards reptiles in Brazil. *Environmental Monitoring and Assessment* 184:6877–6901. doi:10.1007/s10661-011-2465-0

Alves R.R.N., Léo-Neto N.A., Santana G.G., Vieira W.L.S., Almeida W.O. 2009. Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. *Applied Herpetology* 6:257–274. doi:10.1163/157075409X432913

Alves R.R.N., Vieira W.L.S., Santana G.G. 2008. Reptiles used in traditional folk medicine: conservation implications. *Biodiversity and Conservation* 17:2037–2049. doi:10.1007/s10531-007-9305-0

Amaral A. 1932. Estudos sobre lacertilios neotropicos. I. Novos gêneros e espécies de Lagartos do Brasil. *Memórias do Instituto Butantan* 7:53–74.

Amaral A. 1937. Estudo sobre lacertilios neotropicos. 4. Lista remissiva dos lacertilios do Brasil. *Memórias do Instituto Butantan* 11:167–212.

Amaral A. 1973. Ofionímia ameríndia na ofiologia brasiliense. *Memórias do Instituto Butantan* 37:1–15.

Amaral A. 1977. Questões vernáculas IV - Linguagem indianista: O Tupi-Guarani na nomenclatura das serpentes do Brasil. *Revista da Academia Paulista de Letras* 87:195–218.

Amaral A. 1978. Serpentes do Brasil. Iconografia colorida. Melhoramentos/EDUSP, São Paulo.

Andrade M.J.M., de Carvalho G.A.B., Kolodiuk M.F., Silva N.J. Jr., Freire E.M.X. 2016. *Phyllopezus periosus* (Paraiba Gecko) Tree Sap Foraging. *Herpetological Review* 47:672–673.

Argôlo A.J.S. 2004. As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia. Editus, Ilhéus.

Arteaga A., Salazar-Valenzuela D., Mebert K., Peñafiel N., Aguiar G., Sánchez-Nivicela J.C., ..., Torres-Carvajal O. 2018. Systematics of South American snail-eating snakes (Serpentes, Dipsadini), with the description of five new species from Ecuador and Peru. *ZooKeys* 766:79–147. doi:10.3897/zookeys.766.24523

Ascenso A.C., Costa J.C.L., Prudente A.L.C. 2019. Taxonomic revision of the *Erythrolamprus reginae* species group, with description of a new species from Guiana Shield (Serpentes: Xenodontinae). *Zootaxa* 4586:65–97. doi:10.11646/zootaxa.4586.1.3

Assis C.L., Guedes J.J.M., Costa H.C., Feio R.N. 2018. Herpetofauna da Zona da Mata de Minas Gerais. UFV, Viçosa.

Assis C.L., Guedes J.J.M., Costa H.C., Feio R.N. 2018. Serpentes de Viçosa e Região. FAPEMIG, Viçosa.

Avila-Pires T.C.S. 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). *Zoologische Verhandelingen* 299:1–706.

Avila-Pires T.C.S., Alves-Silva K.R., Barbosa L., Correa F.S., Cosenza J.F., Costa-Rodrigues A.P.V., ..., Sturaro M.J. 2018. Changes in amphibian and reptile diversity over time in Parque Estadual do Utinga, Pará State, Brazil, a protected area surrounded by urbanization. *Herpetology Notes* 11:499–512.

Balestra R.A.M. 2016. Manejo conservacionista e monitoramento populacional de quelônios amazônicos. Ibama-Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Brasília.

Baptista G.C.S., Costa-Neto E.M., Valverde M.C.C. 2008. Diálogo entre concepções prévias dos estudantes e conhecimento científico escolar: relações sobre os Amphisbaenias. *Revista Iberoamericana de Educación* 47:1–16.

Barbo F.E., Gasparini J.L., Almeida A.P, Zaher H., Grazziotin F.G., Gusmão R.B., ..., Sawaya R.J. 2016. Another new and threatened species of lancehead genus *Bothrops* (Serpentes, Viperidae) from Ilha dos Franceses, Southeastern Brazil. *Zootaxa* 4097:511–529. doi:10.11646/zootaxa.4097.4.4

Barbosa R.A., Nishida A.K., Costa E.S., Cazé A.L.R. 2007. Abordagem etnoherpetológica de São José da Mata – Paraíba – Brasil. *Revista de Biologia e Ciências da Terra* 7:117–123.

Bartlett R.D., Bartlett P. 2003. Reptiles and amphibians of the Amazon. An ecotourist's guide. University Press of Florida, Gainesville.

Benício R.A., Fonseca M.G. 2014. Guia ilustrado de anfíbios e répteis de Picos, Piauí. EDUFPI, Teresina.

Berlin B. 2014. Ethnobiological classification: Principles of categorization of plants and animals in traditional societies (Vol. 185). Princeton University Press, New Jersey.

Bernarde P.S. 2011. Mudanças na classificação de serpentes peçonhentas brasileiras e suas implicações na literatura médica. *Gazeta Médica da Bahia* 1:55–63.

Bernarde P.S. 2014. Serpentes peçonhentas e acidentes ofídicos no Brasil. Anolisbooks, São Paulo.

Bernarde P.S. 2019. Corais (Falsas, Verdadeiras) do Brasil. Herpetofauna. Acessível em: *http://www.herpetofauna.com.br*/Corais.htm. Acesso: 26 de fevereiro de 2019.

Bernarde P.S., Turci L.C.B., Abegg A.D., Franco F.L. 2018. A remarkable new species of coralsnake of the *Micrurus hemprichii* species group from the Brazilian Amazon. *Salamandra* 54:249–258.

Bernarde P.S., Albuquerque S., Barros T.O., Turci L.C.B. 2012. Serpentes do estado de Rondônia, Brasil. *Biota Neotropica* 12:154–182. *doi:10.1590/S1676-06032012000300018*

Begossi A., Avila-Pires F.D. 2005. WSSD 2002, Latin America and Brazil: Biodiversity and Indigenous People. Pp. 223–239, in Hens L., Nath B. (Eds.), The World Summit on Sustainable Development. Springer, Dordrecht. *doi:10.1007/1-4020-3653-1_10*

Borges R.C. 2001. Serpentes peçonhentas brasileiras: manual de identificação, prevenção e procedimentos em casos de acidentes. Editoria Atheneu, São Paulo.

Borges-Leite M.J., Borges-Nojosa D.M., Lima D.C. 2012. Guia de Anfíbios e Répteis em São Gonçalo do Amarante. Dedo de Moças Editora e Comunicação Ltda., Fortaleza.

Borges-Martins M., Alves M.L.M., Araujo M.L., Oliveira R.B., Anés A.C. 2007. Répteis. Pp. 292–315, in Becker F.G., Ramos R.A., Moura L.A. (Eds.), Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

Borges-Nojosa D.M., Cascon P. 2006. Herpetofauna da Área Reserva da Serra das Almas, Ceará. Pp. 245–260, in Araújo F.S., Rodal M.J.N., Barbosa

M.R.V. (Orgs.), Análise das Variações da Biodiversidade do Bioma Caatinga. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

Borges-Nojosa D.M., Caramaschi U. 2003. Composição e análise comparativa da diversidade e das afinidades biogeográficas dos lagartos e anfisbenídeos (Squamata) dos brejos nordestinos. Pp. 489–540, in Leal I., Silva J. M. C., Tabarelli M. (Orgs.), Ecologia e conservação da Caatinga. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Borges-Nojosa D.M. 2007. Diversidade de Anfíbios e Répteis da Serra de Baturité, Ceará. Pp. 225–247, in Oliveira T.S., Araújo F.S. (Orgs.), Diversidade e Conservação da Biota na Serra de Baturité, Ceará. Edições UFC, Fortaleza.

Borges-Nojosa D.M., Prado F.M.V., Borges-Leite M.J., Filho N.M.G, Bacalini P. 2010. Avaliação do impacto do manejo florestal sustentável na herpetofauna de duas áreas de Caatinga nos municípios de Caucaia e Pacajus no estado do Ceará. Pp. 315–330, in Gariglio M.A., Sampaio E.V.S., Cestaro L.A., Kageyama P.Y. (Orgs.), Uso sustentável e Conservação dos recursos florestais da Caatinga. Serviço Florestal Brasileiro, Brasília.

Bour R., Zaher H. 2005. A new species of *Mesoclemmys*, from the open formations of northeastern Brazil (Chelonii, Chelidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 45:295–311. *doi:10.1590/S0031-10492005002400001*

Brandão S., Santana F.T., Mariani D.B., Brum A., Koproski L. 2017. Reabilitation of a hawksbill turtle (*Eretmochelys imbricata* Linnaeus, 1766). *Anais do XX Congresso e o XXVI Encontro da Associação Brasileira de Veterinários de Animais Selvagens* 101–103.

Brazil V. 1911. A Defesa contra o Ophidismo. Pocai, Weiss, São Paulo.

Breitman M.F., Domingos F.M.C.B., Bagley J.C., Wiederhecker H.C., Ferrari T.B., Cavalcante V.H.G.L., ..., Colli G.R. 2018. A new species of *Enyalius* (Squamata, Leiosauridae) endemic to the Brazilian Cerrado. *Herpetologica* 74:355–369. doi:10.1655/0018-0831.355

Caixeta B.T., Monteiro E.M., Rocha P. V.P., Santos A.L.Q. 2015. Concentrações bioquímicas séricas de Jacaré-açú (*Melanosuchus niger*) machos, adultos de vida livre. *Pesquisa Veterinária Brasileira* 35:51–55. *doi:10.1590/S0100-736X2015001300009*

Campbell J.A., Lamar W.W. 2004. The Venomous Reptiles of the Western Hemisphere. Volume II. Cornell University Press, Ithaca.

Campos C.E.C., Lima J.D., Lima J.R.F. 2015. Riqueza e composição de répteis Squamata (lagartos e anfisbenas) da Área de Proteção Ambiental da Fazen-

dinha, Amapá, Brasil. *Biota Amazônia* 5:84–90. doi:10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v5n2p84-90

Campos Z., Marioni B., Farias I., Verdade L. M, Bassetti L., Coutinho M.E., ..., Magnusson W.E. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-coroa *Paleosuchus trigonatus* (Schneider, 1801) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira* 3:48–53.

Campos Z., Marioni B., Farias I., Verdade L.M., Bassetti L., Coutinho M.E., ..., Magnusson W.E. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-paguá *Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira* 3:40–47.

Campos Z., Zucco C.A., Batista G. 2007. Registro de ocorrência de Jacaré-Paguá (*Paleosuchus palpebrosus*), na RPPN Engenheiro Eliezer Batista, Pantanal, Brasil. *Comunicado Técnico* 60:1–4.

Cardim F. 1925. Tratados da Terra e Gente do Brasil, introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. J. Leite & Cia, Rio de Janeiro.

Cardoso J.L.C., França F.O.S., Wen F.H., Malaque C.M.S., Haddad V. Jr. 2009. Animais peçonhentos no Brasil: biologia, clínica e terapêutica dos acidentes. Sarvier, São Paulo.

Carvalho A.L. 1951. Os jacarés do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional* 43:127–152.

Cassimiro J., Rodrigues M.T. 2009. A new species of lizard genus *Gymnodactylus* Spix, 1825 (Squamata: Gekkota: Phyllodactylidae) from Serra do Sincorá, northeastern Brazil, and the status of *G. carvalhoi* Vanzolini, 2005. *Zootaxa* 2008:38–52.

Castilhos J.C., Coelho C.A., Argolo J.F., Santos E.A.P., Marcovaldi M.A., Santos A.S., Lopez M. 2011. Avaliação do Estado de Conservação da Tartaruga Marinha *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1829) no Brasil. Biodiversidade Brasileira 1:28–36.

Castro T.M., Silva-Soares T. 2016. Répteis da restinga do Parque Estadual Paulo César Vinha: Guarapari, Espírito Santo, Sudeste do Brasil. Centro Universitário São Camilo, Cachoeiro do Itapemirim.

Coelho H.R.P. 2005. Guia de Campo de Bonito, MS: conhecendo a fauna e a flora da Serra da Bodoquena. Impressão dos Autores.

Colli G.R., Fenker J.A., Tedeschi L.G., Bataus Y.S.L., Uhlig V.M., Lima A.S., Rocha C.F.D., ..., Avila-Pires T.C.S. 2016a. Avaliação do Risco de Extinção de *Dactyloa pseudotigrina* (Amaral, 1933), no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira.

ICMBio. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/carga-estado-de-conservacao/8180-repteis-dactyloa-pseudotigrina. Acesso: 08 de abril de 2019.

Colli G.R., Fenker J.A., Tedeschi L.G., Bataus Y.S.L., Uhlig V.M., Lima A.S., Rocha C.F.D., ..., Avila-Pires T.C.S. 2016b. Avaliação do Risco de Extinção de *Amphisbaena alba* Linnaeus, 1758, no Brasil. Processo de avaliação do estado de conservação da fauna brasileira. ICMBio. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/carga-estado-de-conservacao/8777-repteis-amphisbaena-alba. Acesso: 26 de fevereiro de 2019.

Costa, H.C., R.S. Bérnils. 2012. Devemos aplicar, na literatura médica, as mudanças recentes na classificação das serpentes? *Gazeta Medica da Bahia* 82:28–32.

Costa H.C., R.S. Bérnils. 2018. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira* 7:11–57.

Crump M.L. 2015. Eye of Newt and Toe of Frog, Adder's Fork and Lizard's Leg: The Lore and Mythology of Amphibians and Reptiles. University of Chicago Press, London.

Cunha O.R.D., Nascimento F.P.D. 1993. Ofídios da Amazônia. As cobras da região leste do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia* 19:1–191.

Curcio F.C., Nunes P.M.S., Argôlo A. J.S., Skuk G., Rodrigues M.T. 2012. Taxonomy of the American Dwarf Boas of the genus *Tropidophis* Bibron, 1840, with the description of two new species from the Atlantic Forest (Serpentes: Tropidophidae). *Herpetological Monographs* 26:80–121. doi:10.1655/HERPMONOGRAPHS-D-10-00008.1

Fraga R., Lima A.P., Prudente A.L.C., Magnusson W.E. 2013. Guia de Cobras da Região de Manaus – Amazônia Central. Editora INPA, Manaus.

Diário Oficial/SC. 2011. Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado de Santa Catarina por Níveis de Ameaça (categoria). Anexo II. Nº 19.237, de 20.12.2011, 2–8.

Di-Bernardo M., Borges-Martins M., Oliveira R.B. 2002. Répteis. Pp. 165–188, in Marques A.A.B., Fontana C.S., Vélez E., Bencke W.G.A., Schneider M., Reis R.E. (Eds.), Livro Vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul. FZB/MCTPUCRS/PANGEA, Porto Alegre.

Domingues Â. 2008. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. *Revista Brasileira de História* 55:133–152.

Dutra-Araújo D., Marioni B., Fraga R., Silveira R. 2017. Snakes as prey of Cuvier's Dwarf Caiman (*Paleosuchus palpebrosus*: Alligatoridae), with a new observation from central Amazonia, Brazil. *Herpetology Notes* 10:169–170.

Entiauspe-Neto, O.M., Loebmann D. 2019. Taxonomic status of *Chironius laurenti* Dixon, Wiest, Cei, 1993 and of the long-forgotten *Chironius dixoni* Wiest, 1978 (Squamata, Serpentes). *Bionomina* 16:83–87. doi:10.11646/bionomina.16.1.4

Entiauspe-Neto O.M., Sena A., Tiutenko A., Loebmann D. 2019. Taxonomic status of *Apostolepis barrioi* Lema, 1978, with comments on the taxonomic instability of *Apostolepis* Cope, 1862 (Serpentes, Dipsadidae). *ZooKeys* 841:71–78. *doi:10.3897/zookeys.841.33404*

Entiauspe-Neto O.M., Guedes T.B., Loebmann D., de Lema, T. 2020. Taxonomic status of two simultaneously described *Apostolepis* Cope, 1862 species (Dipsadidae: Elapomorphini) from Caatinga Enclaves moist forests, Brazil. *Journal of Herpetology* 54:225–234. doi:10.1670/19-053

Etheridge R. 1968. A review of the iguanid lizard genera *Uracentron* and *Strobilurus*. *Bulletin of the British Museum* (Natural History), Zoology 17:47–64.

Feio R.N., Assis C.L., Lessa G., Ribon R. 2019. Fauna da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais. UFV, Viçosa.

Fernandes D.S., Hamdan B. 2014. A new species of *Chironius* Fitzinger, 1826 from the state of Bahia, Northeastern Brazil (Serpentes: Colubridae). *Zootaxa* 3881:563–575. doi:10.11646/zootaxa.3881.6.5

Fernandes-Ferreira H., Cruz R.L., Borges–Nojosa D.M., Alves R.R.N. 2012. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, Nordeste do Brasil. *Sitientibus: Série Ciências Biológicas* 11:153–163.

França D.P.F., Barbo F.E., Silva N.J. Jr., Silva H.L.R., Zaher H. 2018. A new species of *Apostolepis* (Serpentes, Dipsadidae, Elapomorphini) from the Cerrado of Central Brazil. *Zootaxa* 4521:438–552. *doi:10.11646/zootaxa.4521.4.3*

França D.P.F., Fermiano E.C., Machado-Filho P.R., Zaher H. 2020. Taxonomic contributions and first record of the poorly known species *Apostolepis tenuis* Ruthven, 1927 in Brazil (Serpentes, Dipsadidae). *Herpetologia Brasileira* 8:44–49.

Frederico, E.Y. 2009. O inferno são os outros: animais peçonhentos no Brasil Colonial. Pp. 515–520, in Cardoso J.L.C., França F.O.S., Wen F.H., Málaque C. M.S., Haddad Jr V. (Orgs.), Ani-

mais Peçonhentos no Brasil: Biologia, Clínica e Terapêutica dos Acidentes. Sarvier, São Paulo.

Freitas, M.A. 2003. Serpentes brasileiras. Malha-de-Sapo Publicações e Consultoria Ambiental/Proquigel/CIA/ Bahia, Lauro de Freitas.

Freitas, M.A., Silva T.F.S. 2007. Guia ilustrado: a herpetofauna das caatingas e áreas de altitudes do Nordeste brasileiro. USEB, Pelotas.

Gasparini J.L. 2012. Anfíbios e Répteis de Vitória e Grande Vitória, Espírito Santo. GSA, Vitória.

Gliesch R. 1925. As cobras do estado do Rio Grande do Sul. *Almanak Agricola Brasileiro* 1925:97–118.

Gonçalves U., Torquato S., Skuk G., Sena G.A. 2012. A new species of *Coleodactylus* Parker, 1926 (Squamata: Sphaerodactylidae) from the Atlantic Forest of northeast Brazil. *Zootaxa* 3204:20–30.

Grantsau R. 1991. As cobras venenosas do Brasil, Bandeirante, São Paulo.

Grantsau R. 2013. As serpentes peçonhentas do Brasil, Vento Verde, São Paulo.

Guedes T.B., Nogueira C.C, Marques O.A.V. 2014. Diversity, natural history and geographic distribution of snakes in the Caatinga, Northeastern Brazil. *Zootaxa* 3863:1–93. doi:10.11646/zootaxa.3863.1.1

Guerra J.A.O., Paes M.G., Coelho L.I.A.R., Barros M.L.B., Fé N.F., Barbosa M.G.V., Guerra M.V.F. 2007. Estudo de dois anos com animais reservatórios em área de ocorrência de leishmaniose tegumentar americana humana em bairro de urbanização antiga na cidade de Manaus-AM, Brasil. *Acta Amazonica* 37:133–138. doi:10.1590/S0044-59672007000100017

Haddad V. Jr, Puorto G., Cardoso J.L.C., Duarte M.R. 2012. Sucuris: biologia, conservação, realidade e mitos de uma das maiores serpentes do mundo. Technical Books, Rio de Janeiro.

Hoogmoed M.S., Fernandes R., Kucharzewski C., Moura-Leite J.C., Bérnils R.S., Entiauspe-Neto O.M., Santos F.P.R. 2019. Synonymization of *Uromacer ricardinii* Peracca, 1897 with *Dendrophis aurata* Schlegel, 1837 (Reptilia: Squamata: Colubridae: Dipsadinae), a rare South American Snake with a disjunct Distribution. *South American Journal of Herpetology* 14:88–102. doi:10.2994/SAJH--D-17-00014.1

ICMBIO (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). 2018a. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Vol. I. Instituto Chico Mendes de Conservação

da Biodiversidade/Ministério do Meio Ambiente, Brasilia.

ICMBIO (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). 2018b. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Vol. IV - Répteis. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

IDELFLOR-BIO. 2019. Lista de Répteis e Anfíbios do Parque do Utinga, Belém, Pará. Acessível em: http://ideflorbio.pa.gov.br/utinga/biodiversidade/repteis-e-afibios/. Acesso: 08 de abril de 2019.

Kawashita-Ribeiro R.A., Arruda L.A.G., Carvalho M.A., Silva A.F., Silva J.P., Ávila R.W., ..., Mott T. 2011. *Leposoma osvaldoi* Avila-Pires, 1995 (Squamata: Gymnophthalmidae): New records and distribution map in the state of Mato Grosso, Brazil. *Check List* 7:852–853.

Lagos A.R., Fontes A.F., Marques C.A.R., da Silva C.S.P., Cardoso C.A.C., Belote D.F., ..., Borde L.Q. 2017. Guia dos Anfíbios e Répteis da área de influência da Usina Hidrelétrica de Batalha. Furnas Centrais Elétricas, Rio de Janeiro.

de Lema, T. 1994. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, série Zoologia* 7:41–150.

de Lema, T. 2002. Os répteis do Rio Grande do Sul: atuais e fósseis, biogeografia, ofidismo. EDIPUCRS, Porto Alegre.

de Lema T., Renner M.F., Di-Bernardo M., Abegg A.D., Malta-Borges L., Mario-da-Rosa C. 2018. Herpetofauna do Planalto Oriental do Rio Grande do Sul. USEB, Pelotas.

Lopes P.F.M., Silvano R., Begossi A. 2010. Da Biologia a Etnobiologia – Taxonomia e etnotaxononia, ecologia e etnoecologia. Pp. 69–94, in Alves R.R.N., Souto W.M.S., Mourão J.S. (Eds.), A etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. NUPEEA, Recife.

López A., Prado W. 2012. Anfibios y Reptiles de Misiones–Guía de Campo. María Luiza Petraglia de Bolzón Editora, Buenos Aires.

Loveridge A. 1941. *Bogertia lutzae*- A new genus and species of gecko from Bahia, Brazil. *Proceedings of the Biological Society of Washington* 54:195–196.

Malta-Borges L., Abegg A.D., Mario-da-Rosa C. 2017. Herpetofauna da Universidade Federal de Santa Maria – Campus Sede. USEB, Pelotas.

Manzani P.R., Abe A.S. 1990. A new species of *Tapinurus* from the Caatinga of Piauí Northeastern Brazil (Squama-

ta: Tropiduridae). *Herpetologica* 46:462–467.

Marra-Santos F.J., Reis R.E. 2018. Two new blind snake species of the genus *Liotyphlops* (Serpentes: Anomalepidae), from Central and South Brazil. *Copeia* 106:507–514. doi:10.1643/CH-18-081

Marçal A.S., Gomes I.B.S.R., Coragem J.T. 2011. UHE Santo Antônio: Guia das espécies de fauna resgatadas. Scriba Comunicação Corporativa, São Paulo.

Marcovaldi M.A., Lopez G.G., Soares L.S., Santos A.J.B, Bellini C., Santos A.S., Lopez M. 2011. Avaliação do Estado de Conservação da Tartaruga Marinha *Eretmochelys imbricata* (Linnaeus, 1766) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira* 1:20–27.

Marioni B., Farias I., Verdade L.M., Bassetti L., Coutinho M.E., Mendonça S.H.S.T., ..., Campos Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do Jacaré-açu *Melanosuchus niger* (Spix, 1825) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira* 3:31–39.

Marques O.A.V., Nogueira C.C., Sawaya R.J., Bérnils R.S., Martins M., Molina F.B., ..., Germano V.J. 2009. Répteis. Pp. 285–327, in Bressan P.M., Kierulff M.C.M., Sugieda A.M. (Orgs.), Fauna ameaçada de extinção no estado de São Paulo: vertebrados. Fundação Parque Zoológico de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, São Paulo.

Marques O.A.V., Eterovic A., Sazima I. 2001. Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para a Serra do Mar. Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Sazima I. 2019. Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para as florestas costeiras do Brasil. Ponto A, Cotia.

Marques O.A.V., Eterovic A., Nogueira C.C., Sazima I. 2015. Serpentes do Cerrado: guia ilustrado. Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Strüssman C., Sazima I. 2005. Serpentes do Pantanal. Holos Editora, Ribeirão Preto.

Marques O.A.V., Eterovic A., Guedes T.B., Sazima I. 2017. Serpentes da Caatinga: guia ilustrado. Ponto A, Cotia.

Martins A., Koch C., Pinto R., Folly M., Fouquet A., Passos P. 2019. From the inside out: discovery of a new genus of threadsnakes based on anatomical and molecular data, with discussion of the leptotyphlopid hemipenial morphology. *Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research* 57:840–863. doi:10.1111/jzs.12316

Martins M., Molina F.D.B. 2008. Panorama geral dos répteis ameaçados do Brasil. Pp. 327–373, in Machado

A.B.M., Drummond G.M., Paglia A.P. (Eds), Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. MMA e Fundação Biodiversitas, Brasília e Belo Horizonte.

Martins M.T., Oliveira M.E. 1993. The snakes of the genus *Atractus* Wagler (Reptilia: Squamata: Colubridae) from the Manaus region, central Amazonia, Brazil. *Zoologische Mededelingen* 67:21–40.

Martins M.T., Oliveira M.E. 1999. Natural history of snakes in forest of the Manaus region, Central Amazonia, Brazil. *Herpetological Natural History* 6:78–150.

Massary J.C., Hoogmoed M.S. 2001. *Crocodilurus amazonicus* Spix, 1825: The valid name for *Crocodilurus lacertinus auctorum* (nec Daudin, 1802) (Squamata: Teiidae). *Journal of Herpetology* 35:353–357. doi:10.2307/1566133

Massary J.C., Hoogmoed M.S., Blanc M. 2000. Comments on the type specimen of *Dracaena guianensis* Daudin, 1801 (Reptilia: Sauria: Teiidae), and rediscovery of the species in French Guiana. *Zoologische Mededeelingen* 74:167–180.

Mattison C. 2006. Snakes – From the deadliest to the longest on earth. Collins, New York.

Mattison C. 2011. Reptiles. Pp. 370–435, in Burnie D. (Ed.), Animal: the definitive visual guide to the world's wildlife. Dorling Kindersley, London.

Mausfeld P., Vrcibradic D. 2002. On the nomenclature of the skink (*Mabuya*) endemic to the Western Atlantic Archipelago of Fernando de Noronha, Brazil. *Journal of Herpetology* 36:292–295. doi:10.2307/1566004

Mendes R. 2009. Lagartinho da Serra do Mar – *Ecpleopus gaudichaudii*. A Fauna da Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro. Acessível em: http://riodejaneiroambiental.blogspot.com/2009/11/ecpleopus-gaudichaudii-lagartinho-da.html. Acesso: 26 de fevereiro de 2019.

Mesquita P.C.M.D., Passos D.C., Borges-Nojosa D.M., Cechin S.Z. 2013. Ecologia e história natural das serpentes de uma área de Caatinga no nordeste brasileiro. *Papéis Avulsos de Zoologia* 53:99–113. doi:10.1590/S0031-10492013000800001

Montero R., Céspedez J. 2002. New Two-Pored *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from Argentina. *Copeia* 2002:792–797. doi:10.1643/0045-8511(2002)002[0792:NTPASA]2.0.CO;2

Montingelli G.G., Grazziotin F.G., Battilana J., Murphy R.W., Zhang Y.P., Zaher H. 2019. Higher-level phyloge-

netic affinities of the Neotropical genus *Mastigodryas* Amaral, 1934 (Serpentes: Colubridae), species-group definition and description of a new genus for *Mastigodryas bifossatus*. *Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research* 57:205–239. doi:10.1111/jzs.12262

Moraes-da-Silva A., Amaro R.C., Nunes P.M.S., Strüssmann C., Teixeira M.J., Andrade A., ..., Curcio, F.F. 2019. Chance, luck and a fortunate finding: a new species of watersnake of the genus *Helicops* Wagler, 1828 (Serpentes: Xenodontinae), from the Brazilian Pantanal wetlands. *Zootaxa* 4651:445–470. doi:10.11646/zootaxa.4651.3.3

Morales-Betancourt M.A., Lasso C.A., Ossa J.L., Fajardo-Patiño A. 2013. Biología y conservación de los Crocodylia de Colombia. Serie Recursos Hidrobiológicos y Pesqueros Continentales de Colombia, VIII. Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt, Bogotá.

Morato S.A.A., Calixto P.O., Mendes L.R., Gomes R., Galatti U., Trein F.L., Ferreira G.N. 2014. Guia fotográfico de identificação da herpetofauna da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará. STCP Engenharia de Projetos Ltda, Curitiba.

Morato S.A.A., Ferreira G.N., Scupino M.R.C. 2018. Herpetofauna da Amazônia Central: Estudos na FLONA de Saracá-Taquera. STCP Engenharia de Projetos Ltda, Curitiba.

Morato S.A.A., Bérnils R.S., Moura-Leite J.C. 2017. Répteis de Curitiba: Coletânea de registros. Hori Cadernos Técnicos, Curitiba.

Mota-da-Silva A., Monteiro W.M., Bernarde P.S. 2019. Popular names for bushmaster (*Lachesis muta*) and lancehead (*Bothrops atrox*) snakes in the Alto Juruá region: repercussions for clinical-epidemiological diagnosis and surveillance. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 52(e-20180140):1–4. doi:10.1590/0037-8682-0140-2018

Moura M.R., Costa H.C., São-Pedro V.A., Fernandes V.D., Feio R.N. 2010. People and snakes: the relationship between humans and snakes in eastern Minas Gerais, southeastern Brazil. *Biota Neotropica* 10:133–141. doi:10.1590/S1676-06032010000400018

Neiva A.O., Cury K. 2018. Plano de Manejo Estação Ecológica Niquiá. Volume III. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Brasília.

Nogueira, C.C., Rodrigues M.T. 2006. The genus *Stenocercus* (Squamata: Tropiduridae) in extra-Amazonian Brazil, with the description of two new species. *South American Journal of Herpetology* 1:149–165. doi:10.2994/1808-9798(2006)1[149:TGSSTI]2.0.CO;2

Nogueira C.C., Argôlo A.J.S., Arzamendia V., Azevedo J.A., Barbo F.E., Bérnils R.S., ..., Martins M.M. 2019. Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. South American Journal of Herpetology 14:1–274. doi:10.2994/SAJH--D-19-00120.1

O'Shea M., Halliday T. 2002. Reptiles and amphibians. Dorling Kindersley Ltd, London.

Passos D.C., Machado L.F., Lopes A.F., Beserra B.L.R. 2015. Calangos e lagartixas: conceptions on lizards among High School students in Fortaleza, Ceará, Brazil. *Ciência & Educação* 21:133–148. doi:10.1590/1516-731320150010009

Passos D.C., Pinheiro L.T., Galdino C.A.B., Rocha C.F.D. 2014. *Tropidurus semitaeniatus* (Calango de Lagedo). Tail bifurcation. *Herpetological Review* 45:138.

Passos P., Caramaschi U., Pinto R. 2006. Redescription of *Leptotyphlops koppesi* Amaral, 1954, and description of a new species of the *Leptotyphlops dulcis* group from Central Brazil (Serpentes: Leptotyphlopidae). *Amphibia-Reptilia* 27:347–357. doi:10.1163/156853806778190006

Pavan D., Dixo M. 2004. A Herpetofauna da área de influência do reservatório da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, Palmas, TO. *Humanitas* 4:13–30.

Pires M., Silva N.J. Jr., Feitosa D.T., Prudente A.L.C., Filho G.A., Zaher H. 2014. A new species of triadal coral snake of the genus *Micrurus* Wagler, 1824 (Serpentes: Elapidae) from northeastern Brazil. *Zootaxa* 3811:569–584. doi:10.11646/zootaxa.3811.4.8

Poe S. 2004. Phylogeny of Anoles. *Herpetological Monographs* 18:37–89. doi:10.1655/0733-1347(2004)018[0037:POA]2.0.CO;2

Pontes J.A.L., Rocha C.F.D. 2008. Serpentes da Serra do Mendanha, Rio de Janeiro, RJ - ecologia e conservação. Technical Books Editora, Rio de Janeiro.

Portillo J.T.M. 2012. Composição, etnoecologia e etnotaxonomia de serpentes no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

Powell R., Crombie R.I., Boos H.E.A. 1998. *Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnés). *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 674:1–11.

Puorto G. 2001. (CD-ROM). Tudo que você precisa saber. Museu do Instituto Butantan, São Paulo.

Quintela F.M., Loebmann D. 2009. Os répteis da região costeira do extremo

sul do Brasil. USEB, Pelotas.

Ribeiro L.B., Gomides S.C., Costa H.C. 2018. A new species of *Amphisbaena* from Northeastern Brazil (Squamata: Amphisbaenidae). *Journal of Herpetology* 52:234–241. doi:10.1670/17-028

Ribeiro S., Silveira A.L., Santos A.P Jr. 2018. A new species of *Leposternon* (Squamata: Amphisbaenidae) from brazilian Cerrado with a key to pored species. *Journal of Herpetology* 52:50–58. doi:10.1670/16-125

Ribeiro M.A. Jr., Amaral S. 2016. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. III. Anguidae, Scincidae, Teiidae. *Zootaxa* 4205:401–430. doi:10.11646/zootaxa.4205.5.1

Ribeiro M.A. Jr. 2015. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. I. Dactyloidae, Hoplocercidae, Iguanidae, Leiosauridae, Polychrotidae, Tropiduridae. *Zootaxa* 3983:1–110. doi:10.11646/zootaxa.3983.1.1

Ribeiro M.A. Jr. 2015. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. II. Gekkonidae, Phyllodactylidae, Sphaerodactylidae. *Zootaxa* 3981:1–55. doi:10.11646/zootaxa.3981.1.1

Ribeiro M.A. Jr., Amaral S. 2017. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. IV. Alopoglossidae, Gymnophthalmidae. *Zootaxa* 4269:151–196. doi:10.11646/zootaxa.4269.2.1

Roberto I.J., Ribeiro S.C., Loebmann D. 2013. Amphibians of the state of Piauí, Northeastern Brazil: a preliminary assessment. *Biota Neotropica* 13:322–330. doi:10.1590/S1676-06032013000100031

Rocha C.F.D., Siqueira C.C., Ariani C.V. 2009. A conservação de *Liolaemus lutzae*: lagarto endêmicos das restingas do Estado do Rio de Janeiro ameaçado de extinção. Instituto Biomas, Rio de Janeiro.

Rocha, C.F.D., Van Sluys M., Puorto G., Fernandes R., Barros-Filho J.D., Néo R.R.S.F.A, Melgarejo A. 2000. Répteis. Pp. 11–16, in Bergallo H.G., Rocha C. F.D., Alves M.A.S., Van Sluys M. (Eds.), A fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro. EdUERJ, Rio de Janeiro.

Rodrigues M.T. 1987. Sistemática, ecologia e zoogeografia dos *Tropidurus* do grupo *torquatus* ao sul do Rio Amazonas (Sauria, Iguanidae). *Arquivos de Zoologia* 31:105–230. doi:10.11606/issn.2176-7793.v31i3p105-230

Rodrigues M.T. 2000. A new species of *Mabuya* (Squamata: Scincidae) from the semiarid Caatingas of northeastern Brazil. *Papéis Avulsos de Zoologia* 41:313–328.

Rodrigues M.T., Juncá F.A. 2002. Herpetofauna of the quaternary sand dunes of the middle Rio São Francisco: Bahia: Brazil. VII.: *Typhlops amoipira* sp. nov., a possible relative of *Typhlops yonenagae* (Serpentes, Typhlopidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 42:325–333. doi:10.1590/S0031-10492002001300001

Romeu R., Alves N. 2008. Commercialization of *Uranoscodon superciliosus* Linnaeus, 1758 (Tropiduridae) for magical–religious purposes in North and Northeastern of Brazil. *Sitientibus: Série Ciências Biológicas* 8:257–258.

Sandrin M.D.F.N., Puorto G., Nardi R. 2005. Serpentes e acidentes ofídicos: um estudo sobre erros conceituais em livros didáticos. *Investigações em Ensino de Ciências* 10:281–298.

Santos A.S., Soares L.S., Marcovaldi M.A., Monteiro D.S., Giffoni B., Almeida A.P. 2011. Avaliação do Estado de Conservação da Tartaruga Marinha *Caretta caretta* Linnaeus, 1758 no Brasil. *Biodiversidade Brasileira* 1:3–11.

Santos E. 1981. Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes. Itatiaia, São Paulo.

Santos E. 1994. Anfíbios e Répteis. Villa Rica, Rio de Janeiro.

Santos F.M., Entiauspe-Neto O.M., Araújo J.S., Souza M.B., de Lema T., Strüssmann C., Albuquerque N.R. 2018. A new species of burrowing snake (Serpentes: Dipsadidae: *Apostolepis*) from the state of Mato Grosso, Central-West region of Brazil. *Zoologia* 35:e26742. doi:10.3897/zoologia.35.e26742

Sawaya R.J., Marques O.A.V., Martins M. 2008. Composition and natural history of a Cerrado snake assemblage at Itirapina, São Paulo state, southeastern Brazil. *Biota Neotropica* 8:129–151. doi:10.1590/S1676-06032008000200015

Sazima I., Haddad C.F.B. 1992. Répteis da Serra do Japi: notas sobre história natural. Pp. 212–237, in Morellato L.P.C. (Ed.), História natural da Serra do Japi: ecologia e preservação de uma área florestal no sudeste do Brasil, Editora da Unicamp/FAPESP, Campinas.

Sazima I., Manzani P.R. 1995. As cobras que vivem numa reserva florestal urbana. Pp.78–82, in Morellato P.C., Leitão-Filho H.D.F. (Eds.), Ecologia e preservação de uma floresta tropical urbana: Reserva de Santa Genebra. Editora da UNICAMP, Campinas.

Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco. 2017. Lista Estadual Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção - Répteis. Portaria SEMA Nº 01 de 15 de Maio de 2017.

Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia. 2017. Lista Oficial das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção do Estado da Bahia. Portaria SEMA Nº 37 de 15 de Agosto de 2017.

Silva A.L. 2008. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Ciências Humanas* 3:343–357.

Silva J.L., Mota-da-Silva A.M., Amaral G.L.G., Ortega G.P., Monteiro W.M., Bernarde P.S. 2019. The deadliest snake according to ethnobiological perception of the population of the Alto Juruá region, western Brazilian Amazonia. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 53:e20190305. doi:10.1590/0037-8682-0305-2019

Silva M.B., Ribeiro M.A. Jr., Avila-Pires T.C.S. 2018. A new species of *Tupinambis* Daudin, 1802 (Squamata: Teiidae) from Central South America. *Journal of Herpetology* 52:94–110. doi:10.1670/16-036

Soerensen B. 2000. Acidentes por animais peçonhentos: reconhecimento, clínica e tratamento. Atheneu, São Paulo.

Sturaro M.J., Avila-Pires T.C.S. 2011. Taxonomic revision of the geckos of the *Gonatodes concinnatus* complex (Squamata: Sphaerodactylidae), with description of two new species. *Zootaxa* 2869:1–36.

Teixeira M. Jr., Dal Vechio F., Recoder R., Cassimiro J., de Sena M.A., Rodrigues M.T. 2019. Two new highland species of *Amphisbaena* Linnaeus, 1758 (Amphisbaenia, Amphisbaenidae) from Bahia State, Brazil. *South American Journal of Herpetology* 14:213–232. doi:10.2994/SAJH-D-17-00097.1

Tinoco M.S., Hampel M.S., Rossi M.L. 2019. Restinga: Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia. Barro de Chão, Salvador, Bahia.

Tomas W.M., Chiaravalotti R.V., Camilo A.R., Freitas G.O. 2015. *Kinosternon scorpioides scorpioides* Linnaeus, 1766: range extension and first records in the upper Paraguay River basin and Mato Grosso do Sul, Brazil. *Check List* 11:1–5. doi:10.15560/11.3.1631

Uetz P., Freed P., Hošek J. 2019. The Reptile Database. Acessível em: http://www.reptile–database.org. Acesso: 16 de julho de 2019.

Valencia J.H., Garzón-Tello K., Barragán-Paladines M.E. 2016. Serpientes venenosas del Ecuador: sistemática, taxonomía, historia natural, conservación, envenenamiento y aspectos antropológicos. Fundación Herpetológica Gustavo Orcés, Quito.

Vanzolini P.E. 2004. Episódios da zoologia brasílica. Hucitec, São Paulo.

Vanzolini P.E., Ramos-Costa A.M.M., Vitt L.J. 1980. Répteis das Caatingas. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro.

Vasconcelos-Neto L.B., Garcia-da-Silva A.S., Brito I.A.S., Chalkidi H.M. 2018. O conhecimento tradicional sobre as serpentes em uma comunidade ribeirinha no centro-leste da Amazônia. *Ethnoscientia* 3:1–7. doi:10.22276/ethnoscientia.v3i0.157

Vieira L.G., Santos A.L.Q., Lima F.C., Mendonça S.H.S.T., Menezes L.T., Sebben A. 2016. Osteologia de *Melanosuchus niger* (Crocodylia: Alligatoridae) e a evidência evolutiva. *Pesquisa Veterinária Brasileira* 36:1025–1044. doi:10.1590/s0100-736x2016001000018

Vitt L.J., Caldwell J.P., Colli G.R., Garda A.A., Mesquita D.O., França F.G.R., ..., Novaes-e-Silva V. 2005. Uma atualização do guia fotográfico de répteis e anfíbios da região do Jalapão no Cerrado Brasileiro. *Special Publications in Herpetology, Sam Noble Oklahoma Museum of Natural History* 2:1–24.

Vitt L.J., Magnusson W.E., Avila-Pires T.C., Lima A.P. 2008. Guia de lagartos da Reserva Adolpho Ducke: Amazônia Central. Editora Attema, INPA, Manaus.

Vizotto L.D. 2003. Serpentes: lendas, mitos, superstições e crendices. Plêiade, São Paulo.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Rhinoclemmys punctularia* (Daudin, 1801) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7428-repteis-rhinoclemmys-punctularia-perema.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7418-repteis-phrynops-geoffroanus-cagado-de-barbicha.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Phrynops hilarii* (Duméril & Bibron, 1835) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7419-repteis-phrynops-hilarii-cagado-de-barbelas.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Phrynops tuberosus* (Peters, 1870) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7420-repteis--phrynops-tuberosus-cagado-de-barbicha.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Phrynops williamsi* Rhodin & Mittermeier, 1983 no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7421-repteis-phrynops-williamsi-cagado-rajado.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1825) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7403-repteis-hydromedusa-maximiliani-cagado-da-serra.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Hydromedusa tectifera* Cope, 1869 no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7402-repteis-hydromedusa-tectifera-cagado-de-pescoco-de-cobra.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys tuberculata* (Lüderwaldt, 1926) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7416-repteis-mesoclemmys-tuberculata-cagado-do-nordeste.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys heliostemma* (McCord, Joseph-Ouni & Lamar, 2000) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7412-repteis--mesoclemmys-heliostemma-cagado.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys hogei* (Mertens, 1967) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/

estado-de-conservacao/7385-repteis-mesoclemmys-hogei-cagado-de-hogei-2.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys nasuta* (Schweigger, 1812) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7413-repteis-mesoclemmys-nasuta-cagado-da-cabeca-de-sapo-comum.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys perplexa* Bour & Zaher, 2005 no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7414-repteis-mesoclemmys-perplexa-cagado.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys raniceps* (Gray, 1855) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7415-repteis-mesoclemmys-raniceps-lala.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys tuberculata* (Lüderwaldt, 1926) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7416-repteis-mesoclemmys-tuberculata-cagado-do-nordeste.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Mesoclemmys vanderhaegei* (Bour, 1973) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7440-repteis-mesoclemmys-vanderhaegei-tartruga-cabeca-de-sapo.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avaliação do Risco de Extinção de *Peltocephalus dumerilianus* (Schweigger, 1812) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7417-repteis-peltocephalus-dumerilianus-cabecudo.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Fagundes C.K., Bataus Y.S.L., Balestra R.A.M., Batista F.R.W., Uhlig V.M., ..., Luz V.L.F. 2015. Avalia-

ção do Risco de Extinção de *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) no Brasil. Acessível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7439-repteis-acanthochelys-radiolata-cagado-amarelo.html. Acesso: 07 de abril de 2019.

Vogt R.C., Ferrara C.R., Bernhard R., Carvalho V.T., Balensiefer D.C., Bonora L., Novelle S.M.H. 2007. Capítulo 9: Herpetofauna. Pp. 127–143, in Rapp Py-Daniel L., Deus C.P., Henriques A.L., Pimpão D.M., Ribeiro O.M. (Orgs.), Biodiversidade do Médio Madeira: Bases científicas para propostas de conservação. INPA, Manaus.

Von Ihering, R. 1968. Dicionário dos animais do Brasil. Editora Universidade de Brasília, Brasília.

Waldez F., Vogt R.C. 2011. Las serpientes ponzoñosas de la Reserva Piagaçu-Purus y accidentes ofídicos en La Region Baja de la Cuenca del Rio Purús, Amazonía central. *Revista Colombiana de Ciencia Animal-RECIA* 3:327–334. doi:10.24188/recia.v3.n2.2011.403

Wallach V., Williams K.L., Boundy J. 2014. Snakes of the world: a catalogue of living and extinct species. CRC, Flórida.

Wikispecies. 2019. Wikispecies: Free species directory. Acessível em: https://species.wikimedia.org. Acesso: 12 de Maio de 2019.

Obituário

Aníbal Rafael Melgarejo

(22/10/1954 – 10/05/2019)

Nelson Jorge da Silva
Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Saúde, Escolas de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Homenagem ao Aníbal



Conheci o Aníbal no Congresso Brasileiro de Zoologia, em Juiz de Fora, em 1987, e nos transformamos em grandes amigos, comungando duas boas qualidades: bom humor e facilidade de rir. Foram 32 anos de convivência e uma amizade de irmãos, que transcende a herpetologia e nossas vidas acadêmicas e profissionais.

O Aníbal nasceu, em 22 de novembro de 1954, como Aníbal Rafael Melgarejo Gimenez, em Montevidéu, Uruguai. Filho de Aníbal Nestor Melgarejo Monsie e Olga Angelica Gimenez Fuentes, tendo somente uma irmã, Maria del Rosario Melgarejo Gimenez (Charo), com duas sobrinhas (Maria Florencia e Maria Eugenia) e duas sobrinhas netas (Fiorella e Abril). Passou toda a sua infância, adolescência e parte de sua vida adulta no Uruguai, sempre estudando em escolas públicas. Segundo sua irmã, Aníbal foi sempre um entusiasmado

por animais, de insetos a répteis e mamíferos. Em seu aniversário de 12 anos usou o dinheiro que ganhou de presente para comprar uma cobra não venenosa na feira de Tristan Navarra e desse momento nasceu seu grande amor aos répteis. Quando terminou seu ensino básico ingressou na Faculdade Medicina, onde frequentou aulas por um ano, até que se deu conta que não era esse o caminho que deveria seguir. No ano seguinte ingressou na Faculdad de Humanidades y Ciencias da Universidad de la Republica para cursar Biologia, se graduando em 1979 (Foto 1).

Veio para o Brasil com uma Bolsa de Aperfeiçoamento em Anatomia Funcional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob a tutela de Paulo Vanzolini (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), e nunca mais retornou ao Uruguai. Eventualmente, foi contratado pelo Instituto Vital Brazil (IVB) em 1987, estruturando a Divisão de Animais Peçonhentos e, posteriormente, a Divisão de Zoologia Médica, trabalhando até que seu estado de saúde permitiu, em 2019 (Foto 2 e 3).



Foto 1. Anibal Melgarejo em trabalho de campo. Cerro de Arequita, Departamento de Lavalleja, Uruguai.



Foto 2. Primeira *Bothrops insularis* capturada, Ilha da Queimada Grande, município de Itanhaém, SP.



Foto 3. Extração de veneno de *Bothrops insularis*, Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ.

Tardiamente, conseguiu seu título de doutor em Patologia pela Universidade Federal Fluminense, em 1998. Cumpriu com seu papel na academia com inúmeras publicações técnicas e científicas, capítulos de livros, participação em congressos e simpósios, orientação de monografias de conclusão de cursos de graduação e especialização, teses e monografias de mestrado e doutorado. Do lado humano, o Aníbal foi um grande instrutor, incentivador e entusiasmado com a herpetologia, e influenciou muitos, que hoje têm suas vidas construídas em muito do que ele fez, ensinou e compartilhou de coração aberto.

Aqui, no Brasil, constituiu família, com sua cara-metade, Aniesse Aguiar, e seus filhos e grandes companheiros, Penélope e Rafael Aguiar Melgarejo, estendendo-se, por conseguinte a Noruega, onde nasceu sua primeira neta, Kali Johansen Melgarejo (filha da Penélope), exatamente um mês após a sua partida (Fotos 4 a 7). Em águas turbulentas, sempre foi essa rocha familiar que norteou nosso grande amigo. Todos nós sofremos com nossas próprias idiossincrasias. O Aníbal não era diferente. Era melhor. Nunca o vi pessimista. Sempre acreditando que tudo tinha uma razão e que, no fim, daria tudo certo. Ateu como era, acreditava muito mais na vida e na humanidade que muitos de nós.



Foto 4. Aníbal e Aniesse 'grávidos'; Niterói, RJ (1989).

Sua curiosidade era insaciável. Viajamos muito juntos pelo Brasil, nos moldes da então Secretaria Nacional de Ações Básicas da Saúde (SNABS/MS), através do Programa Nacional de Ofidismo (PNO/SNABS/MS), do Ministério da Saúde (1987-1989), para reuniões do Grupo de Trabalho sobre Distribuição Geográfica das Serpentes do Brasil (GT Distribuição Geográfica) visando a organização da informação técnica para divulgar e desmistificar os animais venenosos. Esse programa (PNO) foi o responsável pela criação de Núcleos Regionais de Ofiologia, que tinham como atribuição estimular estudos sobre serpentes, descentralizados dos grandes centros produtores de soro antiofídico (SP, MG e RJ). Nesse périplo de reuniões, conhecemos e convivemos com pesquisadores, estudantes, médicos, enfermeiros, ribeirinhos e os famosos práticos de saúde, em 15 estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste brasileiro e na Amazônia colombiana. Em todos os lugares, o Aníbal roubava a cena. Sua atitude despojada, amiga, sincera e afável conquistava todos. Também foram incontáveis as vezes que entregou seus preciosos dados de observação e pesquisa em prol de colegas e alunos. Excelente fotógrafo e ilustrador, suas imagens estão presen-

tes em inúmeros trabalhos e livros no Brasil e no mundo, sempre respeitado e elogiado.

Nos primórdios da organização da herpetologia no Brasil o Aníbal ajudou a estruturar a Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH), realizando os Encontros Brasileiros de Herpetólogos, entre 1989 e 1991. Se hoje a SBH está bem estruturada e funcionando, foi por que há mais de 30 anos atrás o Aníbal enfrentou esse desafio.

Encantado pelas surucucus da Mata Atlântica (*Lachesis muta rhombeata*), foi o primeiro a ter essas criaturas lindíssimas em estado de conforto e bem-estar, reproduzindo saudavelmente em cativeiro.

O Aníbal capturou sua primeira surucucu em 8 de novembro de 1989 na mata da Reserva Biológica de Pedra Talhada, em Alagoas (Foto 8). Seguiu-se a primeira postura e nascimentos em cativeiro, em 1990. Após seu excelente êxito na criação e reprodução das *Lachesis* em cativeiro, obteve apoio da FAPERJ em um projeto da construção de um "Lachesário". Assim, em



Foto 5. Em família, Aníbal, Aniesse, Rafael e Penélope; Niterói, RJ (década de 1990).



Foto 6. Em família, Aníbal, Rafael, Aniesse e Penélope; Niterói, RJ (década de 2000).



Foto 7. Uma das últimas fotos de Aníbal, aguardando a chegada de sua neta Kali; Niterói, RJ (2019).

janeiro de 2001 entrou em funcionamento um sistema de climatização central, que permitia manter temperatura e umidade dentro dos parâmetros adequados, monitorados em três pontos diferentes da sala por meio de sensores remotos, além de ajustes por termostato e umidificador independentes. Na sala, um recinto de 15m² foi delimitado com tela para evitar a fuga das serpentes e possibilitar a livre circulação do ar. O mesmo reproduzia as condições paisagísticas de uma floresta tropical, incluindo um sistema de circulação de água em forma de cachoeira entre pedras, e diversas opções de substratos (serapilheira, terra, troncos e pedras de diversos tamanhos), além de piso inclinado para escoamento da água nas simulações de chuvas (Foto 9). Diversas espécies vegetais nativas, de arbóreas a epífitas, criaram uma comunidade harmoniosa e representativa dessas florestas. Estas condições permitiram observar múltiplos aspectos da biologia das surucucus, como o comportamento alimentar, mudas de pele, e horários de atividade física, culminando em 2003 com detalhado registro da reprodução, incluindo diversas cópulas, postura de oito ovos em 5 de setembro, e nascimento de seis filhotes em 14-15 de novembro. Em 2005, 2007, 2008 e 2009 também foram registrados estes comportamentos, e conseguida a reprodução. Este recinto representou, assim, um instrumento fundamental para as pesquisas biológicas da surucucu da Mata Atlântica. Além de otimizar sua manutenção e garantir o fornecimento de veneno, que permitiu produzir sustentavelmente o soro antibotrópico-laquético no Instituto Vital Brazil (Foto 10). Infelizmente, mudanças de objetivos e direção do IVB, fizeram por descontinuar o referido projeto.

Em seus últimos anos de vida, o Aníbal começou a escrever suas memórias que, infelizmente, não foram finalizadas. Vale a pena citar um transcrito de suas anotações, gentilmente compartilhado por sua esposa, Aniesse Aguiar, onde fica muito claro a dedicação desse amigo

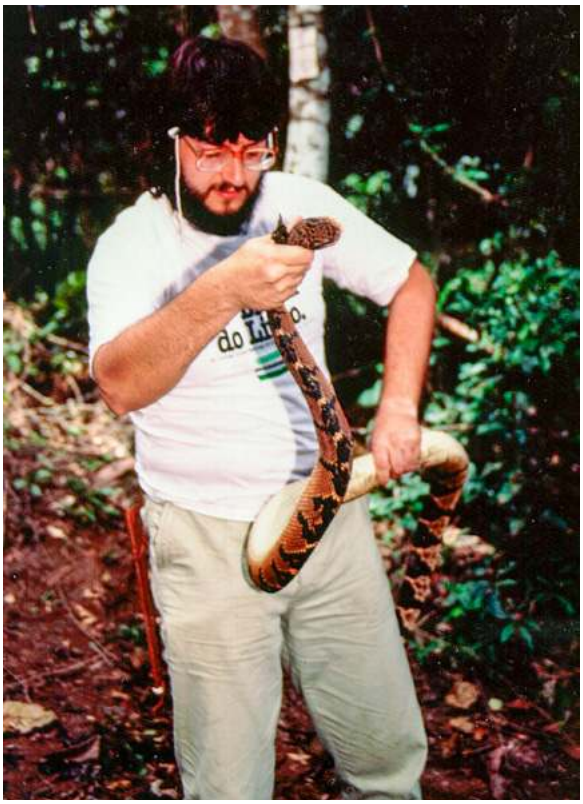


Foto 8. Primeira *Lachesis* capturada, Reserva Biológica de Pedra Talhada, município de Quebrangulo, AL (1989).

pelo trabalho que tanto amava, mas com a presença marcante de sua cara metade: "Era dia sábado, 20 de maio de 1989, no final da manhã, quando eu chegava ao portão de entrada do IVB. Estava com meu dedo indicador da mão direita bastante edemaciado, além do meu sangue incoagulável e hematúria maciça (com cilindros hemáticos), pois vinte e quatro horas antes havia sido picado por um filhote de jararaca (*Bothrops jararaca*) no Núcleo de Ofiologia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (NOPA), durante o encerramento de uma reunião do GT de Distribuição Geográfica das Serpentes do Brasil (um dos quatro criados para assessorar o Ministério da Saúde no PNO/SNABS). Tinha conseguido ser liberado da internação para fazer o devido tratamento, com a promessa de que me trataria no Rio assim que chegasse, pois minha esposa estava na última semana de gravidez! Porém soube já na portaria do IVB que havia uma caixa de madeira com uma cobra surucucu que umas pessoas do Nordeste (precisamente Alagoas) haviam deixado horas antes. Apesar do desconforto pelo envenenamento não tratado, e da desaprovação do meu saudoso sogro, médico, minha esposa no final da gestação, e do Dr. Paulo A. Lopes, que, à distância orientara a me dirigir ao Hospital Universitário Clementino Fraga Filho,



Foto 9. Lachesario, Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ (1990).

Foto 10. Extração de veneno de *Lachesis muta*, Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ (1990).



do Fundão, onde ele já havia deixado a equipe médica sobre aviso, eu rumei para o serpentário e me deparei com aquela caixa, que achava pequena para conter uma surucucu. O desejo e a ansiedade digladiavam-se em minha cabeça contra a desconfiança pelo tamanho da caixa. No serpentário a luta foi achar uma ferramenta para retirar pelo menos uma ripa de madeira daquele recipiente improvisado. Finalmente, com uma mega-chave-de-fenda, consegui, e então gritei de felicidade (ainda bem que as cobras são surdas!) ao ver nitidamente aquelas escamas ocre-alaranjadas e os losangos negros ao longo do dorso do corpo, a serenidade da rainha das cobras, e a forma apertada de se enrodilhar, que fez com que coubesse naquele recipiente! Devo ter demorado cerca de meia hora para preparar uma moradia ampla, limpa e segura, com água fresca farta, porque o pessoal, que me aguardava na portaria, não parava de telefonar para irmos ao hospital. Já no hospital o tratamento foi complicado, pois como suspeitava, já com a primeira gota de soro hiperimune entrando na minha veia, a reação de meu organismo se apresentou: fiquei todo vermelho e com muita falta de ar (dispneia). Era visível a preocupação da equipe médica multidisciplinar postada ao meu redor quanto à possibilidade do desenvolvimento de um choque anafilático e a necessidade de canular minha traqueia. O mais interessante dessa situação é que um mês antes, havíamos dado uma aula teórica de ofidismo no curso de pós-graduação de muitos dos médicos da referida equipe da emergência... finalizávamos então, nesse momento, a aplicação do conhecimento prático! Na semana seguinte a este episódio, nascia então minha filha, Penélope, minha princesa, e iniciava-se também, de fato, o projeto surucucu, "*Lachesis muta* a rainha das matas!" Foi, e é, o grande parceiro das "Surucucus da Mata Atlântica".

Dono de um coração gigante e espírito inquebrantável, o Aníbal nunca negou ajuda e apoio aos iniciantes e colegas. Ajudou inúmeros biólogos e outros profissionais em seus projetos de pós-graduação, inclusive o meu, com dados, material e informações preciosas. Em todos os cantos do Brasil o Aníbal deixou grandes amizades e fica muito difícil enumerá-las sem cometer erros ou injustiças. Entretanto, o que prevalece é o apreço e a lembrança de todos que o conheceram (Foto 11 e 12). De norte a sul, leste a oeste, o Aníbal se fez presente em inúmeros simpósios, encontros e congressos, levando sua simpatia e conquistando as pessoas (Fotos 13 a 15). Todos que o conheceram têm, com certeza, grandes histórias e muitas gargalhadas com essa figura impagável.

Coautor de um capítulo do livro "As Cobras-Corais do Brasil: Biologia, Taxonomia, Venenos e Envenenamentos (2016)", aguardava ansioso a publicação de outro livro "Advances in Coralsnake Biology: with an Emphasis in



Foto 11. Nelson Jorge, Aníbal Melgarejo, Giuseppe Puorto e Pedro Federsoni (em pé), Marcus Buononato (sentado). Museu Biológico do Instituto Butantã (1991).



Foto 12. Nelson Jorge e Aníbal Melgarejo (2016).



Foto 13. Amigos prestigiando Aníbal durante o Simpósio Internacional de Cobras-Corais. Goiânia, GO (2019).

South America", com 60 autores e 22 capítulos, editado e distribuído nos Estados Unidos (2020), onde, é, coautor do capítulo "Coralsnakes of Medical Interest in Brazil". Unanimemente, o livro foi dedicado pelos editores ao Aníbal.

O Aníbal também aprendeu a conviver e entender a realidade brasileira da comunidade científica, que nem sempre sabe reconhecer o trabalho e a dedicação de uma alma fantástica como a dele. Não importam trabalhos, teses e manter um Currículo Lattes como uma prova de sua inclusão no círculo de grandes pesquisadores. O que realmente vale é caráter, coração e amor no que fazia... E ele fazia muito bem! Uma geração inteira que o conheceu realmente vai ainda lamentar a ausência desse ser único, outra lamentará sem saber bem o porquê, e ainda outra vai se arrepender por ignorar estes fatos e ignorar ele mesmo nestes últimos anos.

Por isso, lamentamos profundamente a perda, mas devemos lembrá-lo com alegria e o incrível privilégio de tê-lo conhecido e convivido com ele. Extremamente bem-humorado, risadas fáceis e a preocupação constante com o bem-estar do próximo.



Foto 14. Participantes do Simpósio Internacional de Cobras-Corais. Goiânia, GO (2019)



Foto 15. Aníbal palestrando durante o Simpósio Internacional de Cobras-Corais. Goiânia, GO (2019).

Após o velório e despedida dos que o consideravam com afeto, mesmo que de muitos tenham sido à distância, foi realizada a cremação e suas cinzas foram divididas em três partes: uma parte foi depositada no jazigo da família da Aniesse, junto aos seus pais, que o tinham com o afeto que se dedica a um filho. Outra parte de suas cinzas foram para Noruega, para ficar na casa da Penélope, junto então de sua filha. O filho Rafael, pintou a caixa com as cinzas que ficou com a Penélope (Foto 16). Em sua tampa pintou a bandeira do Uruguai e do Brasil. E nas laterais colocou: uma visão do Rio de Janeiro (cidade amada pelo Aníbal), uma visão do museu de arte projetada pelo Niemayer, da cidade de Niterói, em que morou nos anos de união com a Aniesse, uma visão do Parque Pousada, onde morou no Uruguai com seus pais e da Noruega, onde está a sua filha. E a terceira parte foi levada para o Uruguai, onde foi colocada em parte com seus pais e outra parte depositada por seu melhor amigo (Isidoro Maestro) e seu filhos, no local onde ele pegou sua primeira serpente.

Falar de uma pessoa como o Aníbal é uma tarefa muito difícil pela ausência, mas muito fácil pela pessoa que ele é, presente e não passado. Ele passou por nós, deixando a sua simpatia, coração aberto, abraço amigo e sorriso fácil, mas ficará sempre nos corações e nas mentes dos privilegiados que o conheceram. Então a homenagem e a lembrança do Aníbal têm que ser presentes, sempre. Vida longa amigo das surucucus!! Deus te guarde em um lugar privilegiado. Parafraseando nossa brincadeira pessoal: mucho gusto meu amigo!



Foto 16. Caixa com as bandeiras do Uruguai e Brasil, pintada por seu filho Rafael.

Instruções para Autores

Para informações sob preparacão e submissão de manuscritos entre em contato com os editores de seção.



Hylomantis asperus
UESC, Ilhéus Ba
@ Edvaldo Neto